

outra **Presença**

A festa de finalistas é um clássico, os registos do momento é que vão mudando. Este ano o mais frequente foi o das “selfies”  
efemérides 59



## Em direto

Pedro Abrunhosa, o Grupo de Teatro Garagem, Maria João Sousa, Joana Gonçalves e Bruno Gomes são algumas das entrevistas que o Outra Presença fez passando, deste modo por áreas tão diversas, como, respetivamente, a música, o teatro, a ciência, a arquitetura e o desporto. em directo

## Desporto

Boccia, basquetebol, atletismo, badmíngtos, andebol, xadrez são algumas das modalidades em que os atletas do Abade de Baçal se empenharam ao longo do ano. E foram muitas as vitórias dos alunos do agrupamento desporto 70-74



## Encontros

O ano trouxe ao agrupamento muitas oportunidades de contacto com escritores e outras figuras da comunidade num espírito de partilha e crescimento. letras e leituras 17-25

## Plast&Cine

A arte, inspirada na pintora Graça Morais, fez da cidade palco de iniciativas variadas, resultado de abordagens feitas alunos das escolas da cidade, de exposições e de teatro, O AEAB não faltou com o tema “Amar Bragança” e ocupou o largo do Principal artes 20-22

## Olhar a vida e a ciência

Dentro de portas ou fora delas, os alunos do agrupamento envolveram-se em experiências que os aproximaram mais da ciência e contribuíram para o seu progresso como alunos e como seres humanos.

O eclipse, a astrofísica, a alimentação saudável, a gravidez na adolescência, a sida, a micropropagação das plantas, a doação de órgãos e a diversidade biológica e geológica das arribas do douro são alguns dos temas que abordaram ciência 35, 63-69

## Ser jovem e emigrante

São muitos os jovens que resolvem sair do país e refazer vida noutros locais e esta tendência tem aumentado.

O Outra Presença procurou alguns desses jovens, ex-alunos desta escola para conhecer os seus motivos, os problemas de adaptação, as diferenças que encontram entre os dois países, de que sentem falta e se têm intenções de regressar a Portugal.

Seis deles responderam ao desafio. comunidade 54-55

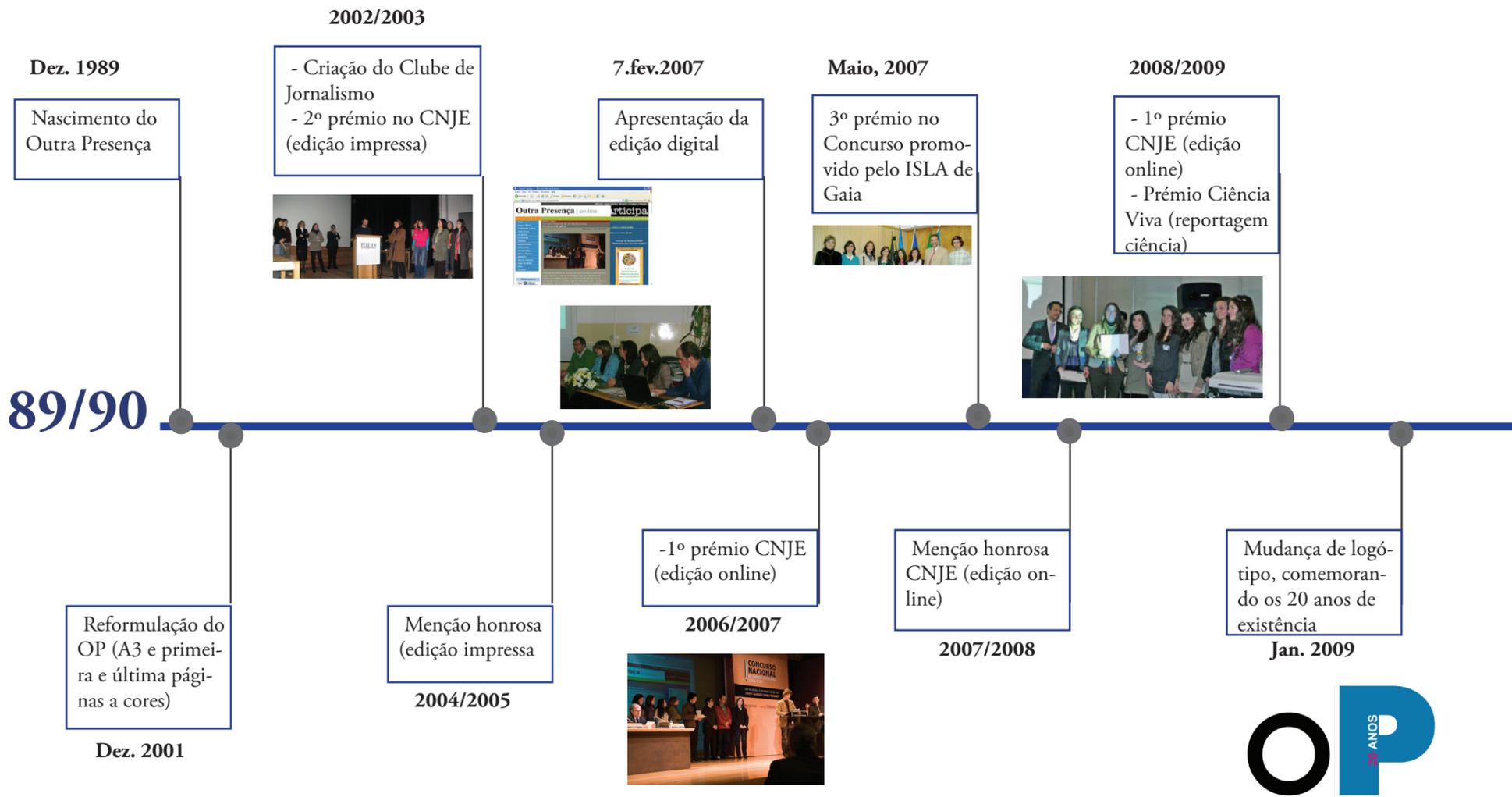


## Jornalismo, liberdade de expressão e humor

Comemorando os 25 anos de existência, o OP lembra a sua história e mostra o resultado da sua propostas de realização de trabalhos sobre o jornalismo, a liberdade de expressão e o humor. 2-16

## “Se gostas de mim... eu também não.” Grupo de teatro brilhou no TMB





# 25 anos a formar, infor



Maio, 2009

Comemoração dos 50 anos de jornal escolar



Maio, 2009

Reportagem da DREN sobre o OP



2012

- Prémio melhor jornal impresso do concurso anterior: participação em sessão da Euroscola, Estrasburgo



14/15



- 1º prémio (edição impressa)
- 1º prémio - Escalão república
- Menção honrosa - Escalão ciência (reportagem-vídeo)
- Menção honrosa - Design da capa

2009/2010



Comemoração dos 25 anos do OP - remodelação da edição digital

2014/2015



# mar, divulgar e arquivar

Maio, 1997



Maio, 1998



Dezembro, 1999



Janeiro, 2000



Dezembro, 2001



Maio, 2002



Maio, 2010



Fevereiro, 2011



Maio, 2012



Dezembro, 2012



Junho 2013



Maio, 2014



# 1989 – o ano que mudou o mundo e viu nascer o Outra Presença

Há vinte e cinco anos o Muro de Berlim ruiu, a cortina de ferro que separava a Europa Ocidental da de Leste caiu, a Guerra Fria terminou. Os regimes comunistas europeus entraram em crise, a Polónia teve as primeiras eleições livres desde 1920, que deram a vitória ao “Solidariedade, e foi seguida pela Hungria e Roménia. A Revolução de Veludo na Checoslováquia explodiu. Na América latina, as ditaduras sofreram um duro golpe, com Strossen, no Paraguai, e Pinochet, no Chile a serem depostos. A libertação de Mandela, após 27 anos de cativeiro, estava iminente com a vitória de Frederik De Klerk, em 1989, ocorrendo, por ordem deste, em 1990.

George H. W. Bush tomou posse como 41º Presidente dos Estados Unidos e os Simpsons entraram nos lares americanos. Em Pequim, a Praça Tiananmen era um palco sangrento de opressão e a imagem de um jovem medindo forças com uma coluna de tanques captou a atenção do mundo inteiro. A televisão mostrou em directo a execução do ditador romeno Ceausescu, num primeiro “reality show” que despertou a tendência voyeurista dos espetadores que tão bem as televisões mais tarde saberiam explorar.

O mundo árabe foi abalado com a publicação de “Versículos Satânicos”, de Salman Rushdie, tendo Khomeiny apelado à sua condenação à morte. Seria, no entanto, ele o primeiro a morrer. O escritor egípcio Nagib Mahfouz, que denunciou, em diversos artigos, o fanatismo religioso, viu a sua cabeça a prémio, com o líder do grupo Jihad a apelar para que fosse assassinado, mas a sua voz contestatória continua a ouvir-se até hoje.

Por esse mundo fora, houve criadores que partiram e criaturas que nasceram. Morreu Salvador Dali, Da-

phne du Maurier, Fernando Namora, Adolfo Simões Müller, Georges Simeon e Samuel Beckett. Saramago publicou “História o Cerco de Lisboa” e tornou célebre o poder de um simples revisor, Manuel Alegre mostrou os traumas da Guerra colonial em “Jornada de África” e Mário de Carvalho em “Os Alferes”, Gabriel García Márquez, retratou os últimos dias do General Simón Bolívar, na obra “O General no seu labirinto”, Ken Follet transportou-nos até à Inglaterra do século XII, com “Pilares da Terra”, Sepúlveda presenteou-nos com “O Velho que Lia Romances de Amor”, a aventura de António José Bolívar Proaño, leitor de romances de amor, que tem como pano de fundo a América do Sul, Gonzalo Torrente Ballester mostrou a sua veia mordaz em “Crónica do Rei Pasmado”, cuja tradução chegou nesse ano a Portugal, Manoel de Oliveira iniciou as gravações do filme que seria premiado em Cannes no ano seguinte: “Non ou a vã glória de mandar” e Ernesto Rodrigues publicou “A serpente de Bronze”.

Enquanto isso, os portugueses deixavam as suas primeiras impressões digitais nos telemóveis e nasceu o IRS, que não mais deixou de atormentar os portugueses. O físico inglês Tim Berners-Lee criou a World Wide Web.

Nas salas de cinema, rodavam filmes como *Batman*, de Tim Burton, *Nascido a 4 de julho*, de Oliver Stone, *Crimes e Escapadelas*, de e com Woody Allen, *Histórias de Nova Iorque*, o terceiro episódio de uma trilogia realizada por Scorsese, Coppola e Woody Allen, *Clube dos poetas mortos*, de Peter Weir, *Miss Daisy*, de Bruce Beresford, *Os fabulosos irmãos Baker*, de Steve Kloves, *Indiana Jones e a última cruzada*, de Steven Spielberg, *Recordações da Casa Amarela*, de e

com João César Monteiro *A Guerra das Rosas* de e com Danny DeVito. E os brigantinos podiam ver todos estes filmes no *Cine-Teatro Torralta*.

No ano de todos estes acontecimentos, na então designada Escola Secundária da Sé, nasceu o Outra Presença que não mais deixou de interpelar a comunidade educativa do estabelecimento para nele participarem e para o levarem para casa. Era pequenino e a duas cores, mas cheio de uma ambição que não perdeu até hoje. Por isso, cresceu, rejuvenesceu, expandiu-se, explorou novas potencialidades e afirmou-se de forma contínua como um projeto jornalístico respeitado. Foram 25 anos de vontade que asseguraram a sua continuidade e evolução.

Por este motivo, este número do Outra Presença é uma homenagem a todos quantos escreveram a sua história – professores, alunos e restantes colaboradores – e um pedido para que continuem a contribuir para assegurar a sua continuidade. Todos os projetos têm um rosto, mas só fazem sentido se muitos outros se revirem nele e colaborarem. O Outra Presença é o jornal do Agrupamento Abade de Baçal. É assim que é conhecido. Portanto, o seu sucesso é também o sucesso da escola a que pertence.

Neste ano comemorativo, reformulamos o “site” e na edição escrita quisemos avivar memórias, sintetizar percursos, salientar momentos ocorridos nos últimos 25 anos e relembrar, em particular, aqueles que marcaram este ano letivo. Além das secções habituais, propusemos a reflexão sobre o Jornalismo, a liberdade de expressão e o humor.

Esperamos que gostem.

Longa vida, então, para o Outra Presença.

Luísa Diz Lopes



Os 25 anos do jornal escolar Outra Presença não fazem dele nem melhor nem pior em comparação com outros aniversários. No entanto, é um momento privilegiado para lembrarmos o que conseguimos até aqui, celebrar o seu bom estado de saúde editorial e posicioná-lo relativamente ao futuro.

Herdeiro do jornal Presença, o Outra Presença foi-se desenvolvendo com muito trabalho e com a boa vontade de alguns docentes e alunos. Ano após ano e edição após edição ajudou-nos a conhecer, a entender, a presenciar e a fazer parte da história de uma escola secundária e mais tarde de um agrupamento. O Outra Presença é um documento histórico: ele presenciou os acontecimentos que se foram desenrolando na escola, nele foram gravados momentos felizes e também de descontentamento, de luta e de alegria, onde as opiniões e pensamentos de muitas pessoas, alunos e docentes, foram transmitidos.

Muitos nem imaginam como funciona um jornal escolar, o esforço, a boa vontade, o tempo que ocupa a quem ele se dedica... o que faz com que tenham todo o nosso reconhecimento e admiração.

Com o passar do tempo, o Outra Presença, embora não abdique da edição impressa, reinventou-se e adaptou-se aos novos tempos com

o jornal online, criou novas secções, ao mesmo tempo tentando mostrar um novo olhar sobre a escola, sobre o mundo, assumindo o compromisso de trazer múltiplos e qualificados olhares sobre questões que a todos, que vivem e se interessam pela escola, importam e dizem respeito.

O que espera o Outra Presença no futuro próximo? Por certo, continuar a ser uma referência para a comunidade escolar, ser o fiel repositório para memória futura das aspirações, opiniões e pensamentos dos nossos alunos e docentes, acompanhar toda a dinâmica que acompanha a escola atual. Continuará, sem dúvida alguma, a perseguir o seu objetivo principal: contribuir para a criação de jovens mais críticos, conscientes do seu papel enquanto cidadãos no mundo e responsáveis.

Esta é uma edição muito especial, porque é o número comemorativo dos 25 anos, porque se trata da concretização de um sonho que se reinventou há 25 anos, porque marca o início de mais 25 anos de vida...

Teresa Sá Pires



Clube de jornalismo

## Ficha Técnica

Edição e propriedade do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança

Tel. - 273322163/273322462;  
email - outrapresenca@gmail.com;  
edição digital-www.outrapresenca.com;

Coordenação - Luísa Diz Lopes - Redacção - Clube de Jornalismo .Autor do Logótipo - Rui Garcia .Grafismo e Fotografia - Clube de Jornalismo, 10º Multimédia- Edição e paginação - Clu-

be de jornalismo, Luísa Diz Lopes . Revisão - Clube de Jornalismo, Olinda Oliveira Clube de Jornalismo - Professores: Luísa Diz Lopes - Alunos - Adriana

Nascimento, Ana Sofia Lourenço, Guilherme Moreira, Inês Geraldês, Joana Alves, Maria Manuel Gorgueira, Marta Genésio, Tatiana Lopes Projectos em Interação - Biblioteca/

CRE; Desporto Escolar; Grupo de Saúde Escolar.

Colaboradores: alunos e professores do agrupamento, ex-alunos (identificados nos textos)

Impressão - Diário do Minho Tiragem - 1000 exemplares

## “(...) Aprendi com o meu pai uma coisa que os assassinos não sabem fazer: a pôr em palavras a verdade para que esta dure mais que a mentira.”

Cristiana Afonso (Assessora de Imprensa e sempre aluna da Escola Secundária Abade de Baçal!)

Acredito que o que nos vale e o que fica no fim de tudo são as palavras. E, por isso, usá-las a favor da verdade é o que entendo como fundamento básico da liberdade de expressão. A frase que cito é do escritor colombiano Héctor Abad Faciolince, no livro “Somos o Esquecimento que Seremos” que é, em si mesmo, uma aula sobre o valor, o uso e o sentido mais profundo da liberdade de expressão. Pediram-me para escrever sobre ela, a liberdade de expressão, e eu, confesso, 26 anos feitos, confronto-me agora com a dificuldade de encontrar palavras para vos falar sobre um tema que trago afincadamente no coração, desde que decidi estudar jornalismo. A dificuldade de parar, de facto, para pensar no choque diário de notícias, histórias, palavras que comprometem permanentemente este princípio nobre e transformador, em Portugal e no resto do mundo. A verdade é que devemos à liberdade de expressão, ou à falta dela, muitas das pequenas e grandes revoluções dos últimos anos. Se somos, ainda, abril é porque ousámos lutar com e por ela. Estaremos dispostos a mantê-la?

Ainda hoje lia no Público a notícia sobre o acordo entre o jornalista Rafael Marques e os generais angolanos que denunciou no livro “Diamantes de Sangue: Tortura e corrupção em Angola”. Pediam pena de prisão e mais de um milhão de euros de indemnização ao homem que trouxe a descoberto os abusos sobre os direitos humanos nas zonas diamantíferas das Lundas. Chegaram a acordo, repito. Rafael Marques denunciou torturas, assassinatos e outras formas de violência num país que, desculpem-me, vive o espetáculo triste de uma alegre e democrática ditadura, não contestada, mais ou menos apoiada pelas ditas democracias ocidentais. Rafael Marques, jornalista e ativista acusado de “denúncia caluniosa”, conseguiu um acordo, mas esteve prestes a ser preso porque escreveu um livro, porque arriscou perpetuar em palavras alguma verdade. Houve acordo. O livro não será reeditado – valha-nos a Tinta da China que o tem disponível para download gratuito no site –, e Rafael Marques continuará, dizem, a lutar pelos direitos

humanos em Angola, possivelmente até em colaboração com alguns dos generais que denunciou. Recordo-vos, não haverá julgamento e este homem já não será preso. Ainda bem, mas pergunto: onde ficou a liberdade de expressão?

Será que, algum dia, a liberdade de expressão feita verdade nas palavras será capaz de motivar o fim das 116 mil mortes de crianças por ano, a maioria por subnutrição? São números do “Africa Progress Report 2013” que dá conta de que Angola está entre o terço de países que mais cresceram entre 2000 e 2011 no mundo, sendo que, em 2012, ultrapassou a China. O efeito deste crescimento foi praticamente nulo na forma como a maioria da população vive.

Angola é um poço de petróleo e de desigualdades e isto deve-se, não nos iludamos, à clara e inequívoca ausência de liberdade de expressão, da denúncia, da oposição e da alternativa que lhe são inerentes. Rafael Marques é um de muitos exemplos. Assusta-me mais ainda pela proximidade histórica, e não só, de Angola e Portugal. Assusta-me pensar que, eventualmente, perdemos a morada da liberdade de expressão e andamos em ruína incerta. Andamos?

Em 2014, 66 jornalistas foram assassinados e 178 foram presos, de acordo com a ONG Repórteres Sem Fronteiras. Certamente, todos vocês se lembram dos jornalistas decapitados pelo Estado Islâmico. Os números traduzem a violência da realidade e confirmam os atentados consecutivos à liberdade de expressão, de imprensa, de informação. Como vos disse, Rafael Marques é só um exemplo. Começam a ser incontáveis os exemplos e também por isso me é cada vez mais difícil escrever sobre este tema. Há pano para muitas mangas. E a liberdade de expressão devia ser casaco de todos os dias não só de jornalistas, mas também de cada um de nós. Os tempos que vivemos pedem esta liberdade como quem pede pão para a boca. Pedem, sobretudo, que saibamos vivê-la no pleno direito do dever, da consciência cívica e social. Recupero a pergunta: estamos dispostos a mantê-la?

Que liberdade de expressão defendemos, quando voltamos a cara e ignoramos as mãos em



prece de um sem-abrigo? Que liberdade de expressão preservamos, quando aceitamos silenciosamente a perda da dignidade humana pela desvalorização escandalosa do trabalho? O que há de liberdade de expressão nesta apatia política e neste esvaziamento de humanidade? O que é isto da liberdade de expressão num país que mal lê jornais?

Portugal vive um dos momentos mais complexos dos últimos anos no que diz respeito à liberdade de expressão e de imprensa. Sim, é verdade. Há uma crise a vários níveis instalada nos media que, parece, estamos dispostos a ignorar. E de repente, a ausência de liberdade de expressão está ao virar da esquina, longe dos casos paradigmáticos a reboque dos grandes conflitos mundiais – que mencionei –, perto das nossas casas, na banca do quiosque do bairro. Acordemos. É fácil perceber que são as condições de trabalho e os meios ao dispor dos jornalistas as principais determinantes da liberdade de imprensa que exercem sempre que escrevem uma notícia. Mas, neste país de cravos, não nos insurgimos contra a concentração da propriedade dos órgãos de comunicação. Não. Somos, antes, adeptos da conversa de café contra o serviço público de televisão. Neste país que ousou sonhar a liberdade, não nos unimos às dezenas de jornalistas despedidos em massa, em 2014, pela Controlinvest. Não. Somos, antes, apologistas de domingos refastelados num

shopping de comida rápida e fome de alma.

Alguns dos últimos relatórios da organização norte-americana Freedom House revelam este declínio de liberdade. Portugal, e nós com ele, decidiu que a precariedade é um fenómeno normal. Somos crise, somos austeridade e somos exemplo de bom comportamento na Europa. Assim seja, que para rebeldias bastam-nos o BES e o Ricardo Salgado, as Listas Vip nas Finanças ou as in(ter)venções de Cavaco Silva. E, portanto, voltemos à normalidade, já que o jornalismo anda cheio dela, feita falsos recibos verdes, trabalho incalculado, salários sem cor de dinheiro. Este é um dos momentos mais difíceis dos últimos anos para a liberdade de expressão e de imprensa, sabiam disso? Não fomos, ainda, ameaçados com prisão e julgamentos como o Rafael Marques, mas vivemos amordaçados pelo conformismo, pela inação e por um jornalismo de secretária, impedido de gritar ecos de revolução, longe de ser verdade perpetuada em palavras. Compactuamos com a violência exercida sobre os velhos que morrem sozinhos em casa, com homens despedidos de alento e de vontades, com folhas de jornal a pedir ser folhas de outro ofício. Onde deixamos a liberdade de expressão?

Não sei se já vos disse que fui aluna da vossa (nossa) escola. Também fui “Outra Presença”. Livre das amarras dos meus dias, hoje, como assessora de imprensa. Fui precária no jor-

nalismo. Sou dele, ainda, nas lutas diárias, de mãos dadas com tantos amigos jornalistas de coração. E sei-me, assim, porque aprendi os primeiros significados da liberdade, quando escrevi os primeiros textos aí, nesse Jornal feito dos limites transponíveis de quem não perde a nobreza de espírito e a convicção. Se hoje acredito que havemos de ser capazes de lutar e fazer da verdade das palavras uma nova revolução é porque me ensinaram, aí, o que viria a entender depois: “os cínicos não servem para este ofício”. Disse-o o repórter polaco Ryszard Kapuscinski. São 25 anos de “Outra Presença”. São 25 anos, mesmo que o não saibam, a defender a liberdade de expressão. Não sei se saberemos mantê-la, mas sei que é assim que lutamos por ela. A liberdade e a democracia começam na notícia “Café de Ciência - Petróleo: que futuro?”, do Guilherme Moreira do 10º A; no texto “No palco para prevenir a gravidez na adolescência”, da Andreia Castro do 12º A; ou no artigo “Encontro com Mensageiro de Bragança: A força das palavras” dos alunos Pedro Venâncio, Margarida Praça, Joana Jesus e Bruno Gomes do 10ºB. A liberdade e a democracia também se fazem de sonhos e começam exatamente onde vocês estão. Se um dia a Professora Luísa Lopes vos pedir para escreverem sobre liberdade de expressão, lembrem-se de lhe dizer que a liberdade cabe no chão e nas asas que ela soube, sempre, dar a este Jornal.

# 75 anos do Mensageiro de Bragança A força das palavras

No âmbito da disciplina de português e acompanhados pela docente Luísa Lopes, os alunos da turma do 10ºB e duas alunas do 10ºA, que integram o clube de jornalismo da Escola Secundária Abade de Baçal participaram, no dia 16 de março, numa das atividades que decorreram na semana da leitura organizadas pela equipa da biblioteca desta mesma escola, nomeadamente um encontro com o jornalista e chefe de redação e com o diretor do semanário regional “Mensageiro de Bragança”, o mais antigo da região, que nasceu a 1 de Janeiro de 1940, cumprindo a vontade do Bispo, D. Abílio Vaz das Neves e da comunidade religiosa que queria levar a palavra de Deus onde ela não chegava e, ao mesmo tempo, manter a região informada.

Pedro Venâncio, Margarida Praça, Joana Jesus, Bruno Gomes, 10ºB

Numa sessão aberta a perguntas, conheceu-se um pouco mais do jornal mais antigo de Bragança, que comemora este ano o seu septuagésimo quinto aniversário, os seus princípios e abordaram-se algumas questões relacionadas com a prática do jornalismo.

O diretor do jornal, Padre José Carlos Martins centralizou-se, primeiramente, numa perspetiva generalizada sobre o valor da palavra, associando-se, assim, ao tema do evento: “Palavras do Mundo”. A palavra jornalística aparece como veículo de transmissão de informação, mas também de estímulo do gosto pela leitura: “Quem escreve implica-se no que escreve. As mensagens podem variar de acordo com o modo como são ditas.”; “Nós, enquanto jornal, somos arautos da verdade. Quem nos lê é tanto ou mais inteligente que nós, por isso devemos ser fieis à verdade”. António José Rodrigues expressou o seu ponto de vista mais técnico enquanto jornalista e chefe de redação do jornal sobre o valor da verdade. Considera

que no jornalismo não existe imparcialidade, já que o contexto e os valores pessoais influenciam as escolhas efetuadas. Por isso, na sua perspetiva, não existe um artigo completamente imparcial: os jornalistas são pessoas com vivências próprias, escolhem aquilo que na sua perspetiva é noticiável, o que implica alguma subjetividade: “A verdade é o nosso primeiro objetivo. Devemos ser verdadeiros connosco e com o que nos rodeia ou então o leitor apercebe-se.” Considera que o jornalista é a voz do povo e que existem limites, não só geográficos, do ponto de vista do número e do tipo de leitores, mas também situacionais em que o respeito pela verdade e pela pessoa é importantíssimo: “A nossa liberdade termina onde começa a do outro”.

Segundo o jornalista, as principais dificuldades de um jornal passam pela dificuldade em encontrar um equilíbrio entre um jornal com conteúdo sério e o facto de conseguir resistência para não falir. A diversidade de conteúdos foi apresentada como



um dos pontos fortes do jornal. A crise económica afetou também, sem exceção, este setor. Um jornal sustenta-se essencialmente da publicidade. Com a decadência da procura de publicidade, a tendência é para o jornal não resistir.

Outro grande obstáculo foi a chamada crise de valores, com as novas tecnologias que oferecem uma grande variedade de informação a preços simbólicos. Estão, no entanto, convictos de que os jornais impressos não desaparecerão, ainda que em luta constante por “sobreviver” a todos estes obstáculos. Foram destacados os pontos fortes de um jornal: “os

Reprodução da capa do nº 1 do jornal, publicado a 1 de janeiro de 1940 e, na página ao lado, recortes de um texto da primeira página.

(Primeira edição cedida por Mensageiro de Bragança)



## Alea jacta est...

É sobremodo erigido de dificuldades de toda a ordem o *tournant* da história da humanidade em que nos encontramos. A Europa e a Ásia ardem em fogueira imensa, o mundo estremece até aos alicerces presa de sobressaltos e inquietações e o futuro antolha-se a todos, povos e governos, como um terrível ponto de interrogação.

Por outro lado, nesta nossa terra privilegiada da Providência, em que, graças a um governo honesto e activo, gozamos de paz e de prosperidade relativa, sentem-se já os efeitos do flagelo da nova grande guerra. Os preços, não das subsistências, mas de muitas coisas indispensáveis à normalidade da vida social, subiram bastante, especialmente no que toca à mão de obra e aos materiais da imprensa. Só as gravuras à sua parte, tiveram um aumento de cinquenta por cento, desde que estalou a actual conflagração.

Sendo isto assim, a que vem agora a publicação dum novo jornal em Bragança? Não será tal iniciativa uma temeridade evidente, mais ainda, um verdadeiro acto de loucura?

Talvez. Mas diz a sabedoria popular que "quem não se arriscou não perdeu nem ganhou, e também "que dos fracos não reza a História..

A publicação dum jornal que fôsse o órgão da diocese de Bragança e Miranda impunha-se depois que, há dois anos, foi extinto o boletim diocesano.

A "Lumen.., que o vinha substituir ou para melhor dizer, suprir a sua falta, não pode, como a experiência o tem demonstrado, realizar esse objectivo senão em parte. Tornava-se indispensável o aparecimento dum órgão jornalístico diocesano que saísse à luz da publicidade ao menos e provisoriamente duas vezes por mês, para que o funcionamento dos serviços do governo eclesiástico fôsse mais regular, mais perfeito e, sobretudo, mais expedito.

Ele aí aparece agora, com o título auspicioso de "Mensageiro de Bragança, pronto a desempenhar a missão para que foi criado. Ele irá levar a todos os recantos do distrito a voz do Pastor das almas, transmitido pelas suas pastorais, pelas suas exortações, pelos seus conselhos e pelos seus decretos. Ele espalhará por toda a parte a doutrina do Evangelho, os ensinamentos da Santa Igreja, os princípios da civilização cristã.

Ele defenderá os direitos e a justa liberdade da pessoa humana contra as grandes heresias da actualidade—o bolchevismo ateu e materialista e o racionalismo exagerado.

Ao mesmo tempo, dará conhecimento aos seus assinantes dos principais acontecimentos nacionais e estrangeiros, e fornecer-lhe-á leitura sã, variada e recreativa. Procurará ser, tanto quanto possível, um periódico moderno, que satisfaça as justas e legítimas exigências de todos. Por meio de correspondências quinzenais das diversas regiões da diocese os seus leitores manter-se-ão ao facto do seu movimento religioso e social, estreitando-se assim mais e mais as relações entre os transmontanos. Terá, enfim, um carácter essencialmente regionalista.

Para poder vingar e prosperar, o "Mensageiro de Bragança, conta com o auxílio material e moral dos seus assinantes, leitores e amigos e, especialmente, com a protecção franca e dedicada dos Párocos e dos membros da Accção Católica que são os auxiliares da Hierarquia.

Assim como uma estrela de brilho extraordinário conduziu os Santos Reis Magos aos pés de Jesus-Menino, assim também o "Mensageiro de Bragança, como um pequeníssimo luzeiro acêso na sede da diocese de Bragança e Miranda, diligenciará, na medida das suas forças, iluminar as almas com a luz da fé e aquecer os corações com o fogo da caridade para conduzir as almas a Deus e Deus às almas.

Alea jacta est...

jornais fornecem um selo de garantia, são mais fiáveis", são um arquivo da memória coletiva do povo e, tendo o "Mensageiro de Bragança" um artigo tão antigo e rico, são constantemente procurados exemplares para documentar algo. José Carlos Martins considera que "ainda que passando diversas di-

ficultades, o jornal em papel nunca vai desaparecer, pois a escrita credibiliza aquilo que é dito". Além disso, o jornal tem tentado adaptar-se a esta nova realidade, disponibilizando conteúdos na internet, através da edição online ou da página do facebook que possui. A necessidade de inovar e crescer justifica

uma nova rubrica que o jornal apresentará brevemente e que se relaciona com livros e leitura.

O que torna um jornal bom não é o conteúdo que a pessoa quer ler, mas sim conteúdos simultaneamente verdadeiros, de interesse público e apelativos. Por isso, o objetivo dos jornalistas passa por adquirir o maior número de notícias pertinentes, precisando, para tal, de boas fontes. Um bom jornalista caracteriza-se pelo facto de ter boas fontes e sabê-las cultivar, e, ainda, por escrever muito bem.

Outro dos assuntos abordados foi a facilidade ou dificuldade em escrever uma notícia. Os convidados consideram todas as temáticas difíceis. No entanto, destacaram a religião, já que é uma realidade muito específica e com muitos termos específicos, o que, dado o teor religioso do jornal, levou a direção a oferecer formação aos seus jornalistas sobre esta área.

Finalmente, os alunos quiseram conhecer momentos marcantes na vida dos convidados, enquanto jornalistas. José Carlos Martins respondeu com um brilho nos olhos e com palavras sentidas: "A notícia que marcou mais este jornal foi relativamente recente e diz respeito ao encontro com "A personalidade", o Papa Francisco. Recebeu-nos de braços abertos e ficou maravilhado com o facto de irmos de tão longe e fez questão de ficar com um exemplar do jornal. António José Rodrigues recordou uma experiência positiva e outra negativa vivida enquanto exercia a profissão: "Sempre quis ser jornalista. Posso estar sempre no centro da ação. É a minha maior motivação durante estes 11 anos. Lembro-me do ano de 2004, ano de Jogos Olímpicos e do Campeonato Europeu de Futebol. Tinha começado a estagiar e, por um motivo qualquer, fui chamado para acompanhar a seleção espanhola. Foi uma sensação única.". Experimentou também momentos difíceis, como aquele em que foi fazer uma reportagem de um acidente de carro: "Fui para o local e, infelizmente, as vítimas eram mortais. No meio dos destroços vejo um carrinho de bebé. Foi terrível."

Esta atividade proposta pela biblioteca contribuiu não só para o enriquecimento pessoal de cada um dos alunos desta turma, mas também os cativou, de certo modo, para a leitura de jornais, nomeadamente os jornais regionais de modo a fomentar a imprensa a nível do distrito.

## Poderosa Arma

TORNOU-SE já lugar comum dizer que a imprensa é hoje uma arma poderosa: e é verdade.

Da humilde costureira da aldeia e do desprezioso trabalhador do campo ao professor e ao intelectual, já quasi não há ninguém que não leia o seu jornal ou a revista da especialidade, ou pelo menos não deseje saber o que o jornal diz. Lê-se hoje como em tempo nenhum.

Daqui se tira a grande influência que a imprensa pode ter, e de facto tem, nas leis, nos costumes, na vida social e religiosa dum povo. A experiência está aí a provar todos os dias esta incontestável e candente verdade.

Tôdas as revoluções sociais dos últimos cinquenta anos foram precedidas de intensa propaganda feita nas trevas ou à luz do sol por meio de revistas, jornais, folhas soltas, etc.

A imprensa é hoje, com efeito, no meio da febril agitação em que vivemos, a Senhora absoluta do mundo, a rainha que serenamente o governa.

Ela cria costumes, promulga leis, forma e dirige a opinião pública, demite governos e diante de si nada há que esteja seguro.

E, por isso, uma verdadeira força, uma arma temível, a mais temível dos nossos dias.

Mas, infelizmente, nem sempre tem sido posta ao serviço do bem. Muitas vezes os seus efeitos têm sido mais perniciosos do que úteis.

A ela cabe, em grande parte, a lamentável responsabilidade de ter enlameado muitas almas, envenenado gerações inteiras, causado ruínas irreparáveis.

Na gente nova, sobretudo, a sua nefasta influência é muito poderosa. Há casos que fazem arripiar os cabelos, só de ouvi-los e que tiveram a sua origem em leituras obscenas ou essencialmente pornográficas.

Há muitos autores que não fazem mais nada do que espalhar por meio dos seus escritos matérias inflamáveis e gases asfixiantes. Felizmente, na nossa terra as coisas têm mudado, ultimamente, um pouco de rumo, mas ainda há muito que fazer. Continua a ser dolorosamente verdadeira a frase tão conhecida: os filhos das trevas são mais prudentes do que os filhos das luzes.

Em matéria de boa imprensa, como em tantas outras coisas, estes à vida de sacrifício, operosa e activa, em defesa dos direitos sagrados de Deus e dos homens, preferem o vergonhoso comodismo, deixando àqueles o campo livre onde podem fazer, à vontade, larga sementeira.

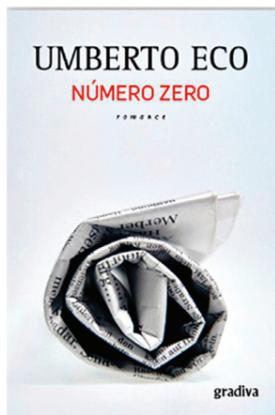
Estamos em hora de resgate e de renovação espiritual, e por isso, a ninguém é permitido ficar numa atitude comodista, viver tranquilamente sentado em trono real de feroz egoísmo.

E' preciso e já, trabalhar, defender a nossa fé tradicionalista e cristã, tôdas as virtudes cívicas e morais que adornam a alma gentil do povo português. Urge conjugar os esforços de todos para que a imprensa cumpra a sua penosa missão e cumpra-la-à, se nós quisermos. Evidentemente que nem todos são chamados a subir às colunas dum jornal ainda que humilde como este, para aí manejar a poderosa arma dos nossos dias. Mas todos podem, e devem, prestar o seu concurso, embora modesto. Os que estão em condições de o fazer, escrevendo, os outros assinando a boa imprensa e fazendo propaganda dela.

Aparece este quinzenário católico e regionalista no primeiro dia do ano,

(Continua na 2.ª página)

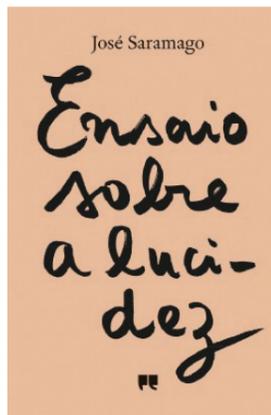
# Jornalismo, liberdade e humor nos livros



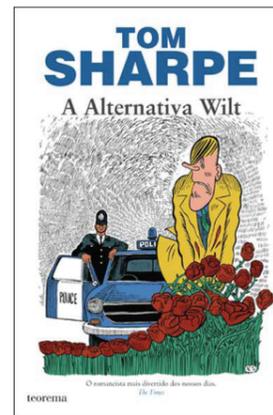
O novo livro de Umberto Eco aborda a forma como se faz jornalismo no século XXI. A partir da criação do “Amanhã”, um jornal que é suposto nunca sair e cuja principal preocupação não é a verdade, denuncia o sensacionalismo, manipuladores da verdade, adeptos doentios de teorias da conspiração, conservadores e reféns do poder económico e político



«o escritor explora os vícios humanos num tempo que se adquire como passado mas que(...) lhes confere antes uma intemporalidade inquietante. [...] são duas novelas [que] contém uma densidade avassaladora que agarra o leitor numa teia da qual só sai, com um sorriso amargo que é o da ironia trágica de Carvalho, no derradeiro ponto final. É o teste da grande literatura: felizes dos que não saem ilesos.»  
Isabel Lucas, Público



É dia de eleições e, durante a manhã, as salas de voto receberam poucos eleitores. Preocupante. No entanto, à tarde, quase à hora de as urnas encerrarem, os eleitores compareceram aos locais de votação. Normal, afinal. Mas quase setenta por cento de votos eram em branco. Uma catástrofe, portanto. A confusão que se instala na cidade é uma oportunidade para uma crítica mordaz às instituições do poder político.



Chefe de departamento, Wilt enfrenta as fantasias de políticos fanáticos e burocratas reacionários, os entusiasmos da mulher, e a hostilidade dos serviços médicos. Envolvido involuntariamente numa acção terrorista, é forçado a lutar pela liberdade. Corrosivo e divertido, A Alternativa Wilt denuncia com humor as anomalias que no nosso tempo se tornaram norma.”



“A história de Tamina contém as verdades fundamentais do livro: a experiência trágica da Primavera de Praga e a vida no mundo ocidental. Política e erotismo, humor e tristeza, utopia e quotidiano; contrastes que alimentam este “romance em forma de variações”, que é não mais que uma viagem ao coração da existência humana no século XX.” (do editor)

## A Ironia n’ “Os Maias”

Ana Bernardino e Micael Gomes, 11ºB

A obra “Os Maias” foi publicada em 1888, ano em que, curiosamente, nasceu Fernando Pessoa. Trata-se de um romance, uma vez que constitui uma narrativa de grande extensão com um número muito elevado de personagens, apresentando uma ação muito extensa que decorre em vários espaços e ao longo de várias décadas.

Assim sendo, esta obra queiro-siana apresenta várias características do realismo, tais como o relevo dado ao presente, o cosmopolitismo, o anticlericalismo, as personagens tipo e as descrições pormenorizadas, socorrendo-se de uma linguagem objetiva. Além disso, a ironia

constitui um elemento estético que está sempre presente, servindo os propósitos da crítica a que Eça de Queirós constantemente recorre.

Desta forma, este grande romancista descreve a realidade fazendo referência a características ou atitudes que pretende caricaturar. Denote-se o exemplo da personagem Eusebiozinho, que, n’ “Os Maias”, é constantemente alvo de críticas, através das referências a um modelo educacional totalmente oposto ao de Carlos da Maia, que o narrador denuncia como um dos fatores fundamentais para o enfraquecimento do corpo e do espírito. Assim, Eça de Queirós socorre-

se frequentemente do diminutivo com a intenção de ridicularizar a personagem, mostrando as suas fragilidades e as limitações impostas pela educação que lhe era ministrada: “A mamã prometeu-lhe que, se dissesse os versinhos, dormia essa noite com ela... Isto decidiu-o [...] Disse-a toda - sem se mexer, com as mãozinhas pendentes...”.

Consequentemente, também o episódio da crónica de costumes relativo às corridas de cavalos no Hipódromo de Belém constitui um importante marco na ação da história, dado que o autor critica fortemente a elite lisboeta – “um sopro grosseiro

de desordem reles passava sobre o hipódromo, desmanchando a linha postiça de civilização e a atitude forçada de decoro” –, o que demonstra o interesse fictício relativamente à atividade desportiva que decorria. Assim, Eça pretende pôr em evidência o desejo de parecer sofisticado daqueles que importavam hábitos culturais estrangeiros, revelando o provincianismo das elites. Ainda no mesmo episódio, momentos antes do início das corridas de cavalos, ocorrerá uma situação constrangedora resultante do espaço em que as mesmas decorriam, evidenciando que o local em causa era profundamente desadequado:

“À entrada para o hipódromo, abertura escalavrada num muro de quintarola, o faetonte teve de parar atrás do dog-cart do homem gordo - que não podia também avançar porque a porta estava tomada pela caleche de praça, onde um dos sujeitos de flor ao peito berrava furiosamente com um polícia”.

Em suma, a ironia está presente na obra queiro-siana, de forma bastante evidente, satirizando-se costumes da época, o que torna este romance muito apelativo, dado que retrata de forma realista a sociedade do século XIX.

## Cantigas de Escárnio e Maldizer

Amanda Santos, 10ºD

As cantigas de escárnio e maldizer são provenientes da Idade Média e fazem parte do gênero literário denominado trovadoresco. Foram exaradas, assim como todos os textos populares da época, em galego-português. Estas, apesar de serem satíricas, ou seja, ambas têm a intenção de criticar alguém de forma depreciativa, distinguem-se pela maneira como são escritas. Uma faz alusão clara e direta à pessoa que critica- cantigas de maldizer- e a outra é feita de modo

indireto e com uso de palavras com duplo sentido – as cantigas de escárnio-.

As cantigas de escárnio são conhecidas por criticarem de forma indireta e por terem presentes duplos sentidos. Para serem compostas usam-se ambiguidades, trocadilhos, e jogos semânticos, que os trovadores (autores) denominam de equívoco.

“ Ai, dona fea, foste-vos queixar que vos nunca louv[o] em meu

cantar;

mais ora quero fazer um cantar em que vos loarei toda via; e vedes como vos quero loar: dona fea, velha e sandia!...”

Nessa cantiga de João de Guilhade, uma das mais referidas nos cancionários medievais, podemos evidenciar a crítica e a paródia de amor cortês pela senhora, por não ter sido louvada e o modo como o trovador pretende fazê-lo.

Já as cantigas de maldizer são escritas de maneira a dar a co-

nhecer quem se critica, ou seja, são diretas e não fazem uso de duplo sentido. Podem, até, na maior parte delas, ocorrer agressões verbais e palavrões.

“ Roi queimado morreu con amor Em seus cantares por Sancta Maria por ua dona que gran bem queria e por se meter por mais trovador porque lhela non quis [o] benfazer fez-sel en seus cantares morrer mas ressurgiu depois ao tercer dia!...”

Da autoria de Pero Garcia

Burgalês, essa cantiga é uma sátira que talvez tivesse sido propiciada por uma particular cantiga de Rui Queimado, na qual este trovador exprime o amor pela sua senhora (senhora em português atual, dado que nessa época não havia o gênero feminino desta palavra). Note-se, entretanto, que esta paródia de Pero Garcia Burgalês visa, especificamente, criticar os dotes poéticos de Rui Queimado.

# Liberdade de Expressão\*

## ... não pode rimar com Não”!

Ana Rita Fernandes e Inês Contins 11ºB

Só seres humanos sem medo, que procuram o conhecimento e a liberdade de agir, podem ser motores do progresso científico, tecnológico e filosófico que permitirá uma sociedade mais justa e evoluída do que a nossa.

Com efeito, os seres humanos sem medo são os que procuram a verdade e se permitem brincar com as limitações da humanidade. Se uns desafiam a autoridade pelo conhecimento, outros desafiam a própria condição humana, pela sátira. A morte, Deus, as catástrofes, a ignorância, a lentidão, o sexo, são alguns dos temas preferidos dos humoristas, para além da política. O humor sempre foi uma forma de desafiar a autoridade e só as sociedades mais evoluídas, livres e democráticas o permitem. Em Portugal antes do 25 de Abril de 1974 não era permitido criticar o salazarismo, Deus ou a Pátria.

Contudo, a liberdade de expressão é um dos direitos consagrados na Constituição da República Portuguesa de 1976, como vem explícito no artigo 37: “Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos nem discriminações”.

Ainda assim, refira-se que a liberdade de expressão é considerada um dos direitos fundamentais da Declaração Universal dos Direitos do Homem da Organização das Nações Unidas (ONU), datada de 1948. No artigo 19º pode ler-se: “Todos têm o direito à liberdade de opinião e de expressão. Este direito inclui a liberdade para ter opiniões sem interferência e para procurar, receber e dar informação e ideias através de qualquer meio de comunicação e sem importar as fronteiras.”

Assim sendo, independentemente da legislação nacional ou internacional, consideramos que a liberdade de expressão é, muito mais do que um direito, um dever cívico. Só uma sociedade em que possamos dizer o que pensamos tem a flexibilidade suficiente para aceitar as inovações científicas e permitir a criatividade necessária

à criação artística. Deste modo, defendemos uma liberdade de expressão sem limites, contra a hipocrisia de pensar de um modo e agir de outro e contra a limitação de leis impostas socialmente pelos mais fortes e que não têm qualquer validade científica. Damos o exemplo da teoria do heliocentrismo, defendida por Galileu, que hoje é tida como uma verdade científica, mas que contradizia, na época em que surgiu, não só o senso comum, mas, e sobretudo, uma interpretação da Bíblia, segundo a qual Deus terá feito parar o sol que circula à volta da terra. A teoria contradizia essa passagem, tomada na altura como verdade literal, e Galileu, apesar de estar certo, foi condenado como herege e obrigado a admitir que estava errado.

Face ao exposto, concluímos que, no humor e na arte, a liberdade de expressão permite o exagero de defeitos pessoais e colectivos (como as caricaturas), o que faz com que nos tornemos mais conscientes de que somos simples seres humanos, com um conhecimento limitado do mundo e uma capacidade limitada de nele intervir. Não somos donos de toda a verdade, nem de todo o conhecimento e, por isso, podemos receber para consideração, opiniões diferentes, modos de pensar diversos dos nossos. Se soubéssemos tudo, se conhecéssemos todos os segredos do universo e a forma única da humanidade ser feliz, seríamos deuses e declararíamos uma ditadura universal. Então, todos poderiam pensar de forma diferente de

nós, porque estaríamos sempre errados.

## ... tem limites

\*coord. Paula Romão

José Manuel Vicente e Maria Luís Pereira, 11ºB

É largamente reconhecido por todos que a liberdade de expressão e de opinião constitui um direito universal: Todavia, não deve haver um abuso que ponha em causa a prerrogativa de liberdade do outro.

Assim sendo, a liberdade é um direito fundamental de qualquer sociedade democrática do século XXI e acompanhou o progresso científico-tecnológico, pois apenas a condição de agir livremente pode tornar reais a rede global de comunicação, os aparelhos electrónicos, a medicina moderna e a aviação, entre outros domínios. Contudo, este poder de agir sem impedimento acarretou consigo desvantagens. O uso abusivo da liberdade põe em causa a liberdade dos outros, visto que ao atacar verbalmente conceitos, crenças e pessoas colocam-se em causa os valores dos outros e isso não é ético.

Por conseguinte a rede global sendo um meio difusor de informação é o resultado da capacidade humana sem limitações. Porém, isto passou a ser também veiculador de mensagens negativas e com valor pejorativo e, desse modo, o homem no seu defeito passou a usar algo tão importante a nível mundial para transmitir mensagens que atacam as outras pessoas, direta ou indiretamente. Um exemplo que evidencia esta realidade são os bloggers e utilizadores de redes sociais que usam este meio

gratuito para exporem o seu ponto de vista de um modo pessoal,

incorrendo muitas vezes numa falácia filosófica da argumentação informal, ad hominem, pois atacam-se pessoas não pelo que acreditam ou pelo que dizem mas por serem quem são. O cyberbullying é uma das condições dos dias de hoje, que alberga todas as características acima mencionadas.

Todavia, a liberdade de opinião e de expressão não só é a condição de expor as nossas crenças e as nossas motivações, mas também é a condição que nos permite refutar as crenças mas que por vezes transborda os limites da moralidade e toma contornos exacerbados. Desse modo, atacar, por exemplo, uma religião por palavras e imagens é algo que deve ser levado a efeito com moderação e cautela, para não se incorrer no ataque às crenças das pessoas, que podem ferir suscetibilidades, tocando em temas de grande sensibilidade, porque implicam valores como a fé e as crenças pessoais. Assim sendo, em janeiro de 2015 os ataques terroristas em França tiveram início com imagens provocantes criticando ferozmente a religião muçulmana. Portanto, quando se critica seja o que for devem ser considerados outros factores. Neste caso, a crítica não devia ter sido tão exaltada, pois o fanatismo religioso que toma o que está escrito no Corão de forma radical, viu a revista Charlie Hebdo como um perigo para a sua religião e decidiu agir de forma radical, matando pessoas que apenas usaram o direito de se

expressar. Pelo exposto, reiteramos que a liberdade de expressão e opinião não é ilimitada nem absoluta, devendo ser restringida e regulada, já que a sua prática abusiva acarreta problemas éticos, morais e sociais.





É habitual lembrarmo-nos de personagens famosas da banda desenhada e dos filmes de animação. Nomes como Super-homem Homem-Aranha, Tintim, Ric Hochet e Geronimo Stilton são algumas dessas personagens. Mas, o que têm elas em comum para sur-

girem juntas e o que as trouxe a esta edição especial do jornal "Outra Presença"? O jornalista



lismo é a profissão que as une e justifica a sua presença na edição comemorativa dos 25 anos do Outra Presença.

Apesar da proliferação de fontes de informação, os jornais mantêm-se detentores de grande importância, apresentando-se aquando do nascimento dessas personagens como o único meio de comunicação social, tendo um papel fundamental na sociedade: informar.

O Homem-Aranha é o super-herói com maior sucesso da Marvel Comics. Foi criado por um dos mais bem-sucedidos pares de criadores modernos de histórias de banda desenhada, Stan Lee e Steve Ditko. Este foi lançado na década de 1960, onde os heróis seguiam um padrão uniforme de rigidez moral e de retidão. É recordado como um

dos mais prestigiados heróis, sendo adorado por pessoas de todas as idades, que o consideram como um dos mais importantes e populares super-heróis das histórias de banda desenhada, séries animadas, filmes e jogos. Contudo, se recordarmos Peter Parker, que é o "humano" que faz de Homem-Aranha, estabelecemos uma ligação com os jornais: era o fotógrafo/jornalista do jornal Clarim Diário da cidade de Nova Iorque que se encarregava de tirar fotos e escrever artigos sobre o próprio Homem-Aranha.

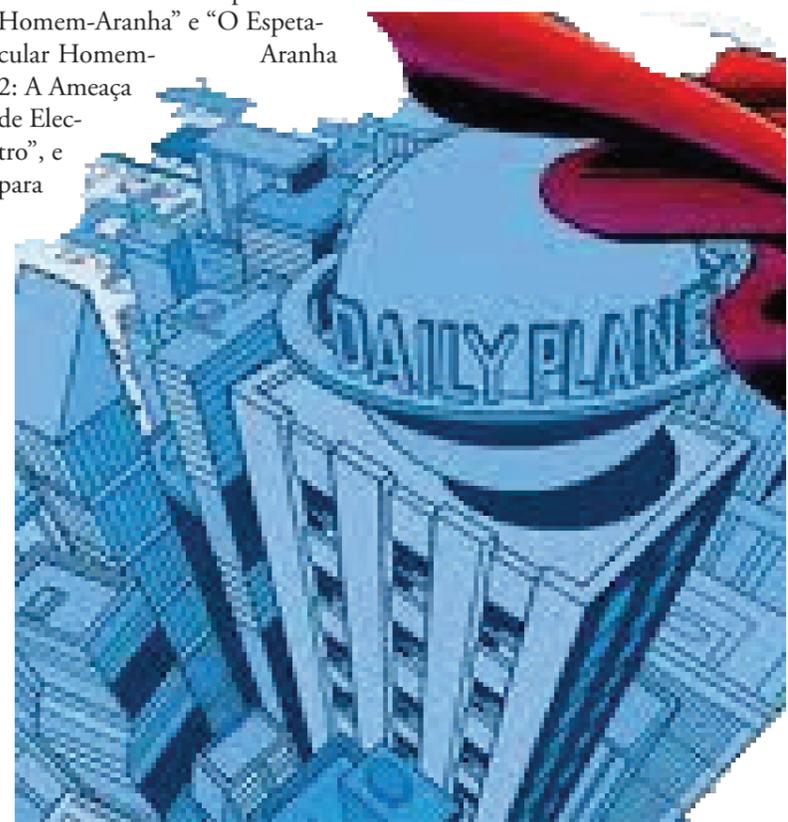
Apesar da verdadeira profissão de Peter Parker ser jornalista, este não é reconhecido pelo que faz na sua profissão; na realidade, este usa-a apenas com uma forma de esconder a sua identidade secreta de super-herói. A escolha da personagem de jornalista surge, então, como uma justificação credível às constantes deslocações de Peter Parker para os locais onde tudo acontece, bem como para aceder à informação com maior facilidade.

A primeira vez que o Homem-Aranha foi adaptado ao cinema ocorreu no ano de 1973, em que, dado o baixo orçamento e a inexistência de uma licença da Marvel, foi apresentado como um vilão. Atualmente, existe uma trilogia e uma tetralogia do Homem-Aranha. A trilogia foi lançada entre os anos de 2002 e 2007, dirigida por Sam Raimi e protagonizada por Tobey Maguire. Esta é constituída pelos filmes "Homem-Aranha", "Homem-Aranha 2" e "Homem-Aranha 3".

# Há jornali

No ano de 2012, foi divulgado o lançamento de uma tetralogia do herói, com Andrew Garfield no papel de Peter Parker. Esta já é constituída por dois filmes, nomeadamente "O Espetacular Homem-Aranha" e "O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro", e para

nasceu no fictício planeta Krypton e foi enviado para a Terra, num foguete, pelo seu pai, um cientista, antes desse planeta explodir. Aterrou em Smallville e foi encon-



os restantes ainda não existe uma data de lançamento.

Dada a vasta popularidade do herói de azul e vermelho, em 2002 foi adaptado ao Teatro nos Estados Unidos, onde se combinam efeitos visuais de última geração, ilusões de ótica, acrobacias, malabarismo em trapézios, pirotecnia e multimédia de maneira a assemelhar o descrito nas bandas desenhadas à vida real.

Outro herói de sucesso idêntico é o Super-Homem, criado por Jerry Siegel and Joe Shuster, que

trado por um casal Jonathan e Martha Kent. Por isso adotará o nome de Clark Kent. É este que usa enquanto repórter do jornal "Daily Planet", onde está quando não se encontra em missões mais arriscadas, já que, com o crescimento, apercebeu-se de que tinha habilidades diferentes dos humanos. Também neste caso, a profissão é um adorno para esconder a sua verdadeira atividade.

Surgiu na banda desenhada, em 1938, nos Estados Unidos, mas

## Os marretas

Os Marretas são uma série de televisão norte-americana criada por Jim Henson, em 1976. Intitulada inicialmente "The Muppet Show", tinha como cenário um teatro de "vaudeville", onde atuavam bonecos felpudos que faziam comentários sarcásticos e humorísticos sobre os problemas da sociedade em que surgiram.

As personagens criadas por Jim Henson já deram brilho a inúmeras séries de televisão, especiais de televisão e

filmes de cinema, sendo que em todas as produções surgem os marretas a conviver com humanos.

Em 2004, a Disney adquiriu os direitos de autor da série, criando vários filmes entre eles "Os Marretas" (2012).

Dentre os bonecos felpudos, destacam-se Gonzo, um estranho animal de bico curvo, que aparecia muitas vezes esmurrado contra a parede; o urso Fozzie, cuja imagem de marca são as

piadas infelizes e sarcásticas; e os mais famosos, o Sapo Cocas e a porca Miss Piggy, que estabeleciam um para romântico.

Na série produzida pela Disney, em todos os episódios havia um convidado humano, tendo passado pelo programa diversos artistas famosos dos EUA.

Com enorme sucesso mundial, a série estreou em Portugal na RTP, em Março de 1979, tornando-se um



clássico da televisão. Atualmente estes bonecos felpudos deixaram de fazer rir os

mais novos, mas para aqueles que ainda se lembram das piadas de todos estes

animais, estes mantêm-se como um ícone da comédia televisiva.

Marta Genésio- 10ºB

# stas na BD

foi também adaptado ao cinema com grande sucesso, sendo interpretado por George Reeves e Christopher Reeve.

Tintim, herói belga, é o protagonista da série de ficção de banda desenhada conhecida como “As aventuras de Tintim” (“Les aventures de

em livros, existindo 24 no total, chegando a ganhar uma revista própria de grande tiragem denominada “Le journal de Tintin”.

Tintim é um jovem repórter de espírito



Tin-  
c r i a d a  
tin”) pelo quadrinista belga Hergé a 10 de janeiro de 1929 no Le Petit Vingtième, um suplemento do jornal Le Vingtième Siècle destinado ao público infantil. “As aventuras de Tintim” eram publicadas semanalmente e no final de cada história eram reunidas

aventureiro e curioso, constantemente envolvido em casos de investigação criminosa ou de conspirações políticas, acompanhado nas suas investigações pelo seu fiel amigo Milu, um cão fox-terrier de pelo branco. À semelhança dos anteriores,

também Tintim ganhou a admiração e o respeito dos leitores e espetadores da sua banda desenhada “As aventuras de Tintim”, não pela sua verdadeira profissão, mas sim pelas aventuras com que se relacionava. Tintim é, na realidade, conhecido como “o repórter que nunca escreveu uma linha”, apesar de se poder afirmar que, ao longo de todas as suas aventuras, ele escreveu uma só reportagem, no livro Tintim No País dos Sovietes. A sua profissão de repórter é utilizada como um artifício para apresentar a personagem numa série de aventuras ambientadas em períodos contemporâneos àquele em que ele estava a trabalhar.

Outro famoso herói que também se relaciona com os heróis citados anteriormente é Ric Hochet, criado em 1955 por Tibet e André-Paul Duchâteau.

Hochet é um herói famoso dos tempos modernos, elegante, forte, inteligente e corajoso, que realiza as suas aventuras no seu país de origem, a França. Este é jornalista de profissão, trabalhando na redação do jornal diário “La Rafale”, em Paris, sendo comparado por muitos ao famoso detetive Sherlock Holmes. Ric Hochet, sempre que as

Marta Genésio- 10ºB



circunstâncias assim o determinavam, vestia a pele de detetive, envolvendo-se nos mais enigmáticos casos, vivendo as mais perigosas aventuras, fazendo-se acompanhar muitas vezes pelos seus amigos Comissário Bourdon e o Inspetor Ledru. Tal como para os restantes heróis, a profissão de jornalista é utilizada como meio de a personagem se envolver nos mais emblemáticos mistérios. Mas o jornalismo na banda desenhada também se escreve no feminino: Jeannette Pointu, criada por Wasterlain em 1985, é essa figura. É uma repórter jornalista, que devido ao seu trabalho conduz os leitores até variadíssimas e diferentes partes do mundo, os dando-lhes a conhecer os problemas aí existentes. É, por isso, uma banda desenhada com bastante realismo. Abordando agora uma classe mais jovem, recordamos o fa-

moso Geronimo Stilton, o diretor do Eco dos Roedores, o jornal mais famoso da Ilha dos Ratos. A esta profissão associa as de detetive e aventureiro, na companhia de alguns amigos. Ao contrário dos famosos aventureiros, Geronimo apresenta-se como sendo medíocre, mas com um grande coração, afirmando que embarca nas aventuras contra a sua própria vontade.

Assim, é através destas figuras que a redação de jornais ganha alguma visibilidade, evidenciando a importância destes instrumentos na sociedade ao longo do tempo.

## Como disse???

### Apanhados em testes e exames

Tatiana Lopes, 12ºB

**Nervosismo? Ignorância? Sentido de humor? Irreverência? O que está na origem dos variadíssimos disparates que os alunos escrevem em situações de avaliação? Se por um lado o que dizem choca por espelhar uma ausência de conhecimento inadmissível na sua idade e situação, por outro contribuem para momentos de boa disposição. Recolhemos alguns desses disparates na internet e junto de professores da escola e não resistimos a partilhá-los convosco. Aqui ficam, então. Boas gargalhadas.**

**Sabiam que** “o heterónimo de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, passava a roupa a ferro”, que havia uma “corrente artística denominada “ pintelhismo”” ou que “o destino do “Senhor dos

Paços” é o Terreiro do Paço”? **E que** “os açores tinham sido colonizados pelos “flamingos” e pelos “almaricanos”, que “a Cabo Verde chegaram os “finlandésios”, que “a União Nacional “era o livro de Salazar com as ideias dele”, que a PIDE “prendia os que estavam contra o estado novo e tristorava-os” e “perseguiu Galileu”?

**Também não sabiam**, com certeza, que existe “uma religião em que as pessoas têm muita fé e são os” giobás”, que o povo de Israel tem muitos problemas pois adora um deus chamado Alá”, que um “cubridor “é aquele que vai cobrar os impostos”, que “o coração é o único órgão que funciona 24 horas por dia”, que “as aves têm um dente na boca que se chama bico”, que “a terra se vira nela

própria e que esse difícil movimento se denomina arrotação” e, ainda, que “o tigre-de-bengala é um animal do circo”.

**Há ainda** quem nos ensine que um “Terramoto é um pequeno movimento de terras não cultivadas”, que “o problema fundamental do terceiro mundo é a superabundância de necessidades”.

**A literatura** é um dos terrenos mais férteis, pelas múltiplas interpretações que permite. Os alunos dão largas à sua imaginação e defendem que uma frase como “se o mar tomara exemplo nos rios, depois que Ícaro se afogou no Danúbio, não haveria tantos ícaros no oceano”(Padre António Vieira) significa que “se o mar tomasse exemplo nos rios não haveria tantos ícaros no oceano, porque

os ícaros só sobrevivem no mar salgado” ou também pode querer dizer que “como o mar deriva dos rios e como Ícaro se afogou num rio, apenas um Ícaro havia no Oceano, ou seja, Ícaro não se divide, não se multiplica, porém a água que corre nos rios e vai desaguar no oceano também não se multiplica, mas irá percorrer um percurso contrário ao de Ícaro”...

Se passarmos por “Frei Luís de Sousa”, há quem afirme que “a ação do último ato decorre nas partes baixas de D. João”.

Também Fernando Pessoa potencia uma grande variedade de interpretações, como aconteceu num dos últimos exames com o poema “Lídia, à lareira, como estando/deuses lares, ali na eternidade/ como quem compõe roupas/ o outrora componha-

mos/ nesse desassossego que o descanso/ nos traz às vidas quando só pensamos/ naquilo que já fomos/ e há só noite lá fora”. Perante o pedido de explicação dos valores simbólicos do espaço e do tempo em que ocorrem as recordações do passado, alguns alunos responderam que Ricardo Reis “ pôs-se à lareira porque tinha vindo do trabalho e estava cansado”, ou que “ esteve a compor roupa” ou que queria “ descansar das lides domésticas” ou ainda que “o tempo em que ocorreram as recordações estava mau e por isso ele foi para a lareira”.

Há mais, muito mais, mas ficam para uma próxima oportunidade. Entretanto, releiam o que escrevem. Há olhares atentos prontos para registar...

# Rafael Bordalo Pinheiro

## o olhar crítico que iluminou o século XIX

Rafael Bordalo Pinheiro morreu no dia 23 de janeiro, há 110 anos, mas o seu legado no panorama do humor português continua vivo, o que justifica que se recorde este homem notável pela sua extensa e polémica obra nesta área.

Pedro Venâncio - 10ºB

Rafael Bordalo Pinheiro revelou não se importar com o facto de poder vir a ser censurado e sempre desenvolveu as suas obras de maneira muito expressiva nesse sentido.

Parte do seu trabalho está exposta no Museu Bordalo Pinheiro, em Lisboa, e continua, ainda, hoje a ser tema de conversa pela intensidade das suas críticas.

Rafael Augusto Prostes Bordalo Pinheiro foi um caricaturista, ilustrador, autor de banda desenhada, editor, decorador e figurinista, ceramista, jornalista e professor, é considerado o maior artista plástico português do século XIX. Nasceu a 21 de março de 1846 no nº 47 da Rua da Fé na capital portuguesa e tem óbito registado a 23 de janeiro de 1905 nesta mesma cidade.

Filho de pais artistas, Manuel Maria Bordalo Pinheiro e D. Maria Augusta do Ó Carvalho Prostes, desde muito novo que ganhou gosto pelas artes. Passou pelo Liceu das Mercieiras e, posteriormente, o berço em que nascera levá-lo-ia a

matricular-se aos 14 anos (1860) no Conservatório do Teatro Garret, onde viria a experimentar a 5ª arte, a representação. Contudo, não considerou ser a representação a sua vocação e abandonou a carreira como ator. Rafael Bordalo Pinheiro sempre manteve uma relação intrínseca com o teatro e sempre foi um grande amante dessa arte. Mais tarde o próprio viria a trabalhar como desenhador de figurinos e cenários.

Um ano mais tarde, inscreveu-se em Desenho de Arquitetura Civil na Academia de Belas Artes, onde também se matriculou em Desenho Histórico. Posteriormente, decidiu então reunir as suas competências e matricular-se no Curso Superior de Letras e na Escola de Arte Dramática. Contudo, não se sentiu concretizado e desistiu dos estudos. A sua família demonstrava-se cada vez mais preocupada com o futuro profissional de Rafael Bordalo Pinheiro, pois a ligação deste à arte não o influenciava totalmente, sentindo-se apenas parcialmente rea-

lizado a nível profissional. Segue-se, então uma medida corretiva do seu pai, pintor e gravador e também primeiro-oficial da secretaria da Câmara dos Pares (organismo do estado semelhante às Câmaras Municipais atuais, de poder legislativo), de maneira a encaminhá-lo na vida — consegue um lugar para o seu filho na Câmara dos Pares em 1863 onde este recebia 25 mil reis mensais como escriturário. É essa



mesma instituição que mais tarde viria a tirar as dúvidas a Rafael Bordalo Pinheiro e a levá-lo a seguir definitivamente uma área não só ligada às artes mas também à política, revelando o seu interesse, até agora oculto, pela sátira política.

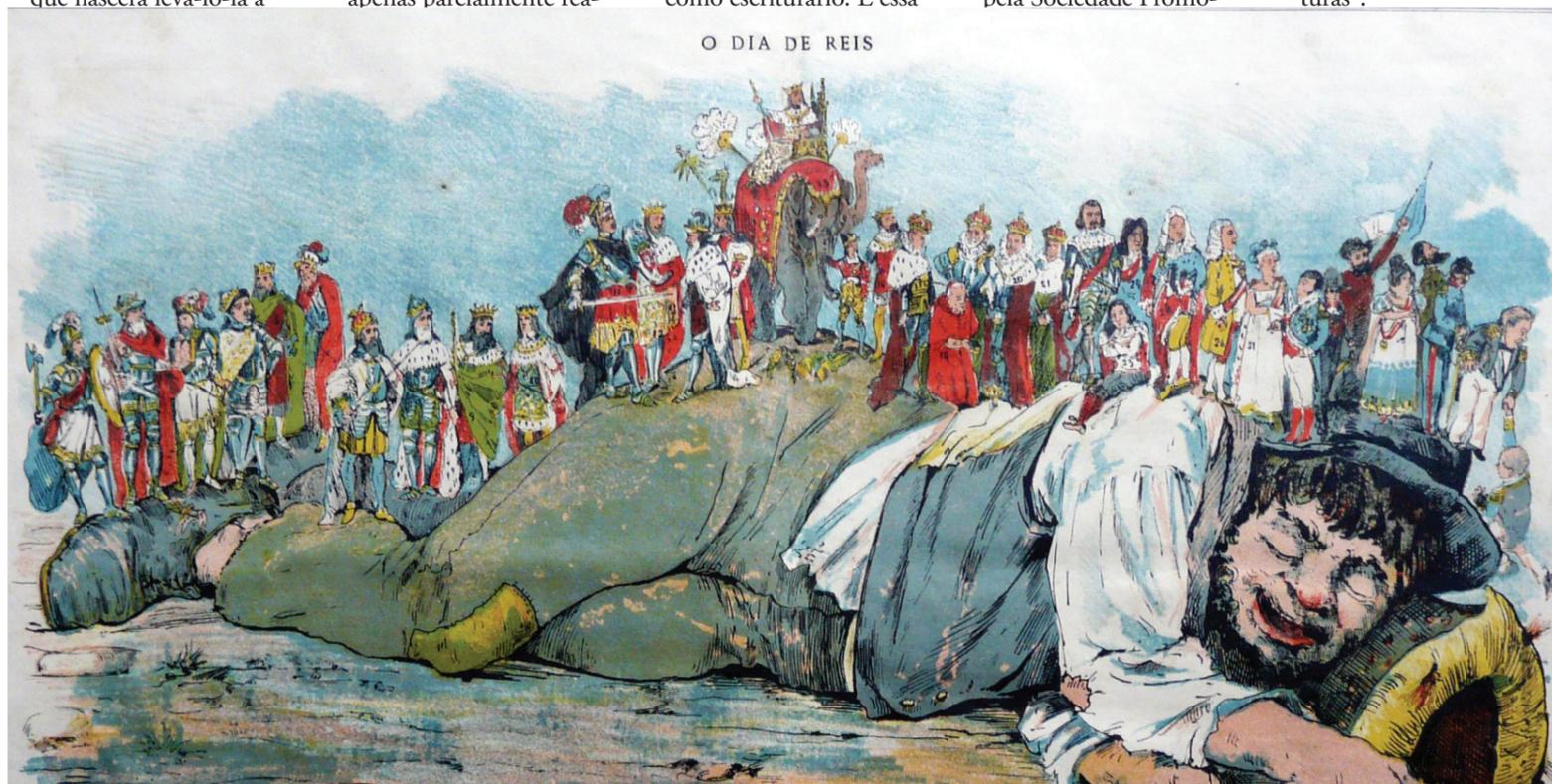
Ganhou um gosto singular pelas artes plásticas e começou a fazer os seus primeiros grafismos para uma exposição promovida pela Sociedade Promo-

tora de Belas-Artes sobre motivos que tocavam a sociedade da época. Contudo, apenas com o título: “pel’O Dente da Baronesa (1870)”, Bordalo Pinheiro começou a ganhar altivez e a destacar-se na temática do humor e do grafismo. Ele próprio disse acolher o gosto pela caricatura por uma simples brincadeira: “Comecei a sentir um formigueiro nas mãos e vai pus-me a fazer caricaturas”.

Sempre fora um homem muito ligado à capital e valorizava muitíssimo essa mesma cidade. Lisboa sempre fora a cidade central dos seus grafismos. As suas caricaturas são essencialmente caracterizadas pela inspiração nos costumes e géneros populares, com preferência pelos camponeses de trajas vistosas.

Viu a sua obra publicada em muitos títulos da imprensa nacional, tendo-se destacado também no estrangeiro, nomeadamente na vizinha Espanha e no Brasil, onde viveu três anos e onde liderou vários jornais como “O Mosquito”, o “Psit!!!” e “O Besouro”.

Dos seus títulos como “O Calcanhar d’Achilles [Aquiles]”, a sua participação no “Almanaque das Gargalhadas”, “O Binóculo”, “O Enterro na Aldeia”, destaca-se o álbum “Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro sobre a Picaresca Viagem do Imperador do Rasilb pela Europa”, primeira banda desenhada portuguesa, que relata a viagem do Imperador do Brasil D. Pedro II à Europa e que



rapidamente viria a favorecer o reconhecimento de Rafael Bordalo Pinheiro a nível mundial, tornando-o assim um dos grandes percursos da banda desenhada.

Contudo, é em 1875 que alcança o auge da sua carreira, com a criação da figura representativa do povo "O Zé Povinho". Simbolicamente esta personagem reproduz não só o povo português, mas também o descontentamento generalizado da sociedade perante certas ocasiões, nomeadamente políticas, sociais, económicas que marcavam o país ao longo da sua história. É caracterizado por ser uma personagem do meio rural, analfabeta que recorre a um gesto saloio, obscuro, de grande expressividade emocional: o manguito. Para este gesto é mais uma

ta a ideia de corrupção por parte da soberania e a constante tentativa de burla ao povo. É nesta medida que o "Zé Povinho" se enquadra manifestando os seus interesses e não deixando viva a ideia de sobreposição política.

O "Zé Povinho" tem ainda uma biografia feita pelo próprio Rafael Bordalo Pinheiro em que deposita a esperança de "(...) talvez venha o dia em que ele mude de figura e mude também de nome, para em vez de se chamar "Zé Povinho" se chamar apenas Povo".

Em 1884, conjuntamente com a sua atividade como caricaturista e ilustrador, experimenta o barro nas oficinas de Gomes de Avelar e, pouco tempo depois, decide dedicar-se ao ofício, que perdurou durante 21 anos, na Fábrica de Faianças

de estado de burla, e corrupção.

Eça de Queirós defendeu que a tese que analisa e sintetiza a realidade com objetividade, o Realismo, é "uma base filosófica para todas as concepções de espírito - uma lei, uma carta de guia, um roteiro do pensamento humano, na eterna região do belo, do bom e do justo, (...) é a crítica do Homem, (...) para condenar o que houver de mau na nossa sociedade. (...) É não simplesmente o expor (o real) minudente, trivial, fotográfico, (...) mas sim partir dele para a análise do Homem e sociedade."

Da mesma forma, Rafael Bordalo Pinheiro critica a sociedade através das suas personagens tipo que não só representam uma determinada realidade como a transmitem graficamente

modo de agir dos governantes, chefes de estado, soberanos, entre outras entidades polémicas e que fosse pertinente discutir.

Fontes usadas:

- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rafael\\_Bordalo\\_Pinheiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rafael_Bordalo_Pinheiro)
- <http://www.arqnet.pt/dicionario/bordalomaneu1.html>
- [http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/j\\_g\\_ferreira/realismo.html](http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/j_g_ferreira/realismo.html)
- <http://pt.slideshare.net/sebentadigital/realismo-em-caricatura-1447143>
- <http://ensina.rtp.pt/artigo/o-ze-povinho-de-rafael-bordalo-pinheiro/>
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9\\_Povinho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9_Povinho)
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lanterna\\_M%C3%A1gica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lanterna_M%C3%A1gica)
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Par\\_do\\_Reino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Par_do_Reino)
- [http://www.citi.pt/cultura/artes\\_plasticas/caricatura/bordalo-pinheiro/biografia.html](http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/caricatura/bordalo-pinheiro/biografia.html)
- [http://www.infopedia.pt/\\$rafael-bordalo-pinheiro?uri=portugues-frances/pinheiro](http://www.infopedia.pt/$rafael-bordalo-pinheiro?uri=portugues-frances/pinheiro)

# Humor em português

Tatiana Lopes, 12ºB

Vários humoristas, tais como Herman José, Nuno Markl, Ricardo Araújo Pereira, afirmam que o humor português teve o seu apogeu nas décadas de 40 e 50 dizendo que foi aí possível identificar um humor tipicamente português onde eram comuns os filmes a preto e branco de António Silva e Vasco de Santana com trocadilhos fazendo assim soltar risadas.

Herman José critica o humor português neste período devido à criação de "um humor revisteiro que não prestava para nada".

Foi anos antes de 1974 que se verificou o período da história se pode falar de um humor tipicamente português, visto que os humoristas falavam de assuntos controversos e contra o regime de uma forma subtil, mas que todos entendiam e assim conseguiam contornar a censura.

Ricardo Araújo Pereira afirma que a revista "é o que mais se aproxima de um humor tipicamente português", mas que ainda assim não passa de uma adaptação de Vaudville. Vários humoristas afirmam que as principais características do humor nacional são a adaptação e reutilização de uma mesma piada para diferentes alvos, com trocadilhos e ambiguidades.

Após os anos 70, na perspectiva de Herman José, houve um melhoramento do humor praticado pelo teatro de revista devido às peças teatrais de Francisco Nicholson e de César Oliveira.

Em seguida, houve uma inovação no teatro português, tendo esta recebido inspiração num humor anglo-saxónico com Monty Python, comédia menos ligada à atualidade e mais ao absurdo.

Hoje em dia, o humor português é composto pela "piada inteligente", Ricardo Araújo Pereira afirma que hoje vários humoristas assumem o objetivo de levar as pessoas a pensar ou de as educar para o humor. Claro que o humor não é só feito de "piadas" inofensivas. O humor vulgar continua muito presente no nosso dia a dia sendo várias vezes de cariz sexual ou com uso de vários palavrões e suscitando a gargalhada fácil, mas assiste-se, simultaneamente, à apresentação de um humor que apela à inteligência.

Em suma, o humor português atualmente não parece ter muitas características que o individualizem, até porque são múltiplas as influências de humoristas estrangeiros nos que fazem humor em Portugal.



vez traduzida a ideia de descontentamento e é assumido como um amuleto que afasta o mau-olhado, resulta como que uma refutação do povo a, por exemplo, um imposto, uma descida do salário, ente outros factos que provocavam essa mesma desaprovação.

Esta personagem surge pela primeira vez nas páginas "d'A Lanterna Mágica", publicação da qual surge uma crítica dirigida para a destreza do Ministro da Fazenda em pedir ao próprio "Zé Povinho" para dar uma esmola para o Santo António de Lisboa cujas festividades se aproximavam, pelo que a personagem tipo recusa de modo expressivamente insultuoso. Está implícita

ças que comprou nas Caldas da Rainha onde esta e várias outras personagens tipo ganham forma tridimensional.

A nível de cerâmica inspirou-se essencialmente na natureza, esta fascinava-o e as suas criações baseiam-se essencialmente em animais e seres inexistentes que são utilizados para formular comparações e estimular uma crítica ao estado ou aos principais líderes da monarquia constitucional que estava instaurada no seu tempo.

Existe uma profunda relação entre Eça de Queirós e Rafael Bordalo Pinheiro no que toca à crítica da sociedade em que se inserem. Ambos pretendem refutar as ações dos chefes

através do caricaturismo. É de notar que o próprio Rafael Bordalo Pinheiro fez questão de caricaturar Eça de Queirós.

Desta forma, tanto Eça de Queirós como Rafael Bordalo Pinheiro reproduzem uma sensibilidade que deve ser acolhida pela população de modo a valorizar a necessidade de se manifestar contra os atos insensíveis dos elementos de poder. É neste aspeto que ambos defendem que o povo deve manifestar os seus preceitos para com os paradigmas que se faziam sentir na sua época. Através da crítica, é pressuposto obter uma interrogação generalizada acerca do



Alexandre Ribeiro, Anibal Fernandes, Bruna Alves, Diogo Ventura, Helena Xavier - 9ºC

# Humor na rádio

A Rádio (recurso tecnológico de telecomunicações) tem servido com frequência como um instrumento de de “correção nacional”.

Essa sua função dá-se através de vários métodos, como transmissão de críticas, mensagens e entrevistas/discussões. No entanto, a rádio ganhou esse estatuto de “corretora” recorrendo principalmente ao humor, à paródia, à ridicularização. Isto, porque essas características são cativantes e porque é a rádio que nos acompanha diariamente nas nossas

João Dias, 10°C1

deslocações rotineiras.

O relato radiofónico é um pouco complexo e exige alguma atenção por parte de quem ouve e alguns cuidados por parte de quem emite. Cada modalidade discursiva tem as suas próprias características, como é o caso do humor, que “joga” com os tons de voz, a espontaneidade e a invenção de vozes que nos ajudam a criar uma melhor imagem mental daquilo que se está a ouvir.

Em meados do século XX, o humor na rádio nacional começou a ganhar força, devido ao surgimento de várias transmissões humorísticas de destaque. O primeiro programa de humor na rádio terá sido “As lições do Tonecas”, em 1934, que consistia em diálogos entre um professor e um aluno, numa sala de aula, que eram adaptados da obra homónima de José Oliveira Cosme. Em 1945, surgiu “A voz dos ridículos”, que adaptava uma secção denominada “Os Ridículos” existente no Jornal de Lisboa e que parodiava os habitantes do Porto.

Os Parodiantes de Lisboa (grupo de comediantes portugueses, de Lisboa) criaram imensos programas clássicos, humorísticos, para a rádio portuguesa, com o obje-

tivo de preencher o “vazio humorístico” sentido na época (1947). Com seus programas recorriam a dramatizações e adereços sonoros e estava presente o humor e a crítica social num tom vivo e descontraído, que cativava o público. Muitas das personagens ficaram famosas, como a dupla de detetives Patilhas e Ventoinha. Conhecidos principalmente pelo programa “Graça com todos” (programa radiofónico nacional com maior longevidade, durou cerca de 50 anos), os Parodiantes de Lisboa foram várias vezes reconhecidos, chegando a ganhar dois



Óscares da Imprensa, entre outros prémios. Além disso, introduziram a publicidade no programa, com bastante sucesso, o que poderá explicar a sua longevidade, já que tinha um teor humorístico numa altura em que esta ainda era caracterizada pela seriedade e formalidade. Terminaram em 1997.

Estes terão sido os programas de humor relevantes existentes antes do 25 de abril de 1974. No período pós-revolução, depois de algum vazio, surgiu, em 1979, “Flor do Éter”, realizado por herma José, que depois trouxe também, “Re-Béu-Béu, Pardais ao Ninho”, que contava com a participação inicial de Lídia Franco e depois de Ana Bola e Vitor de Sousa e que chocou, sendo considerado imoral devido à linguagem usada e à violência sugerida. No final da década de 80, Herman cria um novo programa

“Água Mole em Pedra Dura Entra Muda e Sai Calada”, mas é “Pão com Manteiga”, da autoria de Carlos Cruz, Bernardo Brito e Cunha, Mário Zambujal, entre outros, que se destaca até pela distância que estabelece



são”. Ao mesmo tempo, Nuno Markl inaugura, na Rádio Comercial, “O Homem que mordeu o cão”, que era baseado no relato de situações insólitas e cujo sucesso levou à edição de um livro.



em relação ao modo de produzir humor. Tratava-se de um humor assente no absurdo e na desconstrução, na linha dos Monty Python, que desconcertava o ouvinte.

Na década de 90, Nuno Markl é o nome responsável pelo programa A Saga de Abílio Mortaça, primeiro no Correio da Manhã Rádio e quando este é desativado na Rádio Comercial. Herman regressa à TSF com muitos textos já da autoria das Produções Fictícias, primeiro com o programa “Herman SF” e depois “Hermandifu-

No século XXI, surgiram muitos programas de humor: “Há vida em Markl”, crónicas radiofónicas sobre as experiências vividas no quotidiano da autoria de Nuno Markl; “O Tal país”, de Herman José, que comentava a atualidade, dando voz a inúmeras personagens e construindo diálogos satíricos entre várias personagens do quotidiano, reais ou fictícias; “Cromos FM”, protagonizados por Ana Bola, António Feio, Joaquim Monchique, José Pedro Gomes e Maria Rueff, que representavam o

papel de estereótipos – Ugly Kid Tony /António Feio; Zé Manel Taxista/Maria Rueff; José Pedro Gomes, que mantém o seu nome; Bispo Tadeu Sem Fortuna/Joaquim Monchique; Tia Pureza Teixeira da Cunha/Ana Bola; “As Teorias do Nilton”, protagonizado por Nilton, que fazia crónicas, nas quais expunha uma teoria e a justificava, e que terá outro programa de humor intitulado “Há pessoas que dizem Supelente”.

Além destes, há dois programas de rádio de renome e que eu gostaria de destacar: “Governo Sombra”, com Ricardo

que são muito populares e solicitadas.

O Humor na Rádio é, por isso, um elemento necessário na sociedade, que visa promover o bem-estar e a evolução, eliminando os seus defeitos. Tem vindo a evoluir ao longo dos tempos, no entanto as suas críticas são sempre atuais, devido à sociedade “surda” em que vivemos.

Exemplos do humor do programa “Pão com Manteiga”

- Camões nunca existiu. Os Lusíadas foram escritos por um desconhecido que por acaso também se chamava Camões. (Brito e Cunha et al., 2007, p.19)

- Se, diariamente, lavar as mãos em ácido sulfúrico, depressa perde o vício de roer as unhas. (Brito e Cunha et al., 2007, p. 34)

- Se a terra invertesse o seu sentido de rotação, ficaríamos todos de costas. Desse modo se resolveria o problema da fome pela redução automática do índice de natalidade. (Brito e Cunha et al., 2007, p. 36)

OBS:

Os Monty Python são um grupo de humoristas britânico conhecido pelos sketches televisivos realizados entre 1969 e 1974. O humor dos Monty Python era baseado no absurdo, na desconstrução da realidade, assim como na criação de situações insólitas. O grupo foi inovador na forma de fazer humor e serviu de inspiração às gerações seguintes de humoristas, como é o caso em Portugal de Herman José ou dos Gato Fedorento. O site oficial do grupo encontra-se em <http://pythonline.com/>.

Araújo Pereira, Pedro Mexia e João Miguel, moderado por Carlos Vaz Marques. É um programa transmitido todas as Sextas-Feiras depois das 19:00 na TSF, que ridiculariza, principalmente o governo português (os seus defeitos) e as situações absurdas que este provoca, de maneira cômica e bastante direta.

E “Mixórdia de Temáticas” da autoria de Ricardo Araújo Pereira, uma rubrica não uma rúbrica, citando-o, que expõe os principais temas que rodeiam a nossa sociedade, de modo humorístico e com o objetivo de alertar para o que há de errado nesta.

É uma rubrica transmitida todos os dias de semana, por volta das 8:15. As “mixórdias” são diariamente enviadas para a Internet e para a aplicação de telemóveis, smartphones e tablets, pelos produtores, para todos terem acesso a estas, uma vez

# Quando o humor sobe ao palco

Quando ouvimos a palavra “comédia” associamo-la à comunicação social, devido aos programas a que assistimos diariamente. No entanto, a comédia nasceu nos palcos, numa altura em que o teatro era um dos poucos entretenimentos da sociedade.

Mariana Coelho - 12ºB

Esta arte surgiu na Grécia Antiga, por volta de 488 a.C., como alternativa às tragédias e foi introduzida nas comemorações em honra do deus Dionísio. Neste género literário, os atores interagiam e dialogavam com o público e eram abordados temas como a crítica aos governantes, à educação e à guerra. A influência grega estendeu-se até ao Império Romano, onde a comédia teve o seu auge nos séculos II – III AC, período no qual, com personagens-tipo mascaradas, retratava a euforia do império em expansão e, mais tarde, a sua degradação, tornando-se grosseira e até obscena. Aristófanes, o mais famoso comediante grego nos dias de hoje, deixou-nos peças como “As Vespas” ou “Assembleia de Mulheres”, críticas aos tribunais e a um Estado imaginário administrado pelas mulheres, respetivamente. Entre as comédias romanas encontra-se “Punidor de Si Mesmo”, de Terêncio, e “Caruncho”, de Plauto.

Durante a Idade Média, surgiu um novo tipo de comédia, ligada aos bobos da corte. Estes tinham o propósito de entreter os nobres da corte e, principalmente, o rei e a rainha, com apresentações grotescas dos vícios da sociedade e/ou com a sua fisionomia e vestuário pouco comum. Muitas vezes expunham questões íntimas e chegavam até a criticar o próprio rei, sem qualquer represália.

Anos mais tarde, no séc.



XV, surgiu, em Itália, a Commedia Dell’Arte. Este género, sempre improvisado, retomou a vulgaridade das comédias gregas, atribuindo trajes carnavalescos e euforia, com acrobacias e coreografias rítmicas, a temas como adultério, amor, velhice, ciúme e a sátiras de acontecimentos locais e atuais, em textos como os de Angelo Beolco, considerado o pai deste novo estilo (“La Pastoral”, “La Fiorina”). A nova forma de arte foi rapidamente levada das ruas italianas para as cortes europeias e permitiu às mulheres fazerem parte das peças, pela primeira vez. Em Espanha, desde o século XVI que havia permissão para as mulheres trabalharem como atrizes, enquanto na Inglaterra isso só aconteceu no século XVII e na Alemanha, no século XVIII. Therese du Parc, conhecida como La Champmesle terá sido a primeira mulher a pisar o palco como protagonista, integrando a companhia de Molière. Terá interpretado Fedra, a protagonista da peça “Phédre” de Racine. Esta impossibilidade de as mulheres subirem ao palco é comicamente ilustrada no filme “A Paixão de Shakespeare”, de John Madden, no qual se dramatiza a peça “Romeu e Julieta” e Viola (Gwyneth Paltrow) se disfarça de homem para poder integrar o elenco da peça, facto que muito agrada a Shakespeare/Romeu (Joseph Fiennes).

Em Inglaterra, durante o século XVI, tornam-se famosas as comédias de Shakespeare, como “A Comédia dos Erros”, “O Mercador de Veneza”, “Sonho de uma Noite de Verão” (que o Grupo de Teatro da Escola já representou) ou “A Tempestade”. Destas, três foram também já adaptadas ao cinema.

Por fim, em finais do século XVIII, surgiu o tipo de comédia no palco que mais impacto teve no nosso país e que, resistindo aos tempos de ditadura, durante os quais serviu para passar mensagens contra o regime, continua a ser representado em Portugal – o Teatro de Revista. Este surgiu em França com o objetivo de recordar momentos marcantes no ano e ridicularizá-los, tornando-se mais humorístico com o passar dos anos, sempre com momentos de canto, dança e declamação. Terá chegado a Portugal em meados do século XIX, acabando por se tornar num dos mais populares do país durante mais de cem anos. O humor misturado com a música, a cor e a fantasia cativaram o público português. A atriz Ivone Silva, falecida em 1987, foi uma das grandes artistas do género.

O teatro de revista em Portugal criou duas figuras obrigatórias, o compadre e a comadre. Enquanto ela tinha de ser elegante e bonita, ele devia ser cómico e popular. No século

XX, o Parque Mayer, em Lisboa, tornou-se a sede do teatro de revista, mesmo durante os tempos da ditadura em que havia censura. Lá apresentaram-se peças como *As de Espadas* (1926), *Sempre em Pé* (1938), *Alto Lá Com o Charuto!* (1945), *O Melhor do Mundo* (1948), *E Viva o Velho!* (1965), *Ena, Já Fala* (1969), *Uma no Cravo*, *Outra na Ditadura* (1974) e *Direita, Volver!* (1978).

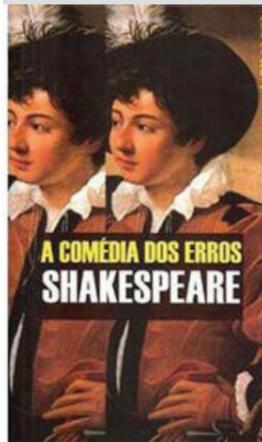
É entre vestuários exuberantes e exclamações estridentes, que atores como Marina Mota, Maria Vieira, Vitor de Sousa e José Raposo continuam a criticar e expor os problemas do nosso país.

Posto isto, a comédia evoluiu muito desde o seu aparecimento e em sentidos muito diversos, sendo que aqui foi apenas apresentada a evolução no seu berço – o palco.

Bibliografia:  
<http://www.desvendandoteatro.com/origemehistoria.htm>  
<http://www.desvendandoteatro.com/comedias.htm#517982155>  
[http://www.infopedia.pt/\\$teatro-de-revista](http://www.infopedia.pt/$teatro-de-revista)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Com%C3%A9dia>  
 La Civilización Romana - Pilar FERNÁNDEZ URIEL, Irene MAÑAS ROMERO - Google Livros  
 Bobo da corte – Wikipédia, a enciclopédia livre  
<http://www.dw.de/1545-surge-a-commedia-dellarte/a-301330>

## Comédia dos Erros

É considerada a primeira peça de Shakespeare e inspirada na obra “Os Menecmos” ou “Os Gémeos” comediógrafo romano Plauto. A ação roda em torno das confusões provocadas pelos diálogos com dois gémeos idênticos e com o mesmo nome, Antífolo, separados à nascença e residentes em locais diferentes, que um dia resolvem conhecer-se, acabando por estar simultaneamente no mesmo local, com os previsíveis equívocos que isso vai provocar.



## O Mercador de Veneza

Na Veneza do século XVI, Bassanio, um jovem nobre, para viajar a Belmont e pedir a mão de Portia, pediu dinheiro emprestado ao seu amigo António, que na impossibilidade de o ajudar, recorre ao judeu agiota Shylock, que aguardava uma oportunidade para se vingar de Antonio. Este promete-lhe uma libra de sua própria carne, caso não devolvesse o dinheiro em três meses. Aqui tem início o drama, já que o naufrágio dos barcos de Antonio o colocam numa situação complicada, sendo o caso levado à Corte de Veneza para definir se o contrato será mesmo executado. Portia mostrará os seus dotes oratórios disfarçada de juiz convidado...

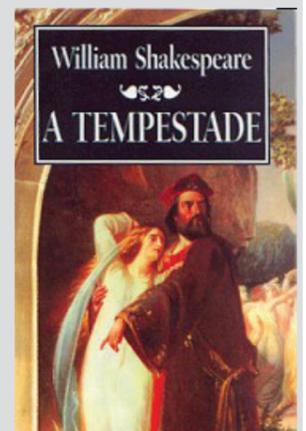


## A Tempestade

Última peça de Shakespeare, começa com uma tempestade e um navio, onde se encontra conhecemos Alonso, o rei de Nápoles, Sebastião, seu irmão; Ferdinando, o filho do rei e António, o duque de Milão, entre outros. Noutro espaço, encontra-se Próspero, o verdadeiro duque de Milão, pronto para recuperar o título que foi usurpado pelo seu irmão António, usando de astúcia e magia, como a tempestade que ele provocou, para que ocorresse o naufrágio e os seus inimigos chegassem à ilha em que vive.

## Sonho de Uma Noite de Verão

Numa noite de verão, num bosque, quatro jovens enamorados encontram-se e desencontram-se: Lisandro ama Hérnia que ama Lisandro e é amada por Demétrio, que é amado por Helena; depois, Demétrio ama Helena, que ama Demétrio e é amada por Lisandro, que é amado por Hérnia. Na manhã seguinte, tudo se resolve, e há um casamento triplo, pois casam-se também o Duque de Atenas e a Rainha das Amazonas. Na festa, no palácio do Duque, apresenta-se uma peça de teatro amador, escrita e encenada por trabalhadores locais. É hilariante de tão ruim a “comédia trágica”, que teve ensaio naquela noite de verão, naquele bosque, habitado por fadas e duendes que têm seu Rei e sua Rainha e esta Rainha apaixonou-se, naquela noite de verão, por um mortal com cabeça de burro.



# Mudam-se os tempos, mudam os humoristas

**Portugal tem sido, ao longo dos anos, palco de imensos humoristas com talento. São várias as gerações que ganharam nome ao longo da História, sendo o 25 de Abril de 1974 data para algumas mudanças.**

Adriana Nascimento, 12ºB

Antes da Revolução dos Cravos, Vasco Santana e António Silva eram alguns dos nomes que davam cartas no plano humorístico. O primeiro, no “Pátio das Cantigas”, com os famosos trocadilhos como “Ó Evaristo, tens cá disto?” nos diálogos com António Silva.

Mais tarde, surge Nicolau Breyner, que iniciou os seus trabalhos de comédia precisamente em 1975, com o programa “Nicolau no País das Maravilhas”. Este ator

foi consagrado com três Globos de Ouro, ao longo da sua carreira.

Houve também quem tivesse iniciado a sua carreira antes do fim do regime salazarista e, devido à sua opressão e censura, tivesse que interromper a sua carreira durante este mesmo tempo, como foi o caso de Herman José. Em 1973, foi expulso do país pela PIDE ao optar por não cumprir o serviço militar nem se naturalizar português, escolhendo a nacionalidade alemã. Com o 25 de Abril, manteve-se em Portugal e fez programas televisivos como “Uma no Cravo, Outra na Ditadura”. Em 2007, recebeu o 12º Globo de Ouro, estando então como apresentador de um talk show.

No plano feminino, Ana Bola e Maria Rueff são duas das mulheres que

mais se destacam na arte de fazer humor. Ambas trabalharam juntas em vários projetos humorísticos, como “VIP Manicure” e “A mulher do Senhor Ministro”. Ana Bola, argumentista e humorista, colaborou com vários programas de sátira política, na década de 90, essencialmente. Já Maria Rueff criou figuras bastante conhecidas e acarinhadas pelo público, tais como Zé Manel Taxista, Rosete ou Idália, exercendo neste momento o papel de atriz.

Atualmente, o nome mais sonante é o de Ricardo Araújo Pereira, que fez parte do grupo “Gato Fedorento”, um dos programas humorísticos com mais sucesso junto do público no presente século, e é responsável pelas crónicas “Mixórdia de Temáticas”, um dos

programas que faz furor na Rádio Comercial. Também num programa famoso doutra estação de rádio, a RFM, dá cartas o Nilton, com piadas sobre os acontecimentos da atualidade, no programa “Café da Manhã”. Num outro tipo de humor, capaz de enganar muitos com a reprodução de voz de várias pessoas, temos o Luís Franco-Bastos, que saltou para a ribalta com o programa “Outra Coisa”, emitido pela Antena 3.

Em suma, de norte a sul do país, podemos encontrar humoristas com imenso talento para rever o que mal vai neste país e nesta sociedade, fazendo críticas e procurando respostas, mas sempre provocando sorrisos do outro lado do público, mesmo sorrisos amarelos.

# Televisão: uma praga a evitar



Anibal Fernandes, 9ºD

Algo que faz parte da nossa televisão, algo que todos os que têm possibilidades económicas têm. Estes famosos “caixotes” (que agora não passam de quadros em que a imagem se mexe e muda) são do piorio, eis o porquê:

Uma pessoa está a ver televisão muito descansada e, quando vai a dar por ela, está encurralada a ver a pior praga deste país: as novelas. Elas infiltram-se nas nossas televisões e só saem para dar lugar a outras. Estas Novelas são tão ou mais educativas do que um livro em branco.

Abordam tantos temas interessantes, como traições, homicídios e negócios, temas totalmente estranhos e exóticos neste país. Possuem, igualmente, um feitiço que nos impede de sair ou mudar de canal até que acabe e antes que comece a outra no segundo seguinte.

Quando uma pessoa vê uma novela, pode logo começar a escrever outra, porque a diferença entre elas é tão grande como uma bactéria. Se ao menos só existisse uma, o país ainda se governava; como são dezoito mil e grande parte são tão nacionais como a “Channel” ou o “Starbucks”, o país está sempre melhor.

Depois temos os progra-

mas de entretenimento, que nunca nos dizem para ligar para o 760 100 200, nós é que ligamos porque nos oferecem 50 mil milhões de euros. Ligamos tanto que até nos dizem constantemente para não o fazermos mais. Claro que estes programas têm intervalos relativamente curtos e tão poucos que uma pessoa sente saudades da publicidade e, além disso, passam músicas que ninguém está farto de ouvir e que nós tanto adoramos. Apresentam convidados tão interessantes como “Hoje temos Manuel Carvalho, que faz de António da Couves na novela “Educação da Melhor”, e “Não perca hoje à noite o confronto final entre Maria da Horta e Joaquina Gertrudes na Novela “Nada Copiada”, ou “Hoje temos conosco os concorrentes mais inteligentes da Casa dos Segredos 4, que até sabem soletrar o próprio nome corretamente”.

Quando achávamos que a desgraça já era grande, surge a “Casa dos Segredos” que já vai na sua 5ª edição. Um belo Programa que supera os outros dois, porque junta a educação e cultura das novelas e os telefonemas que nos pedem tanto para não fazer que nós amamos num programa, 2 em 1, portanto dizem que “A casa dos segredos é um reflexo da nossa sociedade”. Se assim for, somos tão ou mais inteligentes do que uma porta, mas não do que uma porta qualquer, porque, se se tratar daquelas inteligentes e automáticas, não alcançamos tão alto nível.



Cartoon Publicado numa edição antiga do OP, elaborado pela ex-aluna, Ágata Freire

# British and American Comedy

Carlos Grijó, 11ºC

British and American English are two refined types of comedy. Despite being written in the same language, they are very different from each other. One stands a lot further in the intellectual level and the other in the raw truth.

While in British comedy we have sarcasm and irony, expressed in an elaborated speech, in American comedy we have common jokes or puns, in a more regular speech. It's all about playing with the various meanings of the words.

British comedians most likely perform in a theatrical form and American ones prefer to act in stand up or talk shows. A great example of the British comedy are Monty Python, on the American side we have Conan O'Brien or Late Night with Jimmy Fallon. These examples

show us how different two cultures with the same base can be. Monty Python are known all over the world for their movies that criticized the culture of their time and some still apply to nowadays. On the other side, Conan or Late Night are talk shows that ignore the state of our society and more or less just make fun of politicians or other public figures.

In my opinion, American comedy is easier to understand and, although I am a huge fan of some American comedians, I pretty much prefer to see British comedy, in itself for being more complex but also because I love to hear the critics and to understand how much the comedy can have an effect on society, even though it's just comedy. I believe that good comedy should always have some sarcasm

in it, because comedy is a form of expression in itself, writing sketches is different than writing a speech or preparing a lesson, writing a sketch in the good old times used to be a way to impersonate someone else and to be able to criticize the society.

I should also say that a lot of American comedy programs were inspired by groups like Monty Python, but they can never be compared because with time, like society did, also comedy lost part of it. As people became flatter and meaningless to one another, comedy did as well and it became more futile. Consequently the art that existed in writing a sketch became randomly a form of entertaining people, and American comedy was born.

Quotes  
Monty Python Best

Quotes:  
“Your highness, when I said that you are like a stream of bat's piss, I only mean that you shine out like a shaft of gold when all around it is dark”

“There's nothing an agnostic can't do if he doesn't know whether he believes in anything or not”

Connan O'Brien Best Quotes:  
“Earlier today, Arnold Schwarzenegger criticized the California school system, calling it disastrous. Arnold says California's schools are so bad that its graduates are willing to vote for me.”

“Starbucks says they are going to start putting religious quotes on cups. The very first one will say, 'Jesus! This cup is expensive!’”

# Eleições Associação de estudantes V de vitória

No dia 17 de Outubro as eleições para a Associação de Estudantes do agrupamento deram vitória à Lista V.

Joana Alves - 10ºB

Ao longo do dia 15, dia de campanha, tanto a Lista C como a V apelaram ao voto dos estudantes com várias atividades e diferentes presenças.

Ambas as listas usaram várias táticas de campanha, com o fim de ganhar o máximo número de votos, a lista V tinha insufláveis, enquanto a lista C optou por oferecer paintball-tiro ao arco. Não faltaram em ambas as partes muita música,

animação e as famosas “selfies”, para registar o momento.

Ao fim da tarde do dia de campanha realizou-se no auditório o habitual debate onde vários assuntos foram discutidos e várias promessas foram feitas. A Lista V prometeu caixas de apoio às vítimas de bullying e a Lista C ofereceu a possibilidade da visita de alunos de 12º ano à faculdade no dia aberto, ambas prometeram a criação de uma rádio escolar.

Após toda a campanha, debate e dia de deliberação, os alunos da Escola Secundária Abade Baçal optaram por escolher para representantes dos alunos a Lista V.



# Concurso Nacional de Leitura Encontros para ler mais

Inês Geraldès- 10ºA (coord. António Ferreira)

No dia 24 de abril os alunos da Escola Secundária Abade Baçal deslocaram-se até Carrazeda de Ansiães, com o intuito de participar na segunda fase do Concurso Nacional de Leitura.

Foram selecionados, para representar a escola, três alunos do 3º ciclo (Anaísa

Moreira, Gonçalo Sobral e Diogo Afonso) e três alunos de ensino secundário (no Terceiro Ciclo do Ensino Básico e José Vicente, Guilherme Moreira e Inês Geraldès).

Este concurso resulta de uma iniciativa do PNL que propõe um desafio às competências de expressão escrita e oral dos alunos do terceiro ciclo e do ensino secundário de escolas públicas e privadas. O processo decorre em três fases distintas culminando numa fase final nacional, para a qual são apurados os vencedores de cada distrito. Assim, o objetivo principal deste projeto é estimular o prazer da leitura e o desenvolvimento das faculdades de expressão escrita e oral dos alunos.

Para esta prova foram selecionados os livros: “Ana de Londres” de Cristina de Carvalho e “O passado que seremos” de Inês Botelho, para o Ensino Secundário, e “O livro misterioso” de Margarida Fonseca Santos e “O Caderno do Avô Heinrich” de

Conceição Dinis Tomé, para o terceiro ciclo.

Apesar da chuva que impediu a programada visita cultural, o ambiente era calmo e aprazível, pois os organizadores mostraram-se muito atentos, simpáticos e disponíveis.

Com efeito, os alunos puderam disfrutar de atividades de lazer, lanche e ótima companhia.

O evento foi iniciado com a receção dos participantes, seguindo-se a realização da prova escrita e de um lanche para todos os envolvidos.

Posteriormente foi dado lugar à segunda parte da prova com cinco alunos de cada categoria, os que se destacaram na primeira parte da prova. Durante o decorrer da mesma, os alunos realizaram, sequencialmente, uma prova de escolha, uma prova argumentativa e uma prova de leitura.

Por fim, foram apurados os vencedores, sendo eles Jorge Ventura Manuel, do 3º ciclo, e Marta Alexandra Imbana, do ensino secundário. Inês Gonçalves Geraldès, nossa representante do ensino secundário, destacou-se com um mérito segundo lugar.

Todos os alunos foram felicitados, tendo sido galardoados os três primeiros de cada nível de ensino.





Lídia Jorge



Luísa Costa Gomes



Filipe Faria



João Aguiar



Ana Andrade



Fernando Calado



25 anos de escritores na escola

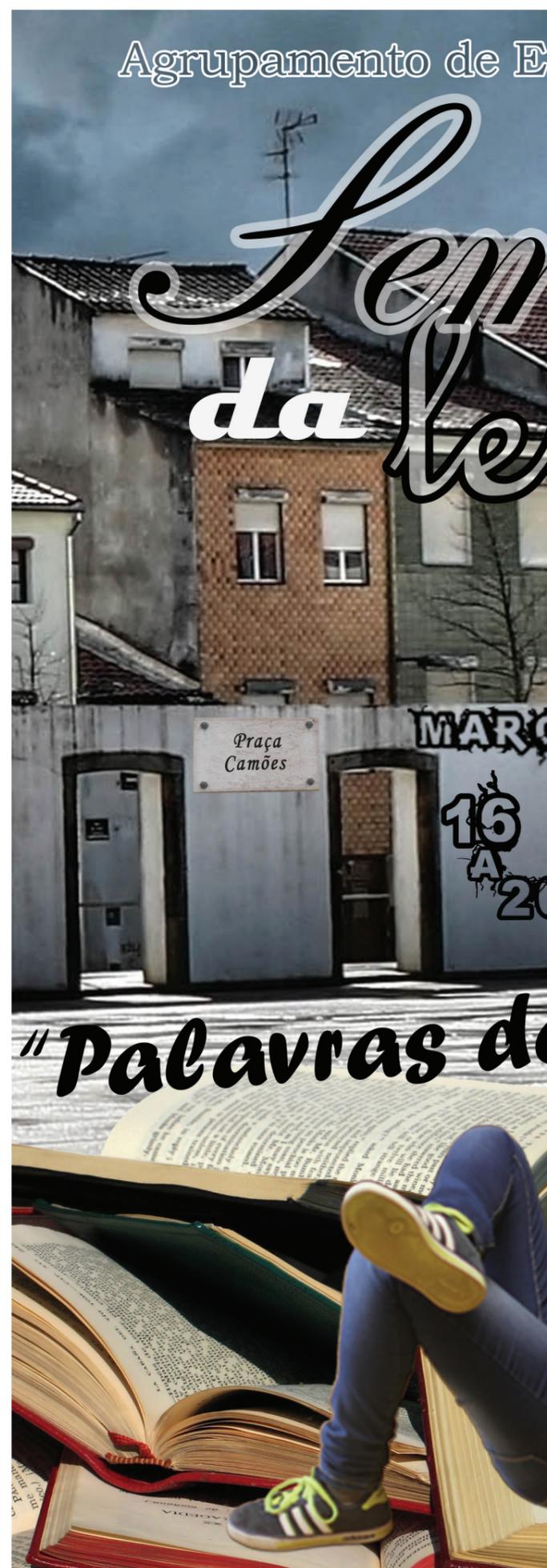
No dia 16, recebemos a Escritora Lucília Guedes, na apresentação da sua obra, Os Eco- Heróis no Planeta Verde. Uma manhã de promoção de leituras, representações e muita música com os alunos das Cantarias, Artur Mirandela e Augusto Moreno.



No dia 17, celebrámos o Dia Mundial do Sono, no âmbito do Projeto Dormir + para ler melhor. Uma sessão formativa orientada pela Psicóloga do Centro de Saúde de Santa Maria, deixou todos mais atentos às vantagens de um bom sono e despertou para a promoção de leituras temáticas. Pré- Escolar e primeiro ciclo valorizaram a leitura, celebrando o Dia Mundial do Sono com Histórias para Adormecer.



A Semana da Leitura, no Agrupamento correu de 16 a 20 de março e partilharam a sua experiência e envolveram alunos, escritores, professores e famílias em uma cumplicidade unida pelos livros. E tem sido assim ao longo do tempo, com experiências e atividades recolhidas no arquivo do O...



mento de Escolas Abade de Baçal, deu lugar a leituras surpreendentes que envolveram professores, pais e entidades parceiras numa

o, como as imagens de outros eventos comprovam.



Com o convite às Instituições parceiras, GNR, PSP e BVB, na manhã do dia 18, teve lugar uma sessão de leituras partilhadas, onde se destacou a mensagem valorativa das mais variadas Palavras do Mundo. E, lembrando a História de Portugal, o Professor Luciano Ferreira surpreendeu-nos contando-nos em poemas deliciosos da sua autoria, episódios bem conhecidos.

TOCA A LER, uma atividade de leituras surpreendentes, apanhou todos nesta partilha, na manhã de 4ª feira, fazendo jus à leitura em todo o Agrupamento!

Celebramos a Leitura!



A celebração do Dia Mundial da Poesia, no dia 20 de março, integrou a Semana da Leitura do Agrupamento.

Em tons coloridos, a Poesia saiu à rua, para acompanhar a festa da leitura.

Alunos do 1º, 2º e 3º ciclos, bem coreografados, pintaram as ruas centrais da cidade, interpelando os transeuntes.

Foi uma manhã rica de emoções, com centenas de alunos das várias escolas, nas ruas da cidade, saboreando as cores da Poesia. Foi uma manhã intensa, que moveu todos para que a Poesia expressasse a sua arte.

A Poesia falou as Palavras do Mundo



Gonçalo Cadilhe



João Tordo



Alexandre Honrado



Ana Saldanha

## Viagens Literárias

Inês Galdes e Marta Genésio

No dia 25 de Abril decorreu, no Teatro Municipal de Bragança a primeira etapa da viagem literária com os autores Luís Sepúlveda e Valter Hugo Mãe, promovida pela Porto Editora.

Esta Viagem Literária percorre várias cidades, com o intuito promover autores e a leitura de livros, bem como proporcionar momentos culturais. Em cada sessão, o jornalista João Paulo Sacadura conversa com dois reconhecidos escritores contemporâneos. Trata-se de um projeto aberto ao público de forma gratuita.

À imprensa o Presidente da Câmara Municipal de Bragança, Hernâni Dias, referiu que Bragança é uma cidade cultural que possui meios que facultam à comunidade momentos de lazer e ligam os brigantinos à cultura.

Durante a sessão, abordou-se sobretudo a infância dos autores, o nascimento do gosto pela escrita e leitura, as obras mais conceituadas de ambos e as suas opiniões sobre o universo político e o 25 de Abril. Luís Sepúlveda salientou o espírito aventureiro dos soldados portugueses nesta revolução e Valter Hugo Mãe afirmou convictamente que a liberdade e a democracia se exercem, sendo que a revolução é uma luta desenvolvida todos os dias.

A viagem literária enveredou mais por questões políticas do que propriamente literárias o que pode ter desiludido as expectativas de alguns elementos do público.

25 anos de escritores na escola

Grafismo: João Trigo



# plast&cine

## Amar Bragança

Partindo da obra de Graça Morais, que atinge a universalidade a partir dos valores das gentes e da terra “transmontana”, o Agrupamento de Escolas Abade de Baçal propõe uma reflexão que pretende conduzir a um “estado de alma” que mais do que amar a nossa cidade signifique amar tudo o que é nosso, no pressuposto de que amar será sempre um ato de conhecimento.

João Ortega

Decorreu entre os dias 16 e 18 de Abril o evento Plast&Cine 2015, este ano dedicado a homenagear a pintora Graça Morais.

Organizado pelo Grupo de Comunicação Novembro, em colaboração com a Câmara Municipal de Bragança, foram convidadas a participar todas as escolas de Bragança, através de projetos que deveriam dinamizar o espaço público da cidade, nomeada-

mente a zona histórica.

O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal participou com o tema “Amar Bragança”, coordenado pelo professor João Ortega, tendo ocupado o Largo do Principal, com um projeto que alia uma componente vertical (reproduções de obras de Graça Morais) e uma componente horizontal (mosaico de texturas de produtos da região).

Na componente vertical participaram:

-O Jardim de Infância da Estação com os trabalhos representados nas foto de cima, à direita.

-O primeiro ciclo da Escola Augusto Moreno com o trabalho representado na foto vertical do lado esquerdo;

-A Escola Abade de Baçal com os trabalhos representados nas restantes duas fotos, desta página e na outra na página seguinte.

Na componente horizontal, mosaico de texturas, a reco-

lha dos produtos foi realizada por todos os participantes atrás referidos, com especial destaque para o Jardim de Infância da Estação. Os tabuleiros foram construídos pelos alunos dos cursos vocacionais da Escola Abade de Baçal.

“Amar Bragança” nasce da consciência de que os nossos alunos não conhecem e dizem não gostar de Bragança. Não conhecem porque têm uma visão alienada do espaço urbano confinada à janela do automóvel em que são transportados da porta de casa até à porta da escola, pela pressa e pelos medos dos pais que na ansia de proteger cerceiam as possibilidades de autonomia e de construção da cidadania no seu verdadeiro espaço, que é o da cidade. Não gostam, porque anseiam por um horizonte mais vasto, que os liberte das grilhetas que sentem à sua volta, mas acima de tudo porque não conhecem...



# Escolas homenageiam Graça Morais



## Centro de Arte Contemporânea Graça Morais Um olhar sobre a exposição “Ritos da Memória”

Tatiana Lopes, 12ºB

No dia 6 de março, no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, foi-nos apresentada a exposição “Ritos da Memória”, comemorativa dos 40 anos de carreira da autora da exposição, Graça Morais. Através desta exposição, tivemos mais uma vez contacto com a importância que a pintora dá à mulher nas suas obras. E não é uma mulher qualquer, é a mulher que ela conhece e desde sempre e que pretende homenagear, uma mulher peculiar e distinta das outras, a mulher transmontana.

Natural do Vieiro, Vila Flor, Graça Morais marca as suas obras com a força e trabalho da mulher transmontana e a relação que esta tem com a terra. Porém, não se fica por aí. Alguns dos seus trabalhos vão buscar inspiração

mais longe, às obras de Picasso, tal como Guernica e a outras, porque a sua obra revela, afinal, o mundo e a condição humana. Tendo como ponto de partida o real e as mulheres, ao mesmo tempo, diminui a posição do homem, mostrando-o sempre na penumbra e nunca por inteiro e dando-lhe com frequência uma conotação negativa. Embora quase ausente das suas telas em termos figurativos, a sua existência é sugerida por elementos a ele associados, como o jogo de cartas, o malho, entre outros.

A mulher parece ser, portanto, o centro do seu universo e a força vital da Terra. É, por isso, natural a recorrência de elementos que a simbolizam e evidenciam os seus traços marcantes, como a perdiz

– símbolo do feminino –, a oliveira – símbolo da longevidade e da resistência, que sobrevive em terrenos agrestes, como a mulher, portanto –, os frutos, que representam a renovação, a sensualidade e, naturalmente, a natureza.

Nas obras presentes nesta exposição comemorativa, nota-se em várias a temática da metamorfose, uma tendência que se acentuou depois de 2000 – mulher-animal ou planta, por exemplo no caso da metamorfose da mulher em batata, através da qual a artista pretende mostrar a efemeridade da vida, mas também a possibilidade de lhe dar continuidade, dando à mulher um ar enrugado e com gelos (rebentos, descendência), elementos pertencentes ao

tubérculo. Outra técnica recorrente é a sobreposição de imagens, em algumas peças, como quando representou a brutalidade do homem sobre a mulher e o poder da maternidade.

Também a componente religiosa integra esta exposição, ou não estivesse esta fortemente enraizada na região, como as obras que apresentam a tradição da Páscoa em Trás-os-Montes. Nelas encontramos os carneiros/cordeiro de Deus, numa alusão ao sacrifício, mas também a tradição do ramo. Verifica-se, portanto, a construção das tradições transmontanas, trazendo para a tela as marcas identitárias da região, mas abordando temáticas universais, como a violência, a religião, o

sagrado. Note-se que esta região, nas suas obras, não aparece explícita, mas sugerida, por elementos e tonalidades. Do mesmo modo, surgem costumes típicos da região que qualquer transmontano rapidamente identifica, como a matança do porco, apresentada como um acontecimento festivo e de reunião familiar, visto que era garantido nesse dia o alimento para o ano.

Em conclusão, Graça Morais mostrou em “Ritos da memória” que a mulher é a figura central e é, por isso, homenageada pela artista, mostrando a força e determinação da mulher transmontana.

## Graça Morais no Agrupamento

Anibal Fernandes, 9ºC



Fotos relativas ao plast&cine cedidas por João Ortega

No dia 20 de Janeiro de 2015, pelas 16:00h, recebemos na biblioteca da escola, a famosa pintora transmontana Graça Morais, que aqui se deslocou, no âmbito do projeto “PLAST&CINE”, que consiste numa homenagem que lhe é feita através de recreações das suas obras pela cidade de Bragança e que pretende envolver os alunos nessa atividade

Apesar do número reduzido de alunos, os poucos que se apresentaram mostraram interesse pelo projeto e escutaram atentamente a pintora, que começou por falar um pouco sobre a sua vida e obra, o porquê de muitos dos motivos presentes na sua pintura (Trás-os-montes, o quotidiano da sua infância, etc...), o que a incentiva a continuar e, depois, respondeu às perguntas feitas pelos alunos, incentivando a participação da escola no projeto “PLAST&CINE”, com o qual ela se sentiu muito lisonjeada.

Foram momentos agradáveis que nos deram a conhecer Graça Morais, para lá da pintora reconhecida mundialmente.



# Cristina Torrão: revisitar a história

No dia 12 de maio de 2015, a Escola Secundária Abade de Baçal contou com a presença da escritora Cristina Torrão. Escritora de estilo linear e quase cinematográfico tem, no romance histórico, a sua escrita de eleição.

António Palma Ferreira

A sua intervenção teve como público-alvo os alunos do Ensino Secundário a frequentar a disciplina de História. A sua obra retrata, como referido, em forma de romance histórico, a Idade Média, mais propriamente os acontecimentos do Portugal do século XII.

Após uma breve referência ao seu passado, vida e obra, o encontro prosseguiu um animado

“Passei umas horas muito agradáveis na Biblioteca do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, Bragança, na passada terça-feira, 12 de maio. A organização foi um primor, os alunos interessados puseram questões oportunas, os professores presentes estavam bem preparados para a minha visita e empenhados em manter o ritmo da conversa (plenamente conseguido). E foi tão bom falar de D. Afonso Henriques, de D. Dinis e dos primeiros portugueses da História, a gente do século XII, que se viu envolvida

na fundação de uma nação. Porque toda essa gente fez História. Como diz o Professor José Mattoso: «O passado dos homens não foi só a sua vida pública. Foi também o jogo ou a luta de

debate entre a escritora, professores e, sobretudo, alunos que tinham lido, parcialmente ou na íntegra, alguns dos seus livros. Apesar da ficção à mistura, os alunos puderam reconhecer, nas suas obras, conhecimentos adquiridos na disciplina de História.

Com o estilo direto da autora, julgaram ser uma forma de aprender História e ganhar o gosto pela leitura do romance histórico.

Encontro profícuo que a biblioteca tentará repetir com outros escritores.

<http://bibesab.blogspot.pt/>

cada dia e aquilo em que eles acreditaram».

Muito obrigada a todas as pessoas que me proporcionaram manhã tão agradável! Destaco a Diretora do Agrupamento das Escolas Abade de Baçal, Teresa Sá Pires; a Coordenadora das bibliotecas do Agrupamento e professora bibliotecária da escola Básica Augusto Moreno, Elisa Ramos; e um obrigada muito especial ao professor bibliotecário da Escola Secundária Abade de Baçal, António Ferreira. “Last but not the least”, agradeço aos alunos, que me fizeram acredi-

tar nos jovens de hoje, apesar de tudo o que é dito e do que circula nas redes sociais. Vocês foram impecáveis!!!”

(retirado da página do facebook da autora)



## O fenómeno dos *meet*

Joana Alves - 10ºB

Nos últimos meses, têm-se ouvido falar, nos meios de comunicação de um fenómeno a que se atribui a designação de “Meet”. Os “meets” são encontros de jovens, maioritariamente entre os 13 e os 18 anos de idade, que são marcados através das redes sociais, sendo o Twitter e o Facebook as mais populares.

Estes eventos são promovidos com o objetivo de melhorar a convivência entre jovens de todo o país, cativando-os a

passarem menos tempo em frente aos computadores e proporcionando-lhes formas de conhecerem na vida real “amigos” ou “seguidores” que, até àquele momento, são só virtuais.

Apesar de esta ser uma moda recorrente, tanto em Portugal como no resto do mundo, há já muito tempo, só recentemente se tornou conhecida da população portuguesa em geral. Esta popularidade resultou de vários incidentes ocor-

ridos no verão passado. No dia 20 de agosto, registou-se a ocorrência de incidentes no centro comercial Vasco da Gama, que resultaram em cinco polícias feridos e quatro adolescentes detidos. Isto fez com que população comesse a temer este tipo de encontros e a polícia ficasse mais alerta ao que era publicado nas redes sociais.

Relatos de frequentadores deste tipo de encontro contam que a violência e este

tipo de desacatos não são muito frequentes. Gil Prazeres, que é frequentador dos “meets” desde 2012, contou ao Jornal Expresso que “Uma vez ou outra havia raparigas que andavam à chapada, sabe-se lá porquê. Mas não passava disso”. Deste modo, este testemunho coloca em causa a ideia de que a violência é recorrente nestas reuniões.

Assim sendo, os “meets” existem para serem usufruídos pelos jovens, que apenas que-

rem integrar-se na sociedade em que vivem, utilizando-os como maneira de se ligarem a vários pontos do seu país sem que a violência tenha que estar necessariamente envolvida.

# Corrida Peace Run

A Peace Run é uma corrida global de estafeta com uma tocha ardente, que simboliza a aspiração universal da humanidade para um mundo mais pacífico. Na sua terceira década, a Peace Run é o maior e mais abrangente esforço humanitário pela paz. Desde a sua criação, a tocha da paz já visitou mais de 150 países.

Teresa Sá Pires

Todos são convidados a participar. Neste espírito os nossos alunos do 1º ciclo e do 6º ano participaram na cerimónia da chegada



a Bragança da Tocha da Paz, dia 12 de maio, ao Anfiteatro do Polis. Mais de 400 pessoas juntaram-se para receber o

coordenador europeu do movimento Peace Run, Dipavajan, que fez a passagem da Tocha da Paz ao Presidente da Câmara



Municipal de Bragança. Após a atuação de alunos das escolas de Bragança e utentes de IPSS iniciou-se uma Cami-

nhada da Paz que terminou na Praça Cavaleiro de Ferreira

# “Carta a los Reyes Magos” distingue aluna do agrupamento

Ana Catarina Romariz, do Agrupamento de Escolas Abade Baçal, Bragança, foi uma das premiadas no Concurso de escrita denominado “Carta a los Reyes Magos” na categoria extraordinária “Carta mais divertida” e compareceu á cerimónia de entrega de prémios, que decorreu no dia 10 de janeiro, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Real.

O concurso, que já vai na V edição, foi promovido pelas professoras de Espanhol de escolas pertencentes ao distrito de Vila Real, com a colaboração dos docentes da área de Espanhol do DLAC da UTAD e da Vereação de Educação da Câmara Municipal de Vila Real. Consiste na redação de cartas, no âmbito da Comemoração do Dia de Reis.



Nesta V edição, após a leitura de cerca de 100 cartas (na fase final), de 12 escolas do norte de Portugal, o júri deliberou premiar 8, sendo uma delas do nosso agrupamento.

Os resultados foram divulgados no dia de Reis, 6 de janeiro de 2015, podendo ser consultados, tal como as cartas premiadas,

no blog <http://vconcursocartalosreyesmagos.blogspot.pt/>.

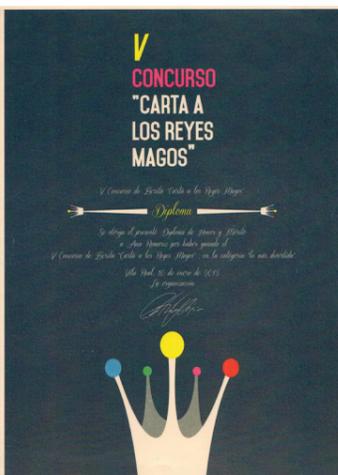
Durante a cerimónia, depois dos discursos do Vereador da Educação, José Maria Magalhães, da representante da área de Espanhol da UTAD, Cátia Teixeira, e da representante das professoras organizadoras do concurso, Cátia Valéria, os alu-



ram ao púlpito e leram as cartas premiadas, recebendo depois os prémios oferecidos pela Conserjería de Educación da Embaixada de Espanha, Areal Editores e Porto Editora.

A cerimónia contou com a presença do Coro de Câmara da UTAD ([www.facebook.com/corodecamarautad](http://www.facebook.com/corodecamarautad)) que harmo-

nica de Reis se apresentou com três peças musicais, no início da cerimónia, e duas peças durante o Porto de Honra oferecido aos presentes pelo Município de Vila Real.



# Era uma vez uma escritora...

## “O mistério da estrelinha curiosa”

No dia 28 de novembro, tivemos a visita da escritora Leonor Lourenço a Bragança a convite do departamento de educação Pré-Escolar do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, que contou com o apoio da Câmara Municipal.

Educadoras do Agrupamento

A autora, com vasta experiência na escrita e na animação de atividades práticas dedicadas à infância, não se limitou apenas a escrever e ilustrar o livro, mas “acompanhou-o” ao jardim de infância da Estação onde, promoveu belíssimas animações

envolvendo todos os participantes.

Também as crianças dos jardins de infância de Izeda, Parada, Rossas e Salsas se deslocaram a este jardim de infância para assistir à apresentação desta história impregnada da magia que faz sonhar leitores de todas as idades e mostra como se pode alcançar o saber e a felicidade através do querer, da amizade e da determinação. A “estrelinha curiosa” dá exemplos da necessidade de se abdicar de vaidades, quando elas constituem um obstáculo à felicidade que se quer alcançar.

As crianças entregaram à escri-

tora e seguiu-se uma sessão de autógrafos.

Este encontro contou, ainda, com a presença dos representantes do Agrupamento de escolas, da Câmara e dos Pais que nas entrelinhas de uma história viveram connosco a aventura de imaginar... “A história da estrelinha curiosa pode ser a de qualquer pessoa com vontade de descobrir coisas novas e de se desafiar a si própria para realizar sonhos que, à primeira vista, parecem difíceis de concretizar.”



## Tiago Patrício convites à leitura



Vinte e quatro de fevereiro foi o dia em que o emblemático escritor Tiago Patrício proporcionou a três turmas (7º, 10º e 12º anos) da Escola Secundária Abade de Baçal, com encontro na Biblioteca da mesma escola, patrocinado pela Biblioteca Municipal, um belíssimo convívio.

Liliana Correia, 12ºD

Por parte da plateia em geral, evidenciou-se uma determinada simpatia específica em relação ao escritor. Tiago Patrício proporcionou-nos a vivência de um clima não só de exposição relativamente às suas obras, mas de partilha de opiniões e emoções. Além da divulgação do seu trabalho literário, pudemos perceber grande parte do seu percurso pessoal. Envolvidos num ambiente de curiosidade e admiração, não só alunos como todos os participantes na receção ao escritor, apercebemo-nos, ao fim de poucos minutos,

entusiasmados pela peculiaridade do seu discurso e da sua aproximação a cada um de nós. É disto que se trata um escritor: da sua aproximação ao leitor, aos fãs concebidos na fome da leitura, na conquista de informação e alcance da verdadeira essência de uma bela história, neste caso um romance, ou até mesmo todo um conjunto de motivos pessoais (ou não) que desencadearam a escrita do mesmo. De facto, este momento foi a prova concreta de que as “palestras” dadas por escritores, entendidas na generalidade e mais concretamente entre as camadas jovens como monótonas e aborrecidas, podem ser emocionantes.

Desta experiência, e destacando a minha clara opinião, é de salientar a humildade e o orgulho que se evidenciaram em Tiago Patrício. Foram nomeadamente estas qualidades que fizeram despertar em nós, enquanto leitores, um sentimento de identificação com o autor, tão genuíno quanto as raízes em comum. Sim, porque o escritor em questão, apesar do seu nascimento no Funchal, cresceu e viveu até aos 19 anos em Carviçais (Moncorvo), raízes claramente transmontanas.

Tiago Patrício evidenciou ao longo de todo o encontro, sob a

feição de escritor mas também de personalidade própria, um forte espírito crítico delineado por uma encantadora perspicácia. Não esquecendo os seus horizontes alargados com vista à inovação, também ele mostrou uma notável ânsia de experimentar e conquistar algo que marque a diferença no mundo das letras, como ele próprio confessou.

No momento de finalizar o encontro, assume um destaque especial a proposta por parte do escritor assente na ideia de escolher aleatoriamente dois alunos de sétimo ano, um de décimo e outro de décimo segundo com o intuito de, em conjunto com ele próprio, encenar passagens da sua obra célebre: Mil Novecentos e Setenta e Cinco. Uma experiência lúdica que cessa com um humilde e nobre “obrigado” por parte do escritor.

É este artigo que, da minha parte e em nome de todos os presentes, servirá de agradecimento pela sua presença e colaboração naquele que foi um encontro literário marcado pelas dicotomias formalidade/informalidade, racionalidade/emoção.



# 25

# Todos os livros

Clube de Jornalismo (colaboração: Paula Romão)

## livros de 25 países

- 1** **África do Sul**  
O Cheiro das Maças  
Mark Behr
- 2** **Alemanha**  
O Lobo das Estepes  
Herman Hesse
- 3** **Austrália**  
A rapariga que roubava livros  
Markus Zusak
- 4** **Bélgica**  
Metafísica dos Tubos  
Amélie Nothomb
- 5** **Chile**  
A Casa dos Espíritos  
Isabel Allende
- 6** **China**  
Mudanças  
Mo Yan
- 7** **Colômbia**  
Cem Anos de Solidão  
Gabriel Garcia Marquez
- 8** **Cuba**  
Os mistérios de Havana  
Zoe Valdés
- 9** **Egito**  
Trilogia do Cairo  
Naguib Mahfouz
- 10** **Espanha**  
Os prazeres e as sombras  
Gonzalo Torrente Ballester
- 11** **Estados Unidos**  
A Mancha Humana  
Philip Roth
- 12** **França**  
A Morte do rei Tsongor  
Laurent Gaudet
- 13** **Hungria**  
A irmã  
Sándor Márai
- 14** **Inglaterra**  
Amsterdam  
Ian McEwan
- 15** **Índia**  
O Deus das pequenas Coisas  
Arundhati Roy

Eu li um livro um dia e a partir daí tudo mudou”  
Orphan Pamuk

“Há muitos, muitíssimos leitores que não gostam que se os obrigue a pensar e que querem que se lhes diga o que já sabem, o que já têm pensado”  
Miguel Unamuno

**16** **Israel**  
De Amor e de Trevas  
Amos Oz

**17** **Itália**  
O Nome da Rosa  
Umberto Eco

**18** **Japão**  
Kafka à beira-mar  
Haruki Murakami

**19** **Líbano**  
Escalas do Levante  
Amin Maalouf

**20** **Marrocos**  
O Homem Quebrado  
Tahar Ben Jelloun

**21** **Noruega**  
A Casa das Bonecas  
Henrik Ibsen

**22** **Perú**  
A tentação do Impossível  
Mario Vargas Llosa

**23** **Rússia**  
Guerra e Paz  
Liev Tolstói

**24** **Suécia**  
A rapariga que sonhava com uma lata de gasolina...  
Stieg Larsson

**25** **Turquia**  
A Cidadela Branca  
Orphan Pamuk

“Escrevendo ou lendo unimo-nos para além do tempo e do espaço, e os limitados braços po~em-se a abraçar o mundo; a riqueza dos outros enriquece-nos a nós. Leia”  
Agostinho da Silva

“Se apenas leres os livros que toda a gente lê, apenas podes pensar o mesmo que os outros estão a pensar”  
Haruki Murakami

Como leitor, o que eu gosto é de ler e dizer, bolas, é exatamente isto que eu sinto e não era capaz de exprimir. Quando um livro me ensina a explicitar emoções que eu sinto, esse é um livro bom.  
António Lobo Antunes

Hoje, uma das tristes realidades é que poucas pessoas, em especial, jovens, lêem livros. A menos que encontremos formas imaginativas de resolver este problema, as futuras gerações arriscam-se a perder a sua história”  
Nelson Mandela

Leio romances desde que perceba que não estão a responder. Alguns são extraordinárias máquinas interrogativas: “Ulisses”, “Filhos e Amantes”, “O Doutor Fausto”, “A Morte de Vergílio”, “O Som e a Fúria”, “Debaixo do Vulcão”, “A Obra ao Negro”, “Lolita”...

Herberto Helder

## Uma língua, 25 livros

**1** **Angola**  
O vendedor de passados  
José Eduardo Agualusa

**2** **Angola**  
Luuanda  
José Luandino Vieira

**3** **Angola**  
Os transparentes  
Ondjaki

**4** **Brasil**  
Capitães da areia  
Jorge Amado

**5** **Brasil**  
O doente Molière  
Rubem Fonseca

**6** **Brasil**  
O menino no espelho  
Fernando Sabino

**7** **Cabo Verde**  
A morte do ouvidor  
Germano Almeida

**8** **Goa**  
A Cidade e os Dias  
Vimala Devi

**9** **Guiné Bissau**  
Não posso adiar a palavra  
Hélder Proença

**10** **Moçambique**  
Cada Homem é uma Raça  
Mia Couto

**11** **Moçambique**  
O Escriba Acororado  
Rui Knopfli

### Portugal

**12** Almeida Garrett  
Viagens na Minha Terra

**13** António Alçada Batista  
Os nós e os laços

**14** António Lobo Antunes  
O arquipélago da insónia

**15** Camilo Castelo Branco,  
A queda de um anjo

**16** Eça de Queirós  
O Primo Basílio

**17** Fernando Campos, A  
Casa do Pó

**18** Inês Pedrosa  
Fazes-me falta

**19** José Saramago  
Memorial do Convento

**20** João Aguiar  
A voz dos deuses

**21** Jorge de Sena  
Sinais de Fogo

**22** Lídia Jorge  
Combateremos a sombra

**23** Mário de Carvalho, Um  
deus passeando pela brisa da tarde

**24** Vergílio Ferreira  
Manhã submersa

**25** Urbano Tavares Rodrigues  
Gaivotas em Terra

# 150 anos Abade

Se fosse vivo e se fosse possível viver tantos anos, teria feito, no dia 9 do passado mês de abril, 150 anos. Falamos de Francisco Manuel Alves, mais conhecido por Abade de Baçal, patrono da nossa escola.

Ana Ferreira, Daniela Fernandes, Gonçalo Sobral -8º A (coord. Eduardo Fernandes)

Nascido na aldeia de Baçal, donde eram naturais os seus pais, uma família de lavradores, foi ordenado sacerdote em 1889, e, nesse mesmo ano, nomeado pároco encomendado de Mairós, onde foi provido como reitor, em 1893. Em 1895 foi nomeado pároco ou abade da sua terra natal, nome pelo qual ficou, para sempre, conhecido.

O facto de nunca ter paróquia-outro freguesia depois de ter sido nomeado para a paróquia de Baçal permitiu-lhe uma vida dedicada a outras atividades para além da vida religiosa.

Quem o conheceu descreve-o como uma pessoa humilde e sempre em contacto com os outros. O Abade de Baçal representa uma figura ímpar na cultura e na história do Nordeste Transmontano.

Francisco Manuel Alves teve uma atitude humana verdadei-

ramente notável no seu tempo para com os cidadãos e manifestou-a enquanto etnógrafo, etnólogo, historiador e enquanto sacerdote, legando à região, e em particular ao museu que, em sua homenagem, lhe tomou o nome, um muito significativo espólio e acervo documental, ainda hoje fundamentais para o conhecimento da região.

A diversidade do acervo documental do Abade de Baçal reflete grandemente o seu espírito autodidata e colecionista, bem como o rigor científico de homem conhecedor e amante das humanidades, no espírito do intelectual do seu tempo.

Ao longo da sua vida, procurou encontrar uma entidade para Trás-os-Montes, através da história. Para ele, o conhecimento do passado e a sua reconstituição era uma forma de intervenção no seu tempo.

A paixão pela arqueologia, etnografia e história foi assumida com esforço e muito amor ao torrão natal, que a sua vasta obra amplamente revela, nela se destacando as Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança, constituídas por onze volumes, fonte incontornável para o estudo da vida, história e valores do nordeste transmontano.

Consciente da importância da preservação da cultura material, patrimonial e artística da região como fator primordial do seu desenvolvimento e formação dos seus cidadãos, empenha-se, juntamente com alguns amigos, na formação de um museu, para o qual foi nomeado diretor em 1925. Em 1935, data da sua jubilação, e em sua homenagem, o Museu assumirá a designação de Museu do Abade de Baçal. No mesmo ano, foi

implantado um busto do Abade no Jardim António José de Almeida e, posteriormente, foi dado o seu nome a uma das avenidas mais importantes da cidade de Bragança. Pelo despacho n.º 151/SERE/92, a Escola Secundária da Sé adota o nome de Escola Secundária Abade de Baçal.

Para a homenagem ser completa, resta resolver a questão da recuperação da casa que pertenceu ao Abade, na aldeia de Baçal, cuja degradação é visível.

Até 1947, data da sua morte, é ainda objeto de diversas homenagens.

Pode-se considerar que o Abade de Baçal fez pela sua região o que ninguém fez por qualquer outra região deste país.

Relembrar Abade de Baçal é relembrar a identidade cultural desta região.

Referências:



PROJETO Tratamento, salvaguarda, digitalização e disponibilização do arquivo do ABADE DE BAÇAL

<http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Inventario/Entidades/EntidadesConsultar.aspx?IdReg=431>

<http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=3555>

## Pfísica 2015

No dia 13 de Maio, os alunos mais bem classificados no Física, da escola Abade Baçal, 9ª ano (Catarina Fernandes, Aníbal Fernandes; Bruna Alves, Ana Ferreira; João Neves, João Caldeira; Sandra Trigo, Diane Oliveira; Rafael Rocha, David Rodrigues)

deslocaram-se a Aveiro para realizar as competições nacionais de ciência, na qual participaram 148 equipas.

Os nossos alunos obtiveram uma média de 11.584. Destacando-se Catarina Fernandes, Aníbal Fernandes, na 9ª posição e Bruna

Alves, Ana Ferreira em 33ª posição.

Esta participação foi motivada pelos professores e realizada com muito prazer pelos participantes.

Sandra Trigo, 9ºB

## A festa do « muguet »

**Em França, no dia 1 de maio, não se comemora apenas a Festa do Trabalhador. É também o dia em que se oferece um raminho de “muguet” – lírio do vale – às pessoas de quem se gosta.**

Esmeralda Gonçalves

Esta tradição remonta à Roma Antiga. As celebrações em honra da deusa Flora atingiam o seu apogeu no dia 1 de maio. Os Celtas também assinalavam o início do verão nesse mesmo dia. Para eles, o “muguet” era um talismã de boa sorte.

Em 1560, foi oferecido ao rei Carlos IX, aquando de uma visita à região de Drôme, com a sua mãe, Catarina de Médicis, um raminho dessa flor. A partir do ano seguinte, o rei passou a oferecer raminhos de “muguet” às damas da sua corte decretando que se fizesse o mesmo todos os

anos, A tradição tinha nascido! No dia 1 de maio de 1895, o cantor Félix Mayol chega a Paris. Uma amiga oferece-lhe um raminho de “muguet” que usa na lapela do seu casaco nessa mesma noite durante a sua primeira atuação. Os seus concertos foram um êxito e Mayol nunca mais se separou da sua flor que se tornou o seu emblema. A tradição tinha sido reavivada!

Em 1900, no 1º de maio, no decorrer de uma festa organizada pelos grandes costureiros parisienses, todas as mulheres receberam um raminho de “muguet”. Agradadas pela iniciativa, as costureiras passaram a oferecê-lo, todos os anos, a todos os seus clientes. Christian Dior transformou essa flor no emblema da sua casa.

O “muguet” só ficou associado ao Dia do Trabalhador durante o governo de Vichy. A 24 de



abril de 1941, o marechal Pétain instaurou oficialmente o dia 1 de maio como “Festa do Trabalho e da Concórdia Social” e o “muguet” como flor simbólica.

Assim, para assinalar este dia, os alunos da turma A do sétimo ano, no âmbito da disciplina de Francês, distribuíram, não um

raminho de “muguet” inexistente na nossa região, mas um cartão com essa flor para desejar felicidades para o resto do ano.

## Homenagem ao Sr Avelino

Infelizmente, uma das pessoas mais simpáticas, mais simples e mais humildes da nossa Escola partiu. Como alunos da Abade de Baçal, vamos sentir imensas saudades deste enorme homem.

Ninguém trata os alunos como tratava o senhor Avelino: sempre com um sorriso, com uma palavra amiga para dar. E a partir de agora? Quem vai receber os alunos com um simpático sorriso, com um “bom dia” e com um beijinho e um abraço?

Só lhe temos a agradecer tudo o que fez por nós e, às vezes, fora: os conselhos, os mimosos... Para além de um simples funcionário, era um amigo para todos nós. Temos imensa pena de não termos tido oportunidade de nos despedirmos desta excelente pessoa e por não podermos agradecer tudo o que fez por nós.

Obrigada por tudo, descanse em paz.

Os alunos de 12º ano

## Olimpíadas de Língua Portuguesa

As Olimpíadas da Língua Portuguesa, para o 2º ciclo, decorreram no dia 18 de março, pelas 15 horas na escola EB 1, 2, 3 Augusto Moreno e envolveram alunos de 5º e 6º anos, das várias turmas.

Ana Vicente, Beatriz Alves, Maria Costa - 5ºB

Uma tarde de quarta-feira diferente, em que nos deslocámos à escola para desafiar os nossos conhecimentos de Língua Portuguesa. Colocámos à prova os nossos conhecimentos sobre vários conteúdos: família de palavras, campo lexical, palavras homónimas, homófonas, homógrafas e antónimas, funções sintáticas, graus dos adjetivos.

Na nossa opinião, foi uma atividade muito produtiva que contribuiu para relembrar conhecimentos e colocar-nos à vontade neste tipo de eventos, ao mesmo tempo que rentabilizámos os nossos tempos livres. Gostámos muito desta experiência e esperamos que para o ano se repita.



## Turmas XXL



Tatiana Lopes, 12ºB

Ao longo dos últimos anos, o número de alunos por turma tem aumentado significativamente, trazendo este facto desvantagens para alunos e professores. Nas escolas deste país, são várias as turmas que ultrapassam o número ideal de alunos, que seria, de acordo com a opinião da maior parte dos professores, de vinte por turma.

Em primeiro lugar, as turmas grandes potenciam a distração e dispersão por parte dos alunos. A tendência para conversar com os colegas aumenta, o que faz com que a atenção não seja a desejada e o aluno

perca, portanto, matéria. Esta perda conduz a um decrescente aproveitamento escolar, o que prejudica os alunos, tanto no imediato como a longo prazo. Claro que o aluno deve zelar pela sua própria aprendizagem e ter o mesmo comportamento independentemente do número de colegas que o acompanhem numa sala, até porque quando assiste a conferências, por exemplo, também lhe é exigido que esteja atento. Porém, manter a concentração num espaço sobrelotado não é de todo fácil.

Outra desvantagem deste elevado número de alunos por turma é a degradação do ambiente na sala de aula, devido ao facto de estarem muitas pessoas concentradas num espaço tão pequeno e abafado. A escola sofreu obras recentemente e estas reduziram o tamanho das salas, o que acaba por ser uma contradição, visto que as turmas aumentaram o seu número de alunos, levando isto a que seja mais difícil que os alunos e professores estejam confortáveis e concentrados.

As turmas com um grande número de alunos prejudicam,

em muito, o trabalho dos professores. Estes têm dificuldade em proporcionar aos alunos um ensino individualizado, visto que são muitos alunos e o tempo de aula é relativamente reduzido para atender a todas as necessidades. As atividades de avaliação também são dificultadas, já que o tamanho da sala não permite a distância que deveria existir entre cada aluno e é, portanto, mais difícil impedir que os alunos copiem uns pelos outros.

A meu ver, as turmas deveriam ser reduzidas de modo a que cada aluno recebesse um ensino de qualidade a que tem direito. Penso que aquilo que eventualmente se gastasse a mais seria compensado pela qualidade do ensino e da formação dos jovens.

Em suma, as turmas grandes prejudicam o bom funcionamento da aula, criam um ambiente bastante desconfortável e limitam muito a aprendizagem efetiva de todos os conteúdos, pelo que o número mínimo de alunos estipulado deveria ser repensado.

## Desafios cumpridos

No dia 13 de dezembro ocorreu a cerimónia de entrega de prémios aos vencedores do Campeonato de Língua, Literatura e Cultura portuguesa, no mesmo dia em que foram entregues os diplomas relativos ao ano escolar 2013/2014.

Os três primeiros classificados foram, respetivamente, Inês Marrão, com noventa e um pontos, Joana de Jesus, com oitenta e sete pontos e João Dias, com oitenta e seis pontos; no secundário os vencedores foram Ana Ferreira, com cento e oitenta pontos, Elisabete Mesquita, com cento e setenta e nove pontos e Mariana Lopes, com cento e setenta e sete pontos. O campeonato é dinamizado pelo departamento de português da escola com o objetivo de promover o gosto pela língua, literatura e cultura portuguesas e consistiu na realização de uma prova única de exercícios de tipologia variada.



## Fim dos testes intermédios



Adriana Nascimento, 12ºB

Aquela era uma manhã que anunciava um dia em tudo igual aos outros, no que diz respeito a notícias escolares. Quando fui à internet, como faço todas as manhãs, qual não foi o meu espanto quando vi que os testes intermédios tinham acabado. Confesso que, inicialmente, fiquei feliz com o fim dos tão aterrorizadores testes intermédios, mas quando me voltei a lembrar que era aluna de 12º, iria ter exame de Português e Matemática de 3 anos, iria concorrer no presente ano à faculdade e não iria ter como base de preparação os testes intermédios, também fiquei aterroriza-

da, mas com o seu fim.

O IAVE justificou que os testes intermédios, segundo os seus relatórios de análise, não tinham impacto nos alunos, não se denotavam melhorias nos seus resultados de ano para ano e, consequentemente, nos exames das respectivas disciplinas. Uma das justificações para tal poderá ser o facto de o nível de dificuldade dos testes intermédios não ser constante e não se relacionar diretamente com os exames, sendo assim complicado fazer uma análise rigorosa do impacto positivo dos mesmos nos resultados. Um dos outros factos, apesar de não ter sido referido na nota divulgada, é claramente o valor monetário que os testes intermédios acresciam para o Ministério, e, em tempos de austeridade, um dos cortes foi mesmo nesses testes.

Considero, ainda, que este tipo de avaliação pode servir também como um regulador do próprio funcionamento da escola, já que implica que a matéria que vai ser avaliada tenha sido leccionada e que os critérios de correcção definidos sejam

aplicados por todos. Parece-me justo para todos.

Fiz testes intermédios durante muitos anos e, em geral, eles contribuíram para que eu estudasse mais e revisse a matéria toda, adiantando já trabalho para o exame nacional da mesma disciplina. Este ano e pela primeira vez, iremos fazer o exame trienal de Matemática e Português com matéria de três anos e o teste intermédio iria ajudar-nos, no sentido em que nos proporcionaria uma prova-modelo de um exame com um formato novo.

Provavelmente, até terei menos ansiedade com a ausência dos testes intermédios, mas na altura do exame e com a fase da candidatura à faculdade a aproximar-se, sei que os nervos irão aumentar ainda mais. Concluindo, os testes intermédios funcionaram como o aperitivo que todos os alunos tomariam, inicialmente com um sabor amargo, mas progressivamente com bastante agrado, aquando da aproximação do "novo" exame nacional. E os aperitivos fazem falta às refeições...

# Quanto vale um ser humano?

**O auditório da Escola Abade Baçal estava cheio para ouvir a palestra subordinada a um dos temas que ocupam globalmente os nossos dias: o tráfico humano.**

João Pedro Vale, 10ºD

Presidida pela doutora Diana Silva, pertencente ao projeto “Tráfico de seres humanos – Passa a Palavra”, a palestra estendeu-se durante uma hora e meia.

Durante este período de tempo, foi-nos dada a informação de que tráfico humano é um tema plural envolvendo vários subtemas. São eles os seguintes: atividade laboral, que implica que as pessoas são forçadas a trabalhar; o trabalho infantil, cujas vítimas são crianças; o trabalho sexual, como a prostituição (que é muito comum em Portugal) e, por fim, a escravidão. Existindo formas de

combater este flagelo, o que devemos fazer? Primeiro, questionar. Sempre que um desconhecido nos aborda, devemos parar para pensar em propostas demasiado “tentadoras e perfeitas”. Segundo, informarmo-nos sobre o problema, e, sempre que nos ausentarmos devemos avisar um familiar ou um amigo. Em terceiro lugar, devemos ser cautelosos nas redes sociais, sobretudo em relação a pedidos de pessoas desconhecidas e perfis falsos.

Tendo em conta que qualquer um pode ser um possível “recrutador” ou traficante, também temos que aceitar que qualquer um de nós pode ser traficado, recrutado ou enganado. Quanto aos traficantes, estes podem distinguir-se das pessoas comuns por terem um bom aspeto e possuírem uma situação económica confortável. Por essa razão, devemos estar sempre

de sobreaviso, quando somos abordados e contactados insistentemente por alguém que não conhecemos.

Em relação aos números, estes são preocupantes. Por ano, no mundo, são traficados, em média, 2.45 pessoas e este “negócio” ascende anualmente aos 32 biliões de dólares americanos.

Em Portugal, o tráfico de seres humanos está muitas vezes relacionado com atividades sexuais ou laborais. A doutora Diana apresentou-nos vários exemplos e alguns deles são relativos à nossa região, sendo o tráfico, por conseguinte, um problema no nosso país. Esta palestra leva-nos também à conclusão de que o tráfico de seres humanos pode estar envolvido em outras ilegalidades, como o tráfico de droga ou o tráfico de armas.

Em suma, podemos concluir que esta palestra



permitiu-nos uma sensibilização em relação a este problema recorrente e, sobretudo, faz-nos pensar no nosso valor enquanto seres humanos.

“Tráfico Humano” é um filme de 2005, no qual se mostra de forma crua o drama de milhares de mulheres que desaparecem e vêem a sua vida converter-se num inferno.

Escravidão e sofrimento é o que têm em comum uma jovem de 16 anos da Ucrânia, uma mãe solteira da Rússia, uma órfã de 17 anos da Romênia e uma turista adolescente americana de 12 anos que se tornam vítimas de traficantes internacionais.

Do outro lado, os agentes que tentam desmontar esta rede: Kate Morzov (Mira Sorvino), uma agente que conhece os horrores da exploração sexual de perto. O elenco conta também com Donald Sutherland, Mira Sorvino (Poderosa Afrodite) e Robert Carlyle (Trainspotting). A realização é de Christian Duguay.

*Tráfico Humano* é um *thriller* envolvente, que aborda um dos flagelos da atualidade.

## O Abandono de animais

**Todos os anos são abandonados em Portugal milhares de animais. Em Trás-os-Montes, o cenário é igualmente negro. Muitos animais são abandonados pelos seus donos, na via pública.**

Ana Oliveira\*

Uma situação que apesar de proibida por lei, se repete ano após ano, principalmente nas épocas de verão e de caça. Os canis estão lotados e, em muitos, a prática do abate é comum, morrendo todos os anos milhares de animais saudáveis. A adoção de um animal implica aceitar a responsabilidade de tomar conta de um ser que irá fazer parte da sua vida. Não é descartável!!! No entanto, a maioria das

pessoas não está preparada para esta tarefa...

A decisão de ter um animal de estimação deve ser consensual no seio familiar, nunca deve ser uma decisão tomada impulsivamente, pois um animal depende exclusivamente dos seus donos e a sua sobrevivência está nas mãos de quem o adota.

Deve-se, por isso, ter em conta vários aspetos antes de decidir adotar um animal. Ter tempo disponível para o passear (o exercício físico é fundamental para o bem estar físico e psicológico do cão), alimentar, tratar da sua higiene, dar-lhe a atenção que ele necessita e que merece e nunca esquecer de que necessita de cuidados médico-veterinários, chip e registado devidamente na Junta de Freguesia, o

que implica um aumento dos gastos no orçamento mensal. Tudo isto deve ser tido em conta!

Lembre-se que, se decidir que o seu animal já não tem lugar na sua vida, há sempre outras opções que não o abandono. Tente arranjar amigos, conhecidos que o queiram adotar e se não conseguir, fale com Associações, para que o seu cão seja encaminhado para uma nova família. Por último contacte o Centro de Recolha Oficial - Canil, que por mais cruel que possa parecer, é sempre melhor que o abandono.

**O ABANDONO É CRIME!!! NÃO ABANDONE O SEU ANIMAL DE ESTIMAÇÃO!!!! JÁ PENSOU NO EXEMPLO QUE**



**ESTÁ A DAR AOS SEUS FILHOS?**

\* Coordenadora da Associação AMICA

## Fantoches “natalícios”

**Este ano, o Natal chegou mais cedo à Escola Augusto Moreno.**

Matilde Guerreiro - 7ºD

No dia 15 de Dezembro, a turma do 7ºA da Escola Abade de Baçal organizou um teatro de fantoches, com a ajuda da professora de Francês, Esmeralda Gonçalves, baseado na obra: “A princesa que não sabia espirrar”, de José Canás, para apresentar aos alunos do Primeiro Ciclo da Escola Augusto

Moreno.

O texto da peça era muito engraçado, pois a protagonista da história, uma princesa, não conseguia fazer o que é básico para toda a gente: espirrar. Daí resultam, portanto, várias situações divertidas.

A peça demorou cerca de sessenta minutos. Quando o teatro terminou, todos bateram palmas e pareciam muito entusiasmados. Foram feitas várias perguntas sobre as etapas do conto e os nossos colegas do primeiro ciclo responderam bem a todas

elas, por isso, concluímos que estiveram com atenção à história.

Ana Beatriz Sá, Ana Beatriz Figueiredo e Beatriz Morais referiram que gostaram quer dos ensaios e da representação: “Foi muito divertido. A peça era engraçada e gostámos muito de a representar. Todos participámos, o que mostra a nossa satisfação”. A experiência foi tão positiva que os alunos já perguntaram quando a poderiam repetir.



## Tradição francesa na escola

**Os alunos do 7ºA festejaram, no dia 2 de fevereiro, um famoso costume francês, designado “Chandeleur”. Para a divulgação da atividade, os alunos elaboraram cartazes que afixaram na escola, em frente à sala dos professores.**

Anaísa Moreira - 7ºA

Nessa tarde, houve uma partilha de crepes entre os alunos e a professora da disciplina, Maria Esmeralda Gonçalves. Realizada no bar dos alunos, esta atividade permitiu a todos saberem mais sobre a cultura francesa. Para além disso, todos adoraram os crepes!

A “Chandeleur”, festejada pelos franceses todos os anos, é uma tradição que já tem séculos. A “festa da senhora das candeias” era a celebração pagã da luz. Depois dos

romanos, foi a vez dos cristãos de adotarem este costume. Os franceses associaram os crepes à celebração, devido à sua forma redonda e à sua cor dourada que se assemelha ao Sol. Segundo eles, se lançarmos o primeiro crepe com a mão direita

e se tivermos uma moeda na outra mão, teremos abundância e prosperidade durante o ano.

Foi um momento diferente que todos afirmaram desejar repetir.



Alunos e professora envolvidos na atividade

Fotos cedidas por Elza Simão e alunos de Multimédia (editadas)

## Navegar com segurança na Internet

**No dia 12 de Fevereiro, decorreu na Biblioteca da nossa escola, Augusto Moreno, uma atividade formativa sobre os perigos da internet.**

Alunos do 6º B

Esta atividade, integrada na “Semana da Internet Segura - Navegar com

segurança na Internet”, contou com a presença do agente Pereira da P.S.P. e teve como objetivo principal alertar os alunos para os riscos que podem existir quando utilizam indevidamente a internet.

Os alunos que participaram nesta atividade colocaram algumas questões pertinentes sobre o uso da

internet. Conheceram os riscos que podem existir num simples acesso ao e-mail e às redes sociais (facebook, twitter, etc.) e aprenderam regras e procedimentos sobre a forma mais segura de navegar na internet.

Esta atividade contribuiu para um melhor conhecimento dos perigos da in-

ternet e foi muito importante no nosso processo ensino-aprendizagem.

Na aula de Português, elaborámos um texto de opinião sobre o tema “A influência da internet na vida dos jovens e o papel dos pais ou responsáveis”.

Em nossa opinião, concluímos que o uso da internet pode trazer be-

nefícios aos jovens, mas também pode ser prejudicial ou perigoso quando não se tomam as medidas necessárias para navegar com segurança. Os pais ou responsáveis devem agir, estar atentos aos filhos e ao tempo que estes passam na internet.

A todos os pais deixamos aqui o seguinte ape-

lo: Se querem conhecer melhor os vossos filhos, vejam o que eles andam a fazer na internet. Vão ficar surpreendidos, ou talvez não!



# Dez anos de ranking

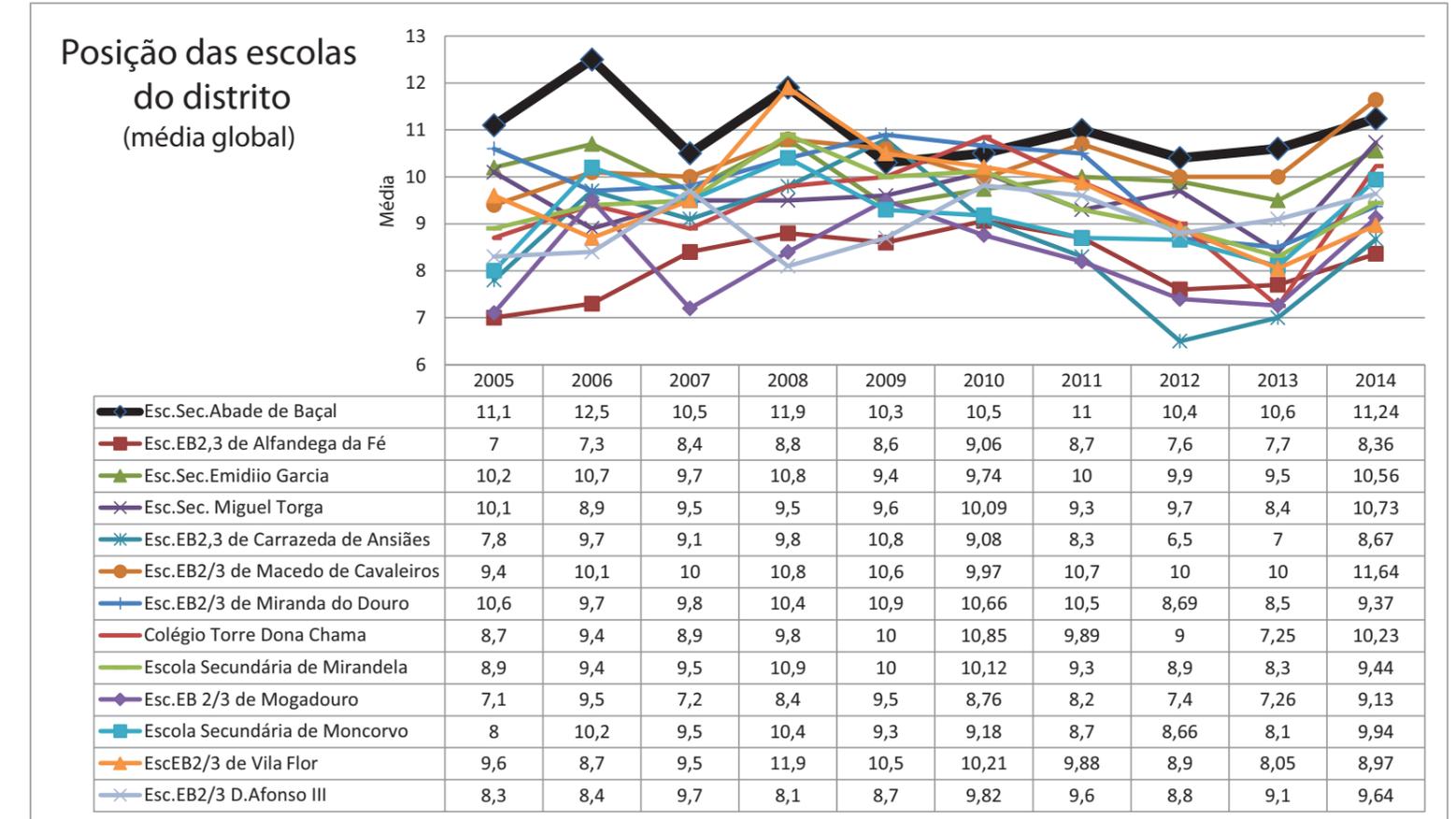
Decorridos 10 anos desde que se iniciou a publicação do ranking das escolas públicas e privadas, o Outra Presença decidiu recolher os dados deste ranking divulgados pelo jornal Público, envolvendo a atual Escola Secundária Abade de Baçal, integrada no Agrupamento com o mesmo nome, e analisar os resultados obtidos durante este período.

Tatiana Lopes, 12ºB (coord. Luísa Diz Lopes)

O gráfico comparativo do desempenho global das escolas do distrito, no período entre 2005 e 2014, revela que a (ESAB) Escola Secundária Abade de Baçal apenas em 2009, 2010 e 2014 não ocupou o primeiro lugar, conseguindo, no entanto, manter-se em segundo em 2014, terceiro, em 2010 e quinto em 2009. Consta-se, ainda, que a média global é sempre superior a dez valores, sendo a melhor registada em 2006 (12,5), ao em que se posicionou em 18º lugar no ranking nacional.

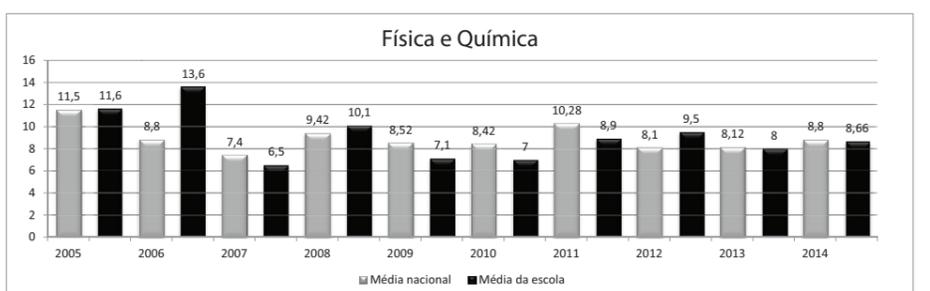
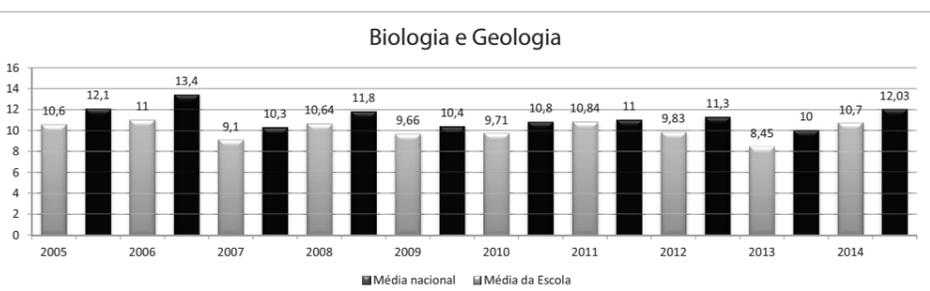
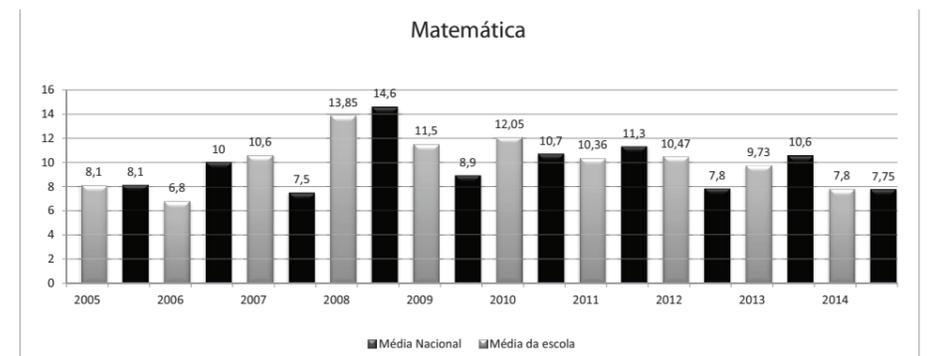
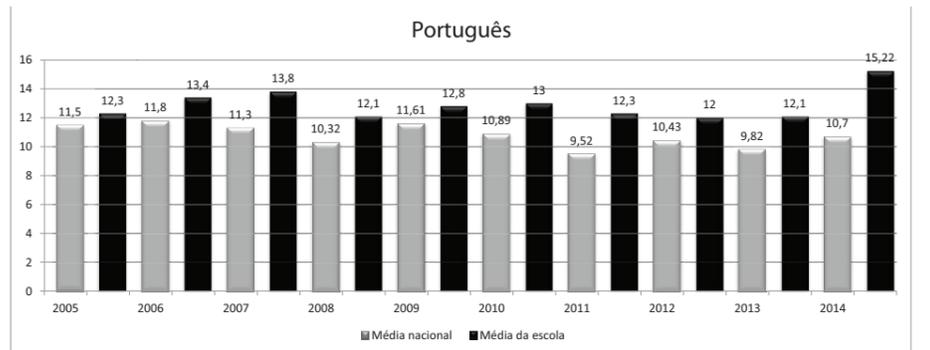
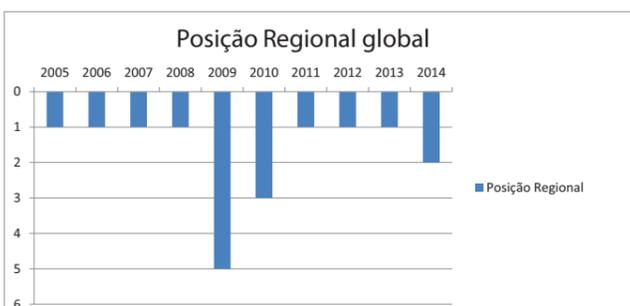
Considerando a posição global, é de referir que a ESAB conseguiu posicionar-se em quatro dos anos em observação nos 100 primeiros lugares, outros quatro nos primeiros 200, um próximo dos 300 e, em 2009, o ano negro da escola, em 385º.

Na análise dos resultados por disciplina, pode concluir-se o seguinte: a Português, a média é sempre positiva e superior à média nacional, sendo o melhor resultado obtido em 2014, colocando a escola em 5º lugar no ranking nacional, nesta disciplina; a Matemática, a escola obteve média positiva em 5 dos 10 anos, posicionando-se quatro vezes acima da média nacional e duas ao mesmo nível. Nos restantes anos, obteve uma média mais baixa. O melhor



ano foi 2006, no qual os alunos conseguiram classificações que colocaram a escola 3,2 valores acima da média nacional e os piores 2009 e 2012, nos quais as classificações ficaram 2,6 valores abaixo; a Biologia e Geologia, a escola obteve sempre média positiva e superior à média nacional, sendo o melhor ano também o de 2006 (13,6 valores) e o pior o de 2013 (10 valores); a Física e Química, em quatro anos, a escola obteve uma média superior à nacional, sendo o melhor também 2006 (13,6 valores, mais 4,8 do

que a média nacional). Nos restantes anos, a média foi inferior à nacional, sendo em 6 deles negativa. Nas restantes disciplinas que são objeto de exame na escola, o reduzido número de alunos em alguns anos faz com que esses dados não constem das tabelas consultadas, não permitindo a realização de análise idêntica a esta.



# Olimpíadas Portuguesas de Biologia

**A primeira eliminatória das Olimpíadas Portuguesas de Biologia contemplava conteúdos de 10º, 11º e 12º anos, abordados até à data da sua realização e decorreu no dia 7 de janeiro, pelas 14 horas e 30 minutos, com a duração de 90 minutos. Dados revelados pela OPB indicam que aderiram a esta iniciativa mais de 7000 estudantes de 299 Escolas.**

**Da nossa escola, estiveram envolvidos doze alunos de 11º ano e dois alunos de 12º ano, que frequentam, respetivamente, a disciplina de Biologia e Geologia e Biologia (opcional).**

Sónia Rodrigues

Dos alunos inscritos, foram apurados para a segunda eliminatória os que obtiveram 21 ou mais respostas certas, num total de 30 questões, tendo sido realizada no dia 18 de março, pelas 14 horas 30 minutos e com uma duração de 120 minutos, na escola sede. Foram apurados para a 2ª eliminatória os alunos Inês Margarida Gomes Constâncio, 69

pois teriam de ter 88 ou mais respostas corretas da classificação geral.

Após a 2ª eliminatória, foram apurados os 50 melhores alunos que participaram na Prova Prática (3ª eliminatória), nos laboratórios da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, no dia 09 de maio de 2015.

Os 10 mais bem classificados de 11º ano, outros tantos de 12º ano, assim como 8 da geral irão representar Portugal nas Olimpíadas Internacionais de Biologia (Dinamarca) e nas Olimpíadas Ibero-americanas de Biologia (El Salvador).

As Olimpíadas Portuguesas da Biologia são um concurso de ciência, na área da Biologia, destinado a estudantes do ensino básico e secundário, entre o 9º e o 12º ano de escolas públicas ou privadas, e a sua organização está a cargo da Ordem dos Biólogos, em colaboração com a Agência Nacional Ciência Viva. O evento tem ainda importantes parcerias com a Direção Geral de Educação (DGE, do Ministério da Educação e Ciência), com a Fundação EDP e com a AXA Seguros, con-

Matos o Coordenador.

Destacam-se como principais objetivos: estimular o interesse dos estudantes pela Biologia, em particular fomentando o interesse pelo ensino prático, laboratorial, desta disciplina; aproximar a universidade do ensino secundário, introduzindo conceitos e práticas que introduzam o estudante na realidade universitária; relacionar a Biologia com a realidade económica e social (ecologia, biotecnologia, conservação, etc.), promovendo uma melhor cidadania; promover o intercâmbio de ideias e de experiências entre os estudantes, a nível nacional e internacional; estabelecer relações de amizade entre os jovens de diferentes países, fomentando a cooperação entre os povos; estimular o gosto e o prazer pelo Ensino e pela Aprendizagem da Biologia a nível do ensino básico e secundário.

As OPB, além de atribuírem prémios aos 10 mais bem classificados de cada um dos anos e também aos seus professores, selecionam os melhores 8 alunos da classificação geral para representarem Portugal, anualmente, nas Olimpíadas Internacionais de Biologia (os primeiros 4 classificados) e nas Olimpíadas Ibero-americanas de Biologia (os classificados entre a 5ª e a 8ª posições).

Considerando os docentes da área disciplinar de Biologia e Geologia esta iniciativa muito interessante e benéfica para o percurso académico dos seus alunos, sensibilizaram-nos para a sua participação, inscrevendo o Agrupamento de Escolas Abade de Baçal nas Olimpíadas. Apesar de os nossos alunos não terem continuado a sua participação nas Olimpíadas, estão de parabéns pelo seu empenho e adesão a este tipo de iniciativa, que contribuiu, certamente, para a aplicação de conhecimentos adquiridos a novas situações e para o desenvolvimento das suas competências. A organiza-

ção das OPB, enviou um certificado de participação e deseja-lhes as maiores felicidades para a sua vida escolar, lembrando que

para o ano poderão participar mais uma vez nestas Olimpíadas.

**2015**  
**2016**

**OFERTA FORMATIVA**

**Agrupamento de Escolas Abade Baçal**

**Ensino Básico**

- Pré/Escolar
- 1º Ciclo
- 2º Ciclo
- Vocacional de 2º Ciclo Desporto/Informática e Carpintaria
- 3º Ciclo Ensino Básico
- Opções da Língua Estrangeira II Espanhol ou Francês
- Ensino articulado de música/ 7º ano
- Vocacional de 3º Ciclo Desporto/Informática e Carpintaria

**Ensino Secundário**

- Cursos Científicos- Humanísticos 3 anos
- Oferta da Escola Ciências e Tecnologias Ciências Socioeconómicas Línguas e Humanidades
- Cursos EFA's Secundário
- Grupos de formação de Português para falantes de outras línguas

**Cursos Profissionais**

- Técnico/a de Multimédia
- Técnico de Vendas
- Técnico de Energias Renováveis- Sistemas Solares 3 anos
- Diploma de 12º ano de escolaridade
- Certificado de Qualificação Profissional de Nível III; Acesso aos Cursos de especialização Tecnológica de Nível IV

OPB, DGE, AXA, MULTIMÉDIA, 2014/15

NOME COMPLETO DO ALUNO	Ano lectivo que frequenta
Ana Rita de Abreu Preto Fernandes	11º
Joana Maria Lopes Pimentel	11º
José Manuel Damil Vicente	11º
Maria Luís Mazedra Pereira	11º
Micael Pires Gomes	11º
Nuno Miguel Veigas Minhoto	11º
José Miguel Afonso Silva	11º
João Adriano Portela Matos Silva	11º
Ana Carolina Fonte Favas	11º
Pedro Miguel Rodrigues Preto Afonso	11º
Franklin William Costa	11º
Inês Margarida Gomes Constâncio	12º
Tatiana Lúcia Donai Lopes	12º
Francisco Manuel Pires Gonçalves	11º

pontos; Joana Maria Lopes Pimentel, 58 pontos; Maria Luís Mazedra Pereira, 48 pontos; Francisco Manuel Pires Gonçalves, 46 pontos.

Este ano, não houve alunos da nossa escola apurados na 2ª eliminatória,

tando ainda com o apoio de numerosas empresas e instituições nacionais de prestígio. O contacto com as escolas é feito através de uma Assistente Administrativa das Olimpíadas Portuguesas de Biologia, sendo o professor José

# Olhar a cidade

Maria Manuel Gorgueira-10ºB

## Bragança, Terra Natal e de sonhos

**De 6 de dezembro a 6 de janeiro de 2015, a cidade de Bragança transformou-se numa autêntica vila do Pai Natal.**

O projeto Bragança, Terra Natal e de sonhos, promovido pelo Município de Bragança, União de Freguesias da Sé, Santa Maria e Meixedo, NERBA (Núcleo Empresarial de Bragança) e ACISB (Associação Comercial, Indústria e serviços de Bragança), teve como objetivo dar vida à cidade e aos moradores, bem como favorecer a atividade económica e o turismo.

A principal atração deste mês festivo foi a pista de gelo, localizada na Praça Camões, que divertiu quase 13000 pessoas. A entrada na pista era de um euro e revertia a favor dos Bombeiros Voluntários de Bragança, que sempre estiveram presentes no recinto a vender bilhetes, fornecer patins do gelo e aparar quedas.

Vamos promover iniciativas de solidariedade, porque o Natal

é época de partilha, momentos culturais, como concertos e horas de contos, passeios de Pais Natais a pé e de bicicleta e continuaremos, claro, com a Pista de Gelo, que atraiu, só no primeiro dia, centenas de pessoas. Em simultâneo, contribuímos para a dinamização do comércio tradicional e para a revitalização de todo o centro Histórico- explicou o Presidente da Câmara, Hernâni Dias

No mesmo dia de abertura da pista, também as iluminações, em maior número que em 2013, e a música desta época, foram instaladas, por toda a cidade.

O presépio em tamanho real montado na Praça Professor Cavaleiro Ferreira Contribuiu também para o ar natalício da cidade.

Nos dias 6, 13 e 20 de dezembro, à semelhança do que aconteceu nos passados meses de junho, julho e setembro, a Banca na Praça deu vida ao centro, onde os brigantinos e turistas, principalmente espanhóis, puderam comprar presentes e



doces típicos do Natal e gastronomia regional.

No dia 10 de dezembro, alunos do Instituto Politécnico de Bragança- IPB- vestiram-se de Pai Natal e desfilaram por toda a cidade. O que teria tudo para ser um desfile agradável, acabou por se tornar inconveniente, pois, quando chegaram

junto da pista de gelo, grande parte dos jovens encontrava-se alcoolizada, o que constitui um risco tanto para eles como para as pessoas que de divertiam a patinar.

No dia 21 de dezembro, o Pai Natal chegou à Terra Natal, onde fez as delícias dos mais pequenos que não perderam

tempo a tirar fotografias no colo do homem das barbas brancas.

A opinião de muitos dos moradores de Bragança com os quais o Outra Presença falou foi que esta foi uma excelente iniciativa e que ao mesmo tempo que divertiu as pessoas, ajudou a promover a economia e a cultura da cidade.

# Por uma cidade melhor

Joana Alves-10ºB

## Correios: 13:00 - 14:00

Para que Bragança seja uma melhor cidade, deviam ser efetuadas algumas alterações, nomeadamente, proceder ao alargamento do período de funcionamento dos correios.

Este estabelecimento encerra para almoço das 13h às 14h, sendo este um horário pouco conveniente para os brigantinos; por ser hora de almoço, muitos deles têm este como o período ideal para o envio e recolha da sua correspondência.

Assim, e tendo em conta o interesse dos habitantes da nossa cidade, deveria haver um alargamento do período de funcionamento destes serviços.

## Cinema

Muitos se lamentam da inexistência e da falta que este faz à população brigantina. Tanto os adolescentes como os mais graúdos gostariam de poder ver os filmes com qualidade e num grande ecrã, ao invés de terem de esperar meses até estes saírem na Internet ou terem de se deslocar até uma outra cidade para ver um filme. E, além disso, é obrigatório que uma capital de distrito tenha cinema.

Dado isto, para que Bragança se torne uma melhor cidade melhor e com uma população mais feliz é de extrema importância que se aposte na reabertura deste.

## Avenida João da Cruz

Há cerca de 15 anos era impossível estar na cidade de Bragança sem passar por belas e emblemáticas ruas com a Avenida João da Cruz.

Esta hoje está degradada. Os passeios encontram-se repletos de buracos e fendas e o ambiente de alegria que antes reinava, agora foi substituído pela tristeza e desgaste. Esta avenida precisa de ser remodelada, sem destruir a sua especificidade e história.

Arranjar os passeios e uniformizar as fachadas das casas que a constituem era fundamental e contribuiria muito para a promoção da cidade.

## Cidade inclusiva

Tal como qualquer outra localidade, Bragança pessoas que estão, de alguma forma, incapacitadas.

No entanto, a cidade tem um grande défice ao nível de preparação para este tipo de pessoas. Os passeios em mau estado e estreitos dificultam e impossibilitam a passagem de pessoas, que, por exemplo, se encontrem numa cadeira de rodas. Além disto, os acessos a várias instalações da cidade são, por vezes, limitados o que torna mais difícil a sua movimentação.

Bragança deveria dar aos seus habitantes mais limitados um melhor acesso à cidade.

## Castelo: mais vida

A zona envolvente do castelo, rodeada pelas imponentes muralhas é um espaço de eleição da cidade que era fundamental revitalizar.

A criação de mais espaços de lazer no local, com ofertas diversificadas ao nível da gastronomia e serviço de bar, a animação e a disponibilização de transporte para aceder a ele poderia tornar este espaço histórico visita obrigatória e frequente (e não apenas em agosto durante a tradicional feira medieval) para os brigantinos e não apenas para turistas.

Mais vida no castelo tornaria, sem dúvida, a cidade mais atrativa para todos

# Olhar a cidade

## Norcaça Norpesca e Norcastanha

**Decorreu, de 30 de Outubro a 2 de Novembro, a 13ª Feira Internacional do Norte, Norcaça, Norpesca e Norcastanha, que acolheu, no edifício nerba da nossa cidade de Bragança, noventa expositores, portugueses e espanhóis, que deram a mostrar os produtos de caça, pesca, castanha e gastronomia da região.**

Em conversa com Paulo Hermenegildo, Grão-mestre da Confraria Ibérica da Castanha, uma associação sem fins lucrativos e que tem como objetivo a promoção, valorização e defesa da castanha, do castanheiro e da sua fileira, pudemos apurar que a Confraria faz parte da organização da feira, pois “a castanha casa com a caça e a pesca, por isso nos juntámos.”

Disse, ainda, que foi criado um fórum, sobre as doenças do castanheiro, nomeadamente a vespa das galhas do castanheiro. Estas “roem as folhas da árvore, deixan-

do apenas a árvore, como se fosse um esqueleto”.

No primeiro dia de feira, 30 de Outubro, juntaram-se à confraria mais vinte e um confrades, ficando, assim, um total de cento e três confrades.

No mesmo dia, o Chefe Hélio Loureiro foi nomeado embaixador desta associação. Apesar de não ter estado presente no evento, devido a uma viagem antecipada para o Brasil, onde aproveitou e levou amostras e fotografias da castanha transmontana, como forma de divulgar o nosso produto no país americano.

O Outra Presença, consegui ainda, conversar com o Vereador da Câmara Municipal de Bragança, onde pudemos apurar que, durante os quatro dias de feira, houve seminários e fóruns quantitativos, nos quais, o número de participantes duplicou, o número de montarias também aumentou para o dobro, o número de restaurantes e também a sua qualidade melhorou e o número

de visitantes estimado também aumentara em relação a 2013.

Em termos de novas iniciativas da feira, nesta 13ª edição, pôde-se contar com um serviço de apoio aos souts, embalsamento de peças de caça e um ‘stand’ de repolgas, um produto alimentar, da família dos cogumelos, completamente inovador. Segundo ele, a feira teve como principais objetivos divulgar os nossos recursos naturais e gastronómicos, atraindo, assim, cada vez mais turistas e visitantes profissionais.

Apesar de ambas as três vertentes, caça, pesca e castanha serem importantes, é esta última que tem maior valor económico para a feira e para toda em região em si. Em termos de expositores, a pesca foi a que teve menor número.

Contrariamente ao que o Vereador disse, os expositores e visitantes com quem falámos acharam que esta feira teve menos adesão do que a anterior e, foi classificada por

muitos, como a mais fraca de todas. Apresentaram como possível justificação, além da crise que o nosso país está a ultrapassar, o facto de terem decorrido na região várias feiras ao mesmo tempo, que fizeram com que as pessoas dispersassem.

Tal como em edições anteriores, decorreu, no penúltimo dia da feira, dia 1 de Novembro, o habitual desfile que divulgou as marcas e produtos que estiveram em exposição e também de algumas lojas da cidade, nomeadamente, ‘Chiado nº 4’.

De uma maneira geral, esta 13ª edição da feira Norcaça, Norpesca e Norcastanha, apesar de os visitantes e expositores terem achado menos produtiva do que em anos anteriores, contou com um enorme número de iniciativas, tais como concursos de pintura, fotografia, quadras de S. Martinho, entre outros, que acabaram por tornar o evento agradável.

## Banca na praça

Foram dez as bancas que estiveram na Praça da Sé nos segundos e quartos sábados dos meses de junho, julho e setembro, com o objetivo de promover os produtos regionais da cidade de Bragança, num evento intitulado de Banca na Praça.

Esta iniciativa não teve custos associados para o aluguer do espaço e as inscrições estiveram sujeitos ao tema que estivesse em vigor numa determinada semana.

Mas, apesar disso, houve à venda alguns produtos regionais, que não os estipulados para esse fim-de-semana, nomeadamente queijos e enchidos.

Artesanato, pão, bolos, hortícolas, antiguidades e frutos secos foram os temas para os seis fins de semanas.

Hernâni Dias, presidente da câmara municipal de Bragança, disse, durante a apresentação da Banca na Praça, À comunicação social:

Através desta iniciativa, o Município de Bragança pretende, acima de tudo, dar continuidade à estratégia de revitalizar e dinamizar a zona histórica e a economia da cidade. Com a Banca na Praça, trazemos expositores e produtores para a Praça da Sé, onde poderão vender os seus produtos nos meses de maior afluência de turistas.

Banca na Praça foi mais uma aposta, de sucesso, do executivo Municipal na revitalização do centro histórico da cidade de Bragança.



## Semana da Juventude

**O Município de Bragança promoveu, pela primeira vez, a Semana da Juventude 2014 – A Saúde Mental Importa –, de 5 a 12 de agosto, em estreita colaboração com o Instituto Português do Desporto e Juventude de Bragança, entre outras entidades, dedicada inteiramente aos jovens, pois é decisivo o investimento nesta população.**

Juventude, para a OMS (Organização Mundial de Saúde), é considerada a preparação dos indivíduos para a vida adulta, abrangendo a faixa dos 15 aos

24 anos.

As grandes evoluções das sociedades ocorrem com os jovens, sempre assim foi e continuará a ser. A sociedade por que hoje lutarmos será aquela em que viveremos no futuro.

Há exemplos de intervenção dos jovens nos problemas que afetam a sociedade, como, por exemplo, a sua participação no 25 de Abril.

Dada a importância desta faixa etária, o Município de Bragança promoveu, pela primeira vez, a Semana da Juventude 2014 – A Saúde Mental Importa –, de 5 a 12 de agosto, em estreita cola-

boração com o Instituto Português do Desporto e Juventude de Bragança, entre outras entidades, dedicada inteiramente aos jovens, pois é decisivo o investimento nesta população.

Esta iniciativa teve o objetivo de dinamizar a cidade e contribuir para a fixação dos jovens no concelho. É uma forma simbólica de mostrar que estamos empenhados em criar condições para que os jovens se sintam bem, disse Hernâni Dias, presidente da Câmara Municipal de Bragança.

Apresentado à Comunicação Social em con-

ferência de imprensa, o evento contou com um rico e variado programa, desde jogos, como um Twist Gigante, contos, workshops na área do ambiente e da sustentabilidade, atividades desportivas e de convívio, como torneios de voleibol de praia, aulas de Zumba e Hip-Hop, rastreios na área da saúde, entre outros.

Durante toda a semana, os jovens, dos 12 aos 30 anos, tiveram entrada gratuita no Museu Ibérico da Máscara e do Traje, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Piscinas Municipais, Centro de Ciência Viva e

nos Transportes Públicos Municipais – STUB.

No Dia Internacional da Juventude, o programa do evento contemplou a instalação do Conselho Municipal da Juventude, seguido do seminário Os jovens e o emprego no interior: que futuro?

A Semana da Juventude terminou com a Sunset Juventude em Movimento, nas piscinas do Clube Académico de Bragança (CAB), onde DJs locais e os conhecidos Ninja Kore animaram os jovens presentes das 15:00 às 24:00 horas.

Uma grande iniciativa dedicada inteiramente aos jovens da região de Bragança, que se pretende repetir no próximo ano de 2015.

## Cafés de Ciência

## Petróleo: que futuro?

Foi à conversa com o geólogo Rui Alves Vieira, no dia 19 de dezembro, às 21:30h, na Casa da Seda, que ficámos a saber um pouco mais sobre o conhecido “ouro negro”.

Guilherme Moreira- 10ºB

O orador iniciou a sua apresentação informal com um ditado árabe (“O meu pai andava de camelo, eu ando de Rolls-Royce, o meu filho anda de avião a jacto e o filho dele há-de voltar a andar de camelo”) para explicar que os nossos antepassados não tiveram a oportunidade de usufruir dos vários derivados do petróleo, como veículos motorizados, e que essa é exatamente a realidade que espera as gerações futuras, caso o homem não consiga superar o obstáculo “fim do petróleo”. A realidade é simples: a nossa sociedade é dependente do petróleo, quer como fonte de combustível quer de produtos derivados como plástico, tecidos sintéticos, asfalto, medicamentos, borracha sintética, entre muitos outros...

Retomando os primeiros momentos da descoberta

do petróleo, que ocorreu a 27 de Agosto de 1859, quando o Coronel Drake, numa sondagem realizada a 23 metros de profundidade, iniciou uma produção diária de cerca de 25 barris. É pelo facto do petróleo ter começado a ser vendido em barris que a sua quantificação é, efetivamente, em barril. Hoje em dia, a população do planeta consome em média 85 milhões de barris por dia de petróleo; por outro lado, pouco a pouco, a sua produção vai decrescendo. Eis que surge a questão: quando é que o petróleo acaba? O geólogo Rui Alves Vieira respondeu ceticamente a essa dúvida, considerando que as estimativas são maleadas conforme os interesses das grandes exploradoras de petróleo. Avançou com a estimativa de 40 anos.

Apesar de vários estudos em território português, estes concluíram que em Portugal não há muitas bacias sedimentares, e as que existem não se revelam promissoras do ponto de vista económico. Como já trabalhou numa dessas empresas, o geólogo explicou o modus operandi das pesquisas. Inicialmente há uma aná-



lise gravimétrica, uma vez que o petróleo é menos denso que as rochas encaixantes, há anomalias. Estas análises gravimétricas são seguidas de uma análise sísmica. São espalhados vários sismógrafos sobre uma área e uma infraestrutura controlada pelos geólogos, provoca pequenos sismos. Através da análise dos intervalos de tempo das várias ondas sísmicas, estes conseguem determinar se a área pode vir a ser uma potencial fonte de petróleo. As son-

dagens são iniciadas e, se tudo correr bem, segue-se o processo de extração de petróleo.

No entanto, os Estados Unidos não possuem bacias sedimentares significativas de modo a satisfazer as necessidades da sua grande população, sendo que escolhem um método mais arriscado, a exploração de gás de xisto. Através do fraturamento hidráulico, e a introdução de água, permitem extrair este gás que tem uma composição química mui-

to semelhante à do petróleo. Como já referido, este processo é polémico, dado que, ao fraturar os terrenos, pode ocorrer a contaminação de lençóis de água, e até mesmo da água potável que a população consome.

O petróleo vai acabar, e nós, jovens, vamos presenciar, muito provavelmente, essa crise histórica. Na opinião do geólogo, a alternativa mais provável de fornecimento de energia é a fissão nuclear, método que hoje em dia

é utilizado, ainda que a uma escala muito pequeníssima, pois trata-se de algo muito difícil de controlar. Ou, simplesmente, podemos ver um futuro alternativo, ainda que menos provável: o Homem pode não encontrar o candidato correto a melhor tempo, e podemos ser obrigados a adotar os mesmos hábitos e estilo de vida dos nossos antepassados.

## Porque e como fazer Ciência Polar em Portugal

José Seco, que é licenciado em Biologia e mestre em Ecologia pela Universidade de Coimbra e integrou a primeira campanha polar de Portugal em 2011-2012, compareceu dia 27 de março em mais um café de ciência, onde deu o testemunho da sua participação no projeto PENGUIN.

Guilherme Moreira- 10ºB

A apresentação informal iniciou-se com uma questão propositadamente invertida: “Porque é que os pinguins não comem ursos polares?”. Os pinguins

vivem no polo sul, na Antártida. Já os ursos polares habitam o polo norte, no oceano glacial Ártico. Seguiu-se uma sensibilização acerca do buraco de ozono nos polos e a sua causa - os CFCs (clorofluorcarbonetos, que devido ao seu radical livre de cloro que origina, reagindo facilmente com moléculas de ozono) - e o motivo da espessura desta camada nesta zona ser menor, ainda que sejam emitidos menos poluentes nesses locais. A explicação está relacionada com as correntes de ar que levam os gases tóxicos para essas zonas.

A Antártida não é propriedade de nenhum país/estado, regendo-se pelo tratado da Antártida. Esta área deve ser utilizada apenas para fins pacíficos ou para investigações científicas, sendo, portanto, proibidos fins militares, despejo de lixo, entre outros atos nocivos.

Qual o interesse de fazer ciência polar em Portugal? Como em tudo, em biologia, está presente uma ideia de equilíbrio dinâmico entre todos os ecossistemas. De facto, estamos muito distantes do polo sul, mas é nos oceanos deste polo que se encontram as bases das

cadeias tróficas. Ao entendermos o que acontece nos polos, poderemos compreender o que acontecerá nas diversas zonas do planeta. As correntes marítimas são responsáveis pelo transporte de organismos quer a nível microscópico quer macroscópico e interligam áreas muito distantes.

Seguiu-se uma breve descrição acerca da odisséia que viveu, destacando como uma das maiores dificuldades vividas o isolamento. Não existe internet, apenas uma estação para envio de emails de tamanho inferior a 500Kb, ou seja, apenas

texto e de comunicações de voz por telefone de satélite (6eur/min).

Durante estes dois meses, o cientista participou no projeto PENGUIN, que teve como objetivo avaliar a ecologia alimentar de três espécies de pinguins que se reproduzem no mesmo período de tempo em Hannah Point, compreendendo, ao mesmo tempo, as relações neste ecossistema. O trabalho do cientista e dos seus colegas passou pela recolha de fezes de pinguins, seguida da análise das mesmas. A alimentação destas aves marinhas tem por base o krill (crustáceo

de pequeníssimas dimensões semelhante ao camarão). Retomando a obra de Charles Darwin “A teoria de evolução”, espécies diferentes que têm o mesmo habitat, possuem as mesmas características, reproduzem-se na mesma altura, competem entre si. Dado isto, é uma questão de tempo até que uma espécie se sobreponha a outra, culminando com a extinção de uma dessas espécies. Das três espécies estudadas, a população de pinguins graciosa está a aumentar. Por oposição, as restantes estão a diminuir.

Por fim, houve um diálogo

# Astrofísica no mundo e no quotidiano

**“A Astrofísica é o ramo da Astronomia que lida com a Física do Universo, incluindo as suas propriedades físicas (luminosidade, densidade, temperatura, composição química) de objetos astronómicos como estrelas, galáxias e meio interestelar, e também das suas interações. Na prática, pesquisas astronómicas modernas envolvem uma componente substancial da Física teórica e atividades experimentais. Além de determinar as constantes universais, é o ramo da física que demonstra a natureza dos corpos celestes através de instrumentação científica.”**



Daniel Estevinho-12ªA

Desde que o Homem adquiriu faculdades cognitivas mais estruturadas que se questionou sobre o que o rodeia. As estrelas foram um foco de interesse e estudo de todas as civilizações avançadas. Os Sumérios desenvolveram estudos aprofundados sobre o cosmos, verdadeiros tratados que, ainda hoje, continuam válidos e irrefutáveis. Os Egípcios regiam as suas vidas pelas estrelas, facto demonstrável na orientação cosmológica dos seus monumentos. Os Maias, os Incas, os Gregos e os Romanos debruçaram-se sempre sobre os estudos cosmológicos, criando as bases para estudos científicos mais recentes. Inelutavelmente, a Astrofísica reveste-se de extrema importância, no que às nossas vidas diz respeito, conquanto a sua abrangência seja de difícil compreensão ao mais comum dos leigos. Com efeito, abre uma panóplia de possibilidades e respostas, no que diz respeito à

constituição e funcionamento do Universo, facto que permite entender melhor o lugar do nosso Planeta e a própria origem da Humanidade.

A Astrofísica interage, diretamente, no nosso quotidiano. Mais do que poderemos pensar. Na prática, o espaço oferece-nos muitos recursos, como toda a engenharia espacial de satélites de monitorização, de comunicação, de prevenção de desastres, de melhoramento do uso dos recursos naturais. Os estudos da Astrofísica poderão facultar-nos novas formas de energia limpa inesgotável, além dos subprodutos dessas pesquisas, como novos materiais, mais resistentes, duradouros e eficientes ou o aparecimento de novas tecnologias e o desenvolvimento de aparelhos para a medicina ou a engenharia.

Efetivamente, os estudos decorrentes da exploração espacial oferecem inúmeras vantagens. Muitos materiais, componentes e peças que usamos no nosso quotidiano foram desenvolvidos para os astronautas. As roupas à prova de bala ou a blindagem de veículos devem-se, igualmente, aos avanços tecnológicos da astronáutica. Muitos dos avanços tecnológicos, na engenharia e, especificamente, na medicina, são o resultado de

estudos e invenções da Física e, em particular, da Astrofísica.

Um dos Astrofísicos mais relevantes do séc. XX foi Carl Sagan. Na série televisiva “Cosmos”, difundida nos anos 80, o Astrofísico debruça-se sobre o início do Universo e o aparecimento da vida. Esta série foi um verdadeiro tratado científico, que abriu a mente das pessoas para a importância da ciência e, em particular, da Astrofísica.

Nas últimas décadas, alguns países têm feito um investimento avultado na exploração espacial, com o envio de sondas de exploração elementar, satélites e robôs. O próprio Homem já pisou a superfície lunar. Esta exploração visa entender como surgiu o Universo e em que momento, permite clarificar teorias, como a do “Big-Bang” ou a “Teoria das Cordas”. Neste mesmo âmbito, tem como objetivo entender como surgiu a vida, se teria sido no nosso Planeta ou em algum outro ponto do Universo. Ademais, busca novas formas de vida, uma vez que a imensidão do Cosmos não admite pensar que somos exclusivos.

Ainda num domínio de interesse Universal, a Astronomia alerta-nos para possíveis catástrofes astronómicas, como a queda de meteoros ou tempestades

solares, agindo no sentido da preservação do nosso Planeta. Outra dimensão prende-se com a descoberta de possíveis novos habitats, em caso de alguma catástrofe, no nosso Planeta, que nos obrigue a deixá-lo. Alguns cientistas discorrem que, num tempo não muito distante, teremos colónias em Marte ou na Lua.

Os mais cétricos e, sobretudo, a comunidade mais leiga, acusam estes programas espaciais, pelo elevado investimento, o qual, defendem, deveria reverter para causas mais próximas e concretas. A resolução de problemas, como a fome, a pobreza ou as doenças deveria ser, segundo estes críticos, o foco de interesse da ciência.

Admito a legitimidade destes argumentos, todavia, o investimento nestas causas nobres, que afetam o nosso Mundo, não devem excluir a busca de conhecimentos mais profundos, que serão um legado para toda a Humanidade. Na realidade, gasta-se muito dinheiro de forma supérflua, como em armamento, em guerras, em monumentos faraónicos ou em hotéis de luxo desnecessário. A NASA tem visto o orçamento destinado a estes programas diminuir, nos últimos anos, facto que pode fazer perigar a exploração espacial.

Concluindo, a exploração espacial, além de permitir conhecer o Universo, proporciona, no imediato, o próprio desenvolvimento do Homem, no seu quotidiano e na sua relação com o meio. O conhecimento do Cosmos é o mais forte instrumento para dissecar o passado, perceber o presente e preparar o futuro. Uma das frases mais célebres de Carl Sagan refere que “somos feitos do mesmo pó das estrelas”, aludindo à tese de que fazemos parte de algo grande. Neil deGrasse Tyson, astrofísico, seguidor de Sagan e apresentador da série “Cosmos: A Spacetime Odyssey”, diz que “estamos todos conectados: biologicamente uns com os outros; quimicamente com a Terra e atómicamente com o resto do Universo. (...) Estamos no Universo e o Universo está em nós”. Por isso, faz todo o sentido querer saber mais sobre o Universo, pois conheceremos mais sobre nós e os problemas que nos afligem. Olhemos para as estrelas, que elas olham por nós.

go entre o público/investigador. Quando questionado acerca das barreiras financeiras na ciência, este confirmou que de facto existem e são cada vez mais. Principalmente no laboratório, ocorre uma redução de custos em relação a determinados reagentes e utensílios. Quanto aos próximos projetos, o investigador revelou que ainda falta realizar muito trabalho de laboratório, publicar o mesmo em revistas científicas com o intuito de enriquecer o seu currículo e assim obter financiamento para um dia mais tarde regressar à Antártida. Revelou que é possível fazer ciência polar sem ir à Antártida, mas, por outro lado, não é possível fazer a mesma sem financiamento. Uma vez

que a viagem até à Antártida é muito dispendiosa, há uma cooperação entre investigadores, isto é, um cientista vai à Antártida realizar a sua investigação e, ao mesmo tempo, recolhe amostras para investigações de colegas seus. No entanto, sem financiamento não se pode fazer ciência polar.

Foi de facto uma apresentação dinâmica e bastante apelativa conseguindo abordar o tema proposto de uma forma divertida, cativando, até, os mais novos.



# Deputados por um dia

## Ensino Público e Privado: que desafios?

**A Escola Secundária Abade de Baçal participou, mais uma vez, no Parlamento dos Jovens - Secundário, este ano subordinado ao tema “Ensino Público e Privado: que desafios?”.**

André Asseiro, 12ºB

O programa Parlamento dos Jovens desenvolveu-se, nesta escola, em articulação com a Biblioteca Escolar, através da qual foi feita a sua divulgação e organizados debates, as eleições e a Sessão Escolar.

Foi apresentada uma lista candidata, constituída pelos alunos João Gil Afonso Gonçalves (10º C1), Daniel Henrique Pires Esteves (12º A), Diogo André Martins Asseiro (12º B), Daniela José Antão João (12º C), Telmo David Simões Afonso (12º B), Daniel António Fernandes (12º C), João Rafael Costa Moás Murçós (12º A), João Francisco Silva Lourenço Dias (10º C1), Pedro Filipe Carneiro Venâncio (10º B) e Inês Martins Fernandes (12º D), que debateram o tema e elaboraram um Projeto de Recomendação à Assembleia da República sobre o tema proposto.

Foi também organizado um debate alargado à comunidade educativa, que teve lugar no dia 19 de janeiro, no auditório da escola. Havendo uma só lista, o debate foi apenas com os alunos

e professores presentes.

Após as eleições, que tiveram lugar a 21 de janeiro, foi realizada a Sessão Escolar, a 23 de janeiro, na Biblioteca, com a presença da professora coordenadora do projeto, Olinda Oliveira, e de todos os membros da lista, eleitos deputados à Sessão Escolar, para eleger os deputados à Sessão Distrital, tendo sido eleitos como efetivos: João Gil Gonçalves, Daniel Esteves, Diogo Asseiro e Daniela João; como suplente, foi eleito o deputado Telmo Afonso.

Na Sessão Escolar, foi também eleito candidato à Mesa da Sessão Distrital o aluno Daniel António Fernandes, que participou numa reunião realizada a 4 de março, pelas 14H30, no IPDJ, na qual foi eleito Vice-Presidente da Mesa da Sessão Distrital.

A Sessão Distrital realizou-se em Bragança, no dia 17 de março, no Auditório Paulo Quintela. Teve início com a chamada de todos os deputados, seguida de discursos introdutórios dos convidados: o Deputado da Assembleia da República Adão Silva, a Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Bragança, Cristina Figueiredo, e o Diretor da Região Norte do IPDJ, Manuel Barros.

Seguidamente, foi aberto um período de perguntas ao Deputado Adão Silva, no qual foram abordados temas tais como

o analfabetismo, as parcerias público-privadas, as taxas de insucesso escolar, o abandono escolar e o processo de ensino no pós-25 de Abril.

Iniciou-se, depois, o debate na generalidade. Foram apresentados os projetos de recomendação das várias escolas e realizada a sessão de perguntas na primeira fase, na qual o projeto da Escola Secundária Abade de Baçal foi o mais abordado, tendo sido interpelada por oito escolas, com o deputado João Gonçalves a responder a todas as questões. Nas rondas seguintes, os projetos mais questionados foram os da Escola Profissional de Ansiães e Agrupamento de Escolas Dr. Ramiro Salgado, de

Torre de Moncorvo.

Terminado o debate, seguiu-se a votação no projeto recomendado que serviria de base ao debate na especialidade, donde resultaria o projeto que seguiria para a Sessão Nacional, ocorrendo um empate entre a Escola Secundária Emídio Garcia e a Escola Profissional Prática Universal, tendo a última saído vencedora na segunda ronda de votações.

Fez-se a pausa para o almoço, oferecido pela Escola Secundária Miguel Torga, após o qual foi retomada a sessão e iniciado o debate na especialidade, no qual foram organizadas as escolas participantes em dois grupos com o objetivo de editar o pro-

jecto de recomendação aprovado, no qual foi substituída uma medida e as outras duas modificadas.

No final, decorreu a votação para a eleição das escolas e do porta-voz que iriam representar o distrito na Sessão Nacional, tendo sido eleitas a Escola Secundária Emídio Garcia e a Escola Secundária de Carrazeda de Ansiães e desta última foi eleito o deputado Vítor Moreira como porta-voz.



### Projeto Recomendação (Ensino Secundário)

#### Exposição de Motivos

Nos dias que correm a sociedade portuguesa defronta-se com graves problemas sociais e educativos. Na nossa opinião, não têm solução senão através de uma reestruturação. Esses são problemas que abrangem vários setores da sociedade.

O ensino básico, secundário e universitário, passando pela formação precária e rudimentar de certas profissões tidas como menos qualificadas, até ao “brain drain” de população jovem do país, constituem exemplos paradigmáticos desse flagelo. Esta realidade, perspetivada de um ponto de vista puramente político-económico, poderá ser justificada pela grave crise nacional. A lista A não negligencia essa premissa importante, contudo, pensamos que ainda há muito a fazer de modo a tornar o nosso sistema de ensino mais eficaz, eficiente e competitivo de forma a melhor servir os interesses nacionais bem como os de cada aluno em particular.

O nosso projeto não visa resolver desafios particulares do ensino público ou privado, mas sim um desafio bem mais abrangente - o do nosso sistema de ensino nacional.

As medidas que seguidamente propomos são alicerçadas em sistemas de ensino de vários países que, inquestionavelmente, se demonstram um real êxito. Essas medidas visam valorizar a vontade e capacidade de cada aluno, promovendo, assim, um percurso académico mais justo e abrangente, onde todos possam encontrar o melhor caminho, sem condicionalismos inoportunos como a escolaridade obrigatória.

#### Medidas Propostas

1. Alteração da forma de avaliação do atual 3º ciclo, onde surgirá um exame final de 9º ano com valor de 25 %, ao qual será adicionada a média de 8º e 9º ano (75%), numa escala de 0 a 20 valores. A nota resultante ditará se o aluno, na conclusão do 9º ano, ingressará

na formação profissional ou no ensino secundário. Se o aluno conseguir obter uma nota mínima de 13 valores, poderá optar, livremente, pela entrada na formação profissional ou no ensino secundário; caso, obtenha nota inferior a 13 valores, será direcionado para o ensino profissional, sendo-lhe possível a repetição do exame numa 2ª fase ou uma repetição do ano.

2. Introdução de alterações no ensino profissional, que abarcará a utilização de infra-estruturas próprias, visando uma especialização rigorosa e técnica dos alunos. Esta formação profissional basear-se-ia num modus operandi semanal com dois dias destinados a aulas teóricas e três dias destinados à vertente puramente prática, onde os alunos receberão formação na empresa ou instituição empregadora, com remuneração adequada ao estatuto de aprendiz. No final dos 3 anos de formação, será atribuído ao aluno um certificado profissional de habilitações

que permitirá uma entrada competitiva e dignamente remunerada no mercado de trabalho.

3. Modificação, no ensino secundário, dos critérios de acesso ao ensino superior. O aluno, obtendo uma média mínima de 10 valores no decorrer dos três anos, adquirirá um certificado final de secundário. No acesso ao ensino superior, serão modificados os atuais exames nacionais das disciplinas que funcionam como específicas de acesso, passando estas a ter apenas um peso de 30% na nota de cada disciplina. Em contrapartida, cada curso superior terá como requisito um exame de admissão elaborado pela própria instituição, cuja nota terá, na nota de entrada, um peso idêntico ao dos exames em vigor contabilizados como específicas.

## Parlamento dos Jovens – Básico

# Combater o insucesso escolar

Olinda Oliveira

No presente ano letivo, o Parlamento dos Jovens – Básico – tem por tema o “Combate ao insucesso escolar”, convidando os jovens a desempenhar um papel ativo neste sentido, refletindo sobre as causas do insucesso e apontando soluções para este problema.

Na Escola Secundária Abade de Baçal, o programa Parlamento dos Jovens foi articulado com a Biblioteca Escolar, que o divulgou e apoiou nas diferentes atividades.

Dez alunos do 9.º C, Aníbal Fernandes, Inês Barros, Matilde Fernandes, Mariana Salazar, Mariana Magalhães, Diogo Ventura, Catarina Sofia Fernandes, Mara Lisa Vaz, Bruna Alves e Rúben Ferreira formaram uma lista candidata, debateram o tema proposto e elaboraram um Projeto de Recomendação à Assembleia da

República.

No dia 20 de janeiro foram realizadas as eleições e, a 23 do mesmo mês, a Sessão Escolar, na Biblioteca, presidida pela professora coordenadora do Parlamento dos Jovens, Olinda Oliveira. Todos os membros da lista tinham sido eleitos deputados à Sessão Escolar, na qual seriam eleitos os deputados à Sessão Distrital, que foram, como efetivos, Aníbal Fernandes, Inês Barros, Bruna Alves, Matilde Fernandes e Diogo Ventura. Como suplente, foi eleita a Catarina Fernandes. Como candidata à Mesa da Sessão Distrital, foi eleita a Mariana Salazar, que participou, no dia 4 de março, numa reunião realizada no IPDJ, tendo sido eleita Presidente da Mesa da Sessão Distrital.

O Projeto de Recomendação aprovado na Sessão Escolar foi



enviado à Assembleia da República, acompanhado de um relatório da professora responsável, no qual foi também referido o tema proposto pela Sessão Escolar para o ano seguinte, que foi “o ensino das artes”.

A Sessão Distrital, presidida pela Mariana Salazar (9º C), teve lugar em Bragança, no dia 16 de março, no Auditório Paulo Quintela. Estavam presentes, como convidados, a Dra. Maria José Moreno, Deputada

da Assembleia da República, e o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Bragança, Paulo Xavier.

## Competições em rede

Paula Rodrigues

Decorreu no dia 25 de fevereiro de 2015 a primeira fase das competições nacionais do projeto PMate organizadas pela Universidade de Aveiro. O Departamento de Matemática da escola assumiu, mais uma vez, a responsabilidade de dinamizar esta atividade. Inscreveram-se nas várias competições: Diz3(3º e 4º ano); Diz+(5º e 6º ano); EQUAamat(7º ao 12º ano); língua EM REDE(3º ciclo) e FisqEmrede(9º ano) cerca de 508 alunos. Participaram as escolas: Abade Baçal, Augusto Moreno, Colégio São João de Brito, Escola Secundária Miguel Torga, Escola Básica e Secundária de Alfandega da Fé e Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros. As provas decorreram das 9 às 17h15min.

Os nossos alunos obtiveram os seguintes resultados a nível nacional: na prova Diz3(3º e 4º ano), posições 63, 120 e 187 de 848 equipas, as equipas (Gabriela Figueiredo Salgado e Daniel Pereira; Mariana Delgado e André Nascimento; Matilde Fernandes e José Magro); na prova Diz+(5º e 6º ano), posições 16, 45 e 91 de 1378 equipas, as equipas (Maria Manuel Costa e Ana Fernandes Vicente; Rodrigo Miguel Batista e João Pedro

Genésio; Telmo Guilherme Pires e Gabriel António Afonso); na prova EQUAamat de 7º ano as posições 26, 38 e 41 de 666 equipas, as equipas (João Francisco Fernandes e Anaisa Fernandes Moreira; Sónia Liu Chen e João Gonçalo Figueiredo; Pedro Gabriel Barreira e João Miguel Pires); na prova EQUAamat de 8º ano as posições 29, 49 e 86 de 509 equipas, as equipas (Daniela Domingas Fernandes e Ana Cassilda Ferreira; Luís Alberto Machado e Alípio Pereira Santos; Rafael Monteiro Rodrigues e André Miguel Pires); na EQUAamat de 9º ano as posições 4, 29 e 46 de 585 equipas, (Diogo Alexandre Ventura e Aníbal Moura Fernandes; João Pedro Neves e João Paulo Caldeira; Mariana Nunes Magalhães e Ana Luísa Afonso).

A segunda fase decorreu nos dias 11(1º e 2º ciclo) e 13(3º ciclo) de maio na Universidade de Aveiro.

Os nossos alunos obtiveram os seguintes resultados a nível nacional: na prova Diz3(3º e 4º ano), posições 56, 160 e 228 de 380 equipas, as equipas (Gonçalo Silva e Diogo Costa; Matilde Falcão e Luís Martins; João Martins e Bruno Laranjinha). De 61 escolas participantes

obtivemos o lugar 17 a nível nacional; na prova Diz+(5º e 6º ano), posições 30, 54 e 265 de 660 equipas, as equipas (Rodrigo Miguel dos Santos Baptista e João Pedro Ferreira Genésio; Maria Manuel Da Costa e Ana Fernandes Vicente; Vanessa Lemos e Andreia Teixeira). De 57 escolas participantes obtivemos o lugar 38 a nível nacional.; na prova EQUAamat de 7º ano as posições 159, 168 e 274 de 514 equipas, as equipas (Pedro Gabriel Barreira e João Miguel Pires; Constança Santos Cabral e Ana Marta Ferreira; João Eduardo Feliciano e Gonçalo Bartolomeu Dias); na prova EQUAamat de 8º ano as posições 120, 297 e 419 de 509 equipas, as equipas (Daniela Domingas Fernandes e Ana Cassilda Ferreira; Rafael Monteiro Rodrigues e Tiago Pereira; Ana Raquel Afonso Paradinha e Tiago Andrés Cerqueira); na prova EQUAamat de 9º ano as posições 129, 148 e 206 de 485 equipas, (Mariana Nunes Magalhães e Ana Luísa Afonso; Diogo Alexandre Ventura e Aníbal Moura Fernandes; João Pedro Neves e João Paulo Caldeira). De 140 escolas participantes obtivemos o lugar 65 a nível nacional.

O departamento agradece o

empenho de todos os que possibilitaram aos alunos do nosso agrupamento a participação nesta atividade e felicita os nossos alunos pelo seu envolvimento e

pelos resultados obtidos nas várias provas.



# Pedro Abrunhosa

## O melhor está para vir

**Cantor é alguém que empresta a voz para entreter e transmitir a mensagem que outro criou. Um músico entretém, mas incorpora a mensagem que criou. Ele é a própria música. Pedro Abrunhosa é um músico. No passado dia 8 de Novembro, Pedro Abrunhosa fez o público no Teatro Municipal de Bragança vibrar durante cerca de três mágicas horas. Incansável, depois de uma sessão de autógrafos, recebeu no seu camarim o grupo do Outra Presença.**

João Dias, Joana Aguiar, Marta Genésio-10ºB/C

-Este último álbum levamos, mais do que outros anteriores, a considerá-lo um músico de intervenção. Considera-se um músico de intervenção? É também essa a função da música?

-Eu quase que respondi a essa pergunta no palco. Eu acho que quando nós nos demitimos, enquanto cidadãos, de intervir civicamente o poder é tomado por aqueles que nos vão oprimindo. Oprimir significa liderar mal, gerir mal as nossas finanças e fazer algo de que não gostamos. Isso chama-se deixar que os outros concretizem atos políticos porque nós nos demitimos de intervir. Eu como cidadão intervenho. Como músico não. A música não tem nada a ver com isso. A música tem ideias, não é desprovida de ideias. Não sou Shakira nem Madona. O rock sempre foi uma música de ideias. É isso que eu faço. Ponho ideias nas músicas e as pessoas identificam-se com elas.

-José Gil refere que um dos problemas do nosso país é a falta de inscrição. As pessoas não estão habituadas a intervir civicamente. É mesmo isso o que de mais importante falta neste país?

-Eu acabei de responder a isto... É exactamente isso, a falta de commitment, empenho na vida política. A palavra política é complicada e as palavras afastam-se dela por causa das politiquices. A palavra política vem do grego, polis é a cidade, a sociedade, e a política é a gestão das ruas. Na altura era necessário essa gestão. A partir do momento em

que há dinheiro envolvido pode haver desvios, o custo da política é a corrupção. Por isso é que não nos podemos demitir. Todos nós somos políticos. Dizer que os políticos são incompetentes é um ato político. O que José Gil diz é que tempos de nos empenhar porque corremos o risco de desanimar. A auto-estrada chegou a Bragança, mas chegou tarde, embora tivesse havido muito empenho aqui, mas chegou tarde. As pessoas demitem-se, mas quando lhes colocam uma lixeira à porta, as pessoas reagem, agem politicamente. As pessoas demitem-se até que os problemas lhes chegam à porta. É, por isso, importante não deixar que as coisas nos apanhem desprevenidos.

-Sem que pareça uma pergunta muito dramática ou lamechas, as notícias que ouvimos preocupam-nos. Que futuro podemos nós, jovens, esperar deste país?

-Eu acho que o José Gil lança algumas pistas. A esperança é uma característica do seu humano. O animal que vai para abate não sabe que vai. O que nos distingue dos animais é termos a noção da desgraça e da esperança. Isso é bom. Temos a noção da desgraça e da esperança. E isso é bom.

O que nos salva do infortúnio e da desgraça é a arte: o belo, a contemplação, o pensamento, a palavra, a literatura, a música, a filosofia. Isso é uma forma de sermos felizes. Cada país que investiu na cultura, desde o século XVIII, é mais rico e mais feliz. Um público mais informado, por exemplo, nos países

da Escandinávia, é mais rico porque é mais culto. Formação, educação e cultura, ciência, investigação sempre constituem o único caminho da salvação. A desinformação, a demissão e a falta de cultura levarão sempre a que os espertos, os que sabem as manobras do poder, que são incompetentes, vinguem. "Portam-se bem à mesa mas são uns alarves na cozinha", como costume dizer. Futuro para os jovens: formação, educação, cultura. Vir a Bragança e ver estas perguntas enchem de esperança. Quer dizer que aqui se pensa e que os problemas do país são idênticos aos que ocorrem noutras regiões.

-Por falar em intervenção, o seu percurso passa pela escrita, mas, também já experimentou o cinema, com o filme "A carta" de Manoel de Oliveira. Como descreve essa experiência?

-Trabalhar com o Manuel de Oliveira foi muito enriquecedor. Foi como estar do lado de lá do ecrã. Estou habituado a ver os filmes do lado de cá. Estar do lado de lá é ver como ele transformou um texto difícil num filme mais acessível. Trabalhar, ter a experiência de ser dirigido por um mestre é isso mesmo: estar com um mestre.

-A sua vida já deu sete discos de originais. Um disco é uma espécie de livro?

Um disco é uma espécie de livro, porque está cheio de histórias e elas contam-se umas às outras. As canções são como um capítulo. E depois, mal o disco acaba, começa-se a escrever outro. O escritor não tem a função de apresentar o livro de cidade em cidade, salvo algumas situações, como o nobel, por exemplo. Mas eu tenho de o fazer e a digressão afasta-me da escrita. Eu não consigo escrever a conduzir nem em hotéis. O trabalho da escrita é de persistência e trabalho. Não posso chegar amanhã e esperar pela inspiração.



-A escrita vem antes ou depois da música?

Geralmente, vem depois. Às vezes há uma ideia de uma frase, por exemplo esta última canção gira em torno da frase "o melhor está para vir". Ela é o cerne à volta do qual construí uma música. Às vezes isso acontece. Por exemplo, Lobo Antunes tem um livro, cujo título ele explicou - "Ontem, não te vi em Babilónia". Esse título resulta de uma associação ao modo como se comunicava antigamente na Suméria: através de um caco de barro. O livro é um recado de um pai para um filho.

-O que é que só a música nos pode dar?

-A capacidade de estarmos todos na mesma sala a pensar em coisas diferentes, mas unidos num abraço. Podemos estar a pensar cada um em sua coisa, mas a música desperta a nossa imaginação e, simultaneamente, agrega-nos... e uma forma de comunicação muito fácil, entra em casa das pessoas, toca a memória emocional, vai à memória da infância e as pessoas recordam-se das canções. Conseguem-se isto tudo num espectáculo seja pequeno ou grande é quase uma liturgia, sem dogmas. Vocês não são obrigados a acreditar em nada.

-Em que medida o homem do Norte é diferente do Sul, entenda-se Lisboa? Em nada. Todos somos

diferentes. Fazer disso uma bandeira não faz sentido. Portugal é muito pequeno. Tem o umbigo muito perto dos pés. Se repararmos nos EUA que muda de fuso horário várias vezes, as pessoas de diferentes estados são diferentes. Há diferenças entre nós mas na génese somos todos iguais e falamos a mesma língua, ainda que com variações. Essa cultura de diferença entre Norte Sul é bastante perigosa nos tempos que correm.

-Que momento destacaria na sua carreira?

Esta magnífica entrevista (risos)...

-O que sente antes de subir ao palco? / Há algum ritual que faça antes disso acontecer?

- É a minha profissão já há muitos anos. Não giro as coisas por antecipação, não tenho rituais, não peço nada de especial.

-O seu percurso foi inverso ao de muitos artistas. Adquiriu um forte conhecimento musical antes de ser conhecido como músico. Isso foi determinante na sua carreira?

-Qualquer profissional tem de saber muito da sua área. Um médico não é só o que acertou as "cruzinhas todas" nos testes. É aquele que percebeu de dimensão humana, percebeu de filosofia, percebeu a importância do conhecimento. Esse é o médico que a

medicina é uma premência social. Na minha actividade fiz sempre tudo para dignificar a música, sou radicalmente contra as drogas, sempre fui, tenho a mesma postura com o grupo. Isso deu-me uma importante lucidez. A minha loucura no palco resulta da entrega e do desporto. Desporto e arte: "sex sports and rock & roll".

-Porquê o nome do grupo "Comité caviar"?

-É interessante. Tem uma certa cacofonia e um carácter dicotómico que agrada.

-Pode revelar-nos se tem um palco de sonho e alguém com quem gostasse de o partilhar?

-Não, nada de especial. Gosto muito de partilhar o palco com as crianças. Não gosto de estrelas. Sou um cidadão normal.

-Sempre quis ser cantor? Como é que reagiu a sua família?

-Sou músico. Cantores são os rapazes que têm uma boa voz e depois animam festas. O Rock não tem cantores tem pessoas que vestem a canção com a sua voz. Os ídolos, o X factor estão cheios de miúdos que sabem cantar, mas cantar não serve para nada a não ser que se tenham boas ideias. Caso contrário, é-se apenas uma máquina de reproduzir ideias.

-Acha, então, que os cantores também podem ser compositores? (p.43)

No âmbito do projeto de teatro existente na escola, foram muitas as peças e os autores que os alunos e professores envolvidos nos permitiram rever.

Nesta edição, recuperamos as peças que nos últimos 25 anos foram produzidas na escola e mostradas à comunidade educativa.

1989-1990  
Adaptação dos contos da coletânea “O fogo e as Cinzas”, de Manueçl da Fonseca  
Encenação: Alice Bravo, Manuel Ferro



1991-1992  
Adaptação do Auto da barca do Inferno  
Encenação: Alice Bravo



1991-1992  
Auto dos tempos modernos  
Encenação: Paula Romão



1992-1993  
“Quem conta um conto”  
Encenação: Paula Romão



1993-1994  
“A Pedra”  
Encenação: Alice Bravo e Paula Romão



1994-1995  
“A última esperança”  
Encenação: Fernando Calado

25 anos de teatro na escola

# Se gostas de mim... eu também não

## Somos contra a violência no namoro!

**Intérpretes**  
Ana Rita Abreu, Ana Rita Santos, Ana Vitória Augusto, António Ramalho Pereira, Daniel Fernandes, Daniel Ramos, Daniel Vieira, Gonçalo Xavier, Inês Constâncio, Inês Contins, Inês Marrão, Joana Aguiar, Joana Alves, Joana Gonçalves, Joana Silva, José Manuel Vicente, Margarida Prior, Maria Luís Mazeda, Maria Manuel Gorgueira, Mariana Coelho, Marta Genésio, Ricardo Silva, Sérgio Silva, Sofia Rodrigues

**Texto e encenação:** Paula Romão  
**Cenografia:** João Ortega, António Sá  
**Coreografia:** César Malainho  
**Operação de Som:** César Malainho  
**Fotografia e Som:** Elza Simão, alunos do 10º ano do Curso de Multimédia do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal

Se gostas de mim... eu também não  
O projeto A peça levada à cena nos dias 29 e 30 de maio, no Teatro Municipal de Bragança, foi o corolário de um processo que teve o seu início na proposta que nos foi feita pelo Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica do Distrito de Bragança. Foram meses de reflexão, de

sessões de sensibilização com as psicólogas responsáveis daquele organismo – Teresa Fernandes e Cristina Torrão –, de avanços e de recuos em relação à melhor estratégia a adotar para que o projeto pudesse ganhar uma dimensão que permitisse abordar esta questão de forma desassomburada e pedagógica. A violência no namoro é uma



realidade profundamente grave e preocupante, cuja dimensão não para de crescer, ganhando contornos assustadores e produzindo efeitos arrasadores. É, por isso, obrigação de todos nós

olhar o problema, refletir sobre ele e não permitir que persista. Não esqueçamos que em cada quatro jovens reconhece que já foi vítima de uma relação abusiva... É preciso ob-

servar, prevenir e agir. Porque o Mundo pode ser mudado em cada momento, por cada pessoa, em nome de cada causa que sintamos que devemos abraçar...



A Maria é uma rapariga com uma baixa auto estima e que tem um grande medo da rejeição por parte do namorado, o Hugo. Posto isto, ela aceita e acredita em todos os comentários maliciosos que este lhe faz.

No entanto, ela tenta libertar-se da relação violenta que tem mas, infelizmente, é sempre rebaixada pelo companheiro.

Esta participação no teatro da escola foi uma experiência muito enriquecedora já que a peça transmite uma mensagem muito forte ao público. Para além disso, conheci muitas pessoas novas.

Inês Gomes, 12ºB



Pedro, irmão do Luís, é um rapaz amigável, que defende sempre os seus amigos e apresenta o Javi, um novo aluno espanhol, ao grupo

Ao longo do processo de criação da peça, fiz novas amizades e recolhi novos conhecimentos. Apesar de algumas dificuldades durante esta experiência, os ensaios caracterizaram-se sempre por um bom e divertido ambiente.

Ricardo Silva 10ºB



Gosto de teatro desde que participei nas peças da escola primária. O décimo ano deu-me a oportunidade de voltar a ser atriz. O grupo de teatro dá-nos oportunidade de representar, fazer amizades, conviver, e, acima de tudo, aprender.

Desde Outubro, às sextas-feiras à noite, o elenco reúne-se e dá vida a outras pessoas, integradas numa peça repleta de drama. Porém, ao mesmo tempo que aborda um tema sensível como este, a violência no namoro, consegue ser muito cômica.

A minha personagem é a Rosa, uma adolescente normal, alegre, que gosta de estar com os amigos. Não gosta de violência e fica revoltada ao ver a amiga Fabiola a ser iludida por um rapaz cruel e aproveitador do amor dela. Maria Manuel, 10ºB



A Violeta é uma personagem alegre porém consciente das suas palavras. É decidida, determinada, assertiva e compreensiva. Ela usa o seu discurso para tentar mudar a mentalidade dos que a rodeiam.

Desta forma, é totalmente contra a violência e defende os seus princípios até ao fim.

A experiência de participar no teatro da escola é, sem dúvida, enriquecedora e inesquecível. Principalmente com uma peça que tem uma mensagem importante nos nossos dias e que apresenta uma realidade que não está assim tão distante de nós: a violência no namoro.

A Manuela, a personagem que represento, é uma feminista que sabe bem o que quer e o valor que tem como pessoa. Opõem-se aos namoros violentos a que as amigas se sujeitam e tenta mostrar-lhes que podem libertar-se desse ciclo.

Mariana Coelho, 12ºB



A personagem que eu interpreto retrata um burgueso que abusa da sua namorada, Maria, que descobre da pior forma essa característica.

Com efeito, o Hugo trata a sua namorada com desprezo, desrespeito e falta de consideração. Maria por sua vez é uma jovem que se sente impotente perante as agressões físicas e psicológicas infligidas pelo namorado. E por essa razão tem um final trágico.

Daniel Vieira, 11ºC

A Sofia é uma personagem um pouco irónica, impulsiva, psicologicamente forte e está ciente do problema em causa: a violência no namoro. A jovem tem no seu círculo próximo de amigas vítimas deste tipo de agressão, manifestando-se continuamente. Em conjunto com o resto do grupo, no seu discurso, visa transmitir uma mensagem de apoio às vítimas e existe um incentivo para a denúncia.

O tema abordado abrange uma área muito concreta e a mensagem emitida tem um impacto intenso no público.

Esta experiência expandiu o meu conhecimento nesta área e também me permitiu perceber como agir e tentar ajudar pessoas que se encontram nesta situação.

Concluindo, sinto-me lisonjeada por ter participado nesta iniciativa que tem como objetivo chamar a atenção para a violência no namoro entre os jovens.

A Fabiola é uma personagem que demonstra muita pouca consideração por si e não pode sentir qualquer gosto pela sua pessoa. Tem uma grande obsessão pelo namorado e por isso aceita todo o tipo de humilhações por parte dele além de que ela mesma chega a humilhar-se. É uma pessoa psicologicamente fraca e com uma incrivelmente baixa autoestima.

Esta peça de teatro é muito rica simbolicamente tendo em conta a importância da mensagem que quer transmitir. Foi uma experiência que de forma geral me ensinou muito acerca da violência no namoro e que me fez querer estar mais atenta às pessoas que me rodeiam.

Joana Silva (12ºB)

Com efeito, estar integrada neste projeto permitiu-me entender melhor esta problemática com que nos deparamos diariamente. Consegui perceber a dificuldade dos jovens comunicarem estes problemas que os podem atormentar durante muito tempo.

Concluindo, sinto-me lisonjeada por ter participado nesta iniciativa que tem como objetivo chamar a atenção para a violência no namoro entre os jovens.

Inês Contins,

## 25 anos de teatro na escola



1997-1998

“Na casa das Línguas moram as Palavras”

Encenação:: Paula Romão



2000 - 2001 - 2002

“Felizmente, há Luar!”, adaptação da obra de Luis de Stau Monteiro

Encenação:: Alice Bravo, Paula Romão



2002-2003

“Que farei com este livro”, adaptação da obra de José Saramago

Encenação:: Paula Romão



2003-2004

“Sonho de uma Noite de Verão”, adaptação da obra de William Shakespeare

Encenação:: Paula Romão



2004-2005

“A Casa de Bernarda Alba”, a partir da obra de Federico Gracia Lorca

Encenação:: Paula Romão



2005-2006  
"A Maçon", a partir da obra de Lídia Jorge  
Encenação: Paula Romão



2006-2007  
"Que farei com este livro", a partir da obra de José Saramago  
Encenação: Paula Romão



2007-2008  
"Romeu e Julieta, adaptação da obra de William Shakespeare  
Encenação: Paula Romão



2008-2009  
"Sonho de uma Noite de Verão", adaptação da obra de William Shakespeare  
Encenação: Paula Romão



2009-2010  
"António e Cleópatra", adaptação da obra de William Shakespeare  
Encenação: Paula Romão

## 25 anos de teatro na escola



A Edite, Didi, é uma personagem segura de si mesma, decidida e bastante ciente da realidade. Esta rejeita o seu admirador, Sebastião, mas não de uma forma violenta pois como é perceptível, Edite é contra a prática da violência

Sendo assim, posso garantir que participar nesta experiência foi extremamente positivo. Não só pelos bons momentos que passámos nos ensaios, mas também porque o tema desta peça é algo a que todos deveríamos estar bastante atentos. Infelizmente, é um problema bastante comum e esta peça permitiu-me aprender mais acerca dele e de como o combater.  
Ana Santos, 10ºD



Participar pela primeira vez no teatro escolar foi uma experiência bastante satisfatória onde desenvolvi um carinho pelo teatro em si, recolhi novos os e fiz novas amizades. A atmosfera vivida durante os ensaios é de grande harmonia, felicidade e confraternização.

A minha personagem, Teresa, é uma jovem bastante perturbada e infeliz, que vive constantemente no medo, aflição e preocupação pela sua família. Este estado de espírito da personagem provém da atmosfera de agressões que existe na sua família, agressões essas infligidas pelo pai, especialmente na mãe e por vezes nela própria e no irmão.

Apesar de não me identificar com a personagem, tanto na sua maneira introvertida de ser, como no seu caso, gostei bastante de lhe dar vida, devido às experiências que me proporcionou.

Joana Alves, 10ºB



Neste período de tempo em que convivi com a comunidade de teatro e refleti sobre um dos mais graves problemas da nossa sociedade – a violência no namoro – avaliar esta realidade chegando à conclusão que a minha função é igual à de todos os outros: proteger e informar o próximo.

A minha personagem, de uma forma bastante irónica e sarcástica, tem como função informar e mandar mensagens e ideias chave para o público, com o fim de que este reflita sobre a questão. Tudo isto de uma forma cómica e excessiva, mostrando a sua impotência e intolerância, traduzidas em agressividade e desprezo para com os agressores.

Sérgio ...

"Se gostas de mim... Eu também não" é uma peça original que está inserida no tema da violência no namoro e tem, por isso, uma vertente informativa: informar, especialmente para os jovens, que estão a iniciar a sua vida amorosa, sobre o que é a violência e o que é saudável ou não.

A minha personagem é a Antónia, uma jovem que se recusa a aceitar a violência no namoro e que ao longo da peça vai transmitindo mensagens diretamente para o público. É impulsiva, um pouco agressiva, mas preocupada com todos aqueles que sofrem com este tipo de problemas.

Participar neste teatro com uma mensagem tão forte e que, infelizmente, é atual, contribuiu para que crescesse como pessoa e sobretudo para que me apercebe-se do que deve ser uma relação, do que é correto ou errado. Um projeto espetacular!

Marta Genésio, 10ºB



Júlia é uma jovem rapariga que faz parte do grupo de amigas de Fabíola, que a apoiam e opinam acerca da sua relação com Rui, um dos rapazes mais cobiçados da sua escola. Esta adolescente é frontal e consciente do que a rodeia.

Pessoalmente, considerei esta minha participação no teatro escolar do agrupamento muito estimulante pois promoveu o convívio entre os participantes e com este tema consegui tomar consciência acerca de uma realidade muito presente mas que é pouco tomada em consideração e até mesmo descrença pelas pessoas, a violência no namoro, e como proceder caso esteja sob esse tipo de trato.

Sofia Rodrigues, 10ºA



A minha personagem – Rute – pode ser considerada egoísta e egocêntrica. O seu comportamento evolui de forma negativa, ao longo da peça, mostrando-se uma adolescente infantil e mimada, que acaba por se tornar irritante.

Rute não dá valor ao excelente namorado que tem, mostrando-se enfasiada com ele e acabando por deixá-lo, sem perceber a excelente pessoa que Luís é. Ana Vitória, 12ºE

“Matilde” retrata uma vítima de abuso psicológico e sexual feito pelo seu namorado. É uma personagem caracterizada pela seu sofrimento e dor provocado por essa situação. Durante a sequência das cenas denota-se uma evolução psicológica ao nível de “Matilde” já que esta se encontra, inicialmente, magoada e insegura, e, posteriormente, torna-se uma jovem confiante e apaixonada por si. Por conseguinte, exponho o impacto que esta experiência teve para mim, uma vez que me deparei com problemas ainda inerentes na adolescência, como a violência física e psicológica existente no namoro. Maria Mazedra

A Rita é uma personagem um pouco enigmática.

Através das suas palavras perturbadas, apercebemo-nos do seu passado traumático e, posteriormente, sabemos que ela teve uma relação abusiva que deixou fortes marcas.

Ao longo da peça, acompanhamos Rita nos seus monólogos abstratos, reflexões e somos confrontados com a sua vulnerabilidade. Assistimos à evolução desta personagem, que inicialmente se mostrava derrotada e inundada de tristeza, dúvida e ódio por si mesma. Rita acaba por ultrapassar as suas fraquezas e o seu medo e torna-se livre e alegre ao encontrar força no amor próprio que vai reconstruindo. Joana Aguiar, 10ºB



Carolina é o nome da personagem assertiva, determinada e compreensiva que integra o elenco da peça “Se Gostas De Mim... Eu Também Não”.

Com efeito, Carolina tenta erradicar, com as suas palavras sábias e, por vezes, irónicas uma realidade injusta e cruel tão presente na sociedade atual: a violência no namoro.

Por conseguinte, participar nesta peça foi um privilégio não só pelo facto de ter feito novas amizades, mas principalmente por saber que com a minha participação e com a realização desta peça possamos ter impedido ou interrompido alguns casos de violência. Ana Abreu

Foi muito bom ter participado nesta experiência do Teatro Escolar, porque é uma sensação espantosa estar em palco! Por momentos, esquecemo-nos de tudo e pensamos que só nós existimos.

A minha personagem, Sebastião, está muito próxima de mim, sendo amorosa e divertida. Só tenho pena de que a minha “relação” com a Didi não tenha ficado resolvida, porque Sebastião poderia mostrar que era um rapaz muito sensível e apaixonado...

Adoro representar e conseguir criar um sorriso na cara das pessoas...

Daniel Ramos, 10ºA

Beatriz é uma jovem determinada, que não se deixa dominar, não se deixa vencer e, por isso, nunca é considerada uma vítima, porque não possibilita sequer que tal aconteça.

Se há alguma espécie de vulnerabilidade na

personalidade de Beatriz é apenas, ainda que mínima, no que diz respeito à sua relação com Alexandre. Estas duas personagens, embora tenham as suas discussões, estabelecem uma relação harmoniosa, que funciona com base no amor próprio e respeito mútuo.

Quanto à minha participação no grupo de teatro, devo dizer que, ao fim de 4 anos, todos os ensaios continuam a ser uma nova aventura. Primeiro, no que toca aos novos conhecimentos que vamos adquirindo em relação aos temas abordados nas peças. Segundo, no que diz respeito ao convívio e às amizades que se criam ou se alimentam dentro e fora das quatro paredes da sala. Nunca poderei dizer que me arrependo de ter participado nesta iniciativa. Joana Gonçalves, 12ºC

Em, “Se gostas de mim, eu também não”, Rui é um adolescente fortemente marcado por ideais ainda notados na nossa sociedade. Ele é um rapaz que se pensa superior a todos os outros e que, quando confrontado, se vê

obrigado a recolher ao seu canto, permanecendo rancoroso, com respostas monossilábicas. É, assim, um rapaz violento, mandão, que se pensa engatado, mas que não passa de uma pessoa plana, fútil e sem grande futuro.

Falando agora acerca da minha experiência neste teatro, sendo o meu primeiro ano nestas andanças, devo dizer que estou completamente rendido. O ambiente vivido na sala de ensaios é fantástico. O entrosamento criado entre nós facilitou e muito a encenação da personagem. E da peça, tenho a dizer que, sendo um tema tão actual e tão bem retratado é realmente gratificante poder sensibilizar a comunidade, tentando-a mudar, para melhor. Daniel Fernandes, 12ºC

A minha experiência enquanto ator foi extraordinária: enquanto aprendíamos a melhorar as nossas capacidades de representar, também convivíamos uns com os outros. Outro aspeto que tornava os ensaios muito mais interessantes era o tema escolhido ser cativante e atual. O Luis é uma personagem muito meiga e carinhosa, mas, devido a essas características, acaba por ser controlado pela namorada, que no fim termina a relação com ele. António Ramalho, 10ºC1



## 25 anos de teatro na escola



2010-2011  
“Os Maias”, a partir da obra de Eça de Queirós  
Encenação:: Paula Romão



2011-2012  
“Memorial do Convento”, a partir da obra de José Saramago  
Encenação:: Paula Romão



2012-2013  
“Sonho de uma noite de verão”, a partir da obra de William Shakespeare  
Encenação:: Paula Romão



2013-2014  
“Diário de Adolescentes”, Texto de Paula Romão  
Encenação: Paula Romão



2014-2015  
“Se gostas de mim ... eu também não”  
Texto de Paula Romão  
Encenação: Paula Romão

# Manoel de Oliveira

11.dez.1908 - 2.abr.1915

“ Em casa, falta-me espaço. Na vida, falta-me tempo. E não posso dar remédio nem a uma nem a outra”



Adriana Nascimento - 12ºB

**Nasceu no Porto ainda D. Manuel II reinava, assistiu à implantação da República, viveu a ditadura salazarista e conviveu com as modernices do séc. XXI. Foi considerado um génio da sétima arte e era o único cineasta vivo que tinha presenciado a passagem dos filmes mudos para os filmes sonoros. Um dia disse “A única coisa que sabemos ao certo é que ninguém nasce senão para morrer” e morreu deixando uma vasta obra com cerca de 50 longas e curtas-metragens. Tinha 106 anos, faleceu no dia 2 de Abril e chamava-se Manoel de Oliveira.**

Manoel de Oliveira nasceu na freguesia de Cedofeita, no Porto e em jovem frequentou um colégio de jesuítas na Galiza e foi campeão nacional de salto à vara, tendo sido atleta também do Sport Clube do Porto. Aos 20 anos, o bichinho do cinema começou a despertar e envervou pela escola de atores da cidade portuense. O seu primeiro filme foi “Douro, Faina Fluvial”, em 1931 e o último foi uma “reflexão sobre a humanidade”, lançado no seu 106º aniversário e intitulado “O Velho do Restelo”. Passaram 83 anos e cerca de 33 longas metragens e muitas outras curtas.

As obras do cineasta portuense

pretendiam retratar a sociedade portuguesa, a sua cultura e a sua história. Filmou a aristocracia, o povo, a Expo-98, Camões ou Eça de Queirós. Filmou o amor como uma ideia frustrada, como podemos ver em “Amor de Perdição” ou “Francisca”. São da sua autoria filmes como “Aniki-Bobó” (1948), “Benilde ou a Virgem Mãe” (1974), “Non, ou Vã Glória de Mandar” (1990), “Vale Abraão” (1993), “O Estranho Caso de Angélica” (2010), “Singularidades de Uma Rapariga Loira” (2012) ou “Gebo e a Sombra” (2012). Pode não se gostar dos seus filmes, mas é impossível não reconhecer o talento, a

determinação, a cultura, a arte do cineasta que os idealiza e constrói.

Manoel foi condecorado com o título de comendador da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada, em 1980, e recebeu também o título de Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada, 8 anos depois. Em 2009, recebeu o prémio de carreira e prestígio na Gala dos Globos de Ouro. A nível internacional foi reconhecido pelo Governo Francês, em 2014, com o título de Grande-Oficial da Ordem Nacional da Legião de Honra.

Jean-François Blarel, embaixador francês, descreveu o cineasta

oriundo da cidade Invicta como “fora do comum”. João Bénard da Costa, escritor e crítico português, disse que “Manoel de Oliveira era o único equivalente, na cultura portuguesa do séc. XX, a Fernando Pessoa”. Manoel de Oliveira foi um dos maiores artistas cinematográficos que Portugal conheceu e também um exemplo de que a inutilidade e a velhice não são conceitos unidos, muito pelo contrário, a velhice trouxe-lhe mais sabedoria e vontade de trabalhar e de fazer bons filmes. E tornou-o único.

## Amores e desamores de um grupo de jovens portuenses

- Não. Num mundo ideal todos escreveríamos coisas, todos praticaríamos a escrita. Mas isso não acontece. Os grandes cantores de ópera cantam o que está escrito. O cantor é mais um instrumento do grupo. Se eu fosse mudo, mandava vir um cantor para executar as canções. Como não sou mudo, canto à minha maneira e faço o que fazem os meus colegas do rock, coloco a minha voz ao serviço da música. Se reparares, o Mick Jagger não canta bem, grita até um bocado (imitação e risos), mas, sem ele, os Rolling Stones não existiam. Ele é a alma do grupo.

“Aniki Bóbó” é a primeira longa-metragem e primeira obra de ficção de Manoel de Oliveira, adaptação de um conto da autoria de Rodrigues de Freitas, intitulado “Meninos Milionários”.

Marta Genésio- 10ºB

O filme recua à década de quarenta, em plena Segunda Guerra Mundial e no auge do regime fascista de Oliveira Salazar. Este é uma história simples que ilustra as aventuras e os amores de rapazes de baixa condição social da cidade do Porto.

No filme “Aniki Bóbó” está envolvido um triângulo amoroso, Teresinha, Carlitos e Eduardo. Carlitos é um rapaz alto, tímido e sereno, vizinho de Teresinha, que dela não tira os olhos. Este faz-se sempre acompanhar do seu melhor amigo, Batatinhas, um rapaz pequeno e irrequieto, mau aluno,

mas muito engraçado que, mesmo querendo, pouco consegue fazer por Carlitos quanto ao namoro com Teresinha.

O grande rival de Carlitos, Eduardo, é bastante atrevido no assédio a Teresinha, junto a quem está sempre a exhibir-se. Este não perde uma oportunidade de provocar e humilhar Carlitos.

Tudo isto acontece nas velhas ruas do bairro pobre em que estes rapazes habitam, na zona ribeirinha da cidade do Porto, sendo este o palco de todas as suas aventuras.

A enorme paixão de Carlitos por Teresinha leva-o a roubar na “Loja das Tentações”, onde tudo se compra, uma linda boneca de que ela muito gosta. Com a oferta da boneca, Carlitos “rouballe” o coração, mas o medo de ser descoberto e o sentimento de culpa atormentam-no.

Um dia, numa brincadeira inocente, Eduardo escorrega e cai ao lado de um comboio que passa naquele mesmo momento. Todos, inclusive Teresinha, julgam que Carlitos foi o culpado e afastam-se dele. Contudo, tudo se esclarece por intervenção do dono da “Loja das Tentações”, de onde Carlitos tinha roubado a boneca, que assistira ao acidente e que retira todas as suspeitas de cima de Carlitos.

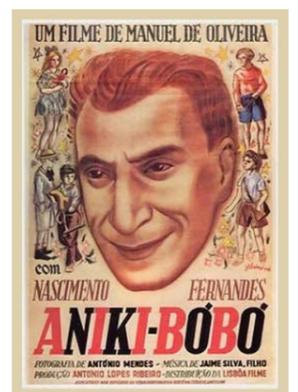
O filme acaba com todos a fazerem as pazes com o rapaz, voltando a jogar aos polícias e ladrões, ou seja, o jogo do Aniki Bóbó, fórmula mágica que, nas brincadeiras de crianças, permite determinar, sem discussão, quem é polícia e quem é ladrão: Aniki Bóbó Passarinho Tóto Berimbau Cavaquinho Salomão Sacristão Tu és polícia

Tu és ladrão “Aniki Bóbó” tem sido destacado por muitos críticos e historiadores de cinema como um filme precursor do neo-realismo italiano que se caracterizou pelo uso de elementos da realidade numa peça de ficção. Aproximando-se em algumas cenas das características do filme documentário, representa, também, a realidade social e económica da época.

O filme desenrola-se numa rivalidade entre crianças que manifestam sentimentos de hipocrisia, egoísmo, inveja e superioridade. A ação do filme é sobretudo sobre a culpa, o medo, o desejo e a transgressão. O facto de os protagonistas serem crianças reforça essas mesmas emoções. Além disso, tudo converge para a “Loja das Tentações”, onde o único adulto do filme preside a um terror tão mais insinuado quanto se assume, simultane-

amente, como Deus e o Diabo, oculto conhecedor e punidor dos desejos recalçados. Pode, ainda, constatar-se a presença da mulher, figurada numa rapariga perversamente inocente, Teresinha, e na boneca que metaforicamente com ela se confunde.

O valor e a importância da obra só foram unanimemente reconhecidos muito após a sua estreia, encarregando-se o tempo de tornar Aniki-Bobó numa obra-prima do cinema português.



# «Duas pessoas» e um palco

A peça de teatro «Duas Pessoas», de Herberto Helder, chegou ao Teatro Municipal de Bragança no dia 24 de

Inês Geraldês, 10ªA

outubro.

Esteve presente durante o decorrer da peça uma audiência variada, onde surgiram diversos comentários encomiásticos. Esta foi produzida pelo Teatro Terra e apresentou duas personagens principais interpretadas por Maria João Luís e Maria Carvalho, acompanhadas pela violinista Bárbara Duarte.

Trata-se de uma peça que conta a história entre uma prostituta e um homem de idade avançada. Du-



rante o decorrer da ação, ouvimos os discursos, em parte lógicos e pessoais, de ambos e o que pensam acerca do outro.

O palco enche-se de diversas questões que bombardeiam o espectador. Ao longo da peça, Maria João Luís capta o público com o seu discurso forte e racional, que faz a plateia refletir sobre as palavras verdadeiras e cruéis, pronunciadas pela personagem. A dúvida que reside em cada um baseia-se na individualidade. A personagem irá questionar a veracidade da existência do ser humano e ponderar sobre o facto de sermos apenas um reflexo do que somos e até dos outros. Surge, então, a percepção

de uma humanidade onde o género é dominado pelo ser, onde somos apenas pensados.

Com efeito, o tema base da história é a necessidade de companhia, a pena, e em parte o encontro de uma solidão igual à nossa nos outros. Encontramos uma projeção do que as personagens desejam ser naquela que com ela partilha o palco.

O discurso é acompanhado por troços de melodias de compositores famosos, como Bach. Vão sendo projetadas imagens do velho e da prostituta num meio acolhedor, mas, ao mesmo tempo, sombrio, o que nos permite uma melhor visualização dos laços entre as persona-



gens. Está presente no decorrer da peça a dança, através de trejeitos que mostram a solidão e a desorganização das personagens.

Um dos aspetos mais importantes na peça é o facto de apenas uma das personagens falar, e a troca de casacos marcar a troca de personagens.

Em suma, é uma peça com um turbilhão de emoções; com uma linguagem rica mas leve, sendo uma mistura da representação, da dança e da música.

## Trovas e canções

“Trovas e canções”, da autoria de Paula Carvalho e Paulo Mira Coelho, esteve presente no dia 8 de Abril na sala do Teatro Municipal de Bragança, apresentando uma harmoniosa confluência de teatro, música e poesia.

Inês Geraldês, Marta Genésio - 10ªAB

Trata-se de um espetáculo que coaduna três procriações de atores que cercam a entidade, Ruy de Carvalho, ao longo do qual são recordados nomes como José Luís Gordo, Zeca Afonso, Florbela Espanca, Gil Vicente, Fernando Pessoa e Manuel Alegre, sendo que tudo se prolonga numa aura de intimismo com os espetadores.

Ao longo da peça foram ainda homenageados três grandes nomes da nossa literatura, Gil Vicente, com o “Monólogo do Vaqueiro”, interpretado por Ruy de Carvalho, Camões, pela voz de Henrique de Carvalho, e Bocage, por João de Carvalho. Com efeito, os textos foram cantados por todas as vozes da família Carvalho, bem como por Ana Marta, Prémio Amália Revelação 2011, com acompanhamento à viola clássica e à guitarra portuguesa, a cargo dos professores Diogo Tavares e Ricardo Gama.

O público acompanhou vivamente os temas cantados e cita-

dos, de um modo invejável dada a complexidade estabelecidas entre ambas as componentes. As trovas alinham-se às canções, de modo que dentro do auditório os atores trocaram de posições com os espectadores, tornando o ar preenchido por palavras sábias que exprimiam diversos significados deixando o público perplexo e ansioso.

Todo o conjunto mostrou ser uma família unida por laços muito fortes, renovados com cada passo dado em conjunto. Todos apreciaram a maneira como representam mestres de música e vozes invejáveis que serviram as mais famosas canções portuguesas do último século.

Durante cerca de uma hora e meia, os seis atores recitaram e cantaram os mais conhecidos poetas do século XX. Como um dos atores referiu, “A beleza deste projecto não está na audácia de criar, mas sim no prazer de oferecer, humildemente, aquilo que a nossa cultura tem de mais sublime... O mundo mágico da imaginação!”

Ruy de Carvalho liga-se a Portugal e ao seu património musical, partilhando em público e na presença da sua família a força da língua portuguesa, dedicando o espetáculo inteiro ao património cultural do país.



Limpa Palavras

Limpo palavras.  
Acaricio-as à noite,  
a palavra cama, a palavra livro.  
Limpo-as de dia,  
a palavra casaco, a palavra cão.  
A palavra porta fecha as  
coisas que não gosto.

A palavra banana é amarela como o Sol.  
A palavra bola é redonda como a lua.  
A palavra tristeza magoa o meu coração.

No fim de tudo crescem e vão-se embora.  
Sem nada que eu possa fazer.

A palavra escuridão  
Ilumina-me para a verdade,  
as outras não.  
A palavra sofá faz com que eu descanse,  
as outras não.

Limpo palavras.  
Acaricio-as à noite,  
a palavra oceano, a palavra amor.  
Limpo-as de dia,  
a palavra coração, a palavra alegria.  
A palavra memória faz-me recordar...

Miguel Alves, 5ºB

# Livro e peça na comemoração dos 10 anos do Teatro Municipal

O Teatro Municipal de Bragança celebra este ano 10 anos, 10 anos a dar espectáculo e a enriquecer culturalmente a nossa cidade.

Marta Genésio- 10ºB

Para tal, e como é um ano de aniversário, no dia 13 de Setembro realizou-se o lançamento do livro “Teatro Municipal de Bragança – 10 anos”, que assinala todo o percurso desde a abertura do Teatro até aos dias de hoje, e à noite decorreu a estreia absoluta do espetáculo “Abade – a história de um Homem que andava a pé”, um projeto de parceria entre a comunidade brigantina e a Companhia de Teatro da Garagem, com a direção de Carlos Pessoa.

A origem desta sala remonta a 2004, radicando num projeto nacional que visava implementar salas de teatro em todo o país e que foi aproveitado pelo presidente da câmara então em exercício, Jorge Nunes, tendo, por isso, o seu contributo sido assinado pelo atual presidente da autarquia, durante a

sua intervenção.

O lançamento do livro contou com a presença da Diretora do Teatro Municipal de Bragança, Helena Genésio, da Diretora da companhia de Teatro da Garagem, Maria João Vicente, do Presidente da Câmara Municipal de Bragança, Hernâni Dias e do Presidente da Assembleia Municipal, Luís Afonso.

A abertura coube à diretora do Teatro que manifestou o seu orgulho em apresentar dois projetos num mesmo dia: o livro, que considera “um livro de afetos”, com os 46 testemunhos que o constituem, e a peça em estreia absoluta, que recorda a vida de uma pessoa ímpar da região.

O livro “Teatro Municipal de Bragança - 10 anos” conta com 46 testemunhos de companhias e pessoas que marcaram a história desta sala de espetáculos brigantina. Um livro no qual palavras como “Persistência”, “Casa”, “Profissionalismo”, “Cumplicidade” e “Serviço Público” marcam as suas páginas, sobressaindo em muitos



dos testemunhos nele presentes. Salientamos as palavras de Maria João Vicente, que elogiou o teatro como projeto único, pelo seu importante papel na formação cultural do povo, pela qualidade dos seus espetáculos e pelo facto de contribuir para a descentralização ou, pelo menos, para a criação de “outras e novas centralidades”. Estas palavras confirmam, portanto, o importante papel deste serviço em Bragança:

“Bragança e o seu teatro Municipal são, sem dúvida, um exemplo bem-sucedido de como conseguir ultrapassar limites geográficos penalizadores. O Teatro Municipal de Bragança é, sem dúvida, uma casa bem construída”.

A estreia absoluta do espetáculo “Abade – a história de um Homem que andava a pé” aconteceu no âmbito do projeto “O Teatro e a Comunidade”, que tem vindo a ser de-

envolvido há vários anos. Este ano foi realizado um projeto sobre uma figura transmontana – o Abade de Baçal.

Com apenas 10 dias de trabalho, a comunidade brigantina e o Teatro da Garagem construíram um espetáculo de que todos os participantes e directores se orgulham, e que virá novamente a cena no próximo ano.

O Teatro Municipal construiu, ao longo destes 10

anos, uma casa, um Teatro feito para a Comunidade, com as pessoas que entram na sala, em cena e nos bastidores. Para que o Teatro possa continuar a evoluir, é necessário que toda a comunidade se una e vá ao Teatro.

O Teatro é o espelho da vida. Nós vamos ao teatro, identificamo-nos com as personagens e retiramos lições.

## Capicua, ou a emancipação orgulhosa da mulher

Com um nome invulgar, Capicua esteve na sala do Teatro Municipal Bragança, no dia 12 de Fevereiro na rubrica “Noites Frias Vozes Quentes”, a apresentar o seu novo disco “Sereia Louca”.

Marta Genésio- 10ºB

Com a sala quase esgotada, Capicua e a sua música de intervenção levaram o público a saltar, dançar e a cantar ao som dos temas como “Vayorken” e “Maria Rapaz”. O espetáculo foi acompanhado de cor e de desenhos projetados numa tela e produzidos directamente no palco.

Capicua é Ana Matos Fernandes, natural do Porto. Com 15 anos, descobriu o Hip Hop, primeiro pelos desenhos nas paredes, depois pelas rimas em cassetes, até chegar aos microfones. Estudou sociologia e fez um doutoramento em Barcelona.

Ana Matos é Rapper militante desde 2004 e regista já dois EP’s em grupo, duas “Mixtapes” em nome próprio e dois discos editados

O seu novo disco “Sereia Louca”, ou como a cantora o intitula “Sereia Louca”, saiu em Março de 2014 e apresenta-se como um disco Rap que nos diz

coisas estranhas, que foge ao senso comum, e que, à semelhança das sereias tem duas metades diferentes.

Este retrata a figura da mulher como protagonista das suas próprias histórias, autêntica e múltipla, em vez da típica figura imaginada que é comum neste tipo de músicas. É um disco que demonstra todo o processo de emancipação da mulher.

A cantora aborda o universo feminino e a angústia de querermos ser o que desejamos e não o que fomos feitos para ser. Apresenta, assim, dois lados: um emocional e outro mais sombrio.



Capicua é uma das poucas mulheres que sobressai no rap português e afirma que “eu gosto é de escrever e não estou a pensar se as pessoas vão gostar” e é talvez por isso que se des-

taca, pelas mensagens que transmite e que retratam os dias de hoje.

Assim, Capicua conseguiu impor-se e destruir os preconceitos associados ao hip-hop e à música

Rap não só por ser mulher como pela forma como estabelece uma ligação com públicos de várias idades.

# “Graça: suite teatral em três movimentos”

No âmbito da sexta edição do festival Plast&Cine, a companhia de Teatro de Garagem mergulha novamente no universo transmontano numa viagem sobre os ciclos temáticos das obras da artista Graça Morais. Com o título “Graça. Suite teatral em três movimentos”, o espetáculo surge como uma homenagem à vida e obra da pintora, debruçando-se sobre as suas notas e apontamentos. Um teatro que demonstra a presença evidente da paisagem e das gentes transmontanas nas pinturas de Graça Morais, apresenta-se como uma entrada no mundo da pintora feita através de uma companhia que tem vindo a realizar vários projetos em conjunto com o Teatro Municipal de Bragança. Esta é uma razão mais que suficiente para o Outra Presença querer saber mais sobre a peça e seus protagonistas. Porém, não é a única: o Teatro Garagem nasceu, como este jornal, em 1989. Celebrou 25 anos, portanto. No dia da estreia da peça, o Outra Presença foi recebido pelos seus atores e encenador, os quais responderam abertamente às perguntas que lhes foram colocadas.

Ana Sofia, Guilherme Moreira, Inês Geraldês, Maria Manuel, Marta Genésio, 10ªA e B

Outra Presença: Uma vez que a peça é em homenagem a Graça Morais, que aspetos procuram destacar da sua obra?

Carlos Pessoa: A peça tem três movimentos, tendo cada um uma abordagem particular da obra da Graça Morais. O primeiro está relacionado com a génese da pintura, ou seja, a pintura surge dos sentidos, do que ouvimos, do que vemos, daquilo que nós nem sequer conseguimos nomear. Portanto, o primeiro movimento é aquilo que estimula Graça, a pintora, a artista.

O segundo movimento é uma visão da sua obra, não apenas da perspectiva da experiência imediata dos sentidos ligados à Terra e a Trás-os-Montes, mas à pintura que sai do local particular para o mundo; aborda, portanto, a visão universalista da pintura. A pintura começa por dizer respeito à experiência de cada um, mas depois pela força do talento do trabalho torna-se um objeto universalista que diz respeito àqueles que se deixam impressionar pela obra.

O terceiro é o conhecimento da pessoa; a Graça aparece, vemos a cara dela, vemos onde ela trabalha, onde ela pinta os quadros que entram no espetáculo. Surge um jogo com a palavra graça, não é apenas um nome, mas sim um conceito fundamental na nossa vida. É aí que surge a arte e o teatro em particular deve servir para passar uma mensagem positiva, uma mensagem de esperança.

OP: Na peça é evidente o destaque da batata; porquê a batata?

Carlos Pessoa: A batata representa aquele peque-

no mundo ao qual ela regressa sempre, até fala da mãe como a sua musa. Em alguns quadros, vemos uma mulher e a batata, que simbolizam as raízes. Por isso é que o cenário são só batatas, porque estas são sempre um núcleo, um pequeno mundo a que se regressa.

OP: Como se sente por criar um espetáculo sobre uma pessoa e essa mesma pessoa estar a assistir na plateia? Em que pensou quando a peça terminou e olhou para ela?

Carlos Pessoa: Estava nervoso e sentia alguma ansiedade boa, porque eu sei que fizemos todos o nosso melhor e quando nós fazemos o nosso melhor, não temos de nos sentir atormentados. Mas a expectativa era enorme, porque este espetáculo é uma dedicatória a uma pessoa e é uma dedicatória com tudo o que a palavra encerra em si.

OP: Recorda-se do primeiro contacto que teve com Graça Morais e com a sua pintura?

Carlos Pessoa: Sim, foi na Costa do Castelo, nós somos vizinhos; ela tem o atelier, nós temos o Teatro Táborda. A Graça recebeu-nos e filmámos no mês de março. Foi extraordinário, é uma pessoa com a qual sentimos que somos um bocadinho da mesma família, não é preciso falar muito, existe uma forte afinidade com aquela pessoa.

OP: No universo da Graça Morais estão presentes rituais... Como se consegue transmitir isso?

Carlos Pessoa: Eu já venho cá há muitos anos e já me sinto parte da terra; estas coisas são-me familiares, aquilo que é

dito no espetáculo é-me familiar, a epifania da natureza, as modelações das estações. Nós sentimos isso, já temos Trás-os-Montes na pele, já não somos turistas.

OP: Em setembro, apresentaram uma peça sobre o Abade de Baçal. Que semelhanças...?

Carlos Pessoa: O Abade foi muito diferente deste espetáculo. Em primeiro lugar, porque é uma pessoa que não está viva e, nessa medida, foi uma experiência muito boa, mas, ao mesmo tempo, difícil, porque também sentimos que não criou unanimidade, mexemos aqui com algumas sensibilidade. Estamos a falar de uma pessoa morta e agora estamos a falar de uma pessoa viva; apresentámos a nossa leitura sobre o Abade e houve gente que não gostou. Para mim, enquanto artista, o importante é o feedback, neste caso concreto, são dois espetáculos biográficos, dedicados a alguém. A Graça sentiu-se bem com o que viu, foi genuíno, isso deixa-me muito feliz.

OP: Como define a pintura de Graça Morais? Há alguma fase que gostaria de destacar?

CP: Eu gosto imenso das caminhadas do medo e desta última obra sobre a violência doméstica, mas se tivesse que escolher uma, escolheria esta última, porque é um tema tão forte e tocou-me tanto, que vi logo como é que a cena se ia fazer.

OP: O que foi mais difícil durante este processo criativo?

CP: Eu acho que nós temos que trabalhar intensamente na escuta. A

primeira a coisa que eu fiz foi mergulhar inteiro na obra da pessoa, sentir aquilo que as pessoas sentem, tive que sonhar com a obra dela e isso é o fundamental. Fiz o mesmo com o abade, nós não podemos ficar de fora, temos que entrar. No caso dela foram as pinturas; ao entrar no ateliê, experimentei uma sensação de “pele de galinha” num espaço tao íntimo, onde ela acedeu muito gentilmente a deixar-se filmar a pintar.

OP: O Teatro da Garagem vem frequentemente a Bragança. Porquê?

CP: Para já, por causa da Helena Genésio, porque neste cantinho tem um apelo. Desde os textos de Miguel Torga que eu lia no liceu, que eu tenho uma grande vontade de conhecer esta zona de Portugal, esta terra, mas, mais do que isso, como diz a Graça, mais importante do que as paisagens, são as pessoas e aqui o nosso ponto de ligação é a Helena e acabamos por vir para cá, naturalmente. Já temos uma longa história com este teatro que, para mim, é fundamental. Eu nunca agradecia nos espetáculos e só comecei a agradecer aqui, ao fim de quase 20 anos de carreira, porque aqui me senti bem, aprendi a respeitar o meu próprio trabalho aqui.

OP: Ser ator sempre foi o vosso sonho?

Maria João Vicente: Eu, por acaso, não comecei por querer ser atriz, comecei por querer ser pintora, estive 3 anos em Belas Artes. Nós tivemos um percurso de fazer teatro um bocadinho como fazemos aqui também em Bragança nos projetos

com a comunidade, no teatro universitário, na escola.

Nuno Pinheiro: Eu queria ser médico, fiz enfermagem para ir para Espanha. Comecei no secundário, no cinema, foi sempre uma coisa paralela que, quando cessou, era o que mais me fazia falta; eu suportava as outras coisas enquanto fazia teatro. Quando deixei de suportar o resto e foi aí que percebi que a minha vida era o teatro.

Nuno Nolasco: Eu estive em arquitetura, que era o meu sonho durante o secundário, e só depois é que ingressei no teatro. Estava lá e não tinha prazer naquilo e, portanto, reconsiderei se queria mesmo esse curso. Na altura, fiz um filme e, após duas semanas a filmar, pensei que era isso que me fazia feliz. Decidi, então, ir para o conservatório.

Ana Palma: Eu quis ser da Força Aérea, bombeira, médica, bailarina e só depois descobri que queria ser atriz para poder ser isto tudo. O meu avô era cantor no São Carlos e a minha bisavó era uma estrela de teatro de comédia que fugia de casa para ir representar. Sempre incuti esse gosto lá em casa, fazia teatro em casa nas festas. Entretanto, eu era uma péssima aluna a Matemática e decidi escolher a área de Humanidades e, conseqüentemente, o teatro. Comecei com o António Fonseca. Com a nossa turma, ele fundou uma companhia de teatro que foi representar, a Cornucópia. Eu, como me portava mal, fui para um colégio semi-interno e tive de deixar o teatro. Depois de ser babysitter em Marrocos e hospedeira

no Mcdonald's, decidi ingressar na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde encontrei a grande paixão da minha vida.

Beatriz: E eu sempre quis ser bailarina...

OP: O que é a magia do palco?

Maria João Vicente: Eu acho que é isto que acabámos de dizer, viemos de outros percursos e acabámos, de repente, no teatro, porque nele conseguimos juntar tudo. A magia é essa ideia de tu, numa hora e meia, conseguires reinventar o mundo.

Nuno Pinheiro: Eu vejo o teatro um bocadinho como um espectro de luz, há um lado que é visível, que é aquele que as pessoas veem, há um que o precede e outro que vem a seguir. Fazer teatro, mais do que esse espectro visível, é o que vem antes e o que vem depois, porque eu não encontro uma definição muito clara do que é teatro e o que me dá mais prazer são, sem dúvida, as pessoas, o privilégio que é trabalhar com pessoas diretamente.

Maria João Vicente: Também há uma ideia muito engraçada que é aquela de te deixares moldar, não de uma forma irracional, mas confiares em alguém. Não sabemos o que as coisas vão ser e esse prazer de construir uma coisa com os outros, que não depende só de nós, é que nos dá uma razão de ser e de viver forte e enorme, ou seja, percebes mesmo essas relações de interdependência com o outro, não existe um sem o outro, como também não existe, num espetáculo, um sem o outro.

Nuno Nolasco: Eu acho que também está relacionado com o conceito de



arte como algo que muda o mundo. Aqui, no teatro, o meio que tu utilizas és tu próprio e as pessoas, fazes arte através das pessoas e isso faz com que, de repente, esta arte seja tão diferente e tão gratificante em comparação com outras.

Beatriz: Ou seja, através das pessoas, com as pessoas e para as pessoas.

OP: Quais são os principais obstáculos que os atores enfrentam atualmente? O gosto pelo teatro...?

Maria João Vicente: Eu acho que sim, o gosto por alguma coisa vem aliado à convicção. Acho que é absolutamente suficiente. Embora as pessoas muitas vezes se desculpem, dizendo que não é suficiente, mas é, porque a questão é mesmo aquilo que nós valorizamos. Há pessoas que valorizam a fama e o sucesso e, para essas, o gosto pode não ser suficiente, porque, de facto, o teatro exige tempo. O próprio obstáculo somos nós mesmos, ou seja, a sociedade é feita de pessoas e nós somos o principal obstáculo, o resto ultrapassa-se. Fala-se da crise, mas isso é, dum ponto de vista, uma coisa ultrapassável. Enquanto tu acreditas, tens convicção, vais em frente e as coisas resolvem-se.

Ana Palma: O teatro é um tempo onde se vê quem fica, quem persiste, quem combate.

Nuno Pinheiro: É quase como ter um filho, há uma certa altura em que tens que tomar decisões sobre o que fazer com ele e no teatro tudo se cria.

OP: Porque é que consideram que o teatro é importante para os jovens?

Maria João Vicente: O teatro é um meio de conhecimento do mundo e de autoconhecimento, onde se aprendem gestos e atos, que têm um sentido e se relacionam também com a política, com o exercício do nosso direito de cidadania. Portanto, ajuda no crescimento do indivíduo. A arte em geral faz isso: mostra uma maneira diferente de olhar para o mundo em geral.

Nuno Nolasco: A arte sempre mudou cabeças, sempre mudou o mundo, são as grandes mudanças na história e, portanto, a arte é sempre importante, principalmente para os jovens.

Ana Palma: Muitas vezes, perdemos a capacidade do jogo, de brincar de estar com o outro, de saber transformar uma cadeira num autocarro para dez pessoas e uma das coisas que se ganha na formação artística nas escolas é a criação de melhores in-

divíduos, melhores cidadãos com capacidade de comunicar, de estar com o outro.

Maria João Vicente: De estares bem com o teu corpo...

Ana Palma: Exatamente. A adolescência é uma fase muito complicada, hormonal e emocionalmente, e o que nós fazemos com o teatro nas vossas idades é fazer com que, através do teatro, vocês agarrem nas vossas urgências e naquilo que vos perturba e transformem isso num objeto artístico que possam analisar, fazer a vossa catarse, de forma a poderem seguir e estar à vontade com o vosso corpo, com as vossas ideias, com as vossas opiniões.

Beatriz: Eu acho que acaba por ser um espaço que te abre possibilidades. De repente, tens a possibilidade de comunicar com os outros e, através deles, conheceres-te melhor a ti ou experimentares novas coisas, não só a nível teórico, como a nível sensorial. Permite-te pensar de maneira diferente, saber como são as coisas, porque é muito diferente saberes que as coisas existem e passares por elas, e o teatro é um sítio onde isso é possível.

Nuno Nolasco: E isso acontece, a meu ver, quer façam parte de um grupo de teatro, quer sejam es-



petadores, porque ver arte é sempre um experiência sensorial e é extremamente importante para os jovens.

Maria João Vicente: Mas eu acho que passar pela experiência do fazer, mesmo que as pessoas não queiram nada ser atores, a experiência ajuda a ver melhor e a saber ver.

OP: Que conselho dei-

xam aos jovens?

Ana Palma: Coragem, não tenham medo de ser vocês próprios, preservem a vossa singularidade.

Maria João Vicente: Vão ao teatro, façam teatro.

Nuno Pinheiro: Fugam da rotina.

Ana Palma: Saibam rir de vós próprios e continuem neste caminho que andam a criar, que é um caminho fundamental, ter um

olhar crítico, pensar sobre as coisas.

Maria João Vicente: Este clube de imprensa é um exemplo muito bom daquilo que nós poderíamos dar como conselho.

OP: Três palavras que definam teatro.

Ana Palma: Paixão.

Nuno Nolasco: Sacrifício.

Maria João Vicente: Morte.

# Muros com história

O ano de 2014/2015 marcou o 25º aniversário do jornal da nossa escola, celebração que acompanhou outra data importante, pois há 25 anos ocorreu a queda do Muro de Berlim. Assim, num ano em que a escola saiu dos seus muros pelas letras do jornal, outro muro era ultrapassado pela vontade de um povo.

Com este artigo, pretendemos dar conta dessa vontade, mas também procurar desvendar um pouco da história desse muro.

Ana Romariz, Marlene, Sandra Trigo, Ygor Paulo, - 9º B (coord. António Luís Ramos)

Uma primeira preocupação prende-se com a necessidade de tentar perceber como era o mundo, em termos políticos e estratégicos, quando foi construído o muro de Berlim. Este muro foi o maior símbolo da divisão do mundo entre bloco ocidental e oriental. O primeiro, liderado pelos Estados Unidos, tinha o capitalismo como sistema económico. Já o segundo, liderado pela antiga URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), era adepto do socialismo.

Esta configuração do mundo formou-se após o término da Segunda Guerra Mundial, que durou de 1939 a 1945. No final da Guerra, dois países saíram fortalecidos: os EUA e a URSS. Com a polarização destas potências, são iniciados confrontos indirectos e disputas estratégicas entre as duas novas potências mundiais. Este fenómeno ficou conhecido como Guerra Fria.

Desta forma, diversas alterações no panorama geopolítico começam a surgir, pois os dois países soberanos tentavam ampliar a sua influência sobre outras nações. Neste contexto, o muro de Berlim foi construído no ano de 1961 através da Alemanha Oriental, separando-a da Alemanha Ocidental (capitalista).

Porém, tal estrutura não separou só um território e duas ideologias, mas dividiu numerosas famílias. Para além de uma estrutura física, o muro de Berlim transportava consigo, desta forma, uma carga ideológica, mas, também, emocional.

Além do aspecto ideológico da construção, havia, ainda, o objetivo de impedir a fuga de cidadãos para a Alemanha Ocidental, que recebeu mais de dois milhões de pessoas do lado socialista entre 1949 e 1961.



**Então, porque foi construído o muro?**

Construir o muro de Berlim em 1961 fazia total sentido para o líder da Alemanha oriental Walter Ulbricht. A população do seu lado estava a emigrar para o lado ocidental em

grande escala, quase que tornando a Alemanha oriental um local deserto.

O fluxo de pessoas do leste de Berlim para o oeste era enorme, pois o oeste (ocidente) vivia uma época de milagre económico.

As raízes do muro apareceram no início da guerra fria, após a Segunda Guerra Mundial. Um dos motivos fora o esforço de Moscovo para retirar os aliados e a sua ideologia capitalista de Berlim ocidental.

Em 13 de agosto de

lado. O regime comunista apelidava o muro de “Barreira protetora antifascista”, protegendo o seu povo do capitalismo.

Apesar de o muro circundar Berlim ocidental, o “mundo” parecia acabar, para os habitantes de Berlim oriental, naquele muro. Porém, milhares de Alemães do lado oriental ainda tentavam atravessar para escapar deste regime e ir ter uma vida melhor no lado ocidental. Eles tentavam entrar de todas as formas, dentro da bagageira de carros, dentro



1989, com a crise do sistema socialista no leste da Europa e o fim deste sistema na Alemanha Oriental, ocorreu a queda do muro. Cidadãos da Alemanha foram para as ruas comemorar o momento histórico e ajudaram a derrubar o muro. O ato simbólico representou também o fim da Guerra Fria e o primeiro passo no processo de reintegração da Alemanha. Esse foi um importante acontecimento histórico, pois o muro de Berlim era o grande símbolo da oposição entre o capitalismo e o socialismo,

entre a área de influência norte-americana e a área de influência soviética. É por isso que, geralmente, se afirma que 1989 foi o ano-chave da crise do socialismo e das economias planificadas. A queda do muro de Berlim, em 1989, foi um momento decisivo nas transformações que ocorreram no mapa político no final do século XX.

Ainda hoje podemos observar partes que sobram deste muro, fragmentos de um passado doloroso para a população alemã.

de capas de pranchas de surf, dentro de aviões cargueiros, de balões... Eles até tentavam nadar pelo rio para chegar à “liberdade”, Berlim ocidental.

**A Queda do muro**  
Em 9 de novembro de

## Outros muros

Um quarto de século após a queda do Muro de Berlim, episódio que simbolizou a diminuição de fronteiras, barreiras físicas ainda perduram em diversos continentes.

Muro que separa Cisjordânia e Israel

O Muro da Cisjordânia — ou “Muro da Vergonha”, como é chamado

pelos críticos da ocupação israelita — começou a ser construído em 2002, período da Segunda Intifada, e separa Israel do território palestino da Cisjordânia.

Muro EUA - México  
Muro que separa EUA e México

O muro construído pelos Estados Unidos na fronteira com o México é o

símbolo da política anti-imigração norte-americana. Num esforço contra os chamados “coiotes”, responsáveis por atravessar clandestinamente pessoas pela fronteira, Washington começou a estabelecer barreiras físicas entre as cidades de El Paso e Ciudad Juárez, e também entre San Diego e Tiju-

ana. Com os ataques de 11 de Setembro de 2001, os EUA apertaram ainda mais o cerco, temendo que terroristas pudessem entrar em território norte-americano via México. Muro Coreia do norte Coreia do sul  
Muro que separa Coreia do Norte e Coreia do Sul  
Percorrida ao longo do

Paralelo 38, a faixa de terra que divide a península coreana em dois países tem 250 quilómetros de comprimento. Após o armistício que interrompeu, sem pôr fim formal à guerra entre os dois lados — símbolo do embate entre as duas superpotências durante a Guerra Fria: o norte comunista, e o

sul capitalista —, a linha de território entre as duas fronteiras foi transformada numa zona desmilitarizada. Ou seja, uma faixa “neutra” onde militares das duas Coreias podem transitar, mas sem cruzar a linha que demarca o território de cada um dos países.

Ana Romariz, Marlene, Sandra Trigo, Ygor Paulo, - 9º B

# Derrubar muros

Ao longo dos anos, muitas barreiras têm sido derrubadas. Porém, outras perpetuam-se ao longo dos séculos. Para melhor se compreender o problema será importante definir o momento em que se ergueram estes limites e as razões da sua existência. É no aparecimento da raça humana que se encontra a gênese deste problema.

Assim sendo, à semelhança do que acontece noutras áreas, o homem tornou-se o ser superior, o ideal da raça, dadas as suas características peculiares (a força, o garante da segurança e o respeito).



Inês Geraldes -10ªA

Em contrapartida, a mulher, durante séculos, tem vindo a traçar o seu caminho, a demolir limites que a enclausuram, constituindo marcos de referência. Assim, a evolução dos tempos tem obrigado a mulher a lutar de modo a impor os seus direitos. Deste modo, ao esbarrar com as normas impostas ao seu género, esta tem procurado e conquistado autonomia e igualdade em relação aos direitos definidos pelos e para os homens.

Com efeito, o ente feminino ultrapassou etapas que determinaram o fim do seu entendimento como mero objeto, que o homem reprimia e/ou dominava, um ícone da casa, um apoio para os filhos e um meio de conforto para o marido. A mulher reivindicou o reconhecimento da sua dignidade, bem como da sua capacidade de conhecimento, de liberdade e de mérito

respeito, enquanto ser de igual valor ao dos seus pares. Posto isto, a sua força, a sua destreza, a sua coragem, a sua resistência e tenacidade conduziram-na à vitória.

Durante longos e duros anos, ela lutou numa batalha permanente, na qual acreditava ferozmente, ainda que fosse constantemente questionada pela sua incapacidade para a luta física e mental e considerada como impotente por terceiros. Inicialmente, de forma titubeante, foram dados os primeiros passos para a aceitação do direito feminino ao sufrágio e para o debate da importância dos direitos femininos. A aceitação destes pressupostos permitiu a afirmação da Mulher como tal, conquistando o direito a figurar na história como seres beligerantes, visto que transformaram o curso da história dentro de uma visão dicotómica dos géneros masculino e feminino.

Esta liberdade das mulheres foi e é um elemento central na construção de uma sociedade multicultural, dado que garante, simultaneamente, a igualdade de oportunidades profissionais e económicas entre todos e a valorização de cada um nos espaços culturais, ao pôr em prática os mesmos direitos humanos fundamentais

à existência. O facto é que, apesar dos grandes progressos operados em termos globais, continua a verificar-se uma certa primazia do homem em relação à mulher.

Por conseguinte, a conquista da cidadania plena pelas mulheres coaduna-se com a vida moderna, sendo a vertente mais importante a da inovação, acompanhada de perto pela capacidade de trabalho.

Com efeito, muitas mulheres desafiaram as barreiras que lhes foram impostas, tendo-se destacado, entre elas, por exemplo, **Hipátia de Alexandria**, (370-416), que foi uma das primeiras mulheres a contribuir para o desenvolvimento da matemática, escrevendo sobre geometria, álgebra e astronomia e aprimorando o desenho dos primeiros astrolábios, e que o recente filme "Ágora", do espanhol Alejandro Amenábar, deu a conhecer ao grande público. Em 416, foi assassinada pelo facto de os seus trabalhos em filosofia e astronomia serem considerados uma heresia por um grupo de cristãos.

Rosa Parks (1913 – 2005), norte-americana, símbolo do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, ficou famosa, em 1955, por se ter recusado a ceder

o seu lugar no autocarro a um branco, tornando-se símbolo da luta contra a segregação dos negros.

**Domitila Hormizinda Miranda de Carvalho** nasceu em Aveiro, fez os primeiros estudos em Castelo Branco e concluiu o ensino secundário com excelentes resultados nos liceus de Bragança e Leiria. Terminado este, professores e mãe requereram a matrícula ao reitor da Universidade, tendo-se tornado a primeira mulher, depois da reforma universitária de 1772, a ser admitida na Universidade de Coimbra, onde se matriculou em Outubro de 1891. Como condição para a admissão, foi obrigada, por indicação do reitor, a trajar sempre de negro, com chapéu discreto e de um modo sóbrio, de forma que não se evidenciasse entre os colegas masculinos, obrigatoriamente vestidos de capa e batina. Fez os cursos de Matemática, Filosofia e Medicina, sendo até 1896 a única aluna da universidade.

**Adelaide Cabete** (1867-1935), foi uma das principais feministas portuguesas do século XX. Republicana convicta, presidiu ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, durante mais de vinte anos, tendo reivindicado para as mulheres o direito a um mês de descanso an-

tes do parto, e, em 1912, reivindicou também o direito ao voto feminino, sendo em 1933, a primeira e única mulher a votar, em Luanda, onde viveu, a Constituição Portuguesa. Annette Kellerman, nadadora australiana que usou um fato de natação de uma peça, o que a levou à prisão por indecência.

**Carolina Beatriz Angelo**, que foi a primeira mulher a votar em Portugal, em 1911.

**Maud Wagner**, a primeira mulher tatuadora conhecida nos EUA. Gertrude Ederke, campeã olímpica americana que atravessou a nado o Canal da Mancha.

**Rosetta Tharpe**, pioneira da música, considerada madrinha do Rock and Roll, tendo desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento do conceito de guitarra de solo.

**Kathrine Switzer**, a primeira mulher a correr a maratona.

E, por fim, mas não menos importante, **Asmaa Mahfouz**, considerada uma das líderes da revolução egípcia de 2011, que contribuiu para mudanças na História do mundo árabe.

Estas foram algumas das mulheres que permitiram a emancipação feminina, as quais serviram de ícone de instigação para as

demais.

No entanto, outros limites foram derrubados pelo homem e pela mulher devido a diversos fatores que os tornaram aliados noutras batalhas. O racismo e mesmo a escravatura são realidades degradantes que comprovam atitudes pouco ortodoxas perpetradas pelos seres humanos.

Atualmente, existem leis que exigem o respeito e reconhecimento dos seres humanos como tal, sendo a existência de todos vista como digna de respeito, independentemente da cor da pele ou mesmo da pujança física.

Em suma, o mundo construiu barreiras recriminadas na atualidade pela generalidade da Humanidade, abominando-as e condenando-as. A vida começou a ter valor quando todos em conjunto nos reunimos e lutamos por aquilo em que acreditamos. Estes passos têm-nos guiado no sentido de garantir a possibilidade de uma existência justa. Resta ainda tornar esta possibilidade numa realidade.



Reserve o seu direito a pensar, mesmo pensar errado é melhor do que não pensar.

(Hipátia de Alexandria)

# Epidemias na história

Matilde Guerreiro, 7ºD (coord. Olinda Oliveira)

**O epidemia do vírus ébola, surgida em 2014, na Guiné, rapidamente se estendeu a muitos outros países de África, assumindo proporções assustadoras devido à incapacidade de contenção da propagação do vírus, que se transmite pelos fluidos corporais, devido às condições precárias de vida e do sistema de saúde dos países afetados e limítrofes.**

Bactérias, vírus e outros micro-organismos já causaram estragos tão grandes à humanidade quanto as mais terríveis guerras, terremotos e erupções de vulcões. **A história está marcada, portanto, por eventos epidémicos de consequências devastadoras para a humanidade. São alguns desses que apresentamos aqui.**

## PESTE NEGRA

50 milhões de mortos (Europa e Ásia) - 1333 a 1351

História: A peste bubónica ganhou o nome de peste negra por causa da pior epidemia que atingiu a Europa, no século 14. Ela foi sendo combatida à medida que se melhorou a higiene e o saneamento das cidades, diminuindo a população de ratos urbanos.

Contaminação: Causada pela bactéria *Yersinia pestis*, comum em roedores como o rato. É transmitida ao homem pela pulga desses animais contaminados.

## CÓLERA

Centenas de milhares de mortos - 1817 a 1824

História - Conhecida desde a Antiguidade, teve a sua primeira epidemia global em 1817. Desde então, o vibrião colérico (*Vibrio cholerae*) sofreu diversas mutações, causando novos ciclos epidémicos de tempos a tempos.

Contaminação - Por meio de água ou alimentos contaminados.

## TUBERCULOSE

1 bilião de mortos - 1850 a 1950

História - Foram encontrados sinais da doença em esqueletos com 7 000 anos. O combate foi acelerado em 1882, depois da identificação do bacilo de Koch, causador da tuberculose. Nas últimas décadas, ressurgiu com força nos países pobres, incluindo o Brasil, e como doença oportunista nos pacientes de Sida.

Contaminação - Altamente contagiosa, transmite-se de pessoa para pessoa, através das vias respiratórias.

## VARÍOLA

300 milhões de mortos - 1896 a 1980

História - A doença atormentou a humanidade por mais de 3 000 anos. Até figurões como o faraó egípcio Ramsés II, a rainha Maria II da Inglaterra e o rei Luís XV da França tive-

ram a temida "bexiga". A vacina foi descoberta em 1796.

Contaminação - O Orthopoxvírus variolae era transmitido de pessoa para pessoa, geralmente por meio das vias respiratórias.

## GRIPE ESPANHOLA

20 milhões de mortos - 1918 a 1919

História - O vírus Influenza é um dos maiores carrascos da humanidade. A mais grave epidemia foi batizada de gripe espanhola, embora tenha feito vítimas no mundo todo. No Brasil, matou o presidente Rodrigues Alves.

Contaminação - Propaga-se pelo ar, por meio de gotículas de saliva e espirros.

## TIFO

3 milhões de mortos (Europa Oriental e Rússia) - 1918 a 1922

História - A doença é causada pelas bactérias do género *Rickettsia*. Como a miséria apresenta as condições ideais para a proliferação, o tifo está ligado a países do Terceiro Mundo, campos de refugiados e concentração, ou guerras

Contaminação - O tifo exantemático (ou epidémico) aparece quando a pessoa coça a picada da pulga e mistura as fezes contaminadas do inseto na própria corrente sanguínea. O tifo murino (ou endémico) é transmitido pela pulga do rato.

## FEBRE AMARELA

30 000 mortos (Etiópia) - 1960 a 1962

História - O Flavivírus, que tem uma versão urbana e outra silvestre, já causou grandes epidemias na África e nas Américas.

Contaminação - A vítima é picada pelo mosquito transmissor, que picou antes uma pessoa infectada com o vírus.

## SARAMPO

6 milhões de mortos por ano - Até 1963

História - Era uma das causas

principais de mortalidade infantil até à descoberta da primeira vacina, em 1963. Com o passar dos anos, a vacina foi aperfeiçoada, e a doença foi erradicada em vários países.

Contaminação - Altamente contagioso, o sarampo é causado pelo vírus Morbillivirus, propagado por meio das secreções mucosas (como a saliva, por exemplo) de indivíduos doentes.

## MALÁRIA

3 milhões de mortos por ano - Desde 1980

História - Em 1880, foi descoberto o protozoário *Plasmodium*, que causa a doença. A OMS considera a malária a pior doença tropical e parasitária da atualidade, perdendo em gravidade apenas para a Sida.

Contaminação - Pelo sangue, quando a vítima é picada pelo mosquito *Anopheles* contaminado com o protozoário da malária.

## SIDA

22 milhões de mortos - Desde 1981

História - A doença foi identificada em 1981, nos Estados Unidos, e desde então foi considerada uma epidemia pela Organização Mundial de Saúde.

Contaminação - O vírus HIV é transmitido através do sangue, do esperma, da secreção vaginal e do leite materno.

Fonte: Organização Mundial de Saúde (OMS) e Fundação Oswaldo Cruz.

<http://super.abril.com.br/saude/grandes-epidemias-aolongo-historia-445155.shtml>

# Manifesto a Portugal

Minha pátria amada. País amado!

Que em tempos foste tão forte e grandioso.  
Reconhecido pelos quatro cantos do Mundo,  
foste pioneiro em descobertas inimagináveis.  
Dominaste meio mundo e eras temido  
E respeitado por todas as Nações...  
Eras nacionalista, sabias definir- te.  
... Sabias o valor dessa palavra.  
Não te subjugavas, não te vendias e  
não toleravas desrespeitos para com o teu povo.

Hoje mal consegues fazer- te respeitar.  
Entregue aos abutres que te vão  
Saqueando , enquanto assistes  
Impávido e sereno, sentado no sofá,  
Às pilhagens a que estás sujeito.

Temo que te mantenhas adormecido  
Demasiado tempo.  
Temo que não acordes a tempo...  
O que te aconteceu?! Já não sabes quem és?!  
Porque aceitas ser maltratado?  
Porque aceitas abdicar... assim...  
De mão beijada de tudo pelo que  
Lutámos há quase mil anos atrás...  
... do que tanto te custou a ganhar?!  
Tanto sangue que derramámos por ti,  
Para que hoje possas chamar a esta  
Terra, NOSSA!

Não compreendo...  
1143 foi o ano do teu nascimento.  
Nessa altura, os países que hoje  
se acham os donos do mundo  
nem sonhavam existir.

Porque te subjugas às suas vontades?  
Porque aceitas a ignorância?  
Porque aceitas assim tão cegamente  
E constantemente tentas "normalizar"  
os maus tratos a que diariamente és sujeito?  
Por dinheiro?!  
Por política?!  
Por interesses pessoais?!  
Porque é que tens tão pouco  
e ainda assim continuas com medo?  
Porque ficas a ver televisão,  
sentado no teu sofá, enquanto assistes  
à tua pátria a desmoronar-se?

Até quando vais ficar parado?!  
Até quando vais aceitar que te cuspiam na cara?!  
Até quando vais aceitar as mentiras  
que te querem vender ?  
Acorda Portugal!

É preciso julgar e condenar os culpados!  
É preciso mudar!

Matilde do Espírito Santo Guerreiro  
12 anos  
cidadã portuguesa.

# Também fazem anos

No ano em que o “Outra Presença” celebra 25 anos de jornal escolar, personagens que marcaram a sociedade também fazem anos, como é o caso de “Os Simpsons” que celebram igualmente 25 anos, “Charles Chaplin” e “Mafalda” que celebram 50 anos de existência.

Marta Genésio- 10ºB

“Os Simpsons” são uma série de animação norte-americana nascida pelas mãos de Matt Groening para a Fox Broadcasting Company em 1987. A série apresenta-se como uma paródia satírica do estilo de vida das famílias da classe média dos Estados Unidos da América, satirizando a cultura, a sociedade norte-americana e vários aspectos da condição humana.

Os protagonistas da série são Homer Jay Simpson, Marjorie (Marge) Bouvier Simpson, Bartholomew (Bart) Simpson, Elisabeth (Lisa) Marie Simpson e Margareth (Maggie) Simpson.

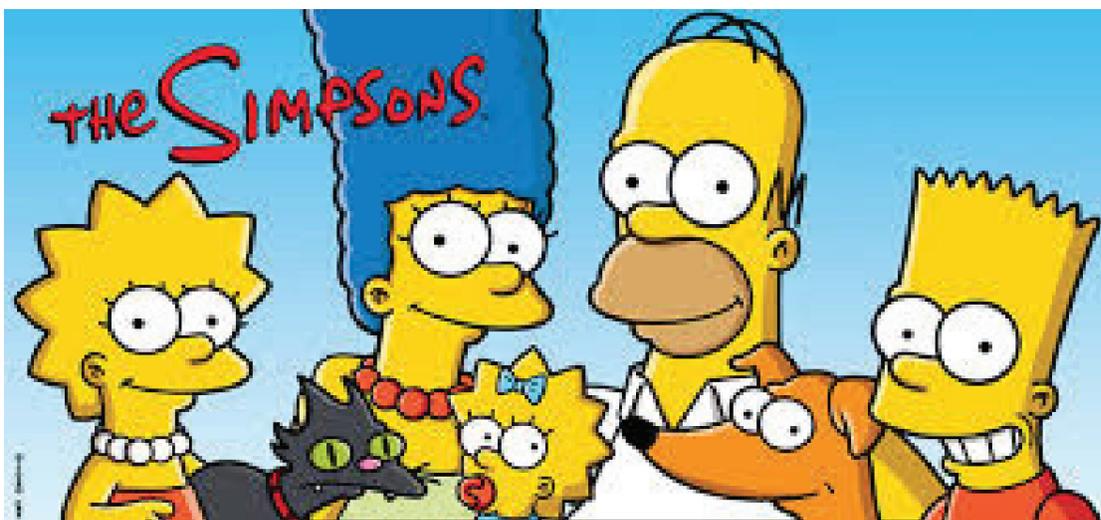
Homer, de trinta e nove anos, é o típico pai de família desajeitado, encara vários estereótipos cómicos do povo americano da classe trabalhadora, bastante atento à família, mas falhando miseravelmente no seu papel como pai. Este é considerado a mais influente personagem da

televisão.

Marge, de trinta e oito anos, é a esposa de Homer Simpson e mãe de Lisa, Bart e Maggie, é conhecida pelos seus longos cabelos azuis, inspirados no filme “A noiva do Frankenstein”, e pela sua personalidade calma e paciente. Esta gasta maior parte do seu tempo como dona de casa e protectora dos seus três filhos.

Bart de dez anos, é o filho mais velho da família Simpson, é um adolescente rebelde que tem maus resultados na escola, o que faz com que este esteja em constantes problemas dos quais sai devido à sua astúcia e sorte.

Lisa de oito anos, é a filha do meio da família, caracteriza-se como sendo muito inteligente possuindo um QI bastante elevado para a idade. Esta toca saxofone nos tempos livres e é a mais jovem budista de Springfield.



Maggie de um ano, é a filha mais velha do casal Simpson eternamente um bebé. Esta está sempre envolvida nas situações mais perigosas, é considerada tão ou mais inteligente do que Lisa visto ter conseguido tocar saxofone com apenas um ano de idade.

Na série “Os Simpsons” inicialmente abordaram-se temas

desde os mais singelos valores da família americana, como situações também muito comum a todos nós, sendo esse o grande segredo do sucesso da série, mas com o passar dos anos os temas têm evoluindo para o racismo, adultério, fanatismo religioso, a questão dos homossexuais, o ridículo de certas instituições, a incompetência das corporações,

e isso tudo sem ser partidário a nada, e muito menos moralista, embora muitas vezes, as reflexões perdurem após muitos episódios.

Mafalda é uma tira de escrita desenhada pelo cartunista argentino Quino, sendo que esta só se tornou num cartoon de verdade sob sugestão de Julián Delgado, sendo publicado no jornal a 29 de Setembro de 1964 apresentando somente as personagens de Mafalda e os seus pais, sendo a personagem Filipe acrescentada em Janeiro de 1965.

Mafalda é a personagem principal, uma menina de seis anos de idade, que odeia sopa e adora os Beatles e o desenho Pica-Pau. Esta comporta-se como uma típica menina da sua idade, mas tem uma visão aguda da vida e vive questionando o mundo à sua volta, principalmente o contexto dos anos 60

em que se encontra. Tem uma visão mais humanista e aguçada do mundo em comparação com os outros personagens.

Mafalda questiona a Humanidade e a existência da sopa, quase sempre com um ar preocupado. Uma “heroína zangada que recusa o mundo tal como ele é”, descreveu Umberto Eco em 1969.

Mafalda comentava uma actualidade de há 50 anos que continua a existir.



Alexandre Ribeiro, Anibal Fernandes, Bruna Alves, Diogo Ventura, Helena Xavier - 9ºC



# 25 anos 25 momentos na história

4/6/1989

## Massacre na Praça de Tiananmen



Milhares de estudantes ocuparam a praça durante várias semanas reivindicando por democracia, liberdade e menos corrupção. As forças policiais investiram contra os manifestantes e para a história ficou a imagem do homem isolado à frente de uma coluna de carros de combate, tentando impedir que avançassem.

9/11/1989

## Queda do muro de Berlim



Com uma extensão de 66 Km, dividiu a cidade durante 28 anos (a sua construção foi iniciada em 1961 para evitar as fugas para o Ocidente) e foi o símbolo maior da cortina de ferro que dividia a Europa desde o final da segunda guerra mundial, colocando fim à guerra fria (bloco soviético e bloco capitalista).

4/6/1989

## Libertação de Mandela



Mandela, primeiro presidente negro da África do Sul, destacou-se na luta contra o apartheid e na transição de um regime ditatorial de minoria branca para uma democracia representativa. Após 27 anos na prisão, os primeiros passos em liberdade de Nelson Mandela foram aplaudidos por uma multidão no local e em direto por todo o mundo. Sem rancor, Nelson Mandela apelou à reconciliação, democracia e igualdade.

11/3/1990

## Queda de Pinochet



Pinochet sai do poder onde estava desde 1973, depois de coordenar um golpe militar que depôs Salvador Allende, presidente eleito democraticamente. Em 1981, implementou uma ditadura que se manteve até 1989. Perseguição, corrupção, opressão são palavras sempre associadas àquele que afirmava que “No Chile, uma folha não se move sem que eu o saiba”.

19/6/1990

## Assinatura do acordo de Schengen



A convenção entre países europeus sobre uma política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas entre os países signatários é assinada. A área criada em decorrência do acordo é conhecida como espaço Schengen.

4/6/1989

## Início da Guerra do Iraque



Iniciam-se bombardeamentos ao Iraque por parte de uma coligação de países liderados pelos Estados Unidos naquela que ficou conhecida pela primeira guerra do Golfo.

26/11/1991

## Adesão da CEE à ONU

A Comunidade Económica Europeia adere à Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), tornando-se a primeira organização de integração económica que é membro de pleno direito de uma agência especializada das Nações Unidas.

25/12/1991

## Renúncia de Mikhail Gorbachev



O líder soviético Mikhail Gorbachev renuncia ao cargo, o que culmina com o fim da URSS. Presidente da República eleito pelo Soviete Supremo em 1989, termina com a Guerra Fria entre a URSS e os Estados Unidos, assinando com o presidente norte-americano, Ronald Reagan, um acordo de destruição de armas nucleares. No ano seguinte, recebe o Prémio Nobel da Paz. Em dezembro, a URSS vota sua autodissolução, e Gorbachov renuncia à Presidência.

7/2/1992

## Assinatura do Tratado de Maastricht

Foi assinado pelos membros da Comunidade Europeia na vila de Maastricht, Países Baixos. No mês de dezembro de 1991, a mesma cidade hospedou o Conselho da Europa que elaborou o tratado. Com sua entrada em vigor em 1 de novembro de 1993, foi criada a União Europeia e foram lançadas as bases para a criação de uma moeda única europeia, o euro.

14/1/1994

## Acordo para eliminar mísseis nucleares

Os presidentes dos Estados Unidos, Rússia e Ucrânia (Bill Clinton, Boris Yeltsin e Leonid Kravchuk) assinaram, em Moscovo, um acordo para eliminar todos os mísseis nucleares estratégicos.

11/12/1997

## Abertura do Protocolo de Quioto

Foi aberto para assinaturas o Protocolo de Quioto. É um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa, considerados como causa do aquecimento global. Discutido e negociado em Quioto no Japão em 1997, foi ratificado em 15 de Março de 1999.

9/7/1998

## Sismo na Ilha do Faial



Sismo de magnitude 5,6 na escala de Richter com epicentro a NNE da ilha do Faial provocou a destruição generalizada de algumas freguesias da ilha do Faial e atingiu várias localidades da ilha do Pico. No extremo oeste da ilha de São Jorge o sismo provocou grandes desabamentos de falésias costeiras.

1/5/1999

## Início do tratado de Amsterdão

Firmado na cidade de Amsterdão, a 2 de Outubro de 1997, como fruto da Conferência Intergovernamental que iniciou os seus trabalhos em 1996, este veio criar um “espaço de liberdade, segurança e justiça”, renumerar as disposições dos tratados, separar os tratados institutivos das três Comunidades (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, Comunidade Económica Europeia e Comunidade Europeia da Energia Atómica) do tratado institutivo da União Europeia, reforçar o poder do pilar comunitário e regulamentar a cooperação reforçada.

28/2/2000

## Fim da erupção na Ilha Terceira

Nesta erupção, as rochas atingiam a superfície apenas como “balões” de gás que explodiam e se afundavam de imediato. A erupção decorreu de forma intermitente com emissão de gases e de lava basáltica, com os centros eruptivos dispostos ao longo de uma faixa com 2,5 km de comprimento de direcção NE-SW

11/9/2001

## Ataque às Torres Gêmeas



O país mais poderoso do mundo foi surpreendido por aviões que atravessaram, como navalhas, as Torres Gêmeas, chocando todos com as imagens que mostravam a vulnerabilidade dos Estados Unidos. A autoria do atentado foi atribuída à Al-Qaeda, cujo cérebro seria Bin Laden.

# Ória e geografia mundiais

11/1/2002

## Euro é moeda oficial dos países da UE

O Euro torna-se a moeda oficial da maioria dos países da União Europeia. Introduzido nos mercados financeiros mundiais enquanto unidade de conta a 1 de janeiro de 1999, em substituição da antiga Unidade Monetária Europeia (ECU), é a moeda oficial da zona Euro, a qual é constituída por 19 dos 28 estados-membro da União Europeia.

19/3/2003

## Cimeira dos Açores e II Guerra Golfo

O futuro do Iraque é decidido na base das Lajes, localizada na Ilha Terceira no arquipélago dos Açores, onde George W Bush aterrou. Os ministros portugueses, espanhol e inglês apoiaram a suspeita do presidente americano de que havia armas de destruição em massa no Iraque e que urgia desarmar, o que levou à invasão do país.



11/3/2004

## Atentados em Madrid

Atentados bombistas em quatro comboios em Espanha levam Aznar inicialmente a culpar a ETA. No entanto, tudo parece que terá sido uma reação dos terroristas islâmicos à participação do primeiro ministro espanhol na cimeira das lages e ao apoio dado a Bush. Os 191 mortos e 1700 feridos poderão justificar a derrota dos conservadores nas eleições seguintes.



31/8/2005

## Furacão Katrina arrasa N. Orleães

O furacão Katrina provocou 1000 mortos e um milhão de desalojados e levantou muitas dúvidas relativamente à atuação da proteção civil



15/9/2008

## Falência da Lehman Brothers

A falência deste gigante financeiro americano poderá ter despoletado a crise das dívidas soberanas, que atingiu a Europa e a colocou alerta relativamente ao modo como deveria gerir as suas instituições financeiras



20/2/2010

## Temporal na Ilha da Madeira

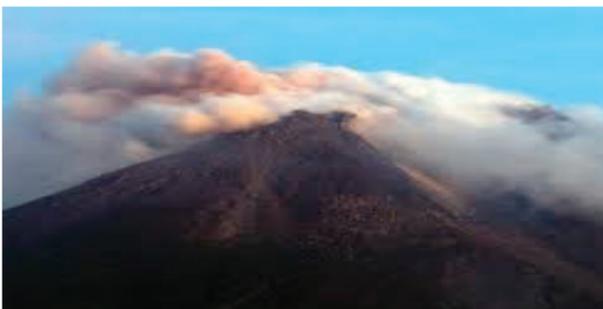
Uma sequência de acontecimentos iniciados por forte precipitação seguida por uma subida do nível do mar., provocaram inundações e derrocadas ao longo das encostas da ilha, em especial na parte sul. A orografia da ilha contribuiu para aumentar os efeitos da catástrofe. É possível que, aliado a valores de precipitação recorde, erros de planeamento urbanístico, tais como o estreitamento de leitos das ribeiras e a construção legal ou ilegal dentro ou muito próximo dos cursos de água, bem como falta de limpeza e acumulação de lixo nos leitos de ribeiras de menor dimensão tenham tornado a situação ainda mais graves.



26/10/2010

## Erupção na Indonésia

no Anel de Fogo do Pacífico, o Monte Merapi na Indonésia entrou em erupção matando mais de 350 pessoas e deixando cerca de 400.000 refugiados. O Anel de Fogo do Pacífico – também chamado de Círculo de Fogo do Pacífico ou, simplesmente, de Anel de Fogo – é uma área com elevada instabilidade geológica localizada no Oceano Pacífico, abrangendo o Oeste das Américas e o Leste da Ásia e da Oceania. Essa zona de instabilidade é responsável pela maioria dos terremotos que ocorrem sobre a superfície terrestre. Outro fenómeno associado ao Anel de Fogo são os tsunamis, incluindo o maior ocorrido em 2004, que ganhou grande repercussão quando vitimou milhares de pessoas na costa da Indonésia, Sri Lanka, Índia, Tailândia e muitos outros países e o que ocorreu no Japão em 2011 e atingiu a central nuclear de Fukushima.



17/1/1991

## Erupção do Eyjafjallajökull

A erupção do vulcão islandês Eyjafjallajökull, criou uma gigantesca nuvem de cinzas que cobriu a maior parte da Europa. A propagação das cinzas na atmosfera obrigou a aviação internacional a uma paralisação temporária, resultando num caos no tráfego aéreo.

25/1/2011

## Primavera Árabe

A revolta de um vendedor que decidiu imolar-se pelo fogo, na Tunísia, parece estar na origem de uma das maiores sublevações de sempre e a Praça Tahir, no Egito tornava-se um símbolo dessa revolta, que viria a ser chamanda “Primavera Árabe”. Os manifestantes eram violentamente reprimidos, mas não desarmavam, até que Hosni Mubarak foi deposto. O que distinguiu estas revoluções, no Egito e na Tunísia, foi a ampla participação da juventude mais instruída e a utilização das redes sociais na divulgação e mobilização.



8/2/2015

## Compromisso na prevenção de alterações climáticas

começou em Genebra, na Suíça, a reunião, com representantes de 195 países, com o objetivo de elaborar um documento que sirva de base para a negociação de um acordo global de luta contra as alterações climáticas, e que substitua o Protocolo de Quioto

No final do ano passado, em Lima, capital do Peru, os responsáveis governamentais de todo o mundo reuniram-se para chegar a consensos nos objetivos e compromissos de redução dos gases com efeito de estufa, de modo a evitar as alterações climáticas e os fenómenos extremos. A UE já se comprometeu a cortar 40 por cento das suas emissões até 2030.



Seleção efetuada pelos professores do Departamento de Ciências Sociais e Humanas e por alunos do 12º ano de Humanidades.

# Ser jovem emigrante...

Considerando a conjuntura atual que tem obrigado tantos jovens a procurar emprego fora do país, o Outra Presença quis incluir na sua edição testemunhos de ex-alunos que estejam a trabalhar no estrangeiro, tentando compreender um pouco melhor como é a adaptação, os principais constrangimentos e que imagem os outros têm dos portugueses.

Questões propostas:

1. Nome:
2. Idade:
3. Formação (Curso e Instituição):
4. Profissão:
5. Local de Trabalho (país/cidade/empresa):
6. Há quanto tempo se encontra nesse país?
7. Que motivos o/a levaram a emigrar?
8. Quais as principais diferenças existentes entre Portu-

gal e o país em que se encontra?

9. Equaciona o regresso a Portugal?
10. Acredita num futuro melhor para o país?
11. Qual a primeira memória que lhe ficou da entrada nesse país?
12. Como foi a adaptação ao país e a integração na sociedade?
13. De que é que sente mais falta?
14. Como é que os portugueses são vistos aí?



## Nuno Borges

35 anos (1979)  
PhD em Biologia da Reprodução (Universidad Autónoma de Barcelona, España)  
Director Científico España, Barcelona, Embryotools SL

6. 13 anos
7. Ampliação da formação Académica numa area de conhecimento científico que nao existia em Portugal.
8. Ao serem dois paises vizinhos, nao existem grandes diferenças culturais entre Portugal e Espanha, sobretudo para alguém que cresceu em Bragança.
9. De momento não.
10. Espero que o futuro de Portugal seja melhor, mas é difícil de acreditar numa mudança enquanto os protagonistas e responsáveis máximos pela condução do País continuarem a ser clones uns dos outros, com ideias, discursos e comportamentos que dececionam e nos levaram à situação actual.
- O exemplo que deixou o Professor Mariano Gago, investigador internacionalmente reconhecido e activo promotor da ciência e da cultura científica, devia ser o seguido por todos os demais à frente de órgãos de gestão e de responsabilidade no futuro do País.
11. Talvez o ambiente próximo entre os professores e os estudantes da Universidade, que do meu ponto de vista facilita a aprendizagem e transmissão de conhecimentos.
12. Fácil, como referido anteriormente, não existem grandes diferenças entre os dois paises.
13. Da familia e dos amigos que estão em Portugal.
14. Na Catalunha, os portugueses sao vistos como gente educada e bem preparada, excepção feita para alguns profissionais do mundo futebolístico, que não deixaram grandes recordações para os Catalães nos últimos tempos...



## Daniela Carneiro

32 anos  
Engenharia Biológica, Universidade do Minho  
Direcção da Qualidade  
Angola, Luanda, Mosvipo, Lda.

6. Faz hoje (19-05-2015) precisamente 3 anos que aterrei pela primeira vez em Luanda.
7. Quando surgiu a proposta para vir para Angola tinha emprego estável em Portugal, simplesmente o desafio e a necessidade de progredir na carreira eram grandes, além de que a experiência internacional sempre foi algo aliciante para mim.
8. Ui... Não chegariam as linhas para enumerar as diferenças entre ambos... Angola é ainda um país em crescimento! A educação e a saúde ainda têm muito para evoluir para igualar o nível português... O trânsito é incomparável, o custo de vida muito alto e só há verão ou inverno... Mas apesar de todas as diferenças que pudesse escrever, as origens portuguesas ainda se fazem sentir.
9. Claro que sim, o meu país é Portugal e hei-de voltar para continuar o meu percurso aí.
10. Acredito num futuro melhor para ambos. Acredito que Portugal vai conseguir erguer-se da "crise" e que Angola vai continuar a melhorar nos diversos domínios.
11. A saída do avião pela primeira vez... O frio na barriga a contrastar com o calor abafador que se fazia sentir!
12. Foi relativamente fácil. Tive a sorte de estar rodeada por pessoas que me ajudaram muito desde o primeiro momento. A aprendizagem aqui é enorme e é fundamental ter capacidade de adaptação e a mente muito aberta...
13. Sem dúvida, da minha família.
14. Há de tudo... Mas a minha impressão é que são bem vistos, estão aqui para ajudar o país a crescer, para formar e transmitir conhecimento e a maioria da população reconhece isso.

## Nuno Taveira



36 anos  
Licenciatura (pré-Bolonha) em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto  
Engenheiro Eletrotécnico/Supervisor Regional Alemanha/Bremen/ENERCON

6. 8 anos
7. Ambição de experimentar novos ambientes/métodos de trabalho.
8. Clima, gastronomia, organização e a metodologia de trabalho. Uma clara fronteira entre temas de carácter profissional e temas do foro pessoal/particular. Tolerância zero a fenómenos de corrupção.
9. Sim.
10. Com certeza. Assim os nossos governantes o queiram também.
11. Uma língua complicada de falar e entender e muito pouco trânsito automóvel dentro das cidades. Prioridade total ao transporte público e à bicicleta.
12. Tanto uma como a outra mais rápidas do que o esperado. Uma boa adaptação.
13. Família e amigos.
14. Em geral os portugueses aqui são vistos como gente qualificada, criativa e com muita capacidade de trabalho



## Mário Ortega

23 anos  
Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Estudante/ Estagiário  
Suíça, Basileia, Harry Guger Studio

6. Desde Agosto de 2014
7. Ganhar experiência profissional num ambiente internacional.
8. A nível profissional, pelo menos na minha área, as diferenças são enormes. Para começar existe trabalho. Tanto quanto me apercebo, a Suíça é um país em constante mutação, tanto edifícios públicos como privados se constroem ou reconstroem com relativa regularidade. Esta procura pelo trabalho do arquiteto associada à cultura internacional, bastante entranhada em alguns dos ateliers, gera as condições ideais para a contratação de jovens estrangeiros, como eu.
9. Não.
10. Claro que sim, mas... talvez não para a minha ge-

ração.

11. Uma das imagens que mais me impressionou quando andava à procura de casa foi a quantidade de crianças, carrinhos de bebé e mães de barriga que via diariamente.
12. Fácil. Claro que existem regras diferentes das nossas, mas nada de muito radical. Penso que posso dizer que passado pouco mais de um mês me senti integrado.
13. Para além das pessoas, de quem sentimos sempre falta. Estranho também as coisas simples do nosso país: a nossa cultura, a língua, a gastronomia, o café...
14. É difícil de avaliar. Mas se tiver de arriscar, digo que nos veem como pessoas trabalhadoras e com brio no que fazem.



31 anos  
Línguas e Relações Internacionais, Instituto Politécnico de Bragança  
Assessor Parlamentar  
Bruxelas, Estrasburgo, Dublin / Bélgica, França, Irlanda / Parlamento Europeu

6. Há mais de sete anos.

7. Uma oportunidade de estágio no Parlamento Europeu custou-me o papel de Romeu em 2008, quando a professora Paula Romão levou Shakespeare ao palco, que a escola não me fechou a porta à adolescência com a conclusão do secundário.

Bruxelas deu-me outros papéis, e a cena teatral amadora também não perdeu tempo a recrutar para a régie o Zé Luís Gonçalves, companheiro de teatro e muitas andanças cá na escola, quando, em boa hora, aqui arribou.

As aventuras extra-curriculares que devemos ao muito trabalho invisível e desprendido da(o)s professora(e)s com quem a minha geração aqui aprendeu balizaram o meu percurso. No meu primeiro ano, em 97, profetizou a professora Alice Pinheiro, em brincadeira, a minha chegada ao Parlamento Europeu. Dito e feito, os jogos parlamentares na escola levaram-nos ao Parlamento Europeu, em Estrasburgo, em 2004. Ao Zé Luís também, pois claro.

Quatro anos depois, o jogo ficou sério, ao serviço de representantes do eleitorado irlandês e europeu ao longo de três legislaturas.

Ainda enviei relatos ao OP no primeiro ano, matando saudades do entusiasmo editorial da professora Luísa Lopes no clube de jornalismo, onde a pena do Zé Luís também corria afiada. Se

## Mário Sá

a vontade sobeja, faltou o tempo, até hoje, para mais cabogamas.

8. Há contrastes vindados, a nível físico e cultural, um pouco por toda a parte. O clima presta-se pouco a hábitos mediterrânicos e a paisagem natural e urbana não deixa dúvidas quanto à latitude.

Os conflitos políticos entre as diferentes comunidades linguísticas do “plat pays” de Jacques Brel, os temores de cisão nacional, dois séculos após o enxerto dos Saxe-Coburg-Gotha no trono de um estado tampão entre grandes potências, são um choque para quem nasceu e cresceu num país vetusto e homogéneo como o nosso. A capital é hoje de maioria francófona, encravada numa Flandres neerlandófona cuja resistência à contaminação linguística dos subúrbios se acrescentou à crise do separatismo flamengo, que vê a Valónia pós-industrial como um peso morto e desconfia da imigração, sobretudo magrebina, montando os falantes de árabe a 10% do panorama linguístico de Bruxelas, já de si complexo.

Neste espaço indeciso entre a periferia dos centros, entre o coração industrial do vale do Rhur, um galicismo menos áspero e a um tirinho fleumático de comboio de Londres, reclama-se de uma linhagem europeia que remonta ao mito fundador de Carlos Magno, banhado a sangue europeu ao longo dos séculos, a “colheita de ferro” de obuses por explodir nos campos agrícolas belgas continua, numa base quase diária, um século após o fim da Grande Guerra, e ainda fere e mata.

Eis aí uma grande diferença.

A Bélgica tem a rede ferroviária mais densa do mundo, ao passo que nós usámos os fundos comunitários para construir a rede de autoestradas mais densa da Europa, o que diz muito das nossas escolhas co-

lectivas!

9. Para já, não, mas volto sempre.

10. Sim, mas não está só nas nossas mãos. Muito se joga na Europa e mais além. O que exige de nós muito mais sentido crítico na escolha do que está sob o nosso controlo, e na leitura do que nos conta quem nos governa.

11. Cheguei em plena crise pós-eleitoral das eleições federais de então, e a febre secessionista estava ao rubro. Pouco antes, a RTBF tinha produzido e posto no ar um “mockumentary”, à la Orson Welles, em que supostamente se cobria em directo, com a participação de políticos que acederam a participar na encenação, a partição da Bélgica, com a declaração da independência da Flandres no parlamento regional, que apanhou muitos cidadãos incautos.

No autocarro, à vinda do aeroporto, vislumbrei um autocolante num poste que me alertou para uma tendência minoritária que desconhecia, a do irridentismo Valão, que defende a anexação da Valónia à França. Ostentava o galo Valão e dizia “L’union fera la force avec la France”. É a memória que me ficou do primeiro dia num país em confuso, em polvorosa, e com futuro incerto, um pouco à imagem do meu estado de alma à chegada ao estrangeiro.

12. Foi fácil. Nunca fui muito de sol e adoro o mau tempo. E Bruxelas é tão avassaladoramente cosmopolita que é impossível sentir-se estrangeiro. Há muitos colegas nas instituições europeias que dizem com desassombro não conhecer um único belga.

13. Da geada, que o frio húmido parece evitar, do butelo e das cascas. De praticar o Português, se bem que a chegada do



20 + 10 anos  
Licenciado em Design Multimédia, UBI, Universidade da Beira Interior  
Designer  
Bélgica, Bruxelas

6. Há cerca de um ano e maio. Cheguei em Outubro de 2013.

7. Foi toda uma conjugação de fatores mas essencialmente saí de Portugal devido à vontade de viver num ambiente diferente, de contactar com diferentes modos de vida, de trabalhar de forma diferente... Foi o acreditar (e confirmouse) que muitos dos pressupostos que baseiam a nossa forma de atuar não são certos e muito menos universais... Claro que a “crise” foi um empurrão, não só pela questão económica, mas sobretudo pelas perspetivas de futuro, o respeito e a dignidade que o trabalho e os trabalhadores merecem e que, em Portugal, são cada vez menos reconhecidos.

8. Na Bélgica há mais chuva e menos centros comerciais! Independentemente da época do ano, chove praticamente todos os dias e o sol, a luz (a falta dela!) é provavelmente o que mais se estranha. Ainda assim, Bruxelas é uma cidade cheia de vida, com gente nas ruas e sempre algo a acontecer.

Zé Luís ajudou a desferrujar o dialecto transmontano.

14. Bem, julgo. Há uma comunidade vasta da anterior vaga de imigração que me permite matar saudades, daquelas que se entendem no estômago.

## José Luís Gonçalves

É uma cidade onde se cruzam culturas e línguas constantemente, com imensos parques e jardins que se enchem de gente, sobretudo nos fins-de-semana, com diferentes feiras e mercados, todos os dias! Ao contrário do que se possa pensar, as pessoas são muito acessíveis e é normal interromper-se a conversa da mesa do lado para contribuir com um comentário ou uma informação que não nos foi pedida... Há um sentimento de sociedade/comunidade muito forte... Ah, e os teclados são AZERTY!...

9. Cheguei à Bélgica de forma imprevista e súbita e calculo que, tal como cheguei, voltarei a partir... Não sei se será de volta Portugal. Portugal não me parece ter capacidade para competir no contexto global pelo nosso (dos profissionais que saímos) interesse, tanto a nível de salários, como de estabilidade e direitos sociais ou mesmo a nível cultural... Mas nunca se sabe...

10. Não. Em quase 900 anos de história saltamos de crise em crise repetindo constantemente os mesmos erros. Que futuro se pode esperar num país sem espírito crítico, que não se renova, que perpetua no poder os seus próprios carrascos em lugar de os julgar e que expulsa os seus próprios cidadãos, jovens e não tão jovens? Em Espanha, na Grécia, independentemente do que venha a suceder, as pessoas perceberam que algo tinha de ser feito, meteram mãos à obra... Em Portugal

O pastel de nata parece ser o nosso maior embaixador por estes lados.

Na praça Flagey, um espaço central na comuna de Ixelles, onde moro, há uma bela estátua com a efígie de Pessoa, rodeada de calçada portuguesa. Do outro lado da rua, a

encolhemos os ombros e deixamos que tudo siga igual... “É a vidinha!”...

11 e 12. À primeira vista parece ser um país (sobretudo a cidade) sujo, desorganizado, um tanto ou quanto caótico. Não é isso que esperava de um paísinho encravado entre a França e a Alemanha... Os belgas têm uma tendência natural para complicar as coisas simples, o que requer um período de aprendizagem e habituação... É um país cheio de contrastes e, mais do que isso, de contradições. Mas uma vez que interiorizamos o “surrealismo belga” (expressão comumente utilizada e assumida pelos próprios belgas) tudo se torna mais fácil! A adaptação não é complicada, se houver abertura de espírito e estivermos dispostos a fazer a nossa parte! A aprender, participar, partilhar...

13. Da Luz! (E de uma garagem!)

14. Portugal é visto como um país simpático, de sol, praia, boa comida e bom vinho. A comunidade portuguesa, ainda que significativa, acaba por quase passar despercebida, dada a expressão de outras comunidades: turca, marroquina, italiana, espanhola... Os portugueses, ainda que geralmente bem vistos, são apenas mais uns entre os muitos estrangeiros. Alguém me comentou com desagrado que fazem muito barulho por causa do futebol! Surpreendentemente encontrei também muita gente (belgas e outros) “qui fala o português” (versão brasileira).

homenagem materializa-se em bancos revestidos a azulejo. Na marginal de Ostende, na costa da Flandres descobrem-se citações da Ode Marítima em frente ao Atlântico.

# Miranda e Arribas do Douro

## Uma natureza para interpretar

No dia vinte de março, as turmas do 11º ano A e B realizaram uma visita de estudo à região de Miranda do Douro, no âmbito das disciplinas de Biologia e Geologia e Física e Química A, acompanhadas pelas docentes Paula Minhoto, Sónia Rodrigues, Teresa Pereira e pela Diretora de Turma do 11º A, professora Esmeralda Gonçalves. Tratando-se de uma situação de aprendizagem fora do espaço escolar, a visita favoreceu a consolidação e aquisição de conhecimentos na medida em que promoveu a interligação entre teoria e prática, a escola e a realidade. Nesse sentido, o percurso foi dividido em quatro atividades, cada qual num lugar específico e de interesse não só didático, como também recreativo.

Joana Pimentel, João Regino, Maria Beatriz Gonçalves, alunos do 11ºB (coord. Sónia Rodrigues)

No dia vinte de março, as turmas do 11º ano A e B realizaram uma visita de estudo à região de Miranda do Douro, no âmbito das disciplinas de Biologia e Geologia e Física e Química A, acompanhadas pelas docentes Paula Minhoto, Sónia Rodrigues, Teresa Pereira e pela Diretora de Turma do 11º A, professora Esmeralda Gonçalves. Tratando-se de uma situação de aprendizagem fora do espaço escolar, a visita favoreceu a consolidação e aquisição de conhecimentos na medida em que promoveu a interligação entre teoria e prática, a escola e a realidade.

Nesse sentido, o percurso foi dividido em quatro atividades, cada qual num lugar específico e de interesse não só didático, como também recreativo.

Antes de rumarmos para terras de Miranda, tivemos a oportunidade de participar na actividade dinamizada pelo Centro de Ciência Viva de Bragança – “Observação do Eclipse Solar”, respeitando as medidas de segurança. Por volta das 9 horas, iniciamos a nossa viagem, em direção à barragem de Picote, e sempre que possível, com os óculos de proteção, íamos acompanhando o eclipse.

Durante o percurso de ida, no autocarro, pudemos contemplar alguns aspetos de ocupação antrópica derivados das necessidades e atividades humanas na zona em questão. Habitações construídas em zonas de declive acentuado, vias de comunicação, como estradas e pontes, que as cortam e expõem aos agentes atmosféricos (água, vento, etc.) são alguns exemplos mais visíveis dessa problemática.

Para estabilizar essas zonas, o Homem constrói muros de suporte com reforço do coberto vegetal, instala sistemas de drenagem, coloca pregagens e redes metálicas.

Além disso, foi possível a observação de blocos graníticos amontoados e espalhados pelas encostas dos maciços graníticos (rochas magmáticas – resultam da consolidação do magma em profundidade), resultantes da separação dos mesmos ao longo de diáclases (fraturas) e posterior arredondamento das arestas e vértices, designando-se esta paisagem granítica por caos de blocos.

Aproximava-se, então, a Barragem de Picote, numa “imponente garganta emoldurada por gigantescas fragas graníticas”. Para além das rochas magmáticas, encontram-se, também, metamórficas, como xistos e quartzitos. Como é óbvio, as sedimentares, dada a sua formação a partir de rochas pre-existentes em condições subaéreas, eram igualmente abundantes, destacando-se

as detriticas não consolidadas, como areias, e consolidadas, como arenitos e os conglomerados. Note-se que estes são ínfimos exemplos da variedade litológica da região. De seguida, fomos visitar a Barragem. Integrada na cascata de aproveitamentos previstos para o Douro Internacional, juntamente com os escalões de Miranda e Bemposta, Picote é um aproveitamento a fio de água, constituído por uma barragem-descarregador; pelo circuito hidráulico, com as tomadas de água, as galerias de carga e o túnel de fuga; por um edifício de comando local e de descarga e por uma central subterrânea (solução adotada devido à estreiteza do vale e aos elevados caudais de cheias previstos). Na última, houve um trabalho artístico que despertou a nossa atenção. Intitulado “71 VOLT (magia elétrica)”, de Pedro Calapez, esta obra associa diferentes imagens, desafiando o olhar pelo seu intenso colorido e pela diversidade contrastante de formas e temas, que evocam a energia e a eletricidade.

Tendo em conta a arquitetura da Barragem, conseguimos apreender alguns aspetos relacionados com a produção de energia hidroelétrica. A água, armazenada na albufeira (que se estende por cerca de 21 km, confinado, na margem esquerda, com o território espanhol), possui energia potencial gravítica. Esta transforma-se, durante a sua passagem através das condutas, em energia cinética, que, por sua vez, é transferida para as turbinas, fazendo movimentar as respetivas pás. As turbinas, associadas a alternadores, transformam a energia cinética em energia eléctrica. A água turbinada é restituída à jusante, por três circuitos que, à saída, se reúnem numa única galeria de fuga, sob o trampolim do descarregador de cheias, onde convergem os tubos de aspiração dos grupos. Numa plataforma superior, localiza-se a aparelhagem de corte, e de seccionamento e as linhas de emissão a 220 kV, que fazem a entrega da energia eléctrica produzida à Rede Eléctrica Nacional.

É de notar que a sua produtividade média anual é de 838 GWh. Desta forma, a infraestrutura permite aumentar a produção de eletricidade por via renovável e, conseqüentemente, reduzir a dependência energética do exterior, bem como a emissão de gases com efeito de estufa, considerando-se, assim, a produção de energia hidroelétrica menos poluente.

Podemos, então, concluir que o projeto hidroelétrico representa uma valência socioeconómica, cultural e ambiental, que está a ser desenvolvida



pela EDP (electricidade de Portugal), no respeito das melhores práticas de sustentabilidade, preservando os valores da biodiversidade e promovendo o desenvolvimento regional.

Depois de uma manhã de intensa partilha de conhecimentos, deslocámo-nos à pequena freguesia de Barrocal do Douro, para almoçarmos. Tivemos, ainda, oportunidade de visitar a famosa Fraga do Puio, estação rupestre que integra um espaço privilegiado de observação da paisagem e domina o rio e o território envolvente. Nela conseguimos avistar uma curva acentuada do rio, delimitada por montes e escarpas, ora abrutadas, ora suaves, que resultaram, provavelmente, da fracturação do maciço granítico e da resistência que as rochas oferecem à acção da água. Também constatámos tratar-se de uma área abundante em vegetação e cujas rochas prolixas eram os granitos biotíticos, moscovíticos, e porfiróides, com textura granular, cujos grãos apresentavam diversas dimensões, apresentando cor branca, cinzenta e amarela e determinando uma cor de rocha leucocrata, devido à abundância de minerais félsicos; embora em menor quantidade, existiam xistos, quartzitos, conglomerados, brechas, argilitos, arenitos, todos de tonalidade clara, cinza ou acastanhada.

A derradeira etapa da nossa visita de estudo foi passada numa fronteira aquática do rio Douro, que separa Portugal de Espanha. Assim sendo, tivemos a oportunidade de fazer um “Cruzeiro Ambiental”, numa Estação Biológica do Parque Natural do Douro Internacional, mais concretamente nas

“Arribas do Douro”

A Estação Biológica está situada junto da cidade de Miranda do Douro, na fronteira com Zamora. O “navio-aula ecológico” é uma embarcação integrada na paisagem com tons de camuflagem, e a sua tripulação, profissionais e guias pertencentes à Estação Internacional, possibilitou-nos uma lição acerca de educação ambiental e de conservação dos ecossistemas.

Durante o percurso, inferimos que existia uma enorme biodiversidade naquela região. Relativamente à fauna, ficámos a saber da existência de várias aves, nomeadamente o grifo, a cegonha-preta, o abutre-do-Egito, a águia-real, a águia-de-Bonelli, o milhafre-preto, a gralha-de-bico-vermelho, o peneireiro-de-dorso-malhado, o andorinhão real, a andorinha-das-rochas, o corvo-marinho, o pato-real, . . . Algumas destas espécies foram usadas numa demonstração ao vivo, após o cruzeiro. Embora durante o percurso, tenhamos observado um espaço no rio, designado poça das lontras, raramente se observam, por serem considerados animais tímidos. No que diz respeito à flora, árvores como a oliveira, a azinheira, o zimbro e o freixo destacavam-se, e, ainda, o endemismo, planta rara. Além disso, os líquenes, seres vivos que constituem uma simbiose de um fungo e de uma alga, estavam por todo o lado, mesmo em lugares inóspitos onde se instalam, sendo designados indivíduos pioneiros, pois são os primeiros a conseguir sobreviver nesses locais. Por outro lado, são usados como indicadores da qualidade do ar, e dada a sua abundância, pudemos concluir que o ar mirandês é um dos

mais saudáveis que pode ser inalado. O cruzeiro aproximava-se do fim, e no convés da embarcação, foi-nos possível desfrutar um momento de extrema paz e silêncio, exigido para não perturbar as espécies animais e que nos permitiu contemplar a harmonia entre os diferentes subsistemas do nosso planeta – geosfera, atmosfera, hidrosfera e biosfera. Esta visita, repleta de beleza excepcional, permitiu-nos uma experiência enriquecedora, relacionando diferentes aspetos geológicos e geomorfológicos do vale com a biodiversidade – aves de rapina e fauna aquática e vegetação autóctone típica das Arribas do Douro.

Sem esquecer a referência supracitada, para acabar o nosso (já magnífico) dia em grande, ainda tivemos a oportunidade de assistir a um espetáculo de aves de rapina, que se revelou extremamente estimulante e divertido.

Gostaríamos de salientar que foi uma experiência extremamente valiosa, tanto para a nossa formação académica, como ambiental e pessoal. Passámos um dia diferente, na companhia de pessoas com quem convivemos diariamente e profissionais das nossas áreas de estudo. Consideramos que estas actividades, para além de momentos excelentes que nos proporcionam, se revelam muito profícuas. Assim, agradecemos a todas as pessoas envolvidas, profissionais da Barragem e da Estação Biológica Internacional, ao motorista do autocarro, que sempre nos acompanhou e especialmente aos docentes do nosso Agrupamento de Escolas, por dinamizarem este tipo de actividades.

# Estou no *mundo da lua* e o meu amigo está *de trombas!* E agora?!

Nádia Afonso (terapeuta da fala)

Caro (a) leitor (a), presumo que, estando a ler estas palavras, já leu o título. Permita-me que presuma também que não me imaginou fisicamente na lua (satélite) ou uma tromba de elefante a sair da cara de um qualquer amigo meu. Contudo, foi exatamente essa imagem mental que criei numa criança ou jovem com deficiência auditiva (DA) que tenha lido o título. Da mesma forma, e ultrapassando a ocorrência de recursos estilísticos no quotidiano coloquial, quando nos textos de Língua Portuguesa começam a surgir metáforas como ‘O rapaz era um leão’, estas crianças e jovens vão atribuir uma interpretação literal à frase, não conseguindo efetuar a comparação implícita e atribuir as características de coragem e robustez do leão ao rapaz. Vejamos então o que está na base destas ocorrências.

A deficiência auditiva (DA) é, à luz do modelo médico, uma doença sensorial [1] que resulta de uma privação, total ou parcial, da receção dos estímulos auditivos, sendo caracterizada em termos da localização da lesão, do grau de severidade, da configuração [2, 3] e do momento em que tem início [4]. A DA é o défice sensorial mais frequente na população humana, afetando 10% da população mundial e 0,8% da população nacional [5]. Em Portugal, as crianças com NEE de carácter permanente representam cerca de 5% do total da população escolar, sendo que destas, 3% possuem DA. Dada a representatividade desta população, importa aprofundar o conhecimento acerca dos seus processos mentais, de modo a promover o desenvolvimento de competências, a funcionalidade e a sua inclusão numa sociedade maioritariamente ouvinte e oralista. Neste sentido, considera-se, neste artigo, a importância do sentido

figurado (figuras de estilo), em geral, e da metáfora, em particular.

Atualmente, o facto de as metáforas não pertencerem exclusivamente ao campo linguístico mas constituírem, em vez disso, fenómenos mentais subjacentes quer à linguagem quotidiana, quer à linguagem literária, já é uma asserção basilar da Linguística Cognitiva [6]. A metáfora constitui-se, assim, como uma ferramenta cognitiva essencial de organização mental, estando subjacente ao pensamento e à ação [7]. Estima-se que, em média, em cada cem palavras, cinco são metáforas [7] e vários estudos reportam a sua frequência quotidiana [8-10], sendo que muitas delas estão tão banalmente incorporadas no modo como conceptualizamos e falamos do mundo no nosso dia-a-dia, que nem nos apercebemos que não podem ser interpretadas de forma literal. Importa enfatizar que o sistema conceptual não se limita a um estatuto intelectual, desempenhando um papel fulcral na definição das realidades quotidianas, uma vez que direciona a forma como vemos e interagimos com o mundo e as pessoas. Vários estudos apontam para os benefícios e para a importância da metáfora na compreensão geral do discurso [11]; no raciocínio de conceitos abstratos [7]; na aprendizagem, interpretação e compreensão, quer de linguagem convencional, quer inovadora [12]; na conceptualização das emoções [13]; na verbalização de conceitos e condensação semântica [14]; e na estruturação e compreensão de linguagens técnico-científicas [15]. Além destes, é atribuído ao processo metafórico um efeito facilitador no desenvolvimento de competências de compreensão de leitura [11] através da promoção da memorização, da capacidade de destacar informação



relevante e de apreender o conteúdo geral do texto [16]. Ao conceptualizar uma coisa, mais abstrata, em termos de outra, mais experiencial e imagética, a metáfora constitui uma forma de condensação de informação, de economia cognitiva e facilita a retenção da informação na memória a longo prazo [16], sendo por isso defendida por alguns pedagogos como uma importante ferramenta didática [17]. Apesar da natureza cognitiva da metáfora, esta materializa-se e atualiza-se em expressões linguísticas mais ou menos convencionais, sendo a linguagem uma importante ferramenta de mediação e interação entre as nossas conceptualizações e o mundo. Desta forma, pode inferir-se que a linguagem, sistema complexo, organizado e dinâmico de símbolos convencionais (sons, palavras e sinais) que permite ao Homem comunicar e pensar [18], cujo desenvolvimento é determinado pela interação entre fatores biológicos, cognitivos, psicossociais e ambientais [18, 19],

influencia a compreensão metafórica. Por outro lado, ainda que se observe uma ampla variabilidade individual nas crianças com DA [20, 21], por norma, apresentam um atraso de desenvolvimento da linguagem, quer quantitativo quer qualitativo, aos níveis da compreensão e da expressão [22-26].

Pelo já descrito até aqui, compreende-se que a incapacidade ou dificuldade de compreensão de expressões metafóricas pode acarretar barreiras comunicacionais e educacionais. Contudo, apesar das múltiplas evidências da importância do processo metafórico, a investigação da sua compreensão por crianças com DA, além de escassa, não é consensual. Enquanto há estudos que reportam que a compreensão metafórica se encontra alterada [27-29], existindo uma correlação negativa entre essas duas variáveis, ou seja, quanto maior o grau de DA, menor o desempenho em tarefas metafóricas; outros constatam que a compreensão de metáforas se enquadra

na normalidade, desde que a tendência destas crianças para efetuar uma interpretação literal seja previamente neutralizada em sessões práticas através de tarefas de treino e de feedback do desempenho [30]. As capacidades linguísticas semânticas e sintáticas demonstram exercer uma influência positiva na compreensão metafórica, sendo que crianças com DA de grau profundo apresentam capacidade de compreensão metafórica quando têm um domínio relevante de tais competências [31].

Sendo a revisão da literatura consensual quanto à importância da metáfora enquanto ferramenta cognitiva, comunicacional, educacional e social, importa dotar as crianças e jovens com DA de ferramentas e estratégias que possibilitem a sua análise e compreensão. Estas estratégias podem passar pela demonstração da metáfora num plano visual (via normalmente mais desenvolvida nesta população) através de imagens, de esquemas ou da realização de diagramas de interseção.

Apesar de este artigo se ter centrado na metáfora, o seu conteúdo é extrapolável à interpretação de outros recursos estilísticos (e.g. personificação, hipérbole) uma vez que os processos mentais envolvidos são, grosso modo, os mesmos. Posto isto, não estranhe que depois de dizer a um criança com DA “Fulano morreu a rir”, ela fique com uma expressão facial de pânico, pois achará que de facto a pessoa em causa morreu com um ataque de riso; ou que depois de lhe dizer “O fogo dançava com chuva”, ela ache que você está maluquinho (a) porque o fogo não dança e a chuva tão pouco. É da responsabilidade de todos nós ajudarmos estas crianças a ultrapassar tais barreiras, de forma a contribuir, efetiva e eficazmente, para a sua inclusão na sociedade.

# Faculdade: querer ou poder?



Andreia Castro, 12ªA

Nas últimas décadas, a proporção de estudantes a entrar na faculdade tem aumentado em Portugal. Contudo, será que os alunos, na fase de candidatura à faculdade, se sentem verdadeiramente motivados para prosseguir os estudos? Ou, por outro lado, devido às fortes exigências do mercado de trabalho, às dificuldades que encontrar um emprego satisfatório acarreta, creem não ter outra alternativa senão ingressar no mundo universitário? É exatamente este dilema que vou discutir mais pormenorizadamente.

Num mundo cada vez mais competitivo e globalizado, o ensino superior visa propiciar uma formação profissional globalmente integrada, no sentido de dotar os alunos de competências basilares para enfrentar os desafios que o mercado de trabalho indubitavelmente coloca diariamente. Este é o argumento que muitos docentes nacionais empregam para incentivar os seus alunos a optar pela prossecução dos estudos, uma vez que só um curso superior lhes dará acesso a um bom emprego, abrirá portas para uma carreira profissional de sucesso e bem remunerada.

Todavia, este cenário corresponderá à realidade? Efetivamente, a esmagadora maioria das empresas, instituições ou estabelecimentos exigem cada vez mais qualificações. Em muitos casos, uma licenciatura não se revela suficiente, sendo necessário obter um grau de mestre e/ou doutorado.

No entanto, será que os jovens estudantes do ensino português estão preparados para enfrentar a realidade universitária e, posteriormente, profissional?

Se analisarmos o modo como se processam as candidaturas ao ensino superior em Portugal, conclui-se que, no panorama atual, entram na faculdade os alunos cuja combinação da média das notas do secundário com os resultados nas provas de ingresso é mais alta. Assim, os estudantes são de tal forma conduzidos para obter médias elevadas que competências tão essenciais como o espírito crítico, criatividade, inteligência emocional, flexibilidade, facilidade comunicacional ou capacidade de iniciativa são amplamente menosprezadas pelo ensino, embora cada vez mais enaltecidas pelo exigente mercado de trabalho, de acordo com o Portal dos Psicólogos.

Com efeito, cursos como Medicina, Direito ou Engenharia são os mais recomendados pelos professores, por serem os mais “prestigiantes”, o que leva a que muitos alunos se sintam desmotivados, pressionados para seguir um curso com o qual não se identificam. Por sua vez, aqueles alunos que não tencionam ir para a faculdade,

mas começar a trabalhar quando terminarem o 12º ano, são sobremaneira criticados, vistos como alguém “sem ambições, sem objetivos de vida”.

Para agravar a situação, este cenário repete-se igualmente no ensino superior, sendo nitidamente valorizada a componente técnica. Consequentemente, muitos recém-licenciados não estão minimamente preparados para ingressar no mercado de trabalho.

Nesta sequência, uma outra questão fulcral vem à tona: “Será que o contexto familiar também exerce uma forte pressão sobre os filhos para entrar na faculdade?”

Atente-se no exemplo com que tantos jovens se identificam.

“O que queremos ser quando formos grandes?” Esta é, sem dúvida, uma das questões mais difíceis com que todos se debatem. Na sociedade ocidental, está cada vez mais enraizada a ideia de que, “para ser alguém na vida”, é imperativo ir para a universidade. Nesse âmbito, os pais tendem a incutir, desde cedo, essa ideia aos jovens, o que torna o processo de decisão ainda mais complicado. “Tens que ir para a faculdade, só assim serás bem-sucedido” ou “Só com o canudo é que vais longe” são expressões frequentemente proferidas.

Segundo a psicóloga Cristiany de Queiroz, um dos principais receios dos alunos é virem a desiludir-se com a sua escolha profissional. “O jovem tem como prioridade o mercado de trabalho e como ele precisa escolher a profissão muito novo,

fica com medo de se dececionar. O receio fica maior quando os pais investem na educação do estudante. Nessas condições, ele sente-se pressionado a provar que o dinheiro gasto não foi à toa”, relata a psicóloga.

Assim, em muitos casos, a determinação em provar que o investimento efetuado pelos pais não foi em vão, bem como toda a confiança depositada em si, assume um papel fundamental na hora de todas as decisões, o que o leva a optar por tirar um curso superior.

Em conclusão, o exposto acaba por ir ao encontro da tese sustentada pela jornalista. Realmente, ingressar na faculdade acaba por ser mais “uma questão de poder”, exercido pelo meio escolar e familiar, do que propriamente “querer”. Claro que não no sentido de os alunos se sentirem forçados a frequentar a universidade, pois muitos estudantes têm por objetivo completar uma formação de caráter superior, independentemente de eventuais pressões exercidas pelo meio circundante, mas porque se convencionou que, sem o diploma académico no curriculum vitae, a possibilidade de alcançar realização pessoal e profissional é diminuta e, por consequência, considera-se que se irão tornar adultos sem objetivos, sem um futuro estruturado, uns vencidos pela vida académica e profissional que todos esperam que sigam.

## Os alunos



Aníbal Fernandes - 9ºC

As escolas, grandes, pequenas, públicas, privadas, de todas as maneiras e feitios que uma escola pode ter, são estabelecimentos povoados de seres humanos muito variados.

Neste microcosmos humano há um grupo que merece a nossa especial atenção: os Alunos (nome que se dá às pessoas que frequentam estes estabelecimentos). Tem as mais variadas manias e feitios, pelo que cada peça é sua peça e esta variedade reflete-se nas suas atitudes nas aulas. Podemos, portanto categorizá-los a partir delas.

Temos os Apóstolos dos Professores, que registam cada santa palavra de Deus que sai das suas bocas sagradas, algo que já vem do tempo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Outra categoria são as Lesmas Perfeccionistas, que abrem o sumário às 8:30 e, passado meio século, ainda estão a escolher a cor da caneta com que vão escrever.

Temos, ainda, os pregadores da palavra Santa, que apregoam a todas as santas almas presentes na sala a palavra de Deus (estão a apregoar a nova salvação de todos).

Não podiam faltar os Esquecidos, que têm sempre algo para tirar e ver na mochila, mesmo que tenham tudo em cima da mesa. Os Dorminhocos, tão cheios de energia que dormem até nas aulas.

E, por fim, os advogados de defesa, que têm sempre de contrapor o que o professor diz (como no Frente-a-Frente), e os Católicos devotos, que estão sempre tão atentos ao que o professor diz que não percebem nada.

Estes são alunos tão aplicados e perfeccionistas que depois tiraram as melhores notas. Mas, no meio disto, esperemos que haja algum que não seja assim tão aplicado.

## Entrega dos Diplomas

A entrega dos diplomas relativos ao ano de 2014/2015 ocorreu no dia 13 de dezembro, na escola see do agrupamento.

As distinções contemplaram alunos de todos os anos de escolaridade, sendo a cerimónia animada pelos jovens de música que frequentam a Escola Augusto Moreno, sob a responsabilidade do professor Artur Fernandes.

No 12º ano, os três melhores alunos foram, por ordem decrescente, no ensino regular, Mariana Lopes, Luis Rafael,

Margarida Rodrigues, e no ensino profissional, Rafael Nascimento.

Foram muitos os alunos finalistas ausentes, provavelmente devido à data escolhida, já que o fim-de-semana escolhido ficou entre um prolongado e o outro que marcava o término das aulas e, portanto, o regresso dos alunos a casa.

A data foi também motivo de comemoração para os outros níveis de ensino já que foram entregues diplomas de mérito aos melhores alunos de modo

a premiar o seu trabalho e incentivá-los a lutarem pelo seu sucesso.

Terminada a cerimónia, houve lugar a uma ceia convívio.



# O fim de uma etapa

A primeira impressão foi boa. O ginásio da escola estava parcialmente transformado num templo. O piso coberto, a plateia com as cadeiras devidamente alinhadas, o lugar dos finalistas reservado, o grupo coral pronto e afinado, o altar improvisado. Tudo estava pronto para o grande momento.

Joana Gonçalves - 12ºC

Foi no passado dia 10 de abril. O entusiasmo dos principais participantes era evidente. Chegaram os pais e familiares mais próximos, que foram tomando os seus lugares, bem como alguns funcionários e professores. Com a comunidade escolar reunida, o celebrante elogiou o percurso de vida e escolar dos finalistas e incentivou-os a continuarem a crescer, não apenas na busca incessante de novos conhecimentos, mas também como pessoas, praticando os valores da amizade, da comunhão e da solidariedade. A Direção da escola agradeceu e elogiou o desempenho dos finalistas, aludindo ao fim de um ciclo de vida e à imediata abertura de um outro. Salientou a importância do conhecimento, do saber, mas também do estar, do ser e do dever. Foi evidente a satisfação, a alegria e o sentimento de dever cumprido. Depois chegou a vez dos finalistas. Contentes, gratos aos professores, aos funcionários e aos amigos, mostraram-se empenhados e comprometidos com o futuro, que aliás já começara.

Seguiu-se a cerimónia religiosa. O grupo coral teve um excelente desempenho. O momento mais sensível e bonito foi o da entrega, pelos finalistas, aos pais ou a quem pessoalmente enten-



deram, de uma rosa. Não foi fácil conter as emoções. Algumas lágrimas escorreram, ainda que exclusivamente de alegria e felicidade.

No final, surgiram as manifestações de alegria, umas mais outras menos contidas, mas ambas sinceras e contagiantes. Chegara

a altura de perpetuar o momento, de usar novas e velhas tecnologias, para o registar para a posteridade. Multiplicaram-se as “selfies”. Procuraram-se os melhores ângulos, os melhores perfis, as poses mais perfeitas.

Para finalizar, teve lugar um almoço, muito divertido e par-

ticipado, onde foi cultivado o espírito de grupo e o sentimento de partilha.

Sinto que valeu a pena. Obrigada a toda a comunidade escolar do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal. Até sempre.



## Foram 6 anos...

Este texto poderia começar com o usual “Era uma vez” das histórias de crianças, éramos todos crianças pequenas e inquietas quando entrámos pela primeira vez nesta escola, a escola em que andamos desde o 7º ano, a Abade de Baçal.

Não me lembro qual foi a primeira aula que tive nesta escola, o primeiro amigo que fiz ou a nota do primeiro teste, mas lembro-me de ser recebida de braços abertos por todos os funcionários, por todos os

professores e por toda a gente que faz parte desta instituição. As escolas não devem ter apenas um papel de formação mas também de acolhimento, conforto e harmonia, permitindo que numa época tão especial de formação de personalidades, se possa consolidar tudo o que de bom aprendemos em casa e na sociedade. Na Abade de Baçal sempre tivemos uma comunidade educativa que nos ensinava isso mesmo, não só a ser alunos mas também cidadãos, que irão ser pais no futuro e representar

a próxima sociedade.

Entrámos no 7º ano a querer ir para o secundário, para sermos como os meninos grandes que tinham só aulas de manhã e eram muito giros e respeitados e entrámos no secundário com a ambição de o acabar rapidamente para rumar à faculdade. O futuro é incerto, provavelmente irei para outra cidade, onde irei começar uma nova vida, eu e a maioria dos outros 50 alunos do 12º ano.

A faculdade aponta para um futuro risonho, da Abade re-

cordarei os 6 anos a subir a escadaria que me dava acesso à escola, os 6 anos a pedir as mistas quentinhas no bar, no intervalo das 10, os 6 anos que ouvi “não comam nos corredores meninos”, as amizades e as boas pessoas com quem me cruzei. O percurso escolar nesta escola será sempre recordado, então, com nostalgia mas também como o início de algo em que depositamos tantas esperanças.

Adriana Nascimento

Lembro-me de há uns anos andar a fugir ao professor Paulo para não ter de vir à bênção dos finalistas. Hoje sou eu que estou aqui e fico muito feliz de vos ver cá também.

A maioria de nós anda nesta escola desde o sétimo ano. Os restantes foram-se juntando e de certeza que todos temos histórias e momentos que vamos recordar durante muito tempo. Foram anos em que cada um de nós deu o seu melhor para chegar até aqui. Um dos dias mais marcantes dos alunos desta escola. Pelo caminho tivemos de superar diversas dificuldades, mas nunca sozinhos. Houve sempre alguém pronto para nos ajudar.

Não sabemos o que nos espera lá fora, não sabemos como será o dia de amanhã, mas sabemos que aqui teremos sempre um amigo em cada professor, em cada funcionário, em cada colega. Teremos sempre um amigo naqueles que estiveram cá todos os dias com um sorriso para nos dar, nos que fizeram com que hoje sejamos adultos (ou quase) prontos para seguir os nossos caminhos.

Só nos resta agradecer a todos os que nos acompanharam durante estes anos, a todos os que nos viram e ajudaram a crescer, a todos os que contribuíram para a formação da pessoa que somos hoje e, principalmente, a todos os que já não estão connosco porque se reformaram entretanto ou já partiram e aos que, contra as próprias adversidades, deram e dão o seu melhor para nos preparar. Não podemos deixar de agradecer aos nossos pais e familiares, que constituem o maior pilar na nossa educação e formação como pessoas, e a Deus, que nos guiou no nosso percurso durante estes anos.

Muito obrigada, em nome de todos os finalistas.

Mariana Coelho

Autoria das fotos: superior - Adriana Nascimento; inferior - 10º ano multimédia



# As turmas do Abade



10ºA



11ºA



12ºA



10ºB



11ºB



12ºB/E



10ºC/CI



11ºC



12ºC



10ºD



11ºD



12ºD



10ºACP



Vocacional C1



Vocacional C3

Fotos: Clube de Jornalismo; 10º ano de Multimédia, docentes dos jardins de infância e EB

# As turmas do Abade

Artur Mirandela



Rossas



3º



1º



2º



4º



Cantarias



3º/4º



5ºA



Mãe de Água



1º



5ºB



Parada



2º



5ºC



6ºA



2º



5ºD



3º



5ºOE



# Sol, onde estás? Lua, onde vais?

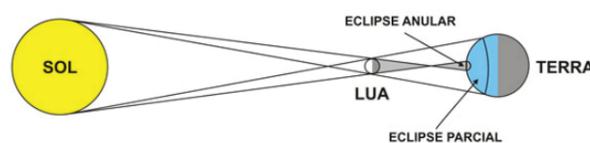
Nuno Minhoto- 11ºB (coord. Paula Minhoto)



No dia 20 de março de 2015, ocorreu um eclipse solar que foi possível visualizar de várias regiões da Europa incluindo Portugal. Dada a localização do nosso país no globo, este eclipse, em Portugal, foi apenas parcial tendo a maior percentagem (77%) sido atingida nos Açores. O eclipse total apenas foi visível no extremo norte do oceano Atlântico, nas ilhas Faroé, Svalbard e na

região ártica.

Com a ajuda do Centro de Ciência Viva de Bragança os alunos das várias escolas da cidade tiveram a possibilidade de observar este raro fenómeno, com o equipamento fornecido pela instituição e perceberam melhor o que se estava a passar com a ajuda dos vários especialistas presentes. Os alunos do 11ºB foram os primeiros



a observar o eclipse, pois chegaram ao terraço do Teatro Municipal às 8 da manhã e, assim, com todo o equipamento disponível observaram o início do fenómeno.

Um eclipse é um fenómeno que ocorre

quando a lua ocupa uma posição entre o sol e a terra bloqueando parcialmente (eclipse parcial) ou totalmente (eclipse total) o sol.

Olhar diretamente para este acontecimento pode levar a lesões oculares

permanentes sendo necessária a utilização de equipamento especial, telescópios, óculos ou observar o fenómeno indiretamente através de projeções.

O eclipse teve início às 8:30 na região noroeste da Europa deslocando-se posteriormente em direção a nordeste, sendo a duração do eclipse total de 2 minutos e 47 segundos e foi o último eclipse solar total que poderá ser

visualizado até ao ano de 2026

Este eclipse pertence ao ciclo de "Saros" repetindo-se de 18 em 18 anos, no entanto por mera coincidência, ocorreu no mesmo dia do equinócio de março, dia em que a duração da noite e do dia são iguais.

## Curiosidades matemáticas

Conheces o Número Mágico?

1089 é conhecido como o Número Mágico. Vê porquê.

Escolhe qualquer número de três algarismos distintos, por exemplo, 875.

Escreve este número de trás para frente: 578

Subtrai o maior do menor.

$875 - 578 = 297$

Agora inverte também esse resultado (792) e soma as duas parcelas.

$297 + 792 = 1089 \Rightarrow$  O Número Mágico!!!!

Experimenta!!

Quanto vale um Centilhão?

O maior número aceite no sistema de potências sucessivas de dez, é o

Centilhão, (registrado pela primeira vez em 1852). Representa a centésima potência de um milhão, ou seja, o número 1 seguido de 600 zeros (apenas é utilizado na Grã-Bretanha e na Alemanha).

Data histórica: 20/02 de 2002.

Quarta-feira, dia 20 de Fevereiro de 2002 foi

uma data histórica. Durante um minuto, houve uma conjunção de números que somente ocorre duas vezes por milénio.

Essa conjugação ocorreu exactamente às 20 horas e 02 minutos de 20 de Fevereiro do ano 2002, ou seja, 20:02 20/02 2002.

É uma simetria que na matemática é chamada de capicua (algarismos que se leem do mesmo modo

da esquerda para a direita, e vice-versa). A raridade deve-se ao facto de que os três conjuntos de quatro algarismos são iguais (2002) e simétricos entre si (20:02, 20/02 e 2002).

A última ocasião em que isso ocorreu foi às 11h11 de 11 de Novembro do ano 1111, formando a data 11h11 11/11/1111.

A próxima vez será somente às 21h12 de 21

de Dezembro de 2112 (21h12 21/12/2112). Provavelmente não estaremos aqui para presenciar.

Depois, nunca mais haverá outra capicua. Em 30 de Março de 3003 não ocorrerá essa coincidência matemática, já que não existe a hora 30.

# Comer melhor viver mais

Ana Romariz - 9ºB



No âmbito da comemoração do dia mundial da Alimentação, a 16 de outubro, a Área disciplinar de Biologia e Geologia e a Equipa de Saúde Escolar dinamizaram durante dois dias actividades relacionadas com a temática. Estiveram envolvidas as turmas A, B, C e E de 9ºano, no âmbito da disciplina de Ciências Naturais, o Curso Vocacional de Carpintaria e os alunos do Jardim de Infância da Estação, acompanhados pelos respectivos professores e assistentes operacionais, bem como a cantina e a biblioteca. O empenho que todos os envolvidos manifestaram permitiu que todos aprendessem um pouco mais sobre as vantagens de uma boa alimentação.

Neste sentido, desenvolveu-se um plano de actividades, que permitisse que todos participassem ativamente, dinamizando as actividades preparadas previamente e fossem atingidos os objetivos propostos. Assim, no dia 16 de outubro, os alunos do 9º B, na cantina e, respeitando as devidas regras de higiene, prepararam a fruta para a refeição que ia ser servida às crianças do jardim, enquanto aguardavam, ansiosamente, pelas mesmas.

O encontro entre estas duas gerações foi muito gratificante pois enquanto as crianças olhavam maravilhadas para os adolescentes que os esperam e para o espaço da

escola sede, os alunos de 9º, assumiam o papel de anfitriões e, com alguma timidez mas determinação, assumiram o seu papel de dinamizadores. Após uma pequena introdução sobre o tema, visitaram a biblioteca, tendo sido feita a leitura de alguns versos sobre a alimentação e apresentada uma exposição alusiva à roda dos alimentos.

Houve, ainda, tempo para uma sensibilização sobre a pobreza alimentar de certos países. Entretanto chegava a hora dos pequenos mostrarem, no auditório, o que haviam preparado para os mais graúdos. Primeiramente, foi apresentada, pelos alunos do Curso Vocacional de Carpintaria, uma história sobre a rejeição da sopa, os sabores da mesma e a importância da sopa tradicional na personagem de um porquinho. Esta atividade foi das mais divertidas e entusiasmante. Para finalizar, os meninos do jardim de infância, devidamente caracterizados, cantaram uma canção sobre a importância da fruta, na alimentação diária e distribuíram marcadores de livros pelos alunos.

A hora indicava que, na cantina, os esperava mais um almoço saudável, à base de peixe e legumes, e uma surpresa: durante a refeição, os alunos construíram palhacinhos e outros figuras com fruta que tinham ao dispor e que foram comendo durante o prato princi-

pal. Ao mesmo tempo, a diretora da escola e os alunos do 9º B sensibilizavam as crianças para o hábito de comer fruta às refeições, explicando as suas vantagens.

As actividades prolongaram-se para o dia seguinte com o projeto das turmas do 9º A e C, que prepararam batidos e sumos naturais para distribuírem pelos colegas nos intervalos das aulas. No bar, foi servido pão integral e não havia bolos à venda, com a intenção de desincentivar ao seu consumo. Foi também construída uma roda dos alimentos pelos alunos do curso vocacional, no espaço do bar. Durante esta manhã, os alunos foram, mais uma vez, sensibilizados para a importância do consumo de fruta e a eliminação da dieta alimentar de alimentos muito ricos em hidratos de carbono e gorduras, que, no nosso organismo, em excesso, podem ajudar a desenvolver doenças como a diabetes, obesidade, problemas de coração.

# Peddy Paper Segurança Alimentar

Diane Oliveira e Sandra Trigo, 9ºB

O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal aceitou o convite da sua parceira, a Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança, que dinamizou a segunda edição da Semana da Saúde promovida pela entre os dias 7 e 10 de abril, e abriu as portas às comemorações da Semana da Saúde.

A Semana da Saúde contempla as comemorações do Dia Mundial da Saúde, que se assinala no dia 7 de abril, tendo sido proposto neste ano o tema “Segurança Alimentar”, pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

O principal objectivo da organização foi promover junto da população em geral e de grupos específicos, como jovens entre os 11 e os 14 anos e idosos, boas práticas de segurança alimentar. As actividades dinamizadas, na nossa escola, integravam um Peddy Paper sobre “Segurança Alimentar” e envolveram estudantes e professores de todos os cursos de licenciatura.

A actividade decorreu no dia 9 de abril, na Escola EB 1,2,3 Augusto Moreno, tendo sido preparada pelas docentes Olímpia Santos, Coordenadora dos directores de turma de 2º ciclo e Sónia Rodrigues, da Área Disciplinar de Biologia e Geologia e

membro da Equipa de Saúde Escolar, em colaboração com os restantes elementos da comunidade escolar. Assim, no período da manhã, os alunos de 5º ano, acompanhados pelos respectivos docentes e os alunos do 9º B, deixaram as suas salas e envolveram-se ativamente nas múltiplas actividades preparadas que seriam desenvolvidas pelos alunos, em grupo, como, por exemplo, “À procura da segurança alimentar”, que consistia na pesquisa de conceitos relacionados com o tema; “À descoberta da bactéria” – depois da visualização de um vídeo sobre alimentos e agentes contaminantes dos mesmos, os alunos tinham de identificar as bactérias que se podem alojar em determinados alimentos; “Jogo do peixe” – incluía 12 questões fundamentais sobre o peixe, que foi a actividade preferida pela maioria dos alunos.

Uma actividade que os alunos de 9º ano consideraram muito importante foi a aprendizagem da lavagem correta das nossas mãos, pois elas estão em contacto com todo o tipo de superfícies, onde se encontra uma diversidade de agentes patogénicos, que ser causadores de numerosas infeções. A actividade consistia na passagem de uma luz negra UV pelas

mãos para descobrir o seu nível de sujidade.

No total foram dinamizadas 10 actividades, todas elas de extrema importância para as crianças que aprenderam ou recordaram, hábitos de segurança e higiene alimentares, de forma menos monótona, participando ativamente, em contexto extra-aula. Estas tiveram impacto também nos mais velhos, pois aprenderam muitas curiosidades e factos interessantes sobre os alimentos, desde a sua produção até à sua ingestão.

A aluna Ana Vicente, do 5º B, partilhou conosco um período da sua manhã que foi bastante diferente do seu dia-a-dia. “Organizaram-se equipas com 7 ou 8 participantes e todas cumpriram 10 actividades diferentes, obtendo pontuação conforme a sua prestação. Entre outros conhecimentos, aprendemos o nome das bactérias que estão em certos alimentos e os efeitos que elas provocam no nosso organismo, os cuidados a ter antes, durante e depois das refeições, o que devemos comer regularmente e o que só devemos comer às vezes... Enfim, eu achei que foi uma actividade muito educativa e esclarecedora. No final, foram distribuídos prémios às três equipas melhor classificadas.”



# Doação de órgãos: um ideal a partilhar por todos



Andreia Castro, 12ªA

A doação de órgãos consiste na remoção de um ou mais órgãos do corpo de uma pessoa que morreu recentemente (doador cadáver) ou de um doador voluntário (doador vivo), para assim poder transplantá-lo(s) para o corpo de uma ou mais pessoas que estão vivas e que precisam desses órgãos para sobreviver.

Atualmente, o tema do transplante e da doação de órgãos é um assunto que suscita um grande debate na sociedade. Tem havido inúmeros esforços para consciencializar a população mundial de que todos nós devemos ser doadores de órgãos, e no caso de ocorrer algum incidente com alguém menor de idade e este tiver um órgão compatível com um doente, os responsáveis legais por esse menor escolham autorizar a colheita dos seus órgãos.

Apesar da maioria da sociedade convergir para a mesma opinião, tornando-se doador, existem ainda muitas pessoas que não têm uma percepção clara sobre esta realidade, e em situações em que têm de ser as próprias pessoas a optar ou não pela doação, torna-se necessário explicar e/ou reforçar a importância que este gesto trará para a humanidade. Com efeito, este foi o motivo por ter enveredado por esta problemática, pelo que vou seguidamente apresentar argumentos devidamente fundamentados para justificar o meu ponto de vista acerca desta temática, centralizando-me na tese de que a doação de órgãos deve ser um ideal partilhado por todos. Para tornar credível a minha argumentação, recorri a diversos sites que me forneceram uma miríade de perspetivas sobre a doação de órgãos, além de me terem dado a conhecer histórias reais e fictícias relacionadas com este tema.

É, de facto, importante referir que, ao sermos doadores de

órgãos, estaremos a agir em prol de um bem colectivo e não ego-cêntrico. Assim, se por qualquer motivo a pessoa entrar em morte encefálica (perda definitiva e irreversível das funções cerebrais), pode deixar uma última marca no mundo e salvar uma ou mais vidas, através da doação dos seus órgãos. Apesar de parecer uma forma demasiado fria e objetiva de encarar um falecimento, penso que todos nós temos de perceber que os nossos órgãos podem ter dois destinos: a decomposição e a possibilidade de estes viverem noutras pessoas. Se, efetivamente, temos a possibilidade de darmos a alguém a oportunidade de viver, porque não realizar este gesto tão nobre?

Ressalte-se o exemplo de Ana Paiva, com 48 anos, que apresentava insuficiência renal crónica, e que foi transplantada em 2008. Citando as suas palavras: “Estive em lista de espera pela primeira vez dois anos e pela segunda cerca de nove meses. Em novembro de 2006 fui convocada para transplante renal nos Hospitais da Universidade de Coimbra mas vi-me recusada em virtude da deteção de uma imagem pulmonar suspeita de tuberculose pulmonar. O sentimento que nos percorre e acompanha quando estamos a um passo de ser transplantados é de revolta. Em setembro de 2008, fui contactada pelo HUC, pois havia um órgão compatível. A minha vida após transplante, e decorreram apenas cinco meses e meio, é agora completamente diferente: é como se tivesse RENASCIDO! O facto de me “livrar da máquina”, a sensação de liberdade que experimentei, que poderei fazer algumas coisas que pensava já não poder concretizar, constitui um sentimento de nos tornarmos a sentir gente”. Ana é agora uma mulher feliz, que vive sem quaisquer problemas, mas tal podia não ter acontecido se alguém não tivesse consentido em doar os seus órgãos. Este é apenas um exemplo entre muitos casos bem-sucedidos. Por isso, não devemos hesitar em sermos doadores, é sem dúvida, um verdadeiro milagre!

Saliente-se também que, apesar de em Portugal as pessoas serem automaticamente doadoras se não se inscreverem no Registo Nacional de Não Dadores, existem países, como o Brasil, em que é a família quem decide

se os órgãos devem ser doados ou não, independentemente da decisão do possível doador em vida. Além do mais, em qualquer país, no caso de ser um indivíduo menor de idade, são os responsáveis legais pelo jovem que decidem se a doação de órgãos pode ser realizada. Com efeito, torna-se fulcral que se deixem as emoções de lado (mesmo que pareça difícil numa altura tão delicada) e sejamos altruístas ao ponto de encarmos uma morte como uma passagem para outra vida.

Um exemplo que retrata de um modo bem realista a última situação referida é a experiência traumática vivenciada por Clarinha, na novela Jardins Proibidos. Clarinha, a filha dos protagonistas, Vasco e Teresa, deparou-se com uma situação em que precisava de um coração novo para conseguir sobreviver. À medida que os dias se sucediam, a urgência de um transplante tornava-se cada vez mais premente. A dada altura, como não surgia nenhum coração, a única esperança possível de salvação seria ligá-la a uma máquina, que funcionaria como uma espécie de coração artificial. Todavia, tornaria a sua vida muito limitada, pois devido ao facto de estar sempre ligada à máquina, não poderia realizar imensas atividades e o seu estado de saúde seria sempre debilitado. Quando estavam prestes a realizar o procedimento cirúrgico, os médicos e os pais tomam conhecimento de que ocorreu nesse mesmo dia um acidente que vitimou um jovem de 10 anos, o Pedrinho, filho de Rita, outra personagem da trama.

Rita, após perder também o marido nesse acidente, recusa a possibilidade de autorizar a colheita dos órgãos do seu filho. Por mais que os médicos lhe explicassem que ele se encontrava em morte encefálica, e que ele estava ligado a suportes médicos apenas temporariamente, Rita, como é natural, agarra-se à ideia de que ao doar o coração do seu filho, seria como estar a matá-lo. Vários médicos tentam convencê-la, mas as tentativas revelam-se infrutíferas. Só as palavras da mãe de Clarinha, apesar de o contacto entre as duas ser extremamente proibido, é que a fazem mudar de ideias. Rita conseguiu, por fim, perceber que o seu filho não voltaria mais, pelo menos fisicamente, mas que a sua re-

cordação e o seu espírito iriam prevalecer para sempre nos corações daqueles que o amavam; que a morte do seu filho não teria sido em vão e que ele poderia salvar uma criança de 8 anos, a Clarinha. Para a mãe de Pedrinho, tal como para tantos familiares que se vêem nessa situação, como é óbvio, não foi nada fácil tomar uma decisão, mas já que a morte do seu filho era inevitável e não havia nada que pudesse fazer para o trazer de volta à vida, compreendeu que numa situação inversa gostaria que alguém se disponibilizasse para salvar a vida do seu filho. Por mais dolorosa que seja a ideia da perda, todos aqueles que tiverem em seu poder a possibilidade de evitar mais mortes, devem, mesmo que seja extremamente penoso, autorizar a colheita dos órgãos.

Além disso, a doação em vida é também uma realidade exequível, devendo ser encarada como algo a ter em séria consideração.

Se, por exemplo, temos um familiar ou amigo que necessita de um órgão para viver ou melhorar a sua qualidade de vida, e nós temos possibilidade de dispor de um, por que não ajudá-los a ter uma vida melhor? “Não podemos ou não devemos virar costas ao sofrimento daqueles que nos são próximos e a quem nós podemos ajudar. Uma das opções será ser dador. Podemos fazê-lo pelos nossos familiares ou amigo, sem prejuízo nenhum para a nossa saúde”, declara Maria João Aguiar, coordenadora nacional das Unidades de Colheita de Órgãos, Tecidos e Células. É importante que as pessoas possam decidir em total liberdade se querem ou não sê-lo, porém é fundamental que todos saibam que há estudos que comprovam que, no seguimento da doação, não ocorrem problemas ao nível da saúde do dador, e que, por serem mais vigiadas, podem até viver mais anos do que os não dadores.

Poder-se-ia dizer que a doação de órgãos não é um ato cristão, que vai contra todos os ditames preconizados pela fé católica, ou que “a pessoa não será capaz de entrar no céu porque o seu corpo não vai estar inteiro”. De acordo com Esmeralda Pereira, membro da Organ Sharing Alliance, uma organização sem fins lucrativos sediada no Texas, estes são alguns dos argumentos dados por indivíduos com uma

posição mais severa e radical face a este assunto, asseverando que muitos encaram a doação de órgãos como uma ação tremendamente imoral, alegando que a sua religião proíbe tal prática antibíblica. Contudo, Mas Velez, Presidente do Conselho da Conferência Nacional Liderança Cristã para os Hispânicos (NHCLC), afirmou que “não há evidência bíblica que proíba esta prática”. Segundo o doutor, os opositores da doação de órgãos fundamentam a sua opinião com base em alguns excertos das Sagradas Escrituras, os quais afirmam que o nosso corpo é um templo sagrado e, por isso, temos a obrigação de o manter imaculado. No entanto, esta é apenas uma mera interpretação, não havendo nada na Bíblia que indique efetivamente a sua proibição.

John Leies, um conceituado reverendo e teólogo, patenteia que a Igreja está a concentrar esforços no sentido de consciencializar esses fiéis da nobreza e altruísmo subjacente ao ato de doar órgãos. O próprio Papa Bento XVI, Papa Emérito, defende que “o ato de amor que é expresso com a doação dos próprios órgãos vitais permanece como um testemunho genuíno de caridade que sabe olhar além da morte para que vença sempre a vida. Do valor deste gesto deveria estar bem consciente quem o recebe; ele é destinatário de um dom que vai além do benefício terapêutico. O que recebe, de facto, ainda antes de ser um órgão é um testemunho de amor que deve suscitar uma resposta de igual modo generosa, a fim de incrementar a cultura da doação e da gratuidade”.

Assim, face ao exposto, tive a oportunidade de constatar que doar órgãos é um ato não só de ampla generosidade e solidariedade, mas também de imensa coragem e força de espírito. Quantos milhares de vidas foram salvas, graças a uma série de transplantes bem-sucedidos, restaurando física e psicologicamente estas pessoas? É neste sentido que proclamo e volto a reiterar: a doação de órgãos é um ideal que deve ser partilhado por todos!

# No palco: prevenir a gravidez na adolescência

Andreia Castro, 12ºA (coord. Sónia Rodrigues)

No dia 12 de dezembro, os alunos de Biologia do 12ºA, no âmbito das celebrações do Dia Mundial da Luta Contra a Sida, apresentaram duas peças de teatro às turmas A, B e C de 9º ano. E como surgiu esta parceria entre finalistas de níveis diferentes? Tudo isto sucedeu pela intervenção da professora Sónia Rodrigues, que dá aulas àquelas turmas de 9º ano e já tinha sido também nossa docente.

Em Outubro, foi-nos colocado um desafio por parte da professora, que consistia na encenação de duas peças de teatro para apresentar às suas turmas. Os temas seriam alusivos aos métodos contraceptivos e gravidez na adolescência, assim como à Sida, infeção sexualmente transmissível. Estas temáticas não foram escolhidas aleatoriamente. A realização desta iniciativa visou elucidar os alunos do 9º ano acerca destas problemáticas, de uma forma mais dinâmica; relembrar da pertinência da sua abordagem e das suas consequências se não forem tidas em consideração; incentivar a turma a participar ativamente nas atividades da escola, além de promover não só um contacto mais estreito entre alunos de faixas etárias diferentes, mas também com os professores. Mediante os objetivos definidos, decidimos aceitar o desafio, com imensa satisfação e vontade de construir algo que superasse todas as expectativas.

Dedicámos algum tempo das aulas de Biologia ao desenvolvimento dos nossos trabalhos, pois a Reprodução Humana é uma das unidades abordadas no programa desta disciplina, tendo tido apoio e orientação das docentes Anabela Costa e Alda Lima.

Posteriormente, os grupos foram estabelecidos e os temas atribuídos. O grupo de que fiz parte, juntamente com a Ma-

riana, Daniela, Bruno, Fábio, Paulo, Frederica e Pedro, decidi tratar a problemática da gravidez na adolescência, resultante da não utilização dos métodos contraceptivos. Quisemos retratar uma situação que poderia facilmente ser transportada para a atualidade, para que os jovens a quem fôssemos fazer a apresentação se pudessem identificar com ela e retirar daí ensinamentos. Queríamos fazer algo único, criando uma história dramática, para tornar o teatro menos monótono e cativante.

Em síntese, a nossa peça contava a história de uma adolescente de 17 anos, Andreia, que fazia tudo para agradar a todos os que a rodeavam e fingia seguir os ideais dos pais, Daniela e Fábio. Daniela era uma mulher que vivia para as aparências e para o estatuto social. Fábio era um advogado conservador, que ambicionava vê-la casada com Paulo, filho do sócio da sua firma de advogados. Andreia encontrava-se, pois, a namorar com Paulo. No entanto, farta de que fossem os outros a controlar a sua própria vida e de seguir as regras rígidas dos pais, Andreia resolve mudar drasticamente, para poder viver tudo aquilo a que uma adolescente tem direito, segundo a sua perspetiva.

Tudo começou quando a Dra. Mariana foi dar uma palestra sobre métodos contraceptivos na escola onde Andreia estudava. Nessa noite, Andreia decide sair com a sua amiga Fred, e é essa noite que vai mudar a sua vida. Paulo chega com Bruno e vai ao encontro da sua namorada, espantado por vê-la naquelas andanças. A conversa não corre bem e Andreia decide terminar o namoro. Paulo faz de tudo para o impedir, mas perante a veemência das suas palavras, decide dar-lhe tempo para voltar à normalidade.

Bruno, que assistiu àquela cena e, vendo Andreia naquele estado, vai ao seu encontro. Os dois bebem em demasia e ficam muito cúmplices, acabando por se envolverem, não utilizando qualquer proteção. Este relacionamento dura quase 2 meses e, nesse período de tempo, Andreia reflete sobre tudo, começa a sentir-se culpada, arrependendo-se da vida leviana e sem rumo que estava a levar.

A dada altura, Andreia conversa com os pais e conta-lhes que está grávida. As reações não poderiam ter sido mais distintas. Daniela fica preocupada com a possibilidade de não a convidarem para nenhum evento social e propõe um aborto. Fábio responsabiliza a esposa, ordena-lhe que leve a filha ao médico e deixa bem claro que uma filha dele jamais faria um aborto e, já que Paulo desonrou a sua filha, teria de assumir!

Daniela marcou uma consulta, nessa mesma tarde, com uma médica da sua confiança, a Dra. Mariana, que graças à sua amizade, se prontificou, de imediato, a recebê-las. Após as formalidades convencionais e as perguntas próprias de uma consulta, decide encaminhá-la para um psicólogo. No fim da consulta, alerta-a sobre os métodos contraceptivos e as DST.

Em seguida, Andreia encontra-se com Bruno para lhe revelar toda a verdade. Bruno reage agressivamente e recusa a possibilidade de ser o responsável, contando-lhe que tudo não passou de um esquema para se aproveitar dela e de poder divertir-se. Diz-lhe que não quer saber dela e não vai assumir absolutamente nada.

Paulo ouve toda a conversa e questiona Bruno sobre o que fez e os dois envolvem-se numa luta, que termina quando Andreia os separa. Bruno afirma que está farto e abandona o local. Andreia



olha para Paulo e, sem saber o que dizer, decide ir embora.

Paulo vai atrás dela e os dois têm uma conversa profunda e decisiva. Andreia mostra-lhe o quanto se sente arrependida. Paulo reconhece que ela o traiu da pior forma possível, mas que sabia que a Andreia não estava em si. Devido ao seu amor incondicional propõe-lhe voltarem a estar juntos. Confidencia-lhe que não quer a relação de antigamente, onde não eram eles próprios e não estavam felizes, mas sim uma relação melhorada, completamente diferente, porque ambos tinham mudado... Inesperadamente, revela-lhe que quer assumir a criança e os dois abraçam-se apaixonadamente.

Fazer parte disto foi uma verdadeira aventura! Concebê-lo em grupo, onde todos tinham ideias díspares; a dificuldade em juntarmo-nos para ensaiar, dada a incompatibilidade de horários; o nervosismo que nos assolou, visto nunca termos feito nada do género; o sentimento de não podermos falhar, o facto de não querermos desapontar todos os que estavam a contar connosco fez com que achássemos que a receita para o desastre estava encaminhada... Porém, os nossos receios desvaneceram-se aquando da apresentação e tudo acabou por se conjugar harmoniosamente.

Adorei participar nesta atividade e considero que temáticas como os



métodos contraceptivos, a gravidez na adolescência e a Sida, bem como tantos outros que afetam a sociedade atual, deviam ser mais abordados nas escolas.

Poder-se-ia dizer que os jovens não precisam de palestras, apresentações ou fichas informativas sobre determinados temas, uma vez que, nos dias que correm, com tanta informação presente nos meios de comunicação, com os docentes a referi-los nas suas aulas ou através dos próprios pais, são desnecessárias e uma perda de tempo... Contudo, isso não é verdade! Considero que nunca é demais relembrar aos jovens, neste caso, a importância excelsa da utilização dos métodos contraceptivos, já que pode evitar gravidezes indesejadas. Além disso, a prevenção de infeções sexualmente transmissíveis, como é o caso da Sida, passa por evitar comportamentos de risco, tendo de se utilizar o preservativo nas relações sexuais, pois é o método contraceptivo que, além impedir uma gravidez

não desejável, previne a transmissão de infeções sexualmente transmissíveis. A responsabilidade de cada um e o respeito pelos outros assegura um futuro saudável e sem preocupações originadas por atos irrefletidos.

Pelo exposto, a prevenção é o melhor caminho a seguir, já que, como diz o ditado "É melhor prevenir que remediar"...

# No palco: unidos contra a SIDA

Elisabete Rodrigues, 12ªA (coord. Sónia Rodrigues)

No dia 12 de dezembro de 2014, no âmbito da comemoração do dia mundial da luta contra a SIDA (síndrome da imunodeficiência adquirida), decorreu, no auditório da Escola Secundária Abade Baçal, mais uma das nunca de mais campanhas de sensibilização sobre temáticas bastante atuais relacionadas com a educação sexual.

Os assuntos abordados incidiram sobretudo no uso de contraceptivos aquando de relações sexuais e prevenção de gravidezes indesejadas, e sobre um dos maiores flagelos da sociedade, a transmissão de infeções sexualmente transmissíveis, como a SIDA, provocada pelo vírus HIV (vírus da imunodeficiência humana).

As IST correspondem a infeções sexualmente transmissíveis, desde que um dos parceiros se encontre infetado por um

agente patogénico, que desencadeia estas infeções, como vírus, fungos, protozoários e bactérias.

Neste sentido, a turma de 12º A foi dividida em dois grupos de trabalho, sendo o nosso responsável pelo tema “A SIDA”. Decidimos que o nosso trabalho teria um formato diferente, não nos dirigindo à plateia em jeito de palestra nem de teatro, mas como que se de diversos monólogos de testemunhos reais se tratasse. Os protagonistas, um a um, provenientes dos mais diferentes contextos, passaram o testemunho do que era ter de sobreviver todos os dias com algo que, na maioria dos casos, tinha origem na irresponsabilidade, nas más escolhas ou na falta de prevenção do próprio: Maria João, uma jovem homossexual que contraiu a doença através da sua namorada, pela troca de fluidos sexuais; Juliana, jovem e popular, cuja vida

era invejada por todos, cai no erro, sob o efeito de álcool, de se envolver sexualmente num “caso de uma noite” com um rapaz que lhe era totalmente desconhecido; Marco, o “Dom Juan” entre os amigos, cujo catastrófico fim das diversas relações amorosas foi pior do que esperava, acabando até mesmo expulso de casa; Verónica, casada e mãe de filhos, é violada e acaba por infetar não só o seu marido, como também a sua filha através da amamentação; Jorge, casado há 25 anos, descobre que a esposa o traíra, da pior maneira, o diagnóstico de uma IST; Mariana, esposa de um cirurgião, acaba doente após este ter sido contaminado durante o seu trabalho; Cristiano, toxicodependente cujo vício incontrolável tem um preço muito maior a pagar.

Após todos estes testemunhos terem chocado de uma forma saudável o



Presépio classificado em 2º lugar no Concurso de Presépios de 2015

público-alvo, concluí com algumas mensagens simples mas fortes, de forma a que todos os presentes assimilassem toda aquela descarga de informação. Uma vez que o HIV não faz qualquer tipo de escolhas, não tem preferência de idades, orientações sexuais, gostos, raças ou posses financeiras, ninguém está livre de ser contaminado, o vírus chega e muda tudo, muda a nossa vida!

Portanto, é preciso já

Hoje Investir na Vida! Para quê complicar? Usa preservativo!

Trabalhar no âmbito desta atividade foi de máxima importância para todos os alunos, não pelo facto de estarmos a ser avaliados, mas por sentirmos que tínhamos o dever de treinar as faculdades percetivas dos mais jovens no que toca a decisões que podem mudar uma ou mais vidas, o dever de incutir responsabilidade na geração de

amanhã, uma vez que na casa de muitos este tema continua a ser um grande tabu. Estava nas nossas mãos abrir os olhos dos que nos ouviam perante coisas que muitas vezes, talvez em consequência da imaturidade inerente à tenra idade, são ignorados. Nunca esquecendo a velha máxima de que é o conhecimento que dirige a prática.

Foi publicado o terceiro número da Revista AdolesCiência, uma revista júnior de investigação que convida os jovens a investigar e comunicar ciência.

Estão abertas as submissões para o próximo número. Recordamos que no item de menu “Sobre”, podem encontrar todas as informações de que necessitam. Participem. [www.adolescencia.ipb.pt](http://www.adolescencia.ipb.pt)

adolesCiência  
Revista Júnior de Investigação  
A tua Revista não a percas de Vista ...

Artes  
Matemática  
Ciências Sociais  
Ciências Naturais  
Ciências da Saúde  
Ciências Humanas  
Ciências da Educação  
Ciências Documentais  
Literatura e Linguística  
Ciências do Desporto  
Ciências Humanas  
Ciências Agrárias  
Ciências da Saúde

ARTIGO - Investigação & prática  
Desenvolvimento económico baseado na teoria dos Clusters - O exemplo do calçado em Portugal

RELATO DE EXPERIÊNCIAS  
A influência da luz na germinação das sementes de rabanete (*Raphanus sativus*, L.)  
Calculões de Saladas

RECENSÃO  
Ser pai é completar a metade que há em nós?  
A Caverna, o epicentro da sociedade consumista do séc. XX  
Um silbar sobre a emigração portuguesa no século XX  
Um Romance Policial ou de Personagem?  
As veias abertas da América Latina  
A problemática existencial de ser humano  
Viajem a um reino maravilhoso

ENTREVISTA  
Projeto Europeu INTACT - A educação em ciências torna-se móvel

[www.adolescencia.ipb.pt](http://www.adolescencia.ipb.pt)  
[www.facebook.com/revistaadolescencia](https://www.facebook.com/revistaadolescencia)



# Alunos, por um dia, no Instituto Politécnico de Bragança: aula prática de micropopagação de plantas

11ºB (coord. Sónia Rodrigues)

No dia 26 de novembro de 2014, no âmbito da disciplina de Biologia e Geologia, foi organizada, com a colaboração do Centro de Ciência Viva de Bragança, uma atividade para os alunos de 11º B, acompanhados pela professora Sónia Rodrigues, no Instituto Politécnico de Bragança, sobre a “Micropopagação de plantas”, conteúdo contemplado no programa da disciplina em contexto de sala de aula. A atividade, de carácter prático, foi coordenada pela Professora Maria João Sousa e envolveu ativamente os alunos. Do CCVB esteve presente, nas duas atividades, a Engenheira Clotilde Nogueira.

Antes de ser iniciada a parte prática da atividade, foi feita uma apresentação teórica sobre a micropopagação de plantas, as etapas a desenvolver e alguns esclarecimentos sobre a planta utilizada, uma planta de nome científico *Stevia rebaudiana* Bertoni (designação da subespécie da planta *Stevia*).

Como todas as plantas, é multicelular, autotrófica, mas é nativa do Brasil e do Paraguai. Mas por que é que a nossa atividade foi desenvolvida com esta planta? Ela começou a ser usada há mais de 1500 anos pelos povos da África do Sul. Em 1899, o botânico suíço Moisés Santiago Bertoni realizou um estudo no Paraguai, fazendo a descrição da mesma como uma planta doce. O Japão foi o primeiro país a cultivá-la e a utilizá-la para substituir o açúcar em produtos comestíveis e bebidas, como, por exemplo, a Coca-Cola. Das suas folhas, é extraído o Esteviosídeo, cujas propriedades açucaradas provêm de glicosídeos de steviol. Trata-se de um edulcorante de origem natural, com 40 a 300 vezes mais poder adoçante do que a sacarose (açúcar comum), sendo não sintético, ao contrário de outros, como o ácido clíâmico, o aspartame ou a sacarina. Tem sabor agradável e não apresenta gosto residual, sendo agradável ao paladar. Na sua forma natural, o esteviosídeo é um pó branco, sendo apresentado nesta forma ou na forma líquida (diluída). Algumas empresas já estão a fabricar produtos como achocolatados, condimentos e gelatinas.

Assim sendo, esta planta constitui uma alternativa bastante positiva para a substituição dos polímeros de glicose, como, por exemplo, a sacarose (açúcar comum), que são tão usuais no quotidiano das sociedades modernas e que são prejudiciais para a saúde da humanidade. Por outro lado, a *Stevia* não contém calorias, não altera os níveis de açúcar, não é tóxica, inibe a formação de cáries dentárias e não contém ingredientes artificiais. Pelo exposto, a sua utilização poderia minimizar as consequências que advêm do consumo excessivo de açúcares, por parte das crianças e jovens. Além disso, uma das utilidades mais interessantes e até necessárias está associada à diabetes, uma vez que os pacientes com a doença podem utilizar os seus produtos como adoçantes, pois não têm as consequências do açúcar comum. Além disso, não apresenta nenhuma consequência nutricional para o ser humano, uma vez que é utilizada em menores quantidades que o açúcar, por ter um maior poder adoçante.

Durante a atividade desenvolvida, foi-nos possível, através do trabalho prático, aplicar e aprofundar conhecimentos adquiridos durante as aulas de Biologia e Geologia, proporcionando-nos a possibilidade de executar todos os procedimentos envolvidos na micropopagação vegetativa.

Assim, a turma foi dividida em três grupos, tendo cada um estado envolvido nas três atividades desenvolvidas.

## Preparação do meio de cultura

Para que ocorra o desenvolvimento de novas plantas, é necessário preparar um meio de cultura adequado ao seu crescimento, contendo nutrientes e hormonas, nomeadamente sacarose, como fonte de energia, e hormonas de crescimento (fitorreguladores). Assim, preparámos uma solução contendo água, diferentes macronutrientes e micronutrientes, vitaminas, mantendo a solução em agitação, num agitador, ao mesmo tempo que se controlava o pH da solução. À solução foi, ainda, adicionado um açúcar, nomeadamente a sacarose, como fonte de energia.

## Preparação da solução agar

## para obtenção de uma plântula a partir de um órgão ou parte da planta, neste caso, a partir de uma folha.

Após a obtenção do meio de cultura, preparou-se o agar-agar, que consiste numa mistura heterogénea de dois polissacarídeos, em pó, à qual misturámos água formando um gel. Com a importante característica de ser atóxico, este gel permite, ao colocar um tecido ou órgão, mantê-lo numa posição firme.

Depois de termos preparado a solução nutritiva e pretendendo obter o agar-agar, para o desenvolvimento de novas plantas, esta mistura foi introduzida no microondas para ser aquecida e, assim, ganhar consistência viscosa para ser usada, posteriormente.

Seguidamente, usou-se uma pistola de autodosagem e colocou-se o agar nos tubos de ensaio esterilizados, taparam-se os tubos com alumínio, colocado de uma forma rotativa, e introduziram-se, novamente, na máquina de esterilizar, eliminando qualquer agente patogénico que pudesse comprometer o desenvolvimento da nova planta.

## Repicagem

Seguidamente, numa outra sala de trabalho, onde se encontram bancadas de fluxo laminar, procedeu-se ao corte de folhas de plantas, também obtidas por micropopagação, em diferentes partes. Posteriormente, cada uma dessas porções foi colocada nos tubos de ensaio, contendo o meio de cultura. Esta atividade requer que as condições de assepsia sejam asseguradas, o que é possível nas referidas bancadas de fluxo laminar, onde todo o material utilizado é constantemente desinfetado e exposto a uma chama de lamparina, para evitar contaminações que possam comprometer o desenvolvimento das novas plantas. Cada tecido da folha forma uma massa de células indiferenciadas, continua a crescer e diferenciar-se-á em novos tecidos específicos, originando uma nova plântula. Estes tubos foram colocados, posteriormente, na sala de cultura, onde se criam e mantêm as condições necessárias para a formação de novas plântulas (luz, temperatura, humidade).



## Sala de cultura

Embora, tivéssemos realizado todos os procedimentos envolvidos na micropopagação, para terminar a última etapa tivemos de recorrer a outras plântulas. Assim, tirámos, com cuidado, e com o auxílio de uma pinça, a plântula desenvolvida, assegurando a remoção do agar ainda existente na raiz, passada por água. Seguidamente, a plântula é colocada num vaso com terra, onde decorrerá

o seu crescimento, podendo depois ser transferida para um meio natural. Este procedimento deve ser gradual, pois estas plantas desenvolveram-se num meio onde se proporcionaram condições óptimas, o que nem sempre acontece no meio natural, onde estão, por exemplo, expostas à variação dos factores ambientais e a agentes patogénicos. Assim, normalmente, a planta é submetida a uma exposição lenta a ambientes com

# Entrevista a Maria João Sousa: micropropagação vegetativa da Stevia

Em que consiste a propagação in vitro?

R.: Consiste em manter, num ambiente estéril e controlado, plantas, de maneira a otimizar a produção, quer seja de biomassa, quer de compostos secundários (usados em farmacologia, cosmética e biotecnologias).

Quais são os benefícios associados a esse tipo de propagação, relativamente à propagação vegetativa tradicional?

R.: Primeiro, é um processo através do qual se produzem plantas livres de doenças, devido à assepsia. Plântulas são enraizadas e estão prontas para a plantação e crescimento, o que é melhor do que o recurso a sementes e a estacas.

Depois, é uma técnica segundo a qual se obtêm milhares de plantas, enquanto nos processos convencionais se obtêm apenas entre dezenas a centenas, no mesmo período de tempo.

Finalmente, outra vantagem reside no facto de conseguirmos controlar tudo, tanto os nutrientes, como a temperatura e o fotoperíodo, facilmente.

Quais as desvantagens associadas à propagação vegetativa in vitro?

R.: Requer pessoal especializado e determinados equipamentos técnicos.

Como é que surgiu a iniciativa da micropropagação da Stevia?

R.: Foi devido a um projeto de produção agrónomica da Stevia, para saber quais as melhores condições para se proceder à sua propagação no nosso país, visto que é uma planta originária da América do Sul, portanto, oriunda de climas tropicais e subtropicais, diferentes do nosso. Pretendemos criar condições para ela estar no máximo da sua produção, e



podermos ter material para fazermos análises, quer dos óleos essenciais, quer dos açúcares, fenóis ou vitaminas.

Além disso, estamos também a fazer um estudo mediante diferentes implementações no terreno, para averiguar acerca de possíveis alterações em termos de biomassa ou de produção. Tencionamos descobrir qual é a suplementação ótima e a altura do corte ideal, para os agricultores tomarem conhecimento disso.

Por outro lado, também procuramos saber mais acerca da fisiologia da Stevia e até que ponto as suas características constituem um benefício para o Homem.

Qual a importância biológica da Stevia?

R.: A Stevia é uma planta com características adoçantes, que produz determinados compostos: açúcares ligados a terpenos. É ótima para comida light e comida de diabéticos, uma vez que é hipoglicémica. Ela entra e sai no nosso organismo, não sendo metabolizável, o que constitui uma vantagem. Além disso, tem propriedades medicinais: é um bom antioxidante, tem vitaminas e outros compostos com efeitos bioativos a nível da saúde humana.

Num outro contexto, a Stevia tem muitas folhas, onde se acumulam compostos importantes que servem, por exemplo, para afastar pragas, atrair

polinizadores e dispersores de sementes, sendo, ainda, essenciais para se defenderem dos animais herbívoros.

Tencionam continuar com o processo de micropropagação, de modo a tornar esta planta acessível a toda a população de Bragança?

R.: Nós não somos propriamente uma empresa e a nossa capacidade de produzir tem algumas limitações. Assim sendo, não o podemos fazer, pois o nosso trabalho baseia-se meramente na docência e na investigação. Contudo, fornecemos algumas plantas. Há alguns projetos que estão a ser avaliados, tendo como parceiros empresas que podem tornar

esta planta acessível à comunidade.

Acha que há alguma possibilidade de, futuramente, se proceder à propagação da Stevia em casa, sem ser em condições asséticas?

R.: Pode ser experimentada a sua plantação, porém, o seu crescimento e manutenção não são garantidos, uma vez que, como já referi, as condições edafoclimáticas da nossa região são muito distintas das ideais para a sua propagação. É exatamente por este motivo que a sua cultura in vitro é uma mais-valia, implicando, claro, as condições asséticas.

muita humidade, com pouca luz e de temperatura amena, o que seria considerado um ambiente para um crescimento normal das espécies, designado pré-transplante. Seguidamente, procede-se à transferência para o meio natural.

Para finalizar a nossa aula prá-

tica, a docente teve a gentileza de nos facultar exemplares da planta para a nossa escola, alertando-nos para o seu ambiente natural, que, sendo tropical, nada tem a ver com as nossas condições climáticas, principalmente em pleno mês de novembro, o que determinou a

sua morte passados alguns dias. Quem sabe se, num curto período de tempo, não teremos ao dispor na nossa escola açúcar obtido a partir desta planta! O nosso organismo agradecerá! A atividade proporcionou-nos a partilha dos projetos científicos desenvolvidos no contexto

universitário por alunos e professores e permitiu-nos a dinamização de trabalhos práticos que complementam a vertente teórica da disciplina de Biologia e Geologia.

Para que a nossa atividade fosse ainda mais enriquecedora, foi, também, possível entrevis-

tar a docente Maria João Sousa, que atualmente desenvolve os trabalhos de investigação sobre a referida planta e que preparou e orientou a atividade.

## Juvenis Masculinos do AEAB apurados para a Final Nacional do Torneio "Basquetebol 3x3"

A equipa constituída por Bruno Gomes, Rúben Kilian Correia, Carlos Grijó e Tiago Freitas repetiram na Final Regional, em Mirandela, no dia 19 de março, a vitória que tinham conseguido na fase Distrital, em V.N. de Foz Côa no dia 9 de janeiro e assim serão os dignos representantes do Nordeste Transmontano na Final Nacional, que terá lugar em Lisboa.

Nem um certo compadrio entre duas escolas de Vila Real (na fase regional) os conseguiu derrotar.

Sandra Cabral

No Torneio "Basquetebol 3x3", dia 9 de janeiro, a equipa de Juvenis Femininas, constituída por Telma Barreira, Magali Vaz e Matilde Barreira, ganhou a fase distrital e foi apurada para a fase regional que se realizou no dia 19 de março, tendo conseguido o segundo lugar.

## Basquetebol juvenis femininos no pódio

No dia 20 de março, realizou-se a última jornada que foi decisiva para apurar a equipa campeã (Coordenação Local do Desporto Escolar) de Bragança e Côa de Basquetebol Juvenis Femininos. A equipa da nossa escola, com empenho e mérito, conseguiu alcançar o segundo lugar.

Apesar de algumas dificuldades em alguns jogos conseguiu superar algumas barreiras e o adversário. Em 8 jogos obteve 5 vitórias e 3 derrotas. Salientou-se a jogadora Telma Barreira pelo seu excelente empenho e incentivo em todas as jornadas que contribuiu para o sucesso da participação da equipa.

No entanto, todas as jogadoras merecem ser felicitadas pelo seu empenho e contributo em cada jogo.

Classificações em: <http://quadrocompetitivo.desportoescolar.min-edu.pt//index.php?MP=6&d=Classificações>

Resultados em: <http://quadrocompetitivo.desportoescolar.min-edu.pt//index.php?MP=5>

Sandra Cabral

NOME	ANO	Nº
Inês Jeanne	8ºA	13
Sara Trigo	8ºB	19
Leticia Gonçalves	9ºA	18
Magali Vaz	9ºA	19
Sara Pires	9ºA	27
Ana Luís Afonso	9ºC	3
Catarina Fernandes	9ºC	8
Inês Fernandes	9ºC	15
Matilde Fernandes	9ºC	24
Telma Barreira	9ºE	26
Mariana Oliveira	10ºC1	14
Sandrine Ferreira	10ºD	27
Ana Carolina Favas	11ºA	1
Maria Luís Pereira	11ºB	23

## Badminton

O Clube do Desporto Escolar tem proporcionado a todos os alunos que nele participam diferentes vivências no âmbito da prática desportiva, transmitindo-lhes valores como o companheirismo, o respeito e a amizade, não só entre os elementos da equipa, como também com os elementos das equipas das restantes esco-

las com as quais competem. Esta interação entre alunos de escolas diferentes proporciona-lhes experiências novas e que são sempre gratificantes e enriquecedoras a nível pessoal.

No presente ano letivo, a escola dispõe de várias equipas que a representam. Eu represento, juntamente com os nossos alu-

nos a modalidade de Badminton. Relativamente às competições, as nossas equipas têm realizado inúmeros jogos a contar para o calendário de competição – nível CAE e obtidos resultados satisfatórios.

O "Fair-Play" que impera nas equipas de todos os grupos e que se faz notar

nos encontros dos jogos tem sido uma mais-valia.

No Badminton obtivemos a classificação de 3.º lugar por equipas masculinas. Foi um lugar bem disputado e merecido. Todos os alunos estão de parabéns, não só pelo esforço e dedicação demonstrada, mas também pela representação da nossa escola.

Continuamos com o nosso apelo, não só para este ano, mas também para anos seguintes: "Participem nas atividades, uma vez que as

mesmas são somente realizadas para vós"

Ana Oliveira



## Desporto Escolar



# Destaque nacional para Bruno Gomes

**Bruno Gomes, jovem de quinze anos, aluno da escola secundária Abade de Baçal, teve a possibilidade de participar no estágio da seleção nacional de basquetebol, que decorreu nos passados dias 14 e 15 de Fevereiro. A estreia do brigantino num evento desta importância merece o devido destaque e mostra o seu mérito e, por isso, numa entrevista ao jornal escolar Outra Presença, partilhou esta experiência.**

Q: Com que idade começaste a jogar basquetebol e o que despertou em ti esse interesse?

R: Comecei a jogar ainda jovem, com cerca de dez anos, e o que me motivou foi a necessidade de praticar desporto.

Q: Como descreves a evolução da equipa desde que entraste nela? A que se deve isso?

R: A equipa evoluiu imenso ao longo do tempo. Crescemos juntos enquanto jogadores e enquanto pessoas, pois estivemos sempre unidos e esta evolução deve-se, completamente, ao treinador que temos, Tiago Silva.

Q: Qual foi a tua reacção quando soubeste que tinhas sido convocado para este estágio da seleção nacional?

R: Quando soube que tinha sido convocado, senti um misto de emoções que nunca tinha sentido. Agradei a todos os meus colegas de equipa, individualmente, pois sem eles nunca teria conseguido.

Q: Como foi o apoio por parte da equipa e do clube?

R: Toda a equipa me felicitou e demonstrou orgulho em mim; por parte do clube, por ser um clube pequeno e haver um ambiente familiar, tive um apoio incansável. Ofereceram-se para me ajudar em tudo o que eu precisasse.

Q: Como foi treinar e jogar ao

lado de antigos adversários e outros jogadores que não conhecias?

R: Foi uma experiência completamente inovadora. Nunca tinha treinado com tanta intensidade e ao lado de jogadores com tanta qualidade. Fiz novas amizades fantásticas, mas começou por ser uma experiência solitária e senti que tinha mais para mostrar aos treinadores, pois não era tão conhecido por vir de Bragança.

Q: Qual foi o impacto de teres sido convocado e da equipa ter começado a obter melhores resultados para o crescimento do basquetebol em Bragança?

R: Considero que teve um impacto muito positivo. Com ambos os acontecimentos, passou a valorizar-se mais os bons resultados obtidos pela equipa. O número de espetadores nos jogos aumentou e, portanto, o nosso clube acabou por ganhar uma certa credibilidade (ainda mais), o que culminou na entrada de mais jogadores, especialmente no escalão de sub-10, o que é bastante positivo, no que toca ao futuro do clube e da modalidade no concelho.

Q: Onde encontras inspiração e motivação para continuar a trabalhar?

R: Encontro motivação em qualquer parte. Todas as pessoas à minha volta me inspiram. Desde os funcionários da minha escola

Inês Marrão e Joana Aguiar, 10ºB até à minha família, sem esquecer, obviamente, os meus amigos e companheiros de equipa. Todos eles me fazem querer melhorar, com o intuito de os deixar orgulhosos. Depois, a própria cidade em si me motiva. Talvez um dia me veja forçado a sair de cá, mas tenciono voltar, foi aqui que cresci, que encontrei os lugares mais maravilhosos e, também, onde me deparei com as pessoas mais generosas e sinceras que poderia haver.

Q: Como te sentes perante a desvalorização do basquetebol relativamente a outras modalidades?

R: O basquetebol não é desvalorizado em relação a outras modalidades. O basquetebol é, juntamente com muitas outras modalidades, desvalorizado em relação ao futebol. O futebol teve sucesso, e nunca se quis experimentar outra coisa. Isso traz-nos muitas dificuldades a nível competitivo, pois há poucas equipas. Mesmo a nível associativo é complicado, isto mais concretamente no nosso clube, pois ninguém quer assumir uma responsabilidade tão grande com tantas dificuldades. Neste momento temos a sorte de ter uma fantástica direção, mas nem sempre foi assim.

Q: Como descreves a tua evolução após a experiência de participar no estágio da seleção?



R: Acho que aprendi imenso no estágio com a seleção nacional. Tento sempre passar para os meus colegas tudo o que aprendi, tento sempre liderar dando o exemplo, e realmente desafiá-los ao máximo para melhorarem. Isto porque foi o que me fizeram lá e gostei bastante. Esforço-me, ainda, em qualquer um dos meus treinos, por igualar a intensidade à do

fim-de-semana do estágio. Nem sempre é possível, mas tem-me ajudado a melhorar. Por fim, representar a seleção do meu país é um dos meus objetivos e com esta experiência pude realmente deixar esse objetivo mais claro na minha cabeça, a um passo mais perto de mim. Penso que a chave para tal seja dar tudo de mim, todos os dias.

## VI torneio escolar de Xadrez

# Alunos de 9 escolas procuram xeque-mate da vitória

No dia 27 de maio, realizou-se o VI Torneio Interescolar de Xadrez, "Cidade de Bragança 2015" uma iniciativa organizada pelo Clube de Xadrez do Agrupamento Abade de Baçal, em parceria com a União de Freguesias da Sé, Santa Maria e Meixedo e o apoio da Associação de Xadrez de Bragança e do Bragança Shopping, que tem vindo a registar, ano após ano, um grande sucesso. Participaram, neste VI Torneio, as 7 escolas que têm marcado presença desde o primeiro torneio, (Abade de Baçal, Augusto Moreno, Izeda, Emídio Garcia, Paulo Quintela, Secundária de Mirandela, Vila Nova de Foz Côa) mais duas novas escolas (Mêda e Colégio Ultramarino N. S.ª da Paz de Chacim) envolvendo um total de cerca de 80 participantes.

Em termos classificativos, foi campeão da geral o aluno Samir Mehmedov da Escola de V. N. de Foz Côa, tendo os nossos alunos obtido também classificações honrosas, Bruno Gralhós, da Escola Abade de Baçal, 3º classificado no escalão de Juniores, Bárbara Martins, e Daniela Ruano, da Escola de Izeda, respetivamente 1ª e 3ª classificada no escalão Iniciados.

A participação do Clube de Xadrez na Fase Local, integrada no Desporto Escolar, teve este ano um desempenho muito positivo, tendo a equipa de Juvenis da Escola de Izeda, constituída pelos alunos, Ana Margarida, Daniela Anes, Daniela Ruano, Diana Reis, Ema Costa, Hugo Vila, Jéssica Gonçalves, Marta Cides e Tiago Veiga, alunos do

8º ano e do 9º ano, conquistado o 1º lugar no escalão e por esse mérito, lhe ter sido dada a oportunidade de representar o Agrupamento/Escola na Fase Final Regional. Ainda este ano letivo foi com agrado que se registou um aumento de jovens participantes vindos da Escola Augusto Moreno. Falta, no entanto, que os alunos da Escola sede, Abade de Baçal, comecem também a participar mais, contribuindo, assim, para que o Agrupamento possa ganhar dimensão e força nas competições futuras.

O sucesso deste evento e o interesse que tem vindo a despertar permitem-nos esperar que o VII Torneio ultrapasse o número de participantes e de escolas registados este ano

Nuno Cristóvão, coordenador



# Somar vitórias

O final do ano foi muito importante para alunos desportistas do nosso Agrupamento. Bruno Gomes (10ºB), Carlos Grijó (11ºC) e Ruben Kilian Correia (10ºB) constituíram a equipa que foi rerepresentar a CLDE (Coordenação Local do Desporto Escolar) de Bragança e Côa na Final Nacional do Projeto Basquetebol 3x3, em Lisboa (Terreiro do Paço) dia 14/05/2015.

Carlos Fernandes

Rui Rocha (11ºB) e Bruno Palmeiro (12ºB) estiveram

presentes nos Campeonatos Nacionais do Desporto Escolar, que decorreram entre 15 e 17 de maio. Se já era um orgulho termos cinco (ou três se considerarmos a equipa como um só) representantes em Campeonatos Nacionais maior se tornou (esse orgulho) com os resultados alcançados.

Na quinta, dia 14, no Terreiro do Paço, na Final Nacional do 3x3, os “nossos rapazes” conseguiram um excelente 2º lugar sendo, apenas batidos pelos colegas da escola Dr. Francisco F. Lopes da CLDE do Algarve. Em 6 jogos conseguiram quatro

vitórias e duas derrotas, ambas com a equipa vencedora, a 1ª na fase de grupos e a 2ª na final. É preciso realçar que este excelente resultado foi conseguido em circunstâncias muito difíceis e com grande empenho e sacrifício dos nossos alunos. A equipa era constituída por 4 alunos (3 efetivos e 1 suplente) mas apenas 3 puderam estar presentes. Além disso, os brigantinos (também a equipa de Iniciados Femininos da Emídio Garcia) saíram de Bragança às 5:00 da manhã, fizeram os jogos e chegaram a casa à 1:30, tendo teste no dia seguinte.

Este resultado foi o seguimento do muito bom trabalho que estes alunos fizeram vencendo, sucessivamente, as fases: Escola, Distrital e Regional (Bragança e Côa e Vila Real e Douro)

Nos Campeonatos Nacionais do Desporto Escolar estiveram dois alunos do nosso Agrupamento. Rui Rocha participou no campeonato de Boccia e Bruno Palmeiro nos 100 metros dos Campeonatos Nacionais de Atletismo.

O Rui foi vice-campeão nacional de Boccia 13, um desempenho muito bom, conseguindo quatro vitórias em seis

jogos, muito bem disputados. O Bruno conseguiu a sua melhor marca na distância com o apuramento para a final onde foi 5º classificado. São, pois, merecedores do nosso apoio, admiração e orgulho.

É verdade que o “estudo” é a primeira e primordial função dos alunos mas há que valorizar o trabalho que é feito para além do estudo. Que este esforço e dedicação seja devidamente reconhecido e compensado.



## Alex Costa a paixão das duas rodas

O piloto brigantino estreou-se no campeonato Nacional de Velocidade em 2012. Começou a competir pela influência do pai que competiu durante 16 anos no Campeonato Português e no Campeonato Francês.

Iniciou a competição na classe mais baixa, 85 cc e obteve nesse ano o 3º lugar no campeonato tendo ainda ganho uma prova, esta na última do campeonato.

No ano seguinte, o jovem manteve-se na mesma classe obtendo assim o título de Campeão Nacional, onde ganhou 5 das 7 provas, conseguindo, portanto, o objetivo dessa época.

Para a época de 2014 decidiu criar a sua própria equipa designada por “Team Costa” com a qual se estreou na classe de Superstock 600 com uma Yamaha r6. Alcançou o 4º lugar do

Elisabete Monteiro, 10º Multimédia

Campeonato sendo designado como o melhor Rookie de sempre na mesma classe. Ainda no ano de 2014 participou numa prova do Campeonato Europeu da mesma classe.

Para 2015, Alex tem como objetivo alcançar o título de Campeão Nacional e, se possível, participar em 2/3 provas do Campeonato Europeu dependendo dos apoios.



## Mega ALUNOS

No dia 19 de março, participaram 110 alunos, na fase escola do "Projeto MEGA", que compreende as provas Mega SPRINT (corrida de 40 metros), Mega SALTO (Salto em Comprimento) e Mega KM (corrida de 1000 metros) para os alunos dos escalões de Infantis A, Infantis B, Iniciados e Juvenis de ambos os sexos, que teve lugar na Pista de Atletismo do IPB.

## Voleibol Masculino

Pelo segundo ano consecutivo, o grupo equipa do Desporto Escolar de voleibol juvenil masculino, ficou em segundo lugar no CLDE Vila Real e Douro.

A dupla Gonçalo Xavier e Pedro Oliveira, que participaram no Encontro Regional de Gira Volei em Mogadouro, ficou apurada

## Boccia na final

O Agrupamento Abade Baçal, mais uma vez, ficou em 1º lugar por equipas e obteve o 1º e 2º lugares individualmente no Quadro Competitivo Distrital, fase CLDE Bragança e Côa do Desporto Escolar, de Boccia.

Os mesmo alunos foram repre-

Foi uma jornada muito participada, divertida e promoção da atividade física, nomeadamente do Atletismo.

A organização contou com a colaboração da União de Freguesias de Sé, Santa Maria e Meixedo, que emprestou o "comboio" panorâmico para transportar os alunos entre as Escola Augusto Moreno e Abade de Baçal e a local da prova, do IPB,

para o nacional que se realizará em Castelo de Vide nos dias 6 e 7 de junho.

Os jogos foram disputados sempre num clima de grande alegria e entusiasmo.

Esta modalidade encontrou, mais uma vez, bastante receptividade por parte dos nossos alunos. O vo-

sentar a CLDE (Coordenação Local do Desporto Escolar) de Bragança e Côa no Campeonato Regional do Desporto Escolar, que decorreu em Santa Maria da Feira no dia 17 de abril, ficando por equipas em 5º lugar. Rui Rocha sagrou-se Campeão Regional Nor-

que cedeu a Pista de Atletismo, da Associação de Atletismo de Bragança, que emprestou o material necessário para ajuizamento e registo das marcas e da Direção do Agrupamento.

Para além dos alunos/concorrentes participaram, ativamente, os alunos dos dois anos do Curso Vocacional e todos os professores de Educação Física.

leibol é uma modalidade de fácil adaptação às condições humanas e materiais existentes na nossa escola, possibilitando a participação de todos os alunos e podendo constituir-se um excelente meio de integração sócio-afectiva.

te de Boccia i3 e por conseguinte apurou-se para representar a zona Norte no Nacional em Lisboa, que decorreu nos dias 14 a 17 de maio tendo conquistado o 2º lugar. É mais um ano de trabalho que foi compensado, o Boccia está de parabéns!

Carlos Fernandes

Teresa Nunes

Isabel Canguieiro



## Basquetebol Juvenil Masculino

Terminou a fase CLDE (Coordenação Local do Desporto Escolar) de Bragança e Côa de Basquetebol Juvenil Masculinos. A equipa da nossa escola com uma postura muito competitiva sempre em crescendo terminou com uma vitória clara e justa sobre os Campeões: Agrupamento de Escolas de Mirandela. Em 12 jogos conseguiu 3 vitórias e sofreu 9 derrotas. Não faltando qualidade e atletas/alunos com vontade, espera-se que com trabalho o próximo ano traga mais sucesso.

Classificações em: <http://quadrocompetitivo.desportoescolar.min-edu.pt//index.php?>

Resultados em: <http://quadrocompetitivo.desportoescolar.min-edu.pt/>

Carlos Fernandes

Ruben Correia	10º B
André Marcelino	11º B
Gonçalo Xavier	11º A
Bruno Gonçalves	9º A
Alexandre Gonçalves	9º B
Carlos Grijó	11º C
Tiago Freitas	10º A
Rúben Ferreira	9º C
Ruben Ramos	11º D
João Regino	11º B
Cândido Domingues	9º E
Edson Silva	8º B
Bruno Gomes	10º B
Flávio Vaz	11º B
Rui Escalera	10º C
Romeu Barros	9º E
João Simões	10º AC
Leonardo Dias	9º A
Henrique Domingues	10º PF
João Rodrigues	10º AC
Marius Vieru	10º AC
Henrique Moreira	10º A
Joel Galdes	10º A

MegaSprinter - Velocidade (40m)  
MegaSalto (Comprimento)  
1.º Escalão - Resistência (1.000m)  
19-03-2015



Escalão/Sexo: INFANTIS A FEMININOS				MEGA SALTO (Salto em Comprimento)			
Dorsal	Nome	Turma	Ano Nasc.	1.º Ens.	2.º Ens.	M.Marca	Class.
52	Mariana Torráo	5ºB	2004	2,55	2,75	2,75	1º
48	Lara Lopes	5ºB	2004	2,62	2,32	2,62	2º
50	Alexandra Rodrigues	5ºB	2004	2,45	2,61	2,61	3º
54	Ana Vicente	5ºB	2004	2,47	2,39	2,47	4º
51	Beatriz Salvador	5ºC	2004	2,16	2,36	2,36	5º
49	Sara Nunes	5ºB	2004	2,02	X	2,02	6º
53	Gabriela Fernandes	5ºD	2004	1,44	1,70	1,70	7º

Escalão/Sexo: INFANTIS A MASCULINOS				MEGA SALTO (Salto em Comprimento)			
Dorsal	Nome	Turma	Ano Nasc.	1.º Ens.	2.º Ens.	M.Marca	Class.
4	Ángelo Teles	5ºD	2004	3,08	3,35	3,35	1º
8	Tomás Paulo	5ºB	2004	3,08	3,23	3,23	2º
10	Flávio Brás	5ºD	2004	3,00	3,10	3,10	3º
9	Jorge Alves	5ºB	2004	3,02	3,09	3,09	4º
12	Carlos Fernandes	5ºD	2004	3,04	2,89	3,04	5º
7	Tiago Branco	5ºD	2004	2,78	2,79	2,79	6º
6	Pedro Martins	5ºC	2004	2,34	2,69	2,69	7º
1	Ricardo Fabião	5ºC	2004	2,67	X	2,67	8º
11	Diogo Domingues	5ºB	2004	2,56	X	2,56	9º
3	Diogo Gomes	5ºD	2004	X	2,49	2,49	10º
5	Dinis César	5ºB	2004	X	2,23	2,23	11º
2	Rodrigo Riofrio	5ºD	2004	1,84	1,96	1,96	12º

Escalão/Sexo: INFANTIS B FEMININOS				MEGA SALTO (Salto em Comprimento)			
Dorsal	Nome	Turma	Ano Nasc.	1.º Ens.	2.º Ens.	M.Marca	Class.
70	Tatiana Caleja	6ºD	2002	3,06	3,96	3,96	1º
66	Rita Pires	6ºE	2003	2,94	3,04	3,04	2º
68	Ana Raquel Pereira	6ºC	2003	2,95	2,97	2,97	3º
64	Maria Freitas	6ºC	2003	2,97	2,94	2,97	4º
69	Catarina Magalhães	6ºE	2003	2,77	2,87	2,87	5º
62	Maria Beatriz Coelho	6ºE	2003	2,80	2,73	2,80	6º
55	Vanessa Lemos	6ºD	2003	2,20	2,76	2,76	7º
67	Beatriz Costa	6ºD	2003	2,47	2,74	2,74	8º
56	Andreia Teixeira	6ºD	2003	2,50	2,60	2,60	9º
59	Sorala Silva	6ºE	2003	2,59	2,40	2,59	10º
58	Inês Gonçalves	6ºC	2003	2,29	2,45	2,45	11º
63	Beatriz Constâncio	6ºE	2003	2,44	2,25	2,44	12º
60	Lara Silva	6ºE	2003	2,19	2,19	2,19	13º
61	Clara Gomes	6ºC	2003	2,02	2,14	2,14	14º
57	Maria Beatriz Silva	6ºD	2003	1,26	1,82	1,82	15º

Escalão/Sexo: INFANTIS B MASCULINOS				MEGA SALTO (Salto em Comprimento)			
Dorsal	Nome	Turma	Ano Nasc.	1.º Ens.	2.º Ens.	M.Marca	Class.
30	Ruben Ferreira	7ºF	2002	4,58	4,62	4,62	1º
32	Marco Trigo	8ºE	2002	4,56	3,41	4,56	2º
31	Carlos Silva	6ºD	2002	3,96	4,00	4,00	3º
46	Luis Costa	6ºB	2003	3,90	X	3,90	4º
34	João Fernandes	7ºF	2002	3,78	3,63	3,78	5º
25	Rodrigo Batista	6ºE	2003	3,75	3,37	3,75	6º
21	Eduardo Vaz	6ºD	2003	3,54	3,49	3,54	7º
16	Guilherme Cabral	6ºC	2003	3,06	3,52	3,52	8º
18	João Madeira	6ºE	2003	3,48	X	3,48	9º
33	Leonardo Gonçalves	7ºC	2002	3,37	3,14	3,37	10º
23	Eduardo Rodrigues	6ºE	2003	3,36	3,03	3,36	11º
13	Gabriel Afonso	6ºE	2003	3,30	3,12	3,30	12º
15	Luis Andrade	6ºC	2003	2,94	3,30	3,30	13º
28	João Fernandes	7ºA	2002	2,93	3,15	3,15	14º
19	Ruben Crisante	6ºC	2003	2,78	3,13	3,13	15º
20	João Genésio	6ºE	2003	3,09	3,00	3,09	16º
14	Carlos Rodrigues	6ºC	2003	2,12	3,07	3,07	17º
29	Vitor Pinto	7ºA	2002	2,10	3,07	3,07	18º
27	Tiago Amado	7ºA	2002	3,04	2,84	3,04	19º
22	Diogo Branco	6ºC	2003	2,64	2,97	2,97	20º
26	Samuel Ferreira	6ºB	2003	2,90	2,85	2,90	21º
24	Bruno Barreira	6ºE	2003	2,85	2,71	2,85	22º
17	Alexandre Butenko	5ºD	2003	2,61	X	2,61	23º

Escalão/Sexo: INICIADOS FEMININOS				MEGA SALTO (Salto em Comprimento)			
Dorsal	Nome	Turma	Ano Nasc.	1.º Ens.	2.º Ens.	M.Marca	Class.
71	Jessica Pires	8ºC	2001	3,62	4,33	4,33	1º
77	Mariana Rodrigues	8ºC	2001	3,54	3,28	3,54	2º
72	Eliana Gonçalves	6ºE	2001	3,19	3,00	3,19	3º

Escalão/Sexo: INICIADOS MASCULINOS				MEGA SALTO (Salto em Comprimento)			
Dorsal	Nome	Turma	Ano Nasc.	1.º Ens.	2.º Ens.	M.Marca	Class.
37	Alexandre Gonçalves	6ºC	2001	3,90	4,03	4,03	1º
41	Tiago Martins	9ºC	2000	3,92	3,93	3,93	2º
40	Luis Queirós	7ºB	2001	3,70	X	3,70	3º
38	João Lima	8ºE	2001	2,87	3,67	3,67	4º
36	João Silva	7ºF	2001	3,56	3,39	3,56	5º
39	Nuno Batista	5ºD	2001	X	3,46	3,46	6º
35	Alberto Rodrigues	6ºD	2001	X	2,91	2,91	7º

Escalão/Sexo: JUVENIS FEMININOS				MEGA SALTO (Salto em Comprimento)			
Dorsal	Nome	Turma	Ano Nasc.	1.º Ens.	2.º Ens.	M.Marca	Class.
76	Ana Carvalho	10ºA	1999	3,38	3,33	3,38	1º
73	Helena Rodrigo	10ºA	1999	3,03	3,21	3,21	2º
74	Inês Freitas	10ºB	1999	3,07	3,07	3,07	3º
75	Manuela Fernandes	10ºB	1999	2,88	2,96	2,96	4º

Escalão/Sexo: JUVENIS MASCULINOS				MEGA SALTO (Salto em Comprimento)			
Dorsal	Nome	Turma	Ano Nasc.	1.º Ens.	2.º Ens.	M.Marca	Class.
47	Diogo Afonso	10ºA	1998	5,32	5,22	5,32	1º
42	Henrique Domingues	10ºACP	1999	4,53	4,84	4,84	2º
43	Ricardo Silva	10ºC1	1999	4,47	4,32	4,47	3º
44	João Regino	11ºB	1998	4,45	4,41	4,45	4º
45	Romeu Barros	9ºE	1998	4,13	4,17	4,17	5º

## Lua de Cartolina

Duas... Três... Quatro... Cinco...

- Doutor Stuart, a Senhora Dolores da Madeira chegou. Mando-a entrar?

- Sim, Helena. Já agora, cancela os meus compromissos para logo à noite.

- Como queira, Doutor.

E era assim, a monótona vida de um editor de livros. Stuart trabalhava na Lua de Cartolina, editora de renome internacional. Já se convencera da realidade em que vivia; os livros eram um produto, simples marketing. Publicar obras com qualidade não era um objetivo da editora; publicar obras que rendessem e dessem lucro imediato era a finalidade deste negócio. No que se refere à obtenção de relatos sobre a infância trágica de crianças que hoje são famosas... a Lua de Cartolina lançava a melhor proposta, conseguindo sempre os direitos de publicação em território português.

Voltando ao simples escritório...

- Boa tarde, meu caro Stuart.

- Diga-me, Dolores da Madeira, que a traz por cá?

- Certamente, já leu as especulações nas revistas cor-de-rosa... Estou a escrever um livro... Quer dizer, paguei a uma rapariga para me escrever...

Ah! Stuart tem 26 anos, o seu sonho, de longe, não era trabalhar numa editora... Vamos dizer,

deste género. Com um mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, sempre ambicionou ser contratado pela Matosinhos Editora, a prestigiada editora do Norte.

- Estou muito curioso em saber cada pormenor desse livro – mentindo de forma muito convincente. - Se quer que lhe diga, também estou – ripostou, de forma inesperada, Dolores da Madeira.

- Como assim, não sabe o conteúdo do livro? – perguntou Stuart.

- Nem imagina de onde veio esta ideia...

E lá começou, mais uma vez, um serão desnecessário. Pouco a pouco, revelou pormenores sobre a ideia, finalizando com:

- E depois a minha filha disse-me: “isso vai vender que nem pães quentes”. Hahahahaha... – era incrível a falta de postura de Dolores da Madeira.

Em suma, apesar de não precisar de dinheiro, a mãe de um futebolista internacionalmente conhecido decidiu que tinha de lançar um livro. Fora a filha que preparara o esquema, contactara uma amiga e conseguira encontrar alguém disposto a permanecer no anonimato que escrevesse o livro autobiográfico, em troca de uma fortuna.

Cada dia de Stuart era puro sofrimento, ele já sabia o que o esperava quando aceitou a proposta de emprego. A crise não permite estes

luxos... recusar emprego. Apesar de ter um currículo excelente, a tal editora do Norte respondeu que não estavam a procurar colaboradores... Mas se um dia precisasse, ele seria o primeiro a ser contactado.

O mais irónico disto tudo é que os colegas de curso de Stuart, que também se candidataram a esse posto de trabalho, receberam exatamente a mesma resposta. Sendo que a promessa era fictícia.

Apanhou o metro para o apartamento, o humilde T2. Era solteiro, ocupava os seus tempos livres a ler... Certamente que eram livros da concorrência. Quem entrasse na casa dele, ao se deparar com as enormes estantes de livros, nunca iria suspeitar que trabalhava na Lua de Cartolina.

Onze... Doze... Uma... Duas... Três... Quatro... Cinco... Seis... Sete...

E acordou, para mais um longo dia de trabalho, ao toque do seu maravilhoso telemóvel.

Um dos privilégios da concorrência é a ausência de horários fixos, sendo que o editor poderia trabalhar em casa uma grande parte do dia. Não era o caso, esperava-o um longo dia pela frente.

- Bom dia, Amílcar – cumprimentando o porteiro.

- Tenha um bom dia, doutor.

Apanhou o metro das 7:45; eram 8:03 e já estava na editora, pelo menos tinha uma secretária pessoal.

- Bom dia, Helena, informe-me das últimas notícias.

- A imprensa portuguesa está chocadíssima, aquela atriz famosa... usou o mesmo vestido duas vezes num só mês...

Uma das perguntas que perseguia Stuart era: como é que aguentara tanto tempo com este trabalho?

Era verdade que lhe pagavam bem, mas ao final de cada dia, não se sentia realizado profissionalmente.

Certamente que um dia iria pedir a demissão. Um dos pontos fortes do seu currículo era o domínio da língua inglesa, possuindo um certificado de Proficiency.

Mal entrou no escritório, teve, por breves instantes, um ataque. Uma pilha enorme de livros ingleses, todos best-sellers, todos, no entanto, de conteúdo duvidoso. Ou seja, perfeito para a Lua de Cartolina.

- Stuart, tens de escolher um desses livros para ser editado em Portugal, até amanhã; a decisão é inteiramente tua – eram invulgares estes votos de confiança por parte do diretor da Lua de Cartolina.

Eram, um... quatro... treze livros! Nove... Dez... Onze... Doze...

Passando na cafetaria da editora, tomou um breve almoço; o trabalho era muito...

Uma... Duas... Três... Quatro...

Cinco...

No meio daquele lixo, havia, incrivelmente, uma obra digna de edição. Aparentemente, não era mais do que um simples relato de uma atriz famosa, mas era preciso avançar um ou dois capítulos para ler uma verdadeira obra de arte. Naquele livro, estava presente uma crítica à sociedade inculta e desinteressada, criticava diretamente as tais revistas cor-de-rosa e as editoras de lixo. Seria uma bomba se a Lua de Cartolina o publicasse.

Um... Dois...

Dois dias passaram, após muita reflexão, e consideração dos riscos em termos do seu emprego. O livro seria uma bomba para a editora, dava a conhecer ao leitor normal os esquemas das editoras de renome... criticava a sociedade materialista e curiosa, que preferia ver um reality show em vez de um documentário. Enfim, tudo o que a editora era.

Para passar o controlo editorial, Stuart retirou alguns excertos inofensivos e mostrou-os à direção da editora. Estes adoraram. Poucos dias depois, já tinham dois tradutores a trabalhar nesse livro, a sua aquisição tinha sido um sucesso, após uma luta de direitos com a Matosinhos Editora (isto intrigou muito a direção da Lua de Cartolina, pois ela nunca se interessara por este tipo de livros).

Stuart escolheu o título, “O meu olhar”, a capa tinha uma fotografia, destacando os olhos da tal atriz que escrevera o livro; o que muitos desconheciam era que o livro não era sobre dicas de beleza e afins... Era um olhar crítico sobre a sociedade dos países ricos.

- Bom dia, o livro já foi para a tipografia. Chega às livrarias na próxima semana. – Informou Helena.

- Quero receber uma cópia o mais depressa possível – respondeu, entusiasmado, Stuart.

- Estranho Doutor, nunca me fez esse pedido. É assim tão bom o livro?

- Vamos ver o que o público acha...

Uma...

Uma semana depois, os jornais tinham recebido o livro com um dia de antecedência ao lançamento do mesmo. No dia do lançamento, o livro era alvo de destaque em todos os jornais. Títulos como “Editora sensacionalista lança dura crítica sobre a sociedade” e “Sempre houve sobreviventes no deserto intelectual da Lua de Cartolina” remetiam para a publicação de “O meu Olhar”.

Ao mesmo tempo, numa reunião de emergência:

- Senhor Stuart, o livro que nos aconselhou a lançar não se enquadra nos parâmetros da editora, sendo que, até, vai contra eles – disse

atacando Stuart.

- Sejam sinceros, diretor. A sociedade está farta de histórias trágicas, de livros de dietas milagrosas...

- São esses tais livros que lhe pagam o ordenado todos os meses. Está despedido. Se ousar denunciar este caso aos órgãos de comunicação social, coloco-lhe um processo em cima que o vai arrasar para o resto da sua vida.

E foi assim o último dia de Stuart na editora.

- Lamento muito o seu despedimento – comentou Helena.

- Não se preocupe. Sabe, até foi melhor. Eu nem gostava do trabalho.

As semanas foram passando. Stuart enviou o seu currículo para todas as editoras existentes em Portugal, vivia à custa de poupanças. Teve de fazer um corte drástico nas despesas; deixou de ir ao cinema e ao teatro, tirou a televisão por cabo, deixou de comprar livros (não o impedindo que lesse, levando-o a frequentar bibliotecas públicas). Apesar disto tudo, o livro permanecia nos Tops nacionais, ora em primeiro lugar, ora em segundo. A editora ordenou uma segunda edição, com 20 000 exemplares.

O livro tinha sido um sucesso, mas, mesmo assim, Stuart ainda não tinha sido contactado.

Cansado de enviar o seu currículo através da internet, não obtendo resposta, começou a dirigir-se às editoras, em pessoa. Nunca o deixavam conversar com o responsável, apesar de o conhecerem.

Um dia, viu o diretor de recursos humanos da editora “Caminhos” e não hesitou em entrar, sentando-se à mesa em que ele estava.

- Você? – disse pouco impressionado.

- Só vinha entregar o currículo. – respondeu Stuart.

- Ouça jovem, ninguém quer um editor insubordinado a trabalhar na sua editora.

- A escolha revelou-se certa, o livro já vai na 4ª Edição – ripostou Stuart.

- Não interessa, foi mera sorte. Os seus diretores nunca teriam publicado o livro; você não tem autoridade suficiente para o fazer, enganou os seus superiores de modo a conseguir a publicação.

Stuart desistiu, foi para casa.

Passaram-se semanas, e as poupanças de Stuart iam diminuindo de forma rápida. Este teria de arranjar trabalho rapidamente. É aí que lhe ligam para o telemóvel.

- Stuart, venha à editora rapidamente – disse Helena, alegremente. Quinze minutos depois, Stuart já estava lá.

- O diretor quer conversar consigo – revelou Helena.

Aguardou pouco tempo, e entrou no gabinete.

- Tenho de confessar que, apesar de não se enquadrar nos parâmetros da editora, o livro revelou-se um sucesso, já vai na 5ª Edição. – admitiu o diretor. – Por vezes, é necessário alguém como você que arrisque e demonstre que há várias alternativas a explorar neste mercado.

- Sim... mas onde quer chegar? – perguntou Stuart de modo impaciente.

- Gostaria de voltar a trabalhar na empresa, sendo diretor de uma nova subdivisão? – perguntou o diretor. – Contaria consigo para a exploração de novas áreas, talvez da publicação de livros, digamos... mais cultos?

- Tem a certeza disso? – perguntou, incrédulo, Stuart.

- Com certeza! – afirmou o diretor. – Começa amanhã às 8h.

Stuart conseguiu orientar a editora por outros caminhos, teve o seu emprego de volta e inaugurou uma nova subdivisão.

Agora tinha uma maior liberdade de escolha, podendo contactar com um outro tipo de autores. Estabeleceu contacto com os agentes de vários autores e, finalmente, decidiu encontrar-se com um.

Duas... Três... Quatro... Cinco...

- Doutor Stuart, o Doutor João Águia chegou, mando-o entrar?

- Sim, Helena.

O visitante entrou no escritório, agora maior.

- Boa tarde. Então, fale-me do livro que está a escrever.

- Não lhe vou dar muitos pormenores, uma vez que ainda não decidimos se realmente é esta editora que vai deter os direitos de publicação do livro, mas é uma crítica a uma corrente literária iniciada por Ben Browning. – revelou João Águia.

- Estou a ver. Vou reunir com o meu diretor e, dentro de um mês, voltamos a encontrar-nos. – Disse Stuart.

E assim foi. Após aconselhar o diretor, ambos decidiram comprar os direitos. Publicaram o livro, e este, rapidamente, dominou os Tops, permanecendo assim durante vários meses. A editora começou a adotar mais esse caminho de escolhas, sendo que as histórias cor-de-rosa deixaram, pouco a pouco, de ser publicadas, ganhando assim prestígio.

Stuart sente-se, agora, realizado profissionalmente, publicando os livros de que gosta. É a prova de que basta uma ação individual para uma empresa tomar um rumo totalmente diferente.

## Ilusão felina

Tudo começara numa tarde serena. Mais outra tarde de leitura de um jornal banal recheado de notícias banais que eu já tinha lido em inúmeros outros jornais. Estava sentado no habitual banco plantado à sombra de uma árvore de braços longos. A relva estava como sempre a tinha conhecido, por cortar, e, de vez em quando, pequenos pássaros pousavam no banco onde me sentava. Desviei o olhar do jornal para apreciar a beleza durante momentos e, pelo canto do olho vi uma figura inacreditável. Cor de tijolo e riscado de preto, patas grossas e olhar felino. Tinha visto suficientes documentários para saber que se tratava de um tigre.

Admito a cobardia, mas acho natural que a sensação de fascínio tenha durado pouco, tendo sido substituída pelo medo. O meu coração palpitava cada vez mais rápido e a minha respiração tentava acompanhar. Podia ter gritado, mas não o fiz. Ainda bem, pois certamente ter-me-iam chamado maluco. Aquele ser majestoso que estava completamente à vista parecia passar despercebido a todos, menos a mim. As

crianças continuavam a brincar, as velhinhas ainda tricotavam, e o polícia e o barbeiro tagarelavam. Estava estupefacto.

O animal aproximou-se de mim. Com o seu andar vagaroso, aproximou-se tanto de mim que consegui sentir o calor do seu hálito. Não me atrevi a mexer-me nem a olhá-lo nos olhos. Após uns quarenta e cinco minutos desta antecipação aterrorizante, em que não houve qualquer movimento, levantei-me. Com a adrenalina, comecei a andar sem olhar para trás. Passados três quarteirões, olhei finalmente para trás e o bicho estava lá, mesmo atrás de mim, monstruoso, mas silencioso como uma pena.

Acontece que nesse preciso momento me encontrava à porta de uma livraria. Num livro da montra, lia-se o título "olho de tigre" e, nas profundezas da loja, a subir umas escadas em caracol, viam-se uns sapatinhos de padrão tigre. Entrei na loja. Não sei bem porquê, pareceu-me o mais acertado a fazer. Olhando para trás, penso que terá sido o destino.

Ao entrar na loja, uma voz fina disse:

- Boa tarde – num tom interrogativo. Ao qual eu respondi, hesitante:

- Boa tarde...

Uma pequena figura ruiva apareceu do andar de cima e imediatamente reparo no seu olhar; era como o de um felino.

E continuei:

- Pergunto-me se me sabe dizer se um homem que vê o que mais ninguém vê é um homem louco, imaginativo ou sortudo.

- Isso depende não só do homem, mas também daquilo que ele vê.

- Se, hipoteticamente, um homem vê um animal, um tigre, por exemplo. Um tigre com corpo e presença, mas visível para apenas um homem.

- Então, provavelmente, o homem seria louco... Ou então não... Quando é que o tigre lhe apareceu pela primeira vez?

Ela sabia. Era perspicaz. Ponderei comprar um livro, talvez o da montra, e ir-me embora só pelo ridículo da situação, mas fiquei e contei-lhe a história. Toda desde o início. Desde o futebol da primeira página do jornal que estava a ler até ao livro da montra. Ela

ficou pensativa e calma e, após alguns segundos, anunciou que ia buscar um livro.

O tempo que esteve fora serviu-me para apreciar o pequeno espaço. Cheirava a livros novos e a livros velhos simultaneamente. Cheiro este que consumia a sala repleta dos mais variados livros. Vinda de uma janela lá no fundo, uma luz branca e pálida pairava, deixando visível a espessa camada de pó nas paredes e no chão.

A rapariga voltou das profundezas da loja carregada do que dizia serem "todos os livros minimamente relevantes" para o diagnóstico do meu problema. Excluímos a hipótese da loucura apesar de parecer a mais acertada.

Enquanto investigávamos, o animal dormia, num canto, com um olho meio-aberto.

Por momentos, considerámos que podia ser uma aparição divina, mas a minha comunicação com o animal era limitada.

Quanto mais investigava, mais absurda a situação se revelava. Propus fazermos uma pausa e a rapariga disse séria:

- Ou continuamos, para sempre, em busca de uma resposta

que não existe, ou paramos, para sempre, à procura da verdade, já que esta é, sem dúvida, sobrevalorizada.

Ouvi atentamente este curto discurso e cheguei à conclusão que, na verdade, a razão pela qual as coisas acontecem pouco interessava.

Como não tinha acabado de ler o jornal, peguei no que estava em cima do balcão, olhei para a rapariga, que permanecia calada, uma última vez e agradei a sua ajuda. Finalmente, abandonei o estabelecimento. Continuei a andar pelo caminho inverso ao previamente percorrido e, quando olhei para trás, o tigre já lá não estava e no lugar da livraria estava uma mercearia. Pousada no balcão, estava uma bonequinha com cabelos ruivos. Porém o jornal continuava na minha mão.

Não me questionei sobre o que se passara, não senti essa necessidade. Ao chegar ao banco do jardim, sentei-me, abri o jornal e retomei a leitura.

Joana Aguiar, 10º B

## Palavras

No grande feitiço da noite senti explodir toda a carga das inquietantes intimidades e, abruptamente esvoaçarem em "nuance" de alquimia no espaço intemporal das palavras.

Nestas ilusórias fantasias abria-se, dengosamente, um leque de sentimentos em brasa e de uma forte raridade que, indiscutivelmente, se rendiam em suspiros ao teu intenso encantamento.

De longo, os teus olhos de gazela procuravam com chispas de brilho entender os polidos segredos dos meus, terrivelmente inquietos.

Com movimentos inflamados desafiávamos montanhas de nostalgia, quando as lavas loucas do vento desinquieto incendiava fogueiras de amor ardente.

Essa cortina vermelha de romantismo e de verdades ocultas faziam fermentar a galope desejos de neblina intensa confortando o insaciável fogo da paixão. A tempestade de gritos

urgentes que brotavam ao vazio em êxtase era pacificada nas intempéries contraditórias dos ecos do desafio, que tangiam nas fronteiras vigiadas dos nossos sentidos.

Essas vertigens ávidas e de tons escarlate faziam palpitar cânticos de beijos silvestres, que queimavam o ocaso das necessárias ausências feitas glaciares...

Nesse xadrez de agitação movíamos estonteantes palavras ora brancas, ora negras, enquanto a maciez da noite libertina e boémia cobria o cansaço esgotante da terra sonolenta.

Saboreávamos as delícias do silêncio da noite repleta de fraqueza, enquanto uma intensidade de prazeres amarrava a magia das nossas almas, agora aquietadas...

Na verdade, a limpidez de cada noite era um poema de linho inacabado no braseiro dos nossos corpos transtornados e soltos, nesse espaço mágico do impossível das estrelas.

Assim o calor evasivo e negro da noite e o silêncio feitos anos de silêncios enlaçavam, deslumbrantemente, os mistérios das nossas "liberdades".

Braceletes de folhas acastanhadas e matizadas de amarelo cobriam a aquietada calçada, nesse surpreendente Outubro da minha imparável imaginação...

Fernanda Tiago

## José Tiago



Como a esmeralda verde tingida de esperanças, como a verdade azul da safira do teu olhar, entre o céu e a terra há o meu pai.

Pai pleno de humanismo que inspira toda a minha vida.

Por onde estou, aonde vou, as tuas palavras sabedoras, as tuas ações grandiosas são rimas de amor, são leito de estrelas cintilantes e sol ardente.

Pai é paleta de cores, conselheiro, inteligente, honesto, trabalhador, força impar a tangir nas fronteiras da família.

Pai são brilhos de alegria explodindo, neste gélido dia 23 de janeiro de 2015.

Pai são murmúrios de coragem e verdade a vibrarem na nobreza do teu coração.

Pai são bagos de ternura, aroma mágico capaz de eternizar e de envolver, harmonicamente, e com nascentes de esperança os empenhados, dinâmicos, conscientes, criativos, sensíveis, bonitos e alegres netos, Eduardo, Carolina, Francisco e João.

Pai é ainda uma ilha de areias finas, mar calmo e brisa suave ao chamar pela Fernandinha e pelo Jorge.

Pai é também noite de luar cheio e prateado ao abraçar a singular e afetuosamente Clotilde.

Pai é um cântico de flores alegres que faz da sua irmã Lourdes um receptáculo de musselines e um hino à família.

Num mundo marcado por tantos atos repudiáveis, imune ao tempo, o meu Pai reconstrói também o quotidiano com o abraço amigo e sincero da requintada e elegante Manuela e com a afetuosidade do sincero e tranquilo Carlos Alberto.

Pai é grandeza de viver, num barco encantado de mim e da nossa família e, do que por ele sinto.

O meu Pai será sempre o meu "Barco" branco, o meu céu azul, o meu mar de prata.

Com o brilho deslumbrante dos diamantes e o amor eterno que te tenho, digo-te:

Adoro-te.

Um beijo da filha

Fernanda Tiago

# Joana Gonçalves, a jovem arquiteta premiada

Joana Gonçalves é brigantina e foi aluna desta escola até optar pelo curso de Artes e mudar para a Emídio Garcia. Ainda assim, continuou a frequentar o Clube de Jornalismo e era visita assídua na biblioteca. Enveredou pela arquitetura e a sua Dissertação de Mestrado “Tradição em Continuidade: Levantamento das Quintas da Terra Fria Transmontana e Contributos para a Sustentabilidade”, foi distinguida com o Prémio Ibérico de Investigação da Arquitectura Tradicional. O Outra Presença não podia, portanto, deixar de conversar com ela.

## A vocação de Joana

- Quando e como descobriste que o teu futuro passava pela arquitetura?  
- Acho que foi quando tinha cerca de 10 anos e o meu irmão me mostrou a Casa da Cascata, de Frank Lloyd Wright. Inocentemente respondi “está bem, mas podia ser melhor”. Soa um bocadinho arrogante, mas uma criança de 10 anos não tem consciência que está perante a obra de um dos melhores arquitetos do século XX. A verdade é que tentei, nos dias seguintes. Perguntaram-me “então queres ser arquiteta?” e respondi “não, não, estou só a tentar melhorar a Casa da Cascata”. Claro que não consegui, mas despertou aí qualquer coisa.

- Podes referir os momentos que terão sido determinantes nessa escolha?

- Para além desse momento, não sei bem como é que o meu percurso me foi direcionando para essa escolha. Desde pequenina queria ser escritora ou jornalista, e, entretanto, ocorreram-me várias possibilidades, mas a verdade é que nunca tive uma grande inclinação pelas Ciências Naturais e portanto foi relativamente simples optar pela área de Artes no final do 9º ano.

- Quais os traços que estruturam a tua vida?

- Não sei bem se percebo esta pergunta, mas a minha intuição faz-me responder “estuda sempre”, uma espécie de lema de vida que nos era transmitido pelo meu avô materno. Faz muito sentido para mim. Sobretudo com toda a informação que temos disponível hoje em dia, não podemos ficar parados se queremos ser competitivos.

## Joana cidadã e arquiteta

- Tens algum arquitecto de referência, que seja ou tenha sido um guia para o teu trabalho?

- São muitos séculos de História da Arquitetura para reduzir a uma única resposta. A percepção que tenho até ao momento é que o trabalho de Arquitetura é um processo de recolha de informação e síntese. A recolha de informação é contínua: da casa onde nascemos à casa dos nossos avós, as ruas que percorremos em crianças, os edifícios que visitamos ou conhecemos nos livros e revistas – do arquiteto mais premiado ao construtor anónimo; e nem sempre está diretamente relacionada com arquitetura. Na investigação que desenvolvi, por exemplo, foram referências importantes o trabalho de Tiago Pereira – cineasta, Orlando Ribeiro – geógrafo, ou Georges Dussaud – fotógrafo, entre outros. É difícil, para não dizer impossível, reduzir tudo isso a um único nome: não acredito na ideia de “guia espiritual” na arquitetura; cada caso é um caso, cada projeto é único e deve ser analisado no seu contexto (físico e social) específico.

- Uma das críticas que se ouve com frequência é que as cidades têm perdido a sua especificidade e autenticidade e estão a tornar-se todas iguais. O que pensas desta crítica? Não será isto natural dado a arquitectura também seguir tendências, como outras áreas (ou não segue)?

-Entendo a cidade (será melhor dizer o território) como uma narrativa, um processo evolutivo, entre pedras e pessoas que se cruzam enquanto testemunhos do tempo, acumulando memórias, vivências e modos de

habitar. Considero que a boa arquitetura é aquela que reconhece e intervém nesta narrativa – nem sempre numa perspetiva de continuidade mas até de rutura -, respeitando modos de ocupação e formas de fazer ancestrais. Pamuk (Prémio Nobel da Literatura) fala sobre isso no seu ensaio “Porque não me tornei arquiteto”: essa “arquitetura de tendências”, referida na pergunta, parte de uma lógica impositiva de planeamento abstrato, distante e muitas vezes alheio à realidade quotidiana, às potencialidades e especificidades do local. Sinceramente acredito que essa abordagem está datada e tem os dias contados e é provavelmente por isso que não tomei a mesma decisão que Pamuk.

## Joana e o prémio

- O jornal Público apresentou-te como “a

Entendo a cidade (será melhor dizer o território) como uma narrativa, um processo evolutivo, entre pedras e pessoas que se cruzam enquanto testemunhos do tempo, acumulando memórias, vivências e modos de habitar. Considero que a boa arquitetura é aquela que reconhece e intervém nesta narrativa – nem sempre numa perspetiva de continuidade mas até de rutura -, respeitando modos de ocupação e formas de fazer ancestrais.

arquitecta que gosta de casas velhas”. O que pensas desta definição?

- É uma definição com a qual me identifico. Tem uma certa sonoridade literária, podia ser um título do Stieg Larsson... Creio que reflete um pouco o meu interesse na História e nas histórias da arquitetura, erudita ou popular. Pode ser uma definição redutora (como qualquer outra) mas ao mesmo tempo é uma apresentação bem-humorada.

- O teu trabalho aborda quintas tradicionais da Terra Fria Transmontana.

Como se relacionam estes espaços com a região?

Antes de mais é um trabalho de levantamento e registo de um património construído em vias de desaparecer: as quintas não são um tipo de arquitetura dominante na nossa região, que é caracterizada pelo povoamento concentrado, pelo que até ao momento não estavam documentadas. A presença de aglomerados de maior dimensão, em que o comércio e os serviços assumiam maior relevância, potenciou modos de ocupação diferentes do território: as pequenas quintas dispersas, produtoras de bens essenciais que abasteciam a cidade ou a vila. É, portanto, uma arquitetura “dispersa” mas concentrada em torno dos núcleos urbanos. Na cidade de Bragança, num limite máximo de 5Km, identificaram-se mais de 100 quintas, muitas delas

que eram produzidos na quinta, também os materiais de construção utilizados nos sucessivos processos de expansão, manutenção e transformação eram oriundos da parcela: o xisto, as argamassas e telhas de barro, a madeira. O mesmo acontecia do ponto de vista energético havia uma grande atenção aos recursos endógenos com o aproveitamento da água nos moinhos, do sol e da lenha para aquecimento. Nesse sentido, apesar de hoje os padrões de conforto serem claramente diferentes, esta arquitetura apresenta estratégias, sobretudo no que toca à adaptação ao meio e gestão dos recursos, que podem contribuir para uma arquitetura contemporânea mais sustentável.

- O que significa este prémio?

É um reconhecimento importante, não só a ní-

sinónimo de construção. Fazer arquitetura não tem que significar necessariamente construir de novo, mas sim resolver problemas espaciais e funcionais, a diferentes escalas. Bragança cresceu muito nas últimas décadas, mas será que esse crescimento representou desenvolvimento? Estamos bem dotados de equipamentos e infraestruturas, no entanto continuamos a assistir à desertificação e abandono – dos centros históricos, que já são hoje uma preocupação dominante, mas também dos núcleos rurais –; ficamos perante uma cidade que não serve os seus habitantes. Creio que o futuro do trabalho do arquiteto passa pela pós-ação, numa arquitetura crítica, de proximidade com a comunidade local, verdadeira conhecedora da realidade diária. O processo metodológico da arquitetura deve ser cada vez mais participativo, estabelecendo o arquiteto como uma ponte, entre o desenho, as pessoas e a cidade.

- Foste aluna nesta escola. Que momentos recordas com mais saudade?

O Clube de Jornalismo foi muito importante no meu percurso nesta escola, mas, sem dúvida, que os momentos que recordo com mais saudade são as tertúlias literárias de Sexta-feira na antiga Biblioteca. Para além do aspeto pedagógico – o incentivo à leitura e o estímulo à reflexão sobre o mundo que nos rodeia, por exemplo –, havia um certo fascínio que envolvia estas reuniões: percorrer os corredores da escola deserta durante a noite para nos refugiarmos num pequeno círculo de amantes de literatura, rodeados de livros, transporta-nos para outras realidades.

vel pessoal mas sobretudo por chamar a atenção para o problema do abandono e desaparecimento deste património, permitindo-nos sensibilizar a comunidade para a importância da valorização e preservação da autenticidade da arquitetura tradicional.

## Joana e as origens

- Abertamente, como vês a evolução da cidade de Bragança? O que pode a arquitectura fazer pela tua cidade? Que gostavas de ver nela?

- Ao contrário da ideia alimentada nos anos 80 e 90 arquitetura não é

hoje devolutas, abandonadas ou até desaparecidas.

- Pensamos que abordas também a sua sustentabilidade. O que as torna/tornava sustentáveis?

- Estamos a falar de unidades agropecuárias com uma base económica familiar e de subsistência, que é o que as distingue claramente das quintas de rendimento do Minho ou do Douro. Assim sendo, caracterizavam-se pela multiplicidade e pela autossuficiência ao nível da parcela, tanto ao nível do consumo como da própria construção. Para além dos alimentos,



Por momentos quase podemos acreditar que somos os privilegiados escolhidos para conhecer o cemitério dos livros esquecidos, de Zafón.

**O futuro de Joana**

- Tens neste momento algum projeto?  
 Projeto no sentido arquitetónico ou de plano de futuro? Felizmente tenho vários, em ambos os sentidos. Temos trabalhado em projetos de reabilitação, sobretudo para habitação e atividades de consultoria na área do Património. Estou também envolvida no projeto Reabi(li)tar, uma plataforma online que procura divulgar projetos de arquitetura que intervêm sobre o construído – requalificação de espaço público, conservação de monumentos, reabilitação de edifícios e iniciativas que visem a valorização do nosso património e uma melhor qualificação dos técnicos que sobre ele intervêm. É um projeto que se vai mantendo devagarinho, em paralelo com o estágio e a formação, mas para o qual temos alguns planos. Haja tempo.

- Há algum sonho que alimente os teus dias?  
 - Quando passeamos pelas ruas das nossas cidades (de momento estou entre Porto e Bragança) é inevitável

reparar na enorme quantidade de edifícios devolutos, abandonados e arruinados que nos rodeiam. O mesmo acontece em relação ao património rural e disperso, não é um problema exclusivamente urbano. Reconhecendo neles uma rara beleza, carácter e potencialidade, é fácil sonhar em reabilitá-los e devolvê-los à comunidade; imaginar soluções, funções, vivências. Um sonho frequente é intervir diretamente na sua recuperação, participando em todas as fases do processo, explorando formas de fazer e pensar a arquitetura.

- Uma pergunta inevitável, considerando a conjuntura em que nos encontramos: o teu futuro passa por Portugal ou o olhar alarga-se para lá das fronteiras portuguesas? Como encaras a possibilidade de emigrar?  
 - Encaro com bastante naturalidade, embora também já tenha encarado com mais urgência. Isto é: sair do país não é algo que me assuste ou que veja como uma “condenação” ou sacrifício. Pelo contrário, parece-me uma experiência enriquecedora para além de uma oportunidade de aprendizagem num ambiente multicultural; é uma etapa pela qual quero passar indepen-

dentemente de me sentir “obrigada” pelas circunstâncias a fazê-lo. Os números vão sendo camuflados pelos estágios: nas ofertas de emprego em Portugal para arquitetos a “elegibilidade para estágio do IEF” é sempre um critério de exclusão, já para não falar das ofertas para estágios à Ordem dos Arquitetos não remunerados. Não me oponho ao estágio per si: a verdade é que as universidades não nos preparam para o mercado de trabalho e, de alguma forma, o estágio permite-nos fazer essa transição; o problema é quando os financiamentos são utilizados como forma de obter mão-de-obra barata e quase

sempre sem perspetivas de continuidade. É preocupante que enquanto jovens vemos na emigração a única saída possível, pois não encontramos no nosso país as oportunidades para crescermos profissionalmente. Quando acabei o curso, a minha primeira opção foi procurar uma forma de entrar no mercado europeu – cheguei a entregar currícula e a receber respostas – mas felizmente tive a oportunidade de começar por estagiar em Portugal, a trabalhar na área que mais me interessa.

**As escolhas de Joana**

- Um filme: Significado, a música portuguesa se gostasse dela própria,

Tiago Pereira  
 - Um livro: Cal, José Luís Peixoto  
 - Um quadro: Des glaneuses, Jean-François Millet  
 - Uma obra de arquitetura: Pavilhão da Quinta da Conceição, Fernando Távora  
 - Uma música/álbum/cantor ou grupo: Luar na Lubre

Bilhete de Identidade  
 - Nome - Joana  
 - Idade – um quarto de século  
 - Naturalidade - Bragança  
 - Formação académica (curso e local de formação) Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Guimarães  
 - Título da tese/projeto premiado – Tradição em Continuidade: Levantamento das Quintas da Terra Fria do Nordeste Transmontana e Contributos para a Sustentabilidade



## CA Nova Geração

PUBLICIDADE 01/2012

# JUNTOS CRESCEMOS MELHOR.

No Crédito Agrícola temos soluções personalizadas que acompanham os Jovens em todos os momentos importantes da sua vida.

Contas à Ordem | Cartões | Contas Poupança | Soluções de Financiamento

Para mais informações consulte:  
**Linha Directa 808 20 60 60**  
Atendimento 24h por dia. Personalizado de 2ª a 6ª feira das 8h30 às 23h30 e Sábados, Domingos e Feriados das 10h às 23h.  
[www.creditagricola.pt](http://www.creditagricola.pt)

  
**Crédito Agrícola**  
Juntos somos mais.  
Desde 1911.

# Ilha dos Humores



Ainda bem que vim para o teatro...

É melhor ir buscar o manual de instruções!



Gosto do teu shampô...



Só me vejo na cama...



E o meu chapéu?



Será que neste plano estou bem?



Nunca mais se cala!



Sou Vonita!



Os insufláveis são um sucesso! Não podem faltar



Espere, que deixei cair a lente!



Que foi? Esqueci-me da camisola!



Nunca viste? Estás a olhar para onde? Estas campanhas são mesmo fantásticas...



Vou aparecer na televisão?



Isto é só para a foto. Quando chegar a casa, como um hambúrguer...



Ai! Que mal cheira!



Não sei qual é a piada...





# Abadiadas

O Teatro Municipal de Bragança recebeu, no dia 27 de maio, a comunidade Abade de Baçal e os seus amigos para assistir ao sarau cultural “Abadiadas”, que colocou no palco alunos, pais e professores e deu ao público um espetáculo de poesia, música, ritmo e alegria.

Num serão muito agradável, o público foi transportado até uma floresta, onde reencontrou muitas personagens dos contos tradicionais, sentiu a beleza da poesia e com esta percorreu, entre outros, o “Bairro moderno”, de Cesário Verde, homenageou a mãe através das palavras de José Luís Peixoto e trauteou a adaptação de “Trovas do Vento que Passa”, que foi lida e cantada, vibrou com o ritmo das vozes e corpos do grupo de músicos e bailarinos e acompanhou os alunos de segundo ciclo no momento musical, que terminou com o Hino do Agrupamento Abade de Baçal.

A acompanhar as diversas atuações, uma apresentação mostrou alguns dos espaços que constituem a escola, sendo as imagens acompanhadas por frases que espelhavam concepções subjacentes à vida na escola.



Fotos: Clube de Jornalismo e 10ºano de multimédia

